

**O JORNALISMO CONTANDO HISTÓRIAS: O TOMBAMENTO E O
DESTOMBAMENTO DE UM CENTRO RELIGIOSO PRUDENTINO**

FÁBIO RICARDO SANTOS
TACYELLE MAYARA MIRANDA
TALITA DE OLIVEIRA CRUZ
THAÍS AGANTE FERNANDES

**O JORNALISMO CONTANDO HISTÓRIAS: O TOMBAMENTO E
DESTOMBAMENTO DE UM CENTRO RELIGIOSO PRUDENTINO**

FÁBIO RICARDO SANTOS
TACYELLE MAYARA MIRANDA
THAÍS AGANTE FERNANDES
TALITA DE OLIVEIRA CRUZ

Trabalho de Conclusão apresentado à
Faculdade de Comunicação Social, Curso de
Jornalismo, da Universidade do Oeste
Paulista, como parte dos requisitos para a
sua conclusão.

Orientador
Prof. Ms. Fabiana Aline Alves

**FÁBIO RICARDO SANTOS
TACYELLE MAYARA MIRANDA
TALITA DE OLIVEIRA CRUZ
THAÍS AGANTE FERNANDES**

**O jornalismo contando histórias: o tombamento e destombamento de um
Centro Religioso Prudentino**

Trabalho de Conclusão apresentado à
Faculdade Comunicação Social, Curso de
Jornalismo, Universidade do Oeste
Paulista, como parte dos requisitos para a
sua conclusão.

Presidente Prudente, 2016

BANCA EXAMINADORA

Prof. Ms. Fabiana Aline Alves

Prof. Ms. Thaisa Sallum Bacco

Prof. Dra. Maria Luisa Hoffmann

DEDICATÓRIA

A todos aqueles que contribuíram direta e indiretamente para a realização desse trabalho, que acima de tudo, confiaram e acreditaram que tudo isso seria possível, e também àqueles que não acreditavam, pois, o incentivo foi maior ainda. Em especial, à Catedral São Sebastião, à Cúria Diocesana e os líderes religiosos.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, por nos guiar a esta vitória, nos concedendo sabedoria e força para aguentar os momentos difíceis, inspiração para escrever, vontade para que tudo estivesse pronto e fé, verdadeiro alicerce durante nossa caminhada.

Aos nossos familiares, amigos e colegas que sempre nos apoiaram e acreditaram em nosso potencial, pessoas singulares com as quais temos o prazer de conviver.

Em especial, à Thálita Agante, irmã maravilhosa e fonte de inspiração; à vó Angelina, pela força, à Maria José de Oliveira, por permitir que sua filha corresse atrás de seus sonhos, à João Alfredo Cruz, seu pai, pela confiança; à José Maurício, que não está entre nós, mas que do céu guia e protege sua filha, à Tânia Garcia, fonte de inspiração e motivação, ao Pedro Vicente por seu apoio, amor e cumplicidade; à Ana Paula por ser uma esposa companheira e dedicada.

À faculdade, professores, funcionários, todos que ao longo desses quatro anos conviveram conosco, nos incentivando, ensinando, instruindo e fazendo com que nos tornássemos pessoas melhores.

Com satisfação e respeito, à nossa orientadora Fabiana Aline Alves, por ter confiança, acreditado no grupo, e pela sabedoria em conduzir o trabalho e as necessárias tomadas de decisões.

Aos alunos que se empenharam de criar e executar o projeto gráfico do Velho Oeste Prudentino, Guilherme Nicodemo Baccarin e Kamila Bueno de Oliveira Machado, profissionais competentes e com grande futuro; e à Matheus Fernandes, pela grande ajuda nas correções da peça prática.

À Diocese de Presidente Prudente e à Catedral São Sebastião, por abrirem suas portas e nos auxiliarem na escrita dessa história; aos líderes religiosos que nos possibilitaram vivenciar as histórias da igreja-mãe da cidade; com estima, agradecemos a todos os entrevistados, que cederam seus preciosos tempos para dividirem experiências e opiniões, a fim de que contribuíssem grandemente para este trabalho. Sem vocês, não haveria nada disso.

A nossa gratidão, respeito e honra por todos que direta e indiretamente ajudaram a concretizar este trabalho.

“Existem dias em que o jornalismo registra fatos que, no futuro serão contados nos livros – e serão guardados por gerações. Nesses dias, o que o jornalismo faz é escrever a história.

Fátima Bernardes

RESUMO

O jornalismo contando histórias: o tombamento e o destombamento de um centro religioso prudentino

O presente trabalho reflete como o jornalismo pode atuar como uma ferramenta de recuperação histórica por meio das técnicas jornalísticas. Assim, discute as afinidades e divergências entre os campos de estudo, debruçando-se sobre o processo de tombamento e destombamento da Catedral São Sebastião (1983-1993), de Presidente Prudente. Como metodologia, foi adotada a abordagem qualitativa e como método foi aplicado o estudo de caso, fazendo-se a coleta de dados por meio de pesquisa bibliográfica, entrevistas semiabertas e análise documental, em especial do jornal *O Imparcial* da época. Como resultado final, foi produzido, como peça prática, um suplemento piloto sobre o tombamento e destombamento da Catedral São Sebastião, no período supracitado, a fim de corroborar com as discussões acerca de um novo tombamento patrimonial da igreja em questão.

Palavras-chave: Jornalismo, história, Catedral São Sebastião.

ABSTRACT

The journalism telling stories: the process of taken by historical heritage and its revocation of a religious center prudentino.

This paper aims to reflect how journalism can act like as a instrument of historical recuperation by the identification of journalistic techniques that works for the creation of a historical narration. This way, argued the affinities and differences between these áreas, studying the process of taken by historical heritage and its revocation of the Catedral São Sebastião (1983-1993), of Presidente Prudente. As methodology, the qualitative approach was adopted, by making data collecting by means of literature, semi-open interviews and document analysis, especially the newspaper O Imparcial of that time. As end result was produced as practice part, a suplement about the taken by historical heritage and its revocation of the Catedrão São Sebastião, in the period told above, in order to corroborate discussion about a new taken process of the church in question.

Keywords: Journalism; History; Catedral São Sebastião

LISTA DE SIGLAS

Condephaat – Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo

Comudephaat – Conselho Municipal de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico de Presidente Prudente

TEN – Tenente

CEL – Coronel

PM – Polícia Militar

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - Capela São Sebastião, por volta de 1917.....	38
FIGURA 2 - Vista parcial do projeto apresentado pelo bispo à prefeitura.....	39
FIGURA 3 - Matéria publicada no jornal O Imparcial, do dia 12 de abril de 1985.	40
FIGURA 4 - Carta enviada pelo vigário Miguel Valdrighi, publicada em O Imparcial, 10 maio 1985.....	45
FIGURA 5 - Prefeitura responde às acusações da Cúria”, em O Imparcial, 11 maio 1985.....	46
FIGURA 6 - Prefeito questiona bispo sobre reforma da Catedral”, em O Imparcial, 20 setembro 1985.....	48
FIGURA 7 - Editorial, em O Imparcial, 17 janeiro 1993	50
FIGURA 8 - Editorial, em O Imparcial, 10 fevereiro 1993	51
FIGURA 9 - Matéria sobre destombamento e posição da Cidadania, em O Imparcial	52
FIGURA 10 - Planta Praça Monsenhor Sarrion.....	55

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 FUNDAMENTAÇÃO METODOLÓGICA	16
2.1 Problematização e justificativa.....	16
2.2 Objetivos	18
2.2.1 Objetivo geral.....	18
2.3 Metodologia	19
3 JORNALISMO E HISTÓRIA	24
3.1 O jornalismo e sua função social	24
4 CATEDRAL SÃO SEBASTIÃO	37
5 TÉCNICAS JORNALÍSTICAS	58
5.1 Jornalismo segmentado e científico	58
5.2 Técnicas jornalísticas	63
5.2.1 Investigação e fonte.....	63
5.2.3 Pauta	67
5.2.4 Entrevista	70
6 O PRODUTO	73
6.1 Projeto editorial do “Velho Oeste Prudentino”	73
6.2 Linha editorial e público-alvo	74
6.3 Política editorial.....	75
6.4 Breve manual de redação “Velho Oeste Prudentino”	75
6.5 Projeto gráfico: apontamentos	78
7 MEMORIAL DESCRITIVO	80
7.1 O início das escolhas.....	80
7.2 Da distribuição e execução de atividades	81

7.3 Das entrevistas	82
7.4 Da produção e edição.....	86
CONSIDERAÇÕES FINAIS	91
REFERÊNCIAS.....	94
APÊNDICE.....	98
APÊNDICE A	99
PAUTAS.....	99
ANEXOS	117
ANEXO A.....	118
DOCUMENTOS	118
ANEXO B DECUPAGENS DAS ENTREVISTAS	122

1 INTRODUÇÃO

Presidente Prudente surgiu em 14 de setembro de 1917 e com ela, um ano depois, veio sua primeira igreja. Localizada no centro da vila Goulart, onde hoje precisamente se encontra a fonte da Praça 9 de julho, a capela era feita de madeira, sendo apenas um projeto daquela que viria a ser a igreja-mãe da cidade, a Catedral São Sebastião. Com a chegada do padre João Maria Martinez Sarrion, em 1925, veio o sonho de aumentar aquele espaço, a fim de construir uma igreja maior. Foram trinta e cinco anos de luta e recursos arrecadados quando finalmente, em 1960, a igreja possui o *status* de catedral. Em 1983, o centro religioso passou por um momento difícil, quando se viu provisoriamente tombada em 11 de junho, passando a ser oficial seu decreto em 12 de abril de 1985, assinado pelo então prefeito Virgílio Tiezzi Junior, responsável por tombar também outros dois patrimônios da cidade.

De lá até 1993, foram anos de “guerra política” entre a Cúria Diocesana e a Prefeitura Municipal para ver qual arcaria com os custos necessários da reforma do templo: vitrais estavam quebrados, teto com goteiras e rachaduras eram encontradas. A Cúria jogava a responsabilidade para a Prefeitura e vice-versa, refletindo uma falta de informação e conhecimento acerca do instrumento. A sorte da igreja finalmente mudou em 18 de outubro de 1993, quando o prefeito da época, Agripino de Oliveira Lima Filho, por conta da forte amizade com o bispo à frente da Mitra, Dom Agostinho Marochi, destombou a catedral. Tal ato trouxe como consequências várias outras descaracterizações do ambiente.

O presente Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) tem como pressuposto estudar a história deste período de tombamento e destombamento da Catedral São Sebastião, a fim de utilizar o jornalismo como ferramenta de recuperação história, atentando-se ao que um dia aconteceu para se ter um olhar crítico sobre o assunto, uma vez que o poder público cogita tombar novamente o patrimônio. Para relatar esse estudo, o grupo escolheu a produção de um suplemento piloto como peça prática, acreditando que esse seja um dos melhores jeitos de fazer com que a história chegue ao maior número de pessoas possíveis.

Metodologicamente, o suplemento foi feito com base nas informações levantadas por meio da pesquisa qualitativa, realizando um estudo de caso com base nas entrevistas dos que estavam direta ou indiretamente ligados ao tombamento e destombamento da Catedral São Sebastião, como líderes religiosos,

membros do Poder Público e comunidade. Para a coleta de dados, foram utilizadas também a pesquisa bibliográfica e a documental, realizada no jornal *O Imparcial*, um dos responsáveis pela cobertura do caso na época, nos anos de 1983 e 1995. Esta discussão está presente no segundo capítulo deste estudo.

No terceiro capítulo, foram demarcados os pressupostos teóricos que guiariam o trabalho: o conceito de jornalismo e história, e sua ligação direta a fim de se relatar um fato ocorrido. Este capítulo versa sobre a matéria-prima do jornalismo, a notícia, e que, apesar desta exigir a atualidade como motivo para acontecer, quando atrelada à história, visa entender o que aconteceu. A ligação entre jornalismo e história permite o uso das técnicas jornalísticas em prol de uma apuração melhor dos fatos.

O quarto capítulo versa sobre o objeto de estudo deste trabalho, a Catedral São Sebastião. Por meio de pesquisa bibliográfica, documental e entrevistas, foi possível entender os motivos dos posicionamentos da Igreja Católica e do Poder Público acerca do tombamento e destombamento do templo religioso. Como o capítulo é composto por recortes de um jornal da época, *O Imparcial*, e entrevistas concedidas por membros religiosos, Poder Público, agentes da Justiça e comunidade há um confronto de informações, expondo os diversos lados dos atos e, assim, contando a história em questão.

O quinto capítulo traz os instrumentos jornalísticos necessários para que se tenha uma boa história. As técnicas jornalísticas são importantes para que o jornalista desempenhe uma apuração digna, sempre em busca da verdade. O fazer jornalismo segue alguns pressupostos que, além de facilitar o trabalho, garantem que o profissional atue de forma competente e eficaz, informando adequadamente ao seu público. Neste capítulo também é visto como o jornalismo científico e segmentado atua, o que fica evidente no capítulo seguinte.

O sexto capítulo aborda o produto escolhido como peça prática pelos integrantes do grupo. O capítulo desenvolve o projeto editorial do suplemento escolhido, o *Velho Oeste Prudentino*, trazendo a linha editorial, público-alvo, política editorial e demais elementos que compõe a peça prática. É abordado também o projeto gráfico do suplemento, importante para se entender uma das razões de ser deste produto jornalístico.

Ao final do trabalho, são encontrados o Memorial Descritivo e as Considerações finais. No primeiro, há a descrição para que se conheça o passo a

passo do trabalho, apontando o processo de feitura tanto da peça teórica como da prática e possíveis acertos e erros, atrasos, responsabilidades, tentativas e decisões tomadas. Posteriormente, as Considerações finais visam estabelecer o que foi apreendido pelos integrantes do grupo durante este estudo, bem como o que foi aferido por meio desta pesquisa e retomando a relevância da proposta.

2 FUNDAMENTAÇÃO METODOLÓGICA

2.1 Problematização e justificativa

O presente Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) surgiu da importância de se contar uma parte da história da cidade de Presidente Prudente, visto que o município está prestes a completar seu centenário em 14 de setembro de 2017. A fim de remontar parte da memória da capital do Oeste Paulista, o grupo optou por fazer um suplemento piloto de jornal impresso contando a história da Catedral São Sebastião, do período de 1983 a 1993, que engloba uma fase turbulenta da Catedral: seu tombamento e destombamento. A partir disso, os pesquisadores pretendem relatar, por meio do jornalismo, como a Igreja enfrentou esse momento, tanto como instituição quanto como comunidade. Tendo em vista o objetivo de refletir como o jornalismo pode atuar como uma ferramenta de recuperação histórica, foi necessário entender a relação entre as áreas.

O jornalismo é uma atividade importante para a sociedade, uma vez que o papel é alimentar o corpo social com informação, despertando assim a consciência da realidade e evidenciando o quanto é relevante lidar com a informação. A história, por sua vez, faz parte de um todo que tem como prática a escrita, análise e documentação. Tais atividades também estão inseridas no âmbito jornalístico. Segundo Bauer (apud CAPELATO, 1988, p.21), o jornal, é como uma mina de conhecimento, sendo fonte de sua própria história e das mais diversas situações, expressando ideias e sendo depósito de cultura. No jornal podemos encontrar dados sobre as sociedades, usos, costumes e informes sobre questões econômicas. Por isso, o jornal segundo Bauer, é fonte de história e pesquisa sobre um determinado tempo e espaço, a fim de encontrar ligação entre o ontem e o hoje.

Mesmo que de um ponto de vista narrativo, é possível contar a história por meio do jornalismo, sempre buscando a veracidade das informações, confirmando-a por meio de documentos e fontes. Assim, Barbosa (2007, p.3) define que “[...] só haverá entendimento se a história puder ser seguida por aquele que a lê, a decifra e a interpreta. [...] Há sempre um nexos com os sentimentos nas histórias que contamos”. Para se contar parte da história da Catedral São Sebastião, será realizado como produto final um suplemento piloto de jornal impresso.

O suplemento é caracterizado por não ter periodicidade diária, semanal ou mensal, podendo ser dividido em categorias que vão desde interesses específicos até gerais (MANUAL DE REDAÇÃO DA FOLHA DE SÃO PAULO, 2013, p.50). Tal segmentação de público, segundo José Marques de Melo (2006, p.59), “[...] se dá por motivações funcionais, instrumentais. Cada jornal, cada revista é uma mercadoria. E tem fisionomia própria [...] ingredientes que determinam a escolha das publicações jornalísticas no nosso mercado editorial”. Apesar de segmentado, o suplemento deve seguir as regras básicas do jornalismo, como a clareza, a objetividade e a concisão.

O projeto encontra sua justificativa social na discussão do tombamento, visto que ele já ocorreu em uma primeira vez e, nos dias atuais, o Conselho Municipal de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo, o Comudephaat (antigo Condephaat), e os vereadores prudentinos estão levantando novamente a hipótese de se tombar Catedral. Desta forma, o grupo acredita ser necessário compreender o primeiro tombamento e, especialmente, o destombamento para um melhor entendimento acerca das discussões atuais. Além disso, o jornalismo permite explorar melhor temas sociais, dando voz e vez para a sociedade em geral e averiguando o porquê dos acontecimentos, tentando trazer questionamentos e discutindo os problemas da sociedade. Percebendo que o acontecimento ou registro de um fato ou fenômeno da natureza, em um determinado momento ao longo da história, tem o jornalismo como instrumento de arquivamento, faz-se importante que memória retorne à sociedade para debates atuais, uma das intenções desenvolvidas neste estudo.

No âmbito acadêmico, pretende-se perceber como as técnicas jornalísticas podem remontar o momento do tombamento na Catedral de São Sebastião, fazendo do jornalismo um instrumento de recuperação histórica. Com isso, os pesquisadores almejam que o trabalho seja um ponto de partida para pesquisas posteriores, sobretudo fomentando as discussões acerca da relação entre jornalismo e história, bem como da responsabilidade social da profissão, uma vez que esta é uma parte importante para a construção da memória e identidade regional.

Do ponto de vista pessoal, o grupo procura aprofundar seus conhecimentos na área do jornalismo. Durante os quatro anos de curso, colocou-se em prática tal conhecimento, mas, neste momento, pretende-se uma maior vivência

com o fazer jornalístico a fim de adquirir experiência próxima à exigida no mercado de trabalho. O grupo também sentiu necessidade de ter mais acesso às pessoas, partilhar suas experiências e vivências e, desta forma, compreender parte da comunidade, gerando proximidade sobre o que se pretende entender. Isso se faz necessário uma vez que jornalismo é um elo com a comunidade, já que o jornalista tece histórias e essas surgem a partir das pessoas. Além disso, os pesquisadores pretendem fazer um trabalho que seja disseminado e compreendido por todos, pois o município de Presidente Prudente está prestes a completar 100 anos. Tal trabalho permite conhecer parte da história da cidade, que se inicia com a Catedral São Sebastião.

Por fim, pelos membros dos grupos serem prudentinos e moradores da região, viu-se a necessidade de conhecer parte da história da cidade, a qual acolhe pessoas de várias regiões, tornando-se afetuosa para os que residem nela e tendo a colaboração dos moradores para seu crescimento. Presidente Prudente, portanto, é importante por ser coadjuvante na escrita da história do presente grupo, também o acolhendo para estudar e iniciar suas carreiras no mercado de trabalho.

2.2 Objetivos

2.2.1 Objetivo geral

- Refletir como o jornalismo pode atuar como uma ferramenta de recuperação histórica.

2.2.2 Objetivos específicos

- Identificar as técnicas jornalísticas que colaboram para a recuperação de uma narrativa histórica, destacando as afinidades e divergências entre as áreas.
- Entender o processo de tombamento e destombamento da Catedral de São Sebastião (1983-1993), de Presidente Prudente, identificando os principais fatores sociais, culturais e políticos da ação.
- Produzir como peça prática um suplemento piloto sobre o tombamento e destombamento da Catedral de São Sebastião.

2.3 Metodologia

A metodologia trata da maneira como será realizada uma pesquisa científica, dando destaque ao seu processo de criação e visando responder “a um só tempo, às questões *como?*, *com o quê?*, *onde?*, *quando?*.” (LAKATOS; MARCONI, p.223, grifo do autor). Para o presente trabalho, o grupo utilizou como abordagem a pesquisa qualitativa, pois ela permite aos pesquisadores uma visão mais adequada um entendimento maior sobre uma determinada realidade. De acordo com Rodrigues (2015, p.95):

Ela o explora com poucas ideias preconcebidas sobre o resultado dessa investigação. Além de definir o problema e desenvolver uma abordagem, esse tipo de estudo também é apropriado em uma situação de incerteza, como quando os resultados conclusivos diferem das expectativas.

A pesquisa qualitativa não tem seus dados coletados traduzidos em números, o que a faz prezar pela qualidade dos fatos e não sua quantidade (DUARTE, 2009). Além disso, a pesquisa qualitativa leva em consideração a existência de “uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito” (KAUAK; MANHÃES; MEDEIROS, 2010, p.26), havendo então ligação entre o objetivo e o subjetivo, o que não pode ser transformado em números, sendo, portanto, descritiva. Neste trabalho, a abordagem qualitativa se fez necessária, pois o grupo reuniu informações retiradas de pesquisas bibliográficas, documentais e entrevistas, as quais não poderiam ser convertidas em dados matemáticos, mas sim teóricos e descritivos. Após escolhida a abordagem, o grupo estabeleceu como método o estudo de caso, uma vez que se pretendeu estudar sobre o processo de tombamento e destombamento da Catedral São Sebastião de Presidente Prudente, analisando o que ocorreu neste período.

Em seguida, o grupo escolheu o método que melhor se encaixou para a realização da pesquisa. Para isso foi adotado o estudo de caso. Segundo Yin (2010, p.24) é o método que “permite que os investigadores retenham as características holísticas e significativas dos eventos da vida real”. Ainda de acordo com o autor, a escolha do método depende da questão que levanta a pesquisa:

Quanto mais suas questões procuram explicar alguma circunstância presente (por exemplo, “como” ou “por que” algum fenômeno social

funciona), mais o método de estudo de caso será relevante. O método também é relevante quando suas questões exigirem uma descrição ampla e “profunda” de algum fenômeno social. (YIN, 2010, p.4)

Portanto, a presente pesquisa encontra seu ponto chave na atual discussão sobre um novo tombamento da Catedral São Sebastião. O grupo se atentou em buscar informações referentes ao recorte temporal escolhido para responder como é possível, através de ferramentas jornalísticas, contar a sucessão de fatos que culminou no tombamento do Centro Religioso.

Com o estudo de caso posto, é preciso pensar em relação aos instrumentos de coleta de dados desta pesquisa. Serão eles: pesquisa bibliográfica, pesquisa documental e entrevista semiaberta. A pesquisa bibliográfica é um planejamento global inicial que acaba por guiar totalmente o trabalho científico:

[...] vai desde a identificação, localização e obtenção da bibliografia pertinente sobre o assunto, até a apresentação de um texto sistematizado, onde é apresentada toda a leitura que o aluno examinou, de forma a evidenciar o entendimento do pensamento dos autores, acrescido de suas próprias ideias e opiniões. [...] trata-se da única técnica utilizada na elaboração de um trabalho acadêmico, [...] mas pode também ser a etapa fundamental e primeira de uma pesquisa [...] (DUARTE, 2009, p.51).

Para a realização da pesquisa bibliográfica, os alunos se valeram de livros e artigos específicos ao objeto de estudo para assimilarem a história de Presidente Prudente, uma vez que era necessário entender a origem da cidade para então compreendermos a importância do surgimento da Catedral São Sebastião, como: “Jubileu de Ouro da Diocese de Presidente Prudente” (2010), elaborado por Monsenhor Expedito Pereira Cavalcante, Ten. Cel. PM Carlos Amaral da Silva e Vinícius Alves de Souza; “Formação Histórica de uma cidade Pioneira Paulista” (1972), de Dióres Santos Abreu; “A Catedral de São Sebastião de Presidente Prudente: tombamento, destombamento e salvaguarda” (2013), de Hélio Hirao e Gustavo Favaretto Martinez; “Por uma história do jornalismo no Brasil” (2005), de Marialva Barbosa, entre outros. A equipe também recorreu à biblioteca da Universidade do Oeste Paulista e Biblioteca Municipal Dr. Abelardo de Cerqueira César para a realização deste estudo.

A pesquisa documental também foi realizada como instrumento de coleta de dados. Ela se difere da pesquisa bibliográfica somente na questão das fontes, pois “vale-se de materiais que não receberam um tratamento analítico” (GIL,

2008, p.51). Entendido isso, o grupo iniciou a pesquisa de jornais e imagens da época, realizada, durante os meses de fevereiro e maio deste ano, no Museu e Arquivo Histórico Prefeito Antonio Sandoval Netto, de Presidente Prudente, correspondente ao período de 1983 a 1995. O grupo resolveu estender a coleta dois anos a mais em relação ao recorte temporal escolhido, no caso de 1983 a 1995, para averiguar se o destombamento do centro religioso teria gerado debates após o seu decreto. Desta forma, foram coletadas 51 fotografias e analisadas, aproximadamente, 3,4 mil exemplares do jornal *O Imparcial*, veículo impresso de representatividade na região no período acima citado.

A pesquisa dos jornais da época orientou o grupo, pois por meio dela foram levantados possíveis entrevistados que estiveram direta e indiretamente ligados aos fatos ocorridos durante o recorte temporal desta pesquisa. A partir desse momento, os pesquisadores foram em busca de personagens para cumprir a última etapa de coleta de dados, as entrevistas. Segundo Gil (2008, p.109), a entrevista é definida “como a técnica em que o investigador se apresenta frente ao entrevistado e lhe formula perguntas, com o objetivo de obtenção dos dados que interessam à investigação”. Portanto, entrevista é um diálogo que visa coletar informações por parte das fontes, aquelas que presenciaram determinado fato ou tem algum conhecimento sobre um assunto.

Foi utilizada a entrevista semiaberta, por conta da necessidade de se seguir um roteiro com questões que nortearam e guiaram a pesquisa. “[...] parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses que interessam à pesquisa, e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do informante” (TRIVIÑOS apud DUARTE, 2009, p.146). Os pesquisadores entrevistaram pessoas e membros envolvidos diretamente na época correspondente ao recorte temporal do trabalho (1983-1993), como membros da Catedral São Sebastião, da comunidade religiosa, do órgão responsável pela preservação de um bem cultural (Condephaat, hoje reformulado para Comudephaat), da associação de Defesa do Direito do Cidadão e o prefeito da cidade no período do destombamento. Também foram entrevistadas pessoas que não acompanharam diretamente o fato na época, mas têm conhecimentos sobre o assunto, como Promotores de Justiça, presidente do Comudephaat, historiador, arquitetos e um líder religioso. Em um total de 19 entrevistas realizadas.

Efetuada a coleta de dados, os pesquisadores utilizaram como técnica avaliativa das análises de informações obtidas, a triangulação. Essa prática trata de “uma dinâmica de investigação e de trabalho que integra a análise das estruturas, dos processos e dos resultados, a compreensão das relações envolvidas na implementação das ações e a visão que os atores diferenciados constroem sobre todo o projeto” (MINAYO; ASSIS; SOUZA, 2005, p.29). Para tal compreensão, analisa-se a evolução do projeto, sua hierarquização e procedimentos, tornando-o um produto singular. Para que a avaliação da triangulação seja executada com êxito, é necessário que a equipe de pesquisadores trabalhe de forma cooperativa, pois tal projeto carece de um grupo que esteja aberto “ao diálogo e a experimentar a possibilidade de complementação entre diferentes métodos e disciplinas, realizando um movimento intelectual específico em direção a um objeto empírico” (MINAYO; ASSIS; SOUZA, 2005, p.32).

Essa forma avaliativa acontece por etapas. Segundo Minayo, Assis e Souza, no livro *Avaliação por Triangulação de Métodos*, esta prática pode ser realizada em oito passos:

[...] formulação do objeto ou da pergunta referencial que vai guiar todo o processo e planejamento geral da avaliação; elaboração dos indicadores; a escolha da biografia de referência e das fontes de informação; construção dos instrumentos para a coleta primária e secundária das informações; organização e a realização do trabalho de campo; análise das informações coletadas; elaboração do informe final; entrega devolução e discussão com todos os atores interessados na avaliação à implementação de mudanças. (MINAYO; ASSIS; SOUZA, 2005, p.37).

Logo, ela combina métodos de coleta de dados tanto qualitativos quanto quantitativos, uma vez que esses complementam e aprofundam o resultado final. Essa mescla de métodos visa explorar o melhor deles, já que com o método qualitativo, ele visa “garantir a representatividade e a diversidade de posições dos grupos sociais que formam o universo da pesquisa, quanto às ambições do método quantitativo, ao propiciar o conhecimento da magnitude, cobertura e eficiência de programa sob estudo” (MINAYO; ASSIS; SOUZA, 2005, p.244).

A triangulação das análises dos dados obtidos durante todo o processo de pesquisa se deu através do cruzamento dos dados extraídos das entrevistas. As informações colhidas, tanto das autoridades quanto das pessoas que vivenciaram o fato, foram imprescindíveis, pois levaram o grupo a confrontar as histórias que, por

sua vez, geraram questionamentos a respeito das informações contidas nas entrevistas, por serem diferente das que se encontravam nos jornais da época. Nessa etapa, a equipe se atentou em não perder o foco do trabalho, pois em meio a tantas divergências nas informações, foi preciso organizar as histórias por ordem de prioridade e cronológica. Desse modo, os textos foram escritos de forma a evidenciar o conflito que existiu na época, sem tentar resolvê-lo ou julgá-lo.

Os instrumentos de coleta permitem aos pesquisadores mais conhecimento sobre o objeto de estudo. Com isso, a triangulação visa não só colaborar para a análise do fenômeno através de diversas perspectivas, mas também “enriquecer a [...] compreensão, permitindo emergir novas ou mais profundas dimensões” (AZEVEDO et al, 2013, p.4). Toda a metodologia aplicada na pesquisa trouxe resultados que serviram de embasamento para os textos jornalísticos expostos no suplemento temático impresso, o *Velho Oeste Prudentino*, voltado ao centenário da cidade de Presidente Prudente.

3 JORNALISMO E HISTÓRIA

3.1 O jornalismo e sua função social

O jornalismo é uma profissão referente à área da comunicação, sendo o termo comunicador o mais usado para definir toda a organização dos meios de comunicação. O comunicador, portanto, é “quem quer que passe informação, opinião ou entretenimento aos receptores ou participe de alguma maneira em tal processo” (KUNCZIK, 2002, p.15). O jornalismo, então, seria a profissão das pessoas que “reúnem, detectam, avaliam e difundem as notícias” (KUNCZIK, 2002, p.16). Lage (2004) afirma que o jornalismo surgiu no início do século XVII. A prática jornalística difundiu-se nos meios de comunicação, entre eles, a imprensa escrita e falada, o jornal, a revista, o rádio, a televisão, dentre outros. A missão do jornalismo é informar, relatar notícias, fatos e informações gerais. Para tal prática, é necessário apuração e veracidade nas informações. Sobre jornalismo, Traquina (2005, p.22) afirma tratar-se de:

Uma atividade criativa, plenamente demonstrada, de forma periódica, pela invenção de novas palavras e pela construção do mundo em notícias, embora seja uma criatividade restringida pela tirania do tempo, dos formatos e das hierarquias superiores, possivelmente do próprio dono da empresa. E os jornalistas não são apenas trabalhadores contratados, mas membros de uma comunidade profissional que há mais de 150 anos de luta está empenhada na sua profissionalização com objetivo de conquistar maior independência e um melhor estatuto social.

No jornalismo, a matéria-prima é a informação. Cabe a ele divulgar nos veículos de comunicação a informação para que a mesma seja disseminada na sociedade. Dessa forma, segundo Traquina, além de semear os acontecimentos diários da política, economia, cultura e fenômenos culturais e sociais, o jornalismo no Brasil tem como função a formação cultural, educadora e de opinião. Para Noblat (2010, p.44), a notícia também é uma das ferramentas essenciais na profissão:

A notícia pode estar no ambiente onde se passou determinada história. A notícia pode estar no silêncio de uma pessoa entrevistada. A notícia pode estar no nervosismo de alguém. Há, portanto, que estar atento a tudo. E há que ter faro para identificar a notícia onde quer que ela esteja.

Para o jornalismo, não é qualquer tipo de informação que é válida, ela deve ser uma notícia. De acordo com Amaral (apud GOULARTE, p.12), a notícia é a matéria-prima do jornalismo, a base de tudo que é publicado, da nota mais alegre ao mais sério editorial. Deve ser, segundo o autor, “informação atual, verdadeira, carregada de interesse humano capaz de despertar a atenção e a curiosidade de um grande número de pessoas”. Com a difusão da tecnologia portátil, a possibilidade de qualquer um registrar o que acontece a sua volta faz com que esse registro aumente o leque de possibilidades dos jornalistas em fazer qualquer material se tornar notícia. No entanto, deve-se analisar com critério de noticiabilidade tal conteúdo, para que a mensagem não tenha seu sentido adulterado. Segundo Alsina (apud HENN, 1996, p.34), “a notícia é uma representação social da realidade cotidiana, produzida institucionalmente e que se manifesta na construção de um mundo possível”. Dentro da sociedade, vários acontecimentos e fatos são informação, mas apenas aqueles que possuem os critérios de noticiabilidade requeridos pelo jornalismo viram notícia. Eles são os valores-notícia, “elemento básico da cultura jornalística que os membros desta comunidade partilham. Servem de ‘óculos’ para ver o mundo e para o construir” (TRAQUINA, 2008, p.94).

A noticiabilidade é “medida” pelos valores-notícias, que, conforme Traquina (2008), seguem alguns critérios como: importância dos envolvidos; quantidade de pessoas envolvidas; interesse nacional; interesse humano; feitos excepcionais (categorias substantivas). Nas categorias referentes ao produto, o autor elenca brevidade; atualidade; novidade; organização interna da empresa; qualidade; equilíbrio. As categorias relativas ao meio de informação são compostas pela acessibilidade à fonte/local; formatação prévia/manuais; política editorial. Já as categorias relativas ao público, plena identificação de personagens; serviço/interesse público; protetividade. Por fim, nas relativas à concorrência há exclusividade ou furo; geração de expectativas; modelos referenciais. O jornalismo tem, então, como matéria-prima a informação, a notícia, a linguagem jornalística específica, como a linguagem da informação e produção de texto, que devem estar em constante atualização, sendo uma das ferramentas do ofício (LAGE, 2001, p.48). Para ele, as ferramentas são uma questão teórica que “consiste em estabelecer princípios tão gerais que permitam a constante atualização da linguagem e que estejam relacionados com os objetivos, o modo e as condições de produção do texto”.

No que diz respeito à sua abordagem, Fortes (2008, p.9) afirma que o jornalismo deve ser partilhado positivamente para todos, sendo “um bem comum à sociedade”, tendo “em sua abordagem científica signos e normas voltadas à disseminação da informação a partir de contrapontos críticos”. O jornalismo também está interligado ao conceito de divulgação de conhecimento, “que é a vinculação do depósito de conhecimento teórico com as diferentes esferas da sociedade em que se pode colocá-lo em prática” (KUNCZIK, 1997, p.102). A divulgação do conhecimento, portanto, compreende a socialização dele, “[...] processo pelo qual se transmite o conhecimento social para se poder adotar determinada posição e os papéis a ela relacionados no interior de um sistema social” (KUNCZIK, 1997, p.102). No caso do jornalismo, ainda de acordo com Kunczik, isso significa entender “valores, normas, costumes e atitudes” que permeiam esses meios de comunicação, para então jornalista ser um membro consciente nessa organização.

O jornalismo tem um papel vital na sociedade, uma vez que é mediador da realidade, mostrando a importância da informação a consciência dos fatos e suas particularidades. É nessa sociedade que a mídia se faz presente de maneira mais relevante. Segundo Silverstone (2002, p.20), a mídia “[...] filtra e molda realidades cotidianas, por meio de suas representações singulares e múltiplas, fornecendo critérios, referências para a conduta da vida diária, para a produção e manutenção do senso comum”. Dela, ainda de acordo com o autor, é impossível se escapar, uma vez que “ela está presente em todos os aspectos de nossa vida cotidiana” (SILVESTONE, 2002, p.9).

Para Silverstone (2002, p.12), o estudo da mídia é fundamental para a vida cotidiana das pessoas, tanto como dimensão social e cultural, como política e econômica, uma vez que “nossa mídia é onipresente, diária, uma dimensão essencial de nossa experiência contemporânea”. A mídia, portanto, coopera para que a sociedade entenda o mundo, compreendendo e partilhando seus resultados (SILVESTONE, 2002, p.13). Para o autor, o estudo das mídias deve partir do senso comum, uma vez que ele é “[...] tanto expressão como condição da experiência”, dependendo assim dele, pois “ela o reproduz, recorre a ele, mas também o explora e distorce” (SILVESTONE, 2002, p.21). Neste sentido, segundo Rossi (2005, p.37), a função do jornalista interfere de imediato na sociedade, “[...] tamanha a complexidade e diversidade de assuntos que afetam diretamente a rotina dos

cidadãos ou lhes interessam pela curiosidade e/ou necessidade de conhecimento que ele precisa ser ajudado a entendê-los”.

Já para Traquina (2005, p.128-129), o jornalismo cumpre papéis sociais precisos, apontando para os meios de comunicação que abrangem um mercado de ideias em uma democracia. O jornalismo, portanto, é visto como “guardião dos cidadãos”, protegendo-os de abusos de poder que podem vir a acontecer por parte dos governantes. Dessa forma, o jornalismo fornece “informação, ao serviço da opinião pública, e em constante vigilância na defesa da liberdade e da própria democracia”. Destacando a importância dos serviços jornalísticos para a sociedade, em uma comparação entre o passado e o presente, Erbolato (2008, p.48-49) afirma:

Se o homem das cavernas se contentava em saber que seu território estava ameaçado por algum animal perigoso, o cidadão contemporâneo não encontra limites para o seu desejo de informa-se. Inteirar-se sobre o que se passa no mundo é hoje uma obrigatoriedade.

Nesse contexto, a função do jornalismo é considerada um meio de conhecimento e um caminho importante à realidade. Assim, os produtos jornalísticos tendem a oferecer à sociedade uma gama de informações cada vez mais variada, possibilitando que ela compreenda o mundo e sua existência (MOTTA, 2005, p. 9). Visto dessa maneira, o jornalismo estabelece uma função social de conhecimento, sendo o jornalista como um historiador que explora o que acontece no mundo onde está inserido. É possível perceber que o jornalismo constrói os fatos que acontecem buscando veracidade sobre a realidade social, bem como faz parte das modificações da sociedade que ele mostra e interpreta. De acordo com Traquina (2005, p. 210), o fazer jornalismo não pode oferecer apenas o que é interessante, mas, sobretudo, o que é importante para a sociedade. Cabe ao jornalista ser um dos guias desta comunidade.

Silvertone (2002, p.184) classifica como fundamental a relação comunidade e mídia, uma vez que, com o aparecimento da imprensa no Brasil, o equilíbrio entre “as comunidades construídas pelas experiências do face-a-face, pelas continuidades de uma sociedade improvável e partilhar de espaço físico e cultural material e aquelas construídas pelo que podemos chamar de imaginário tem

se alterado”. Para o autor, a comunidade tem valor simbólico e material. Sobre isso, o Silverstone (2002, p.186) afirma:

Elas são definidas pelas minúcias da interação cotidiana, assim como pela efervescência da ação coletiva. Agimos sobre elas e as traduzimos em ações. Mas, sem sua dimensão simbólica, não são nada. Sem seus significados, sem crença, sem identidade e identificação, não há nada: nada a que pertencer, de que participar; nada para compartilhar, promover e nada para defender.

A essência de tal referência está na maneira como os membros de tal comunidade “vêm, ou acreditam ver, um sentido similar das coisas, de modo geral ou com respeito a interesses específicos e significantes” (COHEN apud SILVERSTONE, 2002, p.186). A verdade para tal comunidade, portanto, reside na experiência de seus membros. Essas, por sua vez, são “inerente ao vínculo ou compromisso que elas têm com um corpo comum de símbolos”. Para Traquina (2005, p.207-208), o jornalismo representa a figura do Quarto Poder, uma vez que tem a possibilidade de investigar os outros poderes e propagar as informações, em destaque, a democracia. Esse poder se relaciona com a sociedade, pois:

O poder do jornalismo e dos jornalistas aponta para a importância das suas responsabilidades sociais. A afirmação do reconhecimento das suas responsabilidades, por parte dos jornalistas e também por parte dos donos das empresas jornalísticas, não é possível reduzindo as notícias a uma simples mercadoria, e ignorando a existência dos ideais mais nobres do jornalismo, que fornecem uma manta de legitimidade ao negócio.

Dentro dessa perspectiva, é possível afirmar que o jornalismo tem função social e cultural vital para a sociedade. Seu estudo tem como foco “implicações políticas e sociais da atividade jornalística, o papel das notícias, e a capacidade do ‘quarto poder’ em corresponder enormes expectativas”. (TRAQUINA, 2005, p.161). Sendo assim, o profissional de jornalismo atua como prestador de serviços para toda a sociedade, com o objetivo de contribuir para a cidadania e para toda a população. Para Kovac e Rosentiel (2003, p.31), o jornalismo tem como fim principal “[...] fornecer aos cidadãos as informações de que necessitam para serem livres e se autogovernar”. Partindo desse contexto, é possível destacar que a atividade jornalística tem vital importância para a sociedade, bem como suas responsabilidades e seu papel sociocultural. A teoria da responsabilidade social foi desenvolvida nos EUA, pela comissão Hutchins, a qual teve a iniciativa de elaborar

um relatório. Parte dele aconselhava o que a imprensa deveria veicular. Dentre elas estava o intuito de “proporcionar um relato verdadeiro, completo e inteligente dos acontecimentos [...]”, segundo Moretzsohn (2002, p.57).

A função jornalística é um contrato com a sociedade no processo de informar, que pressupõe no seu exercício uma série de valores morais e éticos. O jornalista tem facilidade em obter a reponsabilidade no âmbito da profissão, “pois o profissional entrosa-se com a responsabilidade muito mais facilmente do que a punição e o arbítrio. Especialmente se essa responsabilidade for um padrão de toda a sociedade que ele representa” (DINES, 2009, p.138). Uma sociedade necessita da função jornalística, um bem que atua social e culturalmente a realidade em que vivemos, desta forma deixando clara a importância da comunicação. “O que faz a verdadeira prosperidade é o nível de informação que circula num país, os padrões de comunicação que ali imperam.” (DINES, 2009, p.144). Através da comunicação, informação e do jornalismo, pretende-se preservar a memória de uma determinada sociedade. A memória, quando mediada, é composta por “[...] fragmentos do passado traduzidos pelo tempo e, como na tela de cinema, projetados no futuro” (SILVERSTONE, 2002, p.242). As tecnologias que surgiram ao longo do tempo, além de conectar, intervirem nessa memória, sendo então “memórias mediadas”, segundo o autor. Sobre as mídias, Silverstone (2002, p.245) defende que:

[...] a ideia de que a mídia – sobretudo cinema, televisão e rádio – poderia ser descrita igualmente bem (ou mal) como história ao inverso. Ela produz os textos para a imaginação popular, igualmente provida de camadas e igualmente sugestiva. A memória é o que une as duas. A memória como um produto da mídia, e não apenas como sua precondição.

Para o autor, portanto, a memória é um instrumento importantíssimo para a sociedade, pois através dele relembra-se “lutas amargas para que não se esqueça o passado; para o passado ser reivindicado para o presente e o presente reivindicado para o futuro” (SILVERTONE, 2002, p.231). Salienta-se, assim, a importância do rememorar por meio do jornalismo.

3.2 Jornalismo atrelado à História

Para se iniciar os estudos da ligação da História com o Jornalismo, deve-se primeiramente distinguir um do outro para, então, aproximá-los. Tais

campos se unem pela possibilidade de um servir não só como fonte, mas também meio de registro de determinado fato.

O jornalismo deve ser distinguido de duas maneiras. A fim de entendê-lo melhor dentro de cada contexto, Romancini (2007, p 1-2) afirma:

[...] estabelecemos uma distinção entre o “jornalismo” entendido como uma prática social, envolvendo fundamentalmente as esferas da produção, circulação e recepção de notícias, e o “Jornalismo” como um campo de estudos que, no contexto das ciências humanas e sociais, procura elaborar conhecimento científico sobre o mencionado campo das práticas em suas conexões com a sociedade. Tal campo de estudo, por sua amplitude, irá também com a frequência elaborar problemáticas interdisciplinares.

O jornalismo enquanto conhecimento pode ser interpretado de duas formas. A primeira assume que o jornalismo nasce “[...] da definição de conhecimento não como um dado concreto, mas como um ideal abstrato a alcançar” (MEDITSCH, 1997, p.2). Tal forma pressupõe que o jornalismo é “uma ciência malfeita, quando não [...] uma atividade perversa e degradante”, sendo alvo de críticas de filósofos como Karls Kraus e intelectuais como Walter Benjamin. A segunda interpretação reconhece o jornalismo como uma ciência inferior, mas que ainda assim, tem algum valor. Meditsch usa como exemplo o ex-jornalista e sociólogo Robert Park, que partiu de perspectivas de Willam James. Sobre tal teoria, Meditsch (1997, p.3) afirma que, a partir da perspectiva filosófica do pragmatismo, as pessoas e as coletividades lidam simultaneamente em suas vidas com várias espécies de conhecimento. Assim,

[...] PARK começa a definir o Jornalismo a partir do que tem de diferente, do que lhe é específico como forma de conhecimento da realidade.

Embora admita a distinção entre tipos de conhecimento, o sociólogo norte-americano não avança neste aspecto muito além do que James já havia realizado ao distinguir entre um “conhecimento de” utilizado no cotidiano e um “conhecimento sobre”, sistemático e analítico, como produzido pelas ciências.

Para situar o Jornalismo, PARK vai propor a existência de uma graduação entre as duas espécies de conhecimento e colocar a notícia num nível intermediário entre elas. (MEDITSCH,1997, p.3)

Tal definição, segundo o autor, compara o Jornalismo em profundidade à Ciência ou à História. Quando os jornalistas comparam seu trabalho com o dos cientistas “costumam sugerir esta forma de gradação. Quando não se refere à profundidade de análise, a gradação pode referir-se também à velocidade da

produção, e o jornalismo já foi definido como a História escrita à queima-roupa” (MEDITSCH, 1997, p.3). Silva (2011, p.78) cita a contribuição de Robert E. Park (1970), acerca da função cognitiva do jornalismo, que “mostra que a notícia se localiza entre o senso comum (*aquaintance with*) e o saber científico (*knowledge about*).” Sobre essas expressões, Silva explica e dá o seguinte parecer de Park:

A primeira expressão significa que jornalismo produz um tipo de conhecimento diferente do conhecimento científico, um conhecimento superficial obtido a partir da experiência sensorial ou imediata, o qual se incorpora pelo uso e pelo hábito. Já o *knowledge about* significa que o conteúdo produzido é reflexivo, formal e sistemático, baseia-se na observação e no fato de forma criteriosa e com a adoção de parâmetros científicos rigorosos. Park defende que a notícia exerce para o público as mesmas funções que a percepção cumpre para o indivíduo, ou seja, além de informado, o indivíduo é também orientado. (SILVA, 2011, p.78)

Já a compreensão de história, segundo Silva (2009), vai muito além de um mero significado, pois a história está em constante mutação, havendo complexidade para seu entendimento. Portanto, a história não tem uma conceituação pontual, sendo “[...] mais importante estabelecer as linhas gerais do debate em torno da natureza da história” (SILVA, 2009, p.182). Dentro disso, a autora ainda afirma que a História enquanto área se define como ciência na maioria das vezes, confundindo o particular do historiador com seu ofício, pois ambas as atividades estão em constantes mudanças. Por outro lado, ela usa como exemplo Ciro Flamarion Cardoso, historiador que define com clareza a história como área que “[...] se ocupa de acontecimentos únicos, que não são passíveis de lei, ao contrário da ciência” (CARDOSO apud SILVA, 2009, p. 182).

Além das discussões e noções de história, é preciso atentar-se aos conceitos que estão atrelados a ela, como o fato histórico, tempo e historicidade. Sobre isso, Silva (2009, p.183) afirma:

O conceito de historicidade indica o próprio pertencer de cada indivíduo a seu tempo, e existe para toda a espécie humana. Logo, não há sociedades sem história e a própria história tem uma História, visto que o ato de contar, descrever e analisar o passado depende da sociedade e do período de cada contador. Tudo na história deve ser pensado em seu tempo, isto é, a historicidade. O que nos leva a questão do tempo na história.

A historiografia é uma das ferramentas da área e função do historiador, permeando o conhecimento com uma profunda duração. Para Silva (2009, p.189), a

historiografia permite “[...] entender os elementos comuns aos intelectuais de um mesmo período” através do estudo da escrita e seu processo. Sendo assim, a historiografia “[...] é uma forma de estudar a história das ideias”. Por essa razão, é possível observar a diferença entre a missão da história e historiografia. Enquanto uma se ocupa de acontecimentos, a outra é uma ferramenta da atividade histórica, ajudando a compreender os elementos de um determinado período. Historiografia, portanto, define-se como “[...] uma forma de analisar os mecanismos que envolvem a produção do discurso dos historiadores, percebendo esses discursos em relação ao tempo e à sociedade em que cada historiador está inserido” (SILVA, 2009, p.190).

Dessa forma, o estudo historiográfico é o estudo dos escritos, dos métodos e das interpretações realizadas pela História. Todo historiador, segundo Silva (2009, p.192), tende a trabalhar com a contemplação historiográfica, “disciplina imprescindível para o historiador”. Apenas a historiografia, segundo a autora, permite reflexão crítica sobre o fato. Tal ferramenta, segundo Burke (1992, p.331), permite que a história seja analisada através de sua narrativa e estrutura. Por fim, entende-se que a historiografia é uma ferramenta de aperfeiçoamento, que vem auxiliar o profissional da área a desenvolver seus conhecimentos sobre campo de estudo específico. Dessa maneira, despertando a consciência e a crítica que tal ferramenta exige.

Conforme Rodrigues (1996), assim como na atividade jornalística, o profissional constrói a história a partir dos fatos, tendo em vista que é uma prática social vital para a sociedade, sendo possível notar que, quando os fatos ocorrem, o comunicador conta para essa sociedade uma história por meio de uma narrativa. Não obstante, jornalismo e história se fundem por suas condições comunicacionais e por trabalharem de forma isenta, sendo assim semelhantes em sua prática. A ligação entre ambos se inicia na questão temporal, na qual a história privilegia episódios passados e o jornalismo, acontecimentos que já ocorreram, mas que necessitam de constante atualização. Partindo dessa hipótese, é possível notar que tanto jornalismo quanto história estabelecem uma narrativa estruturada e organizada. Apesar dessa semelhança, Rodrigues (1996) percebe uma diferença entre jornalista e historiador:

O historiador não tem tanto em conta, para a averiguação da importância de um determinado acontecimento, o seu interesse para o público, mas o facto de ele ter sido objeto do trabalho de sedimentação que o tempo provocou [...] O jornalista, por seu lado, não tem ainda ao seu dispor este trabalho do tempo sobre os factos que narra apreciar a sua importância; parte antes do pressuposto de que o público tem interesse em os conhecer. É por isso que, enquanto o historiador trabalha com factos históricos, o jornalista transforma os factos ocorridos em notícia, em factos dignos de nota (RODRIGUES, 1996, p.58).

Com isso, de um lado encontra-se o jornalismo contando histórias e de outro, a história narrando uma determinada eventualidade, cujas atividades fazem constantes interpretações sobre o mundo. Ambas as funções recolhem histórias e documenta acontecimentos, fazendo com que as pessoas ao redor entendam a vida social em que vivem. Segundo Barbosa e Ribeiro (2005, p.2), a união entre história e jornalismo encontra sua importância nos seguintes aspectos:

A primeira razão de a aproximação com a história ser fundamental para os estudos de jornalismo diz respeito às perguntas que o pesquisador faz ao empreender a sua pesquisa. Se a aproximação com a sociologia forneceu referenciais teóricos indispensáveis para descrever os múltiplos fenômenos agregados à ação jornalística, essa base não se preocupa em empreender uma análise no sentido de responder aos por quês dessas ações, essencialmente relacionados aos regimes de historicidade. A maioria dos estudos constata o que acontece, não destacando a questão da interpretação, que envolve as razões de tal fato ocorrer dessa e não de outra forma.

O próprio historiador, ao contar um acontecimento, pode tender para a narrativa ou para a estruturação do fato, dependendo do ponto de vista de quem o analisar. Para Burke (1992, p.332), os historiadores, dentro desses dois campos, podem agir das seguintes formas:

Os historiadores desses dois campos: estrutural e narrativo, diferem, não apenas na escolha do que consideram significativo no passado, mas também em seus modos preferidos de explicação histórica. Os historiadores da narrativa tradicional tendem – e isto não é exatamente contingente – a exprimir suas explicações em termos de caráter e intenção individuais; [...] Os historiadores estruturais, por outro lado, preferem explicações que tomam a forma: “a janela quebrou porque o vidro era frágil” [...].

Partindo para o campo comunicacional, de que forma então o jornalista deve contar os acontecimentos? Narrativa ou estrutura? Nos Estados Unidos da década de 1960, os historiadores “não estavam preocupados com a questão de escrever ou não escrever a narrativa, mas com o problema do tipo de narrativa a ser

escrita” (BURKE, 1992, p.334). Para Mann (apud BURKE, 1992, p.337), o historiador necessita de “nadar contra a corrente dos acontecimentos” e “analisar esses acontecimentos da posição de um observador posterior, mais bem informado”, combinando os dois métodos “para produzir uma aparência de homogeneidade, sem que a narrativa fique de lado”. Nesse ponto, percebe-se o elo entre o historiador e jornalista e, posteriormente, jornalismo e história. Para a autora Marialva Barbosa (2010), o historiador: “A rigor, o que o historiador faz é reinterpretar ações de comunicação, razão pela qual afirmo que história é comunicação” (BARBOSA, 2010, p.469). Assim, eliminando as lacunas de distanciamento e fazendo com que ambas as atividades se tornem próximas.

Sobre a história dos periódicos, de acordo com Luca, os jornais no Brasil eram pouco apropriados para contar a história do país. Havia a preocupação por parte dos pesquisadores, pois “continham registros fragmentários do presente, realizados sob o influxo de interesses, compromissos e paixões” (LUCA, 2008, p.111). Apesar da inquietação, nos jornais as informações que eram subtraídas valiam para estudo da sociedade. Nesse sentido, afirma a autora, pesquisadores renomados do campo acadêmico iam a jornais e mantinham conduta verdadeira para não comprometer as informações subtraídas do material, “seja para obter dados de natureza econômica (câmbio, produção e preços) ou demográfica, seja para analisar múltiplos aspectos da vida social e política, sempre com resultados originais e postura muito distante da tão temida ingenuidade” (LUCA, 2008, p.117). Nos jornais, Luca (2008, p.126) considera que, além do fortalecimento e difusão da imprensa no país, houve a identificação dos gêneros nos “periódicos acadêmicos, centros de documentação, e linhas de pesquisa em programas de pós-graduação”. De acordo com a autora, os gêneros possibilitaram a fragmentação dos assuntos ou mesmo de pesquisadores que tomaram como estudo as fotonovelas e outros às revistas, por exemplo.

A História usufrui dos periódicos sob a intenção de contribuir numa pesquisa. De forma mais específica, na década de 1970, a imprensa passa a ter credibilidade e torna-se “objeto de estudo da pesquisa histórica” (LUCA, 2008, p.118). Essa relação entre Jornalismo e História se fortalece ao mesmo tempo em que outros autores, como Maria Helena Capelato¹, utilizam os jornais como fonte

¹ Historiadora. Bacharel e Licenciada em História pela Universidade de São Paulo (1971), mestre em História Social pela Universidade de São Paulo (1974) e doutora em História Social pela Universidade

para o entendimento de “cenar” importantes da história do Brasil. O jornalismo tem o compromisso de testemunhar a verdade a partir das fontes que fornecem informações para o jornalista. Sob as perspectivas dos estudos de Maria Helena Capelato, entende-se que toda notícia dada ao leitor vem de ampla investigação, pesquisa, apuração antes de ser publicada. Portanto, para a autora, a historiografia recebe dos jornais a realidade vivida naquele período.

Encontrada a semelhança e ligação entre jornalismo e história, deve-se postular as características do trabalho jornalístico na documentação dessa história, a fim de distingui-lo dos meios instrumentais de documentação da história enquanto disciplina. No processo da escrita das notícias, o jornalista precisa do fato acontecido para narrar uma história. Para tanto, é necessário investigar e buscar dados que possam embasar sua escrita. O jornalismo é fonte de informação e, ao longo do tempo, tem contribuído no dia a dia da sociedade. Segundo Barbosa (2012), a imprensa jornalística passou por diversas transformações ao longo dos anos, modificando-se e sendo fonte de informação, a qual constrói a história do país. Em relação à imprensa, Barbosa (2012, p.463) ainda afirma que:

[...] deveria não apenas informar e orientar, mas possibilitar uma multiplicidade de tempos: o presente no qual o jornalista se movia; o passado (já que ao ser instrumento de cultura privilegiava em suas artimanhas narrativas o passado memorial do país), acionando a memória histórica; e, sobretudo, o futuro, pois o jornalista construía narrativas na perspectiva de se tornarem fontes históricas.

Nessa linha de pensamento, a autora entende que através da imprensa é possível revelar dados, fatos e informações do mundo, como também entender a força documental que o jornal tem, a qual perdura até hoje. O jornalista deve desenvolver a história (notícia) de forma isenta, sem fazer juízo de valor do certo e do errado. Esse princípio de neutralidade entre o entrevistador e a fonte, seja ela primária ou secundária, oficial ou oficiosa – temas que serão discutidos no próximo capítulo - demonstra que o jornalismo deve ser verdadeiro. Tendo envolvimento com o sujeito ou objeto referente à notícia, o jornalista deveria “[...] valer-se de fontes

de São Paulo (1986), Livre-Docente em História da América Independente pela Universidade de São Paulo (1997), Pós-Doutorado na Espanha - CSIC (200-2001) e Professora Titular - MS6 do Depto. de História - FFLCH-USP (2006). Especialista na área de História da América e realizou pesquisas sobre os seguintes temas: Imprensa, Liberalismo, História Comparada (Varguismo e Peronismo), Cultura e Política na América Latina, História dos intelectuais da América Latina, Propaganda política nos regimes militares do Cone Sul (Brasil, Chile e Argentina).

marcadas com a objetividade, neutralidade, fidedignidade, credibilidade, além de suficientemente distanciadas de seu próprio tempo” (LUCA, 2008, p.112).

4 CATEDRAL SÃO SEBASTIÃO

Para aproveitar as discussões relacionadas à História e Jornalismo, é necessário um capítulo sobre a Catedral São Sebastião, de Presidente Prudente, objeto de estudo deste trabalho. O foco é o período do tombamento e destombamento do centro religioso, que ocorreu de 1983 a 1993. Para a realização deste capítulo foram analisados aproximadamente 3,4 mil exemplares do jornal *O Imparcial*, um dos responsáveis pela cobertura do caso na época, publicados no período 1983 a 1995, a fim de ver possíveis desdobramentos que ocorreram após o decreto de revogação do tombamento. A pesquisa foi feita a partir de visitas, entre os meses de fevereiro a maio, ao Museu e Arquivo Histórico Prefeito Antônio Sandoval Netto, de Presidente Prudente, que também cedeu 51 fotos da Igreja na época, sendo usadas somente sete no trabalho. Dos exemplares analisados, foram extraídas 62 matérias sobre o tombamento e destombamento do centro religioso nesse período. Além da pesquisa documental e bibliográfica realizada, a fim de confrontar informações, foram entrevistados antigos e novos membros do Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico (Condephaat na época do tombamento e atual Comudephaat), promotores, arquitetos, um historiador, bem como religiosos e membros frequentadores do templo no período citado, em um total de 17 entrevistas realizadas.

Desde o surgimento de Presidente Prudente, em 14 de setembro de 1917, sentiu-se a necessidade da construção de uma igreja, que fora idealizada e executada posteriormente, em 1918, pelo Coronel Francisco de Paula Goulart, um dos responsáveis pelo povoamento da cidade (ABREU, 1972, p.47). A pequena Capela era feita de madeira (FIGURA 1) e localizava-se onde hoje é a fonte da Praça 9 de Julho, tendo como primeiro padre José Maria Martinez Sarrion (RESENDE, 2006, p.200).

Figura 1 - Capela São Sebastião, por volta de 1917



Foto: Autor desconhecido. Acervo: Museu de Arquivo Histórico Prefeito Sandoval Netto

Desde a sua chegada, o padre Sarrion notou a importância de construir-se uma igreja maior, a qual foi finalmente terminada em 1950, após anos arrecadando dinheiro em quermesses e doações, além da própria herança do padre, vinda da Espanha (RESENDE, 2006, p.203). A inauguração da Igreja Matriz se deu em 22 de setembro do mesmo ano, sendo ela “[...] uma igreja ampla, de estilo inconfundível, gigantesca para a época” (RESENDE, 2006, p.204). Em 1976, iniciou-se a terceira vacância de bispos na Igreja de São Sebastião, agora Catedral. O responsável era o bispo diocesano Dom Antônio Agostinho Marochi, o qual foi idealizador da reforma que causaria o tombamento do centro religioso (CAVALCANTE; SILVA; SOUZA, 2010, p.290).

Em 1983, um fato mexeu com a comunidade religiosa e seus líderes na Catedral São Sebastião. Um estudo realizado pelo bispo Marochi pretendia reformar a igreja, o que acabaria por descaracterizá-la. O livro Jubileu de Ouro da Diocese de Presidente Prudente (2010) descreve essa passagem da seguinte maneira:

Dom Antônio Agostinho Marochi, depois de estudar todas as possibilidades, resolveu fazer aquele lugar passar por uma profunda adaptação; de boa-fé, apresentou seus projetos ao poder público executivo de Presidente Prudente... Infelizmente, mal entendido pelas autoridades legislativas e executivas, viu seus projetos ruírem com a inoportuna ideia de ‘tombamento’ da Catedral pelos poderes públicos municipais, que instigando alguns segmentos da sociedade, criaram tensões que coibiram a execução dos planos do Prelado. Foram anos de lutas e polêmicas. (CAVALCANTE; SILVA; SOUZA, 2010, p.83).

Segundo Ruth Künzli, que foi membro do Condephaat no período do tombamento, Dom Marochi queria “[...] fechar a parte de trás da igreja e fazer apartamentos, alojamentos para os padres visitantes”² o que acabaria por alterar totalmente o espaço da Catedral e da Praça Monsenhor Sarrion. A reforma pretendida pelo bispo da época descaracterizaria a igreja, fazendo com que perdesse sua essência, assim como mostra a (FIGURA 2). De acordo com o Monsenhor José Antônio de Lima, se a catedral fosse reformada naquele período, não seria necessária a construção da Cúria Diocesana, pois junto com a catedral seria “o centro religioso e administrativo da Diocese”³.

Figura 2 - Vista parcial do projeto apresentado pelo bispo à prefeitura



Fonte: Cavalcante, Silva e Souza (2010, p.83).

De acordo com os antigos membros do Condephaat, Ruth Künzli e Hélio Hirao, foram realizadas uma série de audiências para discutir a questão do tombamento. Já para Jerônimo Gasques, padre à frente da Catedral no período do tombamento, a igreja não possuía estrutura para ser tombada. Segundo ele, com as mudanças propostas pelo bispo, o Condephaat foi levado a “tomar uma decisão estranha, sem diálogos, apenas com uma proposta. Sem comunicar, sem fazer um

² Entrevista concedida por Ruth Künzli, ex-membro do Condephaat no período do tombamento, em 08 abr. 2016, às 16h40.

³ Entrevista concedida pelo Monsenhor José Antônio de Lima, atual administrador da Catedral, 13 abr. 2016, às 16h10.

estudo, nem comunicar a necessidade”⁴, nem averiguando a importância da obra proposta pelo bispo.

A Catedral de São Sebastião foi provisoriamente tombada em 11 de junho de 1983, recebendo seu decreto oficial, de número 5.512/85, no dia 12 de abril de 1985. A cerimônia foi realizada no dia seguinte, pelo então prefeito da época, Virgílio Tiezzi Junior. Em matéria publicada pelo jornal *O Imparcial* intitulada “Cerimônia do tombamento da Catedral Será Amanhã” (FIGURA 3), Virgílio afirmou que o tombamento atenderia “as mais claras lembranças do início da história prudentina, especialmente a memória do saudoso Monsenhor José Maria Martinez Sarrion, primeiro pároco de Prudente e que foi idealizador, orientador e administrador da construção do templo”⁵. Ainda segundo a mesma publicação, Tiezzi justificava que o Condephaat “recebeu moções favoráveis de entidades de classe, sindicatos, municípios, vereadores, bem como manifestações da imprensa escrita e falada”⁶.

Figura 3 - Matéria publicada no jornal *O Imparcial*, do dia 12 de abril de 1985



Fonte: Museu e Arquivo Histórico Prefeito Antônio Sandoval Netto.

⁴ Entrevista concedida por Jerônimo Gasques, padre à frente da Catedral de São Sebastião no período do tombamento, 18 abr. 2016, às 8h30.

⁵ Trecho do discurso retirado do jornal *O Imparcial*, 12 abr. 1985.

⁶ Trecho do discurso retirado do jornal *O Imparcial*, 12 abr. 1985.

Segundo o jornal *O Imparcial*, na matéria “A Catedral está tombada e o Bispo a fecha ‘em protesto’”, do dia 13 de abril de 1985, Tiezzi, durante a cerimônia de tombamento da Catedral, retomou o significado da palavra, já que ela estaria sendo deturpada. De acordo com a matéria, ao discursar, Virgílio afirmou que “tombamento significa conservar da forma como está, manter suas características físicas, seu tamanho, sua cor, seus objetivos, sua arquitetura”. Tombar, portanto, seria um “fato concretamente histórico na vida” da cidade de Prudente⁷.

Segundo Ruth Künzli, o bispo Dom Agostinho Marochi realizou um movimento que reuniu cerca de sete mil assinaturas, “[...] dizendo que as pessoas eram contrárias ao tombamento porque na realidade o que a prefeitura queria era derrubar a catedral. [...]. As pessoas não entendiam do assunto. [...] Ele deturpou o termo tombamento”⁸. Segundo a mesma matéria, o prefeito se colocou à disposição da Mitra Diocesana para que pudessem ser realizadas reformas da pintura, iluminação e telhado da Catedral. Também foi lembrado, durante a cerimônia, do motivo que movimentou a ação de tombamento, que contou com o apoio do Condephaat e outros segmentos da sociedade, por conta das alterações que o bispo Dom Agostinho Marochi queria realizar no espaço que, segundo o jornal, era de criar “algumas dependências estranhas ao culto religioso”⁹. O próprio prefeito na mesma matéria afirmou que a decisão de tombar só foi tomada para impedir a reforma do bispo.

O tombamento causou, segundo Júlio Xavier e Jerônimo Gasques, uma guerra política entre prefeitura e igreja. Discutia-se quem deveria arcar com os custos das reformas necessárias, que estava com problemas no telhado e com infiltrações. Segundo a matéria “Cerimônia do tombamento da Catedral será amanhã”, do jornal *O Imparcial*, ao se tombar o imóvel, não se retira o bem tombado “do uso e administração da Igreja, nem a isenta de realizar as despesas normais de conservação e nem obriga a indenização alguma, salvo se as condições de conservação acarretarem despesas extraordinárias para a Igreja”¹⁰, as quais deveriam ser arcadas pelo Poder Público.

⁷ Trecho do discurso retirado da matéria A Catedral está tombada e Bispo fecha “em protesto”, do jornal *O Imparcial* do dia 13 abr. 1985.

⁸ Entrevista concedida por Ruth Künzli, antigo membro do Condephaat no período do tombamento, 04 abr. 2016, às 16h40.

⁹ Trecho retirado da matéria A Catedral está tombada e Bispo fecha “em protesto”, do jornal *O Imparcial* do dia 13 abr. 1985.

¹⁰ Trecho retirado da matéria Cerimônia do tombamento da Catedral será amanhã, 12 de abr. 1985.

Para o Monsenhor José Antônio de Lima, pároco responsável pela administração da Catedral atualmente, o tombamento resultaria na perda da autonomia da Diocese de Presidente Prudente sobre o centro religioso, pois “não poderia mexer em nada e o Poder Público também não iria ajudar”¹¹. A maior dificuldade da Igreja para lidar com essa situação envolvendo o tombamento seria que, segundo o padre Jerônimo Gasques, a Cúria não poderia realizar nenhuma reforma e se, alguma coisa pudesse ser feita, a Catedral¹² deveria arcar com os gastos.

Muitas inseguranças surgiram no período em questão devido à falta de entendimento do que seria tombamento. Para compreender melhor o que é tombamento, é necessário entender o conceito de patrimônio. Segundo Choay (2001, p.11), patrimônio é:

A expressão que designa um bem destinado ao usufruto de uma comunidade que se ampliou a dimensões planetárias, constituído pela acumulação contínua de uma diversidade de objetos que se congregam por seu passado comum: obras e obras-primas das belas artes e das artes aplicadas, trabalhos e produtos de todos os saberes dos seres humanos.

Neste sentido, para Choay (2001), um patrimônio, seja ele qual for, representa raízes culturais e históricas de determinada época, sendo de enorme relevância para lembrar uma sociedade de sua trajetória, atribuindo sentidos e significados. Para Meneses (2006), antes de se familiarizar com o termo patrimônio, é necessário interpretá-lo como tal, atribuindo significados que venham a contribuir com a identidade da sociedade:

Interpretar um patrimônio é torná-lo atrativo para outros conhecerem significa, seguramente, considerar três eixos fundamentais de atitude e de interpretação: associar a interpretação ao fazer cotidiano e à vivência da sociedade em questão; harmonizar os serviços oriundos da interpretação à realidade da sociedade que construiu e guardou o patrimônio cultural; não dissociar a interpretação da identidade (MENESES, 2006, p.54).

Para o historiador Ronaldo Macedo, patrimônio é “tudo aquilo que nos dá uma informação e tem um valor realmente para compor um contexto histórico. [...]

¹¹ Entrevista concedida pelo Monsenhor José Antônio de Lima, atual administrador da Catedral, 13 abr. 2016, às 16h10.

¹² Entrevista concedida por Jerônimo Gasques, padre à frente da Catedral no período do tombamento, 18 abr. 2016, às 8h30.

patrimônio é documento, seja ele edificado, um papel, um mapa, objeto”¹³. Segundo o promotor da 2ª Promotoria de Justiça de Presidente Prudente, André Luis Felício, a partir do momento em que se reconhece o valor histórico de determinado bem, pode-se iniciar o processo de tombamento. Para que isso aconteça, Felício explica que qualquer pessoa pode apresentar “justificativas, através de fotos antigas, explicando que conhece a história daquele bem”¹⁴. Sobre o processo de tombamento, o promotor explica:

[...] é um ato administrativo através do qual o Poder Público vem proteger características básicas daquele bem. [...] ele pode ser de bens públicos como de bens particulares também. O particular não perde o bem, ele continua sendo o proprietário desse bem, só que com as obrigações da lei, de preservar aquele bem. Quando eu falo preservar, não é deixar intocável. É deixar ele com as características que ele tinha. Se for preciso alguma intervenção para fazer a manutenção dele, pode até ser feita, o que não pode é descaracterizar o bem.

O historiador Ronaldo Macedo complementa que ao tomar-se um bem, deve ser avaliado “quem construiu, para que ele serviu, que importância esse elemento teve na economia ou na vida dessa cidade, nesse caso também procurar testemunhas que sustentem esse argumento”¹⁵, para então entrar nos trâmites legais do processo, chegando por fim no prefeito, que será o responsável por sancionar o decreto de tombamento. Com o tombamento, segundo Macedo, pode-se “fazer adaptações, mas o visual tem que permanecer para que assim a comunidade saiba como ele é”¹⁶. Em caso de patrimônio público, o historiador explica que nenhuma alteração que desconfigure a função daquele bem no passado pode ser realizada, pois o importante é a não adulteração do patrimônio.

Para Hélio Hirao, antigo membro do Condephaat, o tombamento é um instrumento que cria algumas medidas prejudiciais ao dono do imóvel, mas que, mesmo assim, preserva a história da cidade. Ainda assim, “tombamento não quer dizer congelamento. Você tem que adequar o bem à vida contemporânea”¹⁷. Josué Pantaleão, atual presidente do Comudephaat confirma o pensamento de Hirao. Segundo ele, a essência do local não pode ser alterada, já “o resto ele pode mudar, por exemplo, encanamento, arquiteto, aproveitar uma parte arquitetônica, só não

¹³ Entrevista concedida por Ronaldo Macedo, historiador, 09 abr. 2016, às 15h.

¹⁴ Entrevista concedida por André Luis Felício, promotor de Justiça, 19 abr. 2016, às 15h.

¹⁵ Entrevista concedida por Ronaldo Macedo, historiador, 09 abr. 2016, às 15h.

¹⁶ Entrevista concedida por Ronaldo Macedo, historiador, 09 abr. 2016, às 15h.

¹⁷ Entrevista concedida por Hélio Hirao, antigo membro do Condephaat, 08 abr. 2016.

pode mudar as características e quebrar paredes, mas pode ser feito um adequamento”¹⁸.

A falta de conhecimento sobre o tombamento causou alguns equívocos na comunidade. A maioria dos entrevistados afirma, assim como os líderes religiosos, que, ao tombar a catedral, cabia à Prefeitura arcar com as reformas necessárias. Segundo Júlio Ângelo Xavier, frequentador da catedral no período e atual ministro da Eucaristia, o Poder Público queria tombar, mas não tinham como manter a catedral¹⁹. Sobre o fato ele disse:

Desde que tombasse, a prefeitura era responsável por todo o processo de reforma, só que eles queriam tombar, mas não queriam assumir a responsabilidade. Então, a comunidade tinha que assumir, nós ficamos num grande impasse. Aconteceu que chegou certa época, o Condephaat que administrava toda essa parte, não tomou partido. [...] por fim, ficou para o bispo assumir as condições de reparo, e a prefeitura acabou não assumindo essa parte.²⁰

O querer de que a Prefeitura tomasse conta dos gastos das reformas por parte dos líderes religiosos e comunidade se refletiu em uma carta enviada pelo vigário geral da Diocese de Presidente Prudente na época, padre Miguel Valdrighi. A carta, escrita em nove de maio de 1985, foi publicada no dia seguinte, na íntegra, no jornal *O Imparcial*. Ela era dirigida a então presidente do Condephaat, Lúcia Maria Gomes Correa Ferri, tendo como assunto o tombamento da catedral. Na carta, o vigário demonstra toda a sua preocupação com a posição da Prefeitura Municipal em relação à preservação do centro religioso. Segundo ele, “os consertos mais urgentes foram negligenciados”²¹ pelo Poder Público. Ainda segundo o documento (FIGURA 4), o padre afirma que a Cúria Diocesana lamentava que justo no ano do Jubileu de Prata da Implantação da Diocese na cidade, a Catedral estivesse “tão desfigurada e negligenciada pela prefeitura, que desde o tombamento provisório – a 11 de junho de 1983 – nada fez para sua preservação”.

¹⁸ Entrevista concedida por Josué Pantaleão, presidente do Comudephaat, no dia 14 abr. 2016, às 15h.

¹⁹ Entrevista concedida por Júlio Ângelo Xavier, atual ministro da eucaristia da Catedral São Sebastião, em 28 abr. 2016, às 10h.

²⁰ Entrevista concedida por Júlio Ângelo Xavier, atual ministro da eucaristia da Catedral São Sebastião, em 28 abr. 2016, às 10h.

²¹ Trecho da carta escrita pelo vigário da Diocese de Presidente Prudente, Miguel Valdrighi, publicada no dia 10 maio 1985, no Jornal *O Imparcial*.

Figura 4 - Carta enviada pelo vigário Miguel Valdrighi, publicada em *O Imparcial*, 10 maio 1985



Fonte: Museu e Arquivo Histórico Prefeito Antônio Sandoval Netto

No dia seguinte, em 11 de maio de 1985, a prefeitura respondeu a Cúria em matéria no jornal *O Imparcial* intitulada "Prefeitura responde às acusações da Cúria" (FIGURA 5), na qual o prefeito rebatia a carta enviada por Miguel Valdrighi. O então prefeito Virgílio Tiezzi afirmou que o bispo "eximiu-se da responsabilidade"²² de arcar com os custos das reformas, o que "não queria dizer necessariamente que a Igreja não disponha de recursos"²³. A igreja, portanto, segundo a resposta do prefeito, deveria enviar uma carta de notificação oficial, afirmando que não possuía verba para as reformas, podendo assim o Poder Público cumprir seu papel, o que causou ainda mais polêmicas.

²² Matéria intitulada Prefeitura responde às acusações da Cúria, publicada no Jornal *O Imparcial* de 10 de maio de 1985.

²³ Matéria intitulada Prefeitura responde às acusações da Cúria, publicada no Jornal *O Imparcial* de 10 de maio de 1985.

Figura 5 - “Prefeitura responde às acusações da Cúria”, em O Imparcial, 11 maio 1985



Fonte: Museu e Arquivo Histórico Prefeito Antônio Sandoval Netto

Com o tombamento, o bispo Dom Agostinho Marochi decidiu não realizar nenhuma reforma na Catedral, já que, para tal, ele deveria pedir primeiro a autorização do Condephaat²⁴. Segundo o historiador Ronaldo Macedo, o bispo afirmou que quem manteria a Catedral seria o Poder Público e, por isso, "muitas vezes ela ficava suja, porque na verdade ele queria que ela fosse destombada"²⁵. Para a maioria dos entrevistados da comunidade da igreja, o memorável eram as goteiras e problemas no telhado. Com a impossibilidade de se realizar a reforma, as opiniões dos fiéis ficaram divididas. Para Zoraide Favaretto, aposentada, as goteiras atrapalhavam tanto "a ponto de ter que afastar banco e colocar balde na hora da missa porque chovia e 'bicava' água para dentro da igreja e vários pontos"²⁶. Para Júlio Ângelo Xavier, os problemas eram tão grandes que "não tinha mais condições de se participar de uma missa, na época de uma chuva, pois inundava tudo a igreja, o teto já não suportava mais"²⁷.

²⁴ Matéria intitulada Cerimônia do tombamento será amanhã, publicada no Jornal O Imparcial de 12 de abr. de 1985.

²⁵ Entrevista concedida por Ronaldo Macedo, historiador, 09 abr. 2016, às 15h.

²⁶ Entrevista concedida por Zoraide Favaretto, aposentada e frequentadora da Catedral São Sebastião, 29 abr. 2016, às 16h.

²⁷ Entrevista concedida por Júlio Ângelo Xavier, ministro da eucaristia da Catedral São Sebastião, no dia 28 abr. 2016, às 10h.

As matérias sobre o “cabo de guerra” travado entre Prefeitura e líderes religiosos estamparam as capas dos jornais durante o ano de 1985. Em uma matéria publicada no dia 20 de setembro de 1985, intitulada “Prefeito questiona bispo sobre reforma da Catedral” (FIGURA 6), *O Imparcial* trouxe a notícia de que o vereador Flávio Alberto Cezário apresentou um requerimento na câmara que trazia à tona a discussão. Segundo a matéria, o vereador afirmava que a catedral havia sido esquecida pelo Poder Público desde seu decreto de tombamento, evidenciando a impossibilidade da igreja de não arcar com os custos das reformas. O prefeito Vírgilio Tiezzi Junior, por sua vez, respondeu de maneira a acuar as autoridades religiosas. Segundo sua declaração no jornal, o centro religioso foi tombado por conta da reforma prevista pelo bispo, na qual ele queria construir “um prédio duas vezes maior que o da igreja”²⁸. Na mesma matéria, ele afirmou que o bispo teria que provar não ter recursos para reformar a catedral, só assim a prefeitura arcaria com os custos da reforma. O prefeito ainda questionou a construção de sua nova moradia do bispo, e também onde se encontrava o dinheiro do loteamento João Paulo II, terreno doado pela comunidade. O prefeito questionava também os posicionamentos do bispo, que eram tidos como estranho, uma vez que dois grupos da comunidade haviam se oferecido para realizar campanha popular a fim de angariar fundos para a reforma da catedral, mas foram vetados pelo bispo, que proibiu tais iniciativas.

²⁸ Trecho da fala do prefeito Virgílio Tiezzi Junior na matéria Prefeito questiona bispo sobre reforma da Catedral, publicada no dia 20 de set. de 1985 pelo jornal O Imparcial.

Figura 6 - “Prefeito questiona bispo sobre reforma da Catedral”, em *O Imparcial*, 20 setembro 1985



Fonte: Museu e Arquivo Histórico Prefeito Antônio Sandoval Netto

As discussões acerca da Catedral São Sebastião e de quem deveria arcar com seus custos de reforma duraram até o ano seguinte, 1986, quando prefeitura formulou um projeto e guardou recursos para a reforma no local. A matéria publicada no dia 25 de março de 1986, intitulada “Reformas na Catedral já têm projeto e recursos”, pelo jornal *O Imparcial*, traz a notícia de que “a responsabilidade de recuperar a Catedral, sem alterar-lhe as características arquitetônicas cabem agora ao poder público municipal”²⁹. Ainda segundo a matéria, seriam necessárias as seguintes reformas:

A parede que segue atrás do altar, por exemplo, deverá receber um reforço em sua base. Em várias partes do templo há rachaduras extensas, por onde vasam as águas das chuvas. Os vitrais artísticos estão incompletos e deverão ser recuperados, provavelmente pelo artista plástico José Botosso [...]. A própria torre da Catedral tem problemas e todo o telhado deverá ser substituído. [...] É muito provável que para executá-las a Catedral seja, interdita temporariamente aos ofícios religiosos.”³⁰

As reformas se iniciaram, segundo o jornal *O Imparcial*, em matéria intitulada “Lentamente a Catedral vai sendo restaurada”, publicada no dia 17 de julho

²⁹ Trecho da matéria Reformas na Catedral já têm projetos e recursos, publicada pelo jornal *O Imparcial* no dia 25 de mar. de 1986.

³⁰ Trecho da matéria Reformas na Catedral já têm projeto e recursos, publicada no dia 25 de mar. de 1986, pelo jornal *O Imparcial*.

de 1986, no dia 8 de julho. A Companhia Prudentina de Desenvolvimento (Prudenco), responsável pela limpeza pública e serviços municipais, estava trabalhando na primeira etapa da obra de restauração, que previa “a troca do maderame do telhado e suas telhas, pintura externa e interna, e ainda a troca dos condutores de águas pluviais”³¹. Algumas missas, portanto, segundo a mesma matéria, deveriam ser realizadas no Salão Paroquial. Segundo Júlio Ângelo Xavier, atual ministro da eucaristia da Catedral, o espaço era bem menor e possuía “[...] dois por dois metros quadrados para 30 pessoas, era bem precário [...] Tinha dia que você chegava lá e ele estava em reforma, então tinha muita poeira, pedra, areia. Mas nós entrávamos daquele jeito e fazíamos nossas reuniões”³².

Em matéria publicada no dia 7 de outubro de 1986 pelo jornal *O Imparcial*, intitulada “Obras na Catedral continuam”, a primeira fase da reforma da catedral estaria concluída ao final daquele mês. A próxima fase seria cuidar da parte interna, que incluía “revisão geral das instalações elétricas, pintura e reforma da torre”³³. Ainda segundo a mesma matéria, havia questões de atraso na mão-de-obra e materiais para realizá-la, não tendo o prefeito Tiezzi nenhuma previsão de quando essa seria finalizada.

A situação da Catedral São Sebastião mudou quando, em 1993, um novo prefeito tomou posse, Agripino de Oliveira Lima Filho. Surgem então os rumores de que a catedral seria destombada. Na matéria “Cidadania contrária ao destombamento”, publicada pelo jornal *O Imparcial* no dia 12 de janeiro de 1993, a Associação de Defesa dos Cidadãos (Cidadania) divulgou uma nota na qual afirmava estar “pronta para utilizar-se de todos os instrumentos jurídicos cabíveis com o objetivo de evitar que descaracterizem o conjunto arquitetônico formado pela Catedral de São Sebastião e a Praça Monsenhor Sarrion”.

No dia 17 de janeiro de 1993, o jornal *O Imparcial* publicou, em seu editorial intitulado “O que há por trás do destombamento”, as consequências que tal ato traria para o já reconhecido patrimônio histórico, a Catedral São Sebastião. Lá, é descrito o conceito da professora Maria de Lourdes Ferreira Lins, uma das principais idealizadoras do processo de tombamento, no qual ela diz que tal ato seria uma

³¹ Trecho da matéria Lentamente a Catedral vai sendo restaurada, publicada no dia 17 de jul. de 1986, pelo jornal *O Imparcial*.

³² Entrevista concedida por Júlio Ângelo Xavier, frequentador da catedral na época e atual ministro da eucaristia, no dia 14 abr. 2016, às 10h30.

³³ Trecho da matéria Obras na Catedral continuam, publicada no dia 7 de out. de 1986, pelo jornal *O Imparcial*.

“aberração”. O editorial (FIGURA 7) chama os leitores a se manifestarem a favor ou contra o projeto do bispo Dom Agostinho Marochi e do destombamento, lembrando a população de que “se executado [...] não só vai mudar o ‘layout’ da Igreja como ocupará a maior parte da Praça Monsenhor Sarrion, também tombada, como decorrência da preservação de sua concepção arquitetônica”³⁴.

Figura 7 - Editorial, em O Imparcial, 17 janeiro 1993



Fonte: Museu e Arquivo Histórico Prefeito Antônio Sandoval Netto

Durante o ano de 1993, várias matérias estamparam o jornal *O Imparcial* acerca deste assunto, em especial versando sobre a indignação dos membros do Condephaat com a possibilidade de destombamento da catedral. Na matéria de 10 de fevereiro de 1993, intitulada “‘Destombamento’ da Catedral é reprovado por maioria na câmara”, o jornal *O Imparcial* apresenta a posição de sete vereadores sobre o caso. Segundo consta na matéria, onze vereadores anularam o projeto proposto pelo prefeito Agripino de Oliveira de cancelar os decretos que tombavam a Catedral e a Praça Monsenhor Sarrion. Apenas quatro vereadores

³⁴ Trecho do editorial O que já por trás do destombamento, publicado na edição do dia 17 de jun. de 1993, do jornal *O Imparcial*.

foram a favor e três apoiaram o destombamento, desde que não descaracterizassem a arquitetura da Catedral³⁵.

No editorial do mesmo dia, *O Imparcial* afirmou que a câmara estava cumprindo o “papal de defensora do patrimônio histórico”, alegando que as reformas pretendidas pelo bispo diocesano acabariam por mutilar o centro religioso. Ainda segundo o editorial, as reformas requeridas não tinham nada a ver com modelo arquitetônico da Catedral e resultariam ainda no fechamento da Praça Monsenhor Sarrion. Ser favorável ao tombamento, segundo o texto, seria uma traição às tradições prudentinas, contra os que fundaram a cidade e o sentimento de unidade dessa comunidade (FIGURA 8).

Figura 8 - Editorial, em *O Imparcial*, 10 fevereiro 1993



Fonte: Museu e Arquivo Histórico Prefeito Antônio Sandoval Netto

Em 19 de fevereiro de 1993, o jornal *O Imparcial* trazia sua matéria “Prefeito apresenta projeto de ‘destombamento’ da Catedral”, a qual versava sobre o projeto de Agripino Lima para revogar o decreto que tombou a Catedral. Como

³⁵ Matéria intitulada “Destombamento” da Catedral é reprovado por maioria na Câmara, do dia 10 de fev. de 1993, no jornal *O Imparcial*.

justificativa, Agripino alegou “ilegitimidade dos processos de tombamento”³⁶, de não terem sido oficializados mediante registro no Livro do Tombo, além de criticar o Condephaat pela não determinação das obras de restauração da Catedral. As discussões sobre o destombamento da Catedral persistiram até outubro de 1993, quando no dia 15, em primeira discussão e por maioria dos votos, 14 contra 3, a igreja foi destombada, sendo a Cúria Diocesana a responsável pela restauração do bem. A Cidadania foi à justiça contra o destombamento (FIGURA 9), que ocorreu no dia 18 de outubro.

Figura 9 - Matéria sobre destombamento e posição da Cidadania, em O Imparcial, 15 outubro 1993



Fonte: Museu e Arquivo Histórico Prefeito Antônio Sandoval Netto

O destombamento gerou repercussões que refletem até nos dias de hoje. Segundo o promotor de Justiça José Roberto Fernandes Castilho, o destombamento não foi uma medida natural, pois ele “só existe quando o bem perde

³⁶ Trecho da matéria “Prefeito apresenta projeto de ‘destombamento’ da Catedral”, do dia 19 de fev. de 1993, publicada no jornal O Imparcial.

as suas características”³⁷. De acordo com ele, o ocorrido foi que “a prefeitura queria fazer intervenções na praça e a Mitra queria se apropriar da mesma, mas, com o tombamento, eles não conseguiram fazer isso. [...] O destombamento foi necessário para a privatização da praça”³⁸. Já para o promotor de Justiça André Luis Felício, o destombamento é uma “aberração jurídica”³⁹, nunca vista em seus 25 anos de profissão no Ministério Público. Segundo ele, a Catedral foi tombada “através de um ato arbitrário, o então prefeito a destombou para satisfazer interesses pessoais dele e do bispo”⁴⁰. Segundo Castilho, o destombamento pode ser feito quando com “um efeito da natureza, aquele bem venha a ser descaracterizado, por exemplo, um raio que cai e destrói um prédio”. De acordo com Ruth Künzli, a Catedral foi destombada e o Condephaat não deu nenhum parecer, por estar inativo, não sendo nem consultado pela Câmara de Vereadores e pelo prefeito. Segundo ela, o órgão possui um “erro de base em sua constituição, que é: o prefeito dá a última palavra”⁴¹.

Segundo o Monsenhor José Antônio de Lima, pároco responsável pela administração da Catedral, tudo era uma “questão política”⁴². De acordo com o Monsenhor, a Catedral foi tombada porque:

Uma administração optou pelo tombamento da Catedral, e através de decreto, ela foi tombada. O tempo passou, a política mudou, veio um outro administrador, um outro prefeito, que era amigo do bispo. E ele, simplesmente, fez um decreto revogando o decreto anterior de tombamento. E hoje não há porque pensar em questão de tombamento [...] Por que tomar? Não tem por que tomar. A prefeitura não vai ajudar, vocês não vão ajudar, ninguém vai ajudar. Vai sobrar para nós? Um monte de restrições que não pode, mas o que eu faço para melhorar? Nada.⁴³

Com o destombamento em 1993, a Catedral e a Praça Monsenhor Sarrion passou por uma série de alterações que acabaram por descaracterizá-las. A reforma pretendida pelo bispo Marochi não foi realizada, mas outras obras foram feitas. Segundo o promotor de Justiça José Roberto Fernandes Castilho, “houve

³⁷ Entrevista concedida por José Roberto Fernandes Castilho, promotor de Justiça, no dia 14 abr. 2016, às 16h.

³⁸ Entrevista concedida por José Roberto Fernandes Castilho, promotor de Justiça, no dia 14 abr. 2016, às 16h.

³⁹ Entrevista concedida por André Luis Felício, promotor de Justiça, no dia 19 abr. 2016, às 16h.

⁴⁰ Entrevista concedida por André Luis Felício, promotor de Justiça, no dia 19 abr. 2016, às 16h.

⁴¹ Entrevista concedida por Ruth Künzli, antigo membro do Condephaat, no período do tombamento, no dia 08 abr. 2016, às 16h40.

⁴² Entrevista concedida pelo Monsenhor José Antônio de Lima, atual administrador da Catedral São Sebastião, no dia 13 abr. 2016, às 16h10.

⁴³ Entrevista concedida pelo Monsenhor José Antônio de Lima, atual administrador da Catedral São Sebastião, no dia 13 abr. 2016, às 16h10.

uma tentativa de preservar a Praça Monsenhor Sarrion [...] a praça hoje é um espaço absolutamente morto porque isso foi programado para ser destruído”⁴⁴. Segundo o promotor, o coreto que ficava na praça foi demolido “em 1983 [...] já pensando na instalação de um estacionamento na praça para obter lucros ou para gerar dividendos ou para gerar receitas para a Mitra”⁴⁵. Ainda segundo o promotor, “a prefeitura nunca defendeu a praça e sim sua privatização”⁴⁶. Ele afirma que o “coreto foi destruído na calada da noite para atender a Mitra que queria fazer o estacionamento. As árvores foram derrubadas, árvores frondosas e centenárias foram derrubadas para atender as empresas de ônibus”⁴⁷.

Para Hélio Hirao, antigo membro do Condephaat, “transformar em estacionamento foi um absurdo. [...] um lugar que é para pedestre ser invadido por carros, é um absurdo”⁴⁸. Já Monsenhor José Antônio de Lima, atual administrador da Catedral São Sebastião, defende que o que foi descaracterizado não foi a igreja, mas sim a praça, pois nela atualmente funciona um terminal urbano. Ele afirmou que “a comunidade foi lesada pelo Poder Público [...] Essa propriedade foi usurpada para beneficiar empresas de ônibus”⁴⁹. Segundo ele, a prefeitura adentrou 800m² na propriedade da praça para construir o terminal, como mostra o documento abaixo (FIGURA 9).

⁴⁴ Entrevista concedida por José Roberto Fernandes Castilho, promotor de Justiça, no dia 15 abr. 2016, às 15h.

⁴⁵ Entrevista concedida por José Roberto Fernandes Castilho, promotor de Justiça, no dia 15 abr. 2016, às 15h.

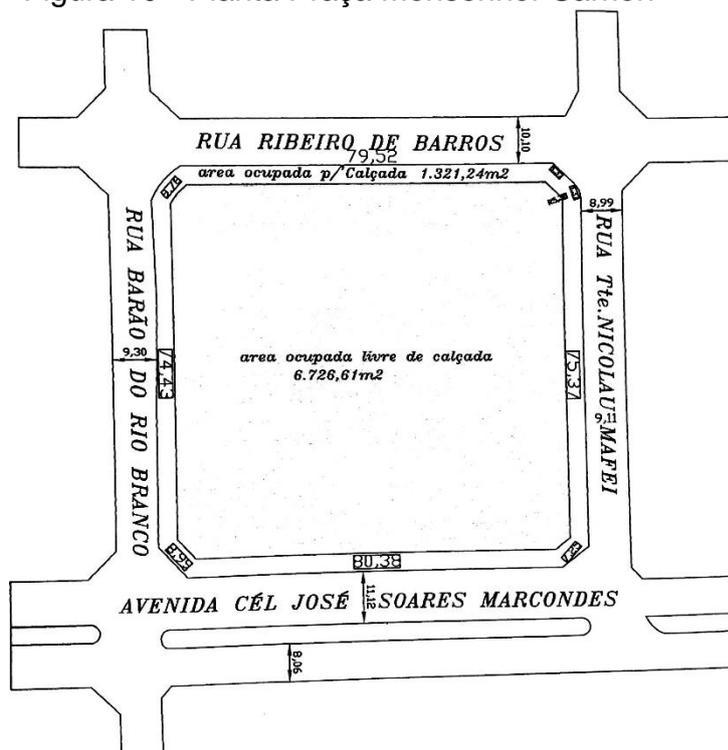
⁴⁶ Entrevista concedida por José Roberto Fernandes Castilho, promotor de Justiça, no dia 15 abr. 2016, às 15h.

⁴⁷ Entrevista concedida por José Roberto Fernandes Castilho, promotor de Justiça, no dia 15 abr. 2016, às 15h.

⁴⁸ Entrevista concedida por Hélio Hirao, antigo membro do Condephaat, no dia 8 abr. 2016, às 15h30.

⁴⁹ Entrevista concedida pelo Monsenhor José Antônio de Lima, atual administrador da catedral, em 13 abr. 2016, às 16h10.

Figura 10 - Planta Praça Monsenhor Sarrion



Fonte: Documento cedido pelo Padre Monsenhor José Antônio de Lima

Já a Catedral, tanto interna quanto externamente, sofreu diversas alterações. O padre Monsenhor José Antônio de Lima afirma que houve a regularização de alvarás, “[...] ar condicionado, [...] revestimento que estava incompleto de madeira, [...] a proteção do templo porque estava constantemente pichado”⁵⁰, além da pintura interna, realizada pelo artista plástico José Botosso, e a pintura externa. Segundo o historiador Ronaldo Macedo, a pintura interna da Catedral é carregada se comparada com a de antigamente, onde o ambiente era todo branco, o que é ‘uma poluição desnecessária’⁵¹.

Para Maria Aparecida Menegasso, aposentada e frequentadora da catedral, as mudanças realizadas na catedral também causaram uma “poluição visual”⁵². Segundo ela, sua posição e a de sua irmã quanto ao tombamento eram contrárias, pois ela queria que a antiga catedral fosse preservada. Ela afirma que houve uma briga entre comunidade e bispo, pois este queria a reforma a todo custo

⁵⁰ Entrevista concedida pelo Monsenhor José Antônio de Lima, atual administrador da Catedral, no dia 13 abr. 2016, às 16h10.

⁵¹ Entrevista concedida por Ronaldo Macedo, historiador, em 09 abr. 2016, às 15h.

⁵² Entrevista concedida por Maria Aparecida Menegasso, aposentada e frequentadora da catedral, em 29 abr. 2016, às 16h.

e a comunidade era contra⁵³. De acordo com sua irmã, Margarida Menegasso Vieira, o bispo queria a reforma e “brigou e fez um inferno. [...] a comunidade inteira era contra, mas ele queria porque queria a vontade dele. [...] ia descaracterizar muito mais. O tombamento foi um alívio”⁵⁴. Para o promotor de Justiça José Roberto Fernandes Castilho, a igreja era internamente branca e agora com a sua pintura, “[...] a memória prudentina foi para o espaço com essas intervenções absurdas que prefeitura permitiu”⁵⁵

Esse aparente descaso com o patrimônio histórico, segundo Hélio Hirao, antigo membro do Condephaat, reflete o “histórico de descaso com o patrimônio público, [...] o interesse econômico sempre acaba falando mais alto”⁵⁶. José Roberto Fernandes Castilho acredita que a cidade “não preserva sua memória, [...] a memória prudentina fica só na cabeça das pessoas porque concretamente não existe órgão nenhum que promova medidas para proteção dos monumentos ou bens culturais prudentinos”⁵⁷. Ele ainda deu outros exemplos de bens históricos prudentinos que foram descaracterizados como o Hotel Municipal, que foi demolido, e a Praça da Bandeira, onde hoje funciona o Camelódromo. Sendo assim, “Presidente Prudente destruiu e destrói o seu passado permanentemente sempre para atender interesses privados”⁵⁸.

Já o Monsenhor José Antônio de Lima defende que, por ser propriedade da Cúria Diocesana, a Praça Monsenhor Sarrion e a Catedral São Sebastião podem ser alteradas da maneira seu proprietário bem entender. Na época da polêmica, segundo ele, a cidade não chegara aos 80 anos⁵⁹. Ele afirma que a conclusão da catedral é de 1950 e com os anos “ela tem que se adequar às novas realidades. [...] não seria descaracterizada em sua totalidade. Seria ocupado os

⁵³ Entrevista concedida por Maria Aparecida Menegasso, aposentada e frequentadora da catedral, em 29 abr. 2016, às 16h.

⁵⁴ Entrevista concedida por Margaria Menegasso Vieira, aposentada e frequentadora da catedral, em 29 abr. 2016, às 17h.

⁵⁵ Entrevista concedida por José Roberto Fernandes Castilho, promotor de Justiça, em 14 abr. 2016, às 16h.

⁵⁶ Entrevista concedida por Hélio Hirao, antigo membro do Condephaat, em 08 abr. 2016, às 15h30.

⁵⁷ Entrevista concedida por José Roberto Fernandes Castilho, promotor de Justiça, em 14 abr. 2016, às 16h.

⁵⁸ Entrevista concedida por José Roberto Fernandes Castilho, promotor de Justiça, em 14 abr. 2016, às 16h.

⁵⁹ Entrevista concedida pelo Monsenhor José Antônio de Lima, atual administrador da catedral, em 13 abr. 2016, às 16h.

espaços que sobram, que estão aí abandonados, para um uso mais adequado para a administração da Diocese”⁶⁰.

Segundo o promotor de Justiça André Luis Felício, por conta da falta de acordo entre a catedral e a prefeitura, o Ministério Público irá “ingressar uma ação judicial para ver [...] todo o processo de tombamento, tanto administrativo quanto judicial, permitindo que o dono do bem se manifeste”⁶¹. Ainda segundo ele, nessa manifestação, a Cúria deverá comprovar a inexistência de valor histórico na catedral. Em nota, a Prefeitura Municipal da cidade informou que “o governo de Presidente Prudente vem mantendo um relacionamento cordial com a Mitra Diocesana, a fim de manter o local como marco zero da cidade e preservando as características que ainda sobraram do mesmo valor histórico”.

⁶⁰ Entrevista concedida pelo Monsenhor José Antônio de Lima, atual administrador da catedral, em 13 abr. 2016, às 16h.

⁶¹ Entrevista concedida por André Luis Felício, promotor de Justiça, no dia 19 abr. 2016, às 15h.

5 TÉCNICAS JORNALÍSTICAS

5.1 Jornalismo segmentado e científico

Este trabalho resulta na elaboração de um suplemento piloto em comemoração ao centenário da cidade de Presidente Prudente que conta os acontecimentos relatados no capítulo anterior sobre o processo de tombamento e destombamento da Catedral São Sebastião. Por este motivo, antes de discutir as técnicas jornalísticas empreendidas na produção do produto em questão, é importante pensar o jornalismo segmentado.

A segmentação favorece diversas áreas e atende aos mais variados públicos, permitindo também assuntos a públicos específicos, sendo uma estratégia nova que vem para oferecer, ao coletivo, informações cada vez mais peculiares. Quando por público, a segmentação tem como objetivo tornar a divisão do conteúdo mais útil, uma vez que “cada jornal, cada revista é uma mercadoria. E tem fisionomia própria [...] ingredientes que determinam a escolha das publicações jornalísticas no nosso mercado editorial”. (MELO, 2006, p.59). Por ser um produto jornalístico, o suplemento é regido pelas regras básicas do jornalismo, necessitando de ter clareza, objetividade e concisão.

O jornalismo como exercício dentro da segmentação, por meio de suplementos e cadernos, aborda também um caráter de *marketing* que visa chamar a atenção do leitor e alavancar pequenas empresas voltadas às instituições jornalísticas. Sobre isso, Hooley (2011, p.167) afirma que:

[...] uma abordagem particularmente útil para o marketing de pequenas empresas [...] Ela ajuda a identificar lacunas no mercado, ou seja, áreas não atendidas ou mal segmentadas, que podem servir como alvos para o desenvolvimento de novos produtos ou para a extensão de produtos ou serviços existentes.

Verifica-se, então, que os jornais têm implantado progressivamente a formulação de *marketing* como ideologia de administração, fazendo disso uma ferramenta para a área jornalística. A relação entre as áreas se dá através da utilização das “pesquisas de marketing para determinar o conteúdo que mais agrada aos leitores” (RUBLECKI, 2009, p.11). É preciso, no entanto, atentar-se ao fato de

que com o surgimento de novas mídias, o jornal impresso acabou perdendo espaço para o rádio, televisão e a revolução digital (NOBLAT, 2010, p.18).

Com essa perda de espaço, os impressos buscaram cada vez mais fidelizar seu leitor, contemplando-o com os mais diversos assuntos, tentando desta maneira atender aos próprios interesses e elaborar novos produtos que tratem de assuntos específicos, como os suplementos, citados anteriormente. A segmentação nos cadernos de jornais impressos tende a estimular a leitura, fazendo com que o leitor interaja com o próprio jornal. Nesse sentido, Meyer (2007, p.71) afirma que “um jornal é uma máquina muito útil para recuperar informações, pois você interage com ele virando as páginas para encontrar um produto específico”. Analisando tal raciocínio, entende-se que o jornal impresso tem uma ligação direta com o leitor, que, ao folhear as páginas, pode ser surpreendido com um produto específico. No caso, o suplemento, que virá carregado de informações novas e, com um assunto particular, torna-se outro canal de comunicação. Traquina (2005, p.127), evidencia a importância dos jornais e, seu devido alcance, de conseguir através dos fatos desempenhar sua função, que é informar.

Como já citado, para a presente pesquisa, foi produzido como peça prática um suplemento piloto, para possível divulgação, que tem como tema central o centenário de Presidente Prudente. O suplemento tem como objetivo abranger temas e assuntos relacionados com a cidade, para que assim possam surgir próximas edições. Nesta primeira edição, foi tratado o tombamento e o destombamento da histórica Catedral São Sebastião. O grupo acredita que o suplemento impresso é uma forma de eternizar o assunto proposto, uma vez que também irá passar pelas mãos de parte da população, principalmente a comunidade que teve uma contribuição ímpar para a construção da história da igreja. Para isso, o grupo baseou-se no pensamento de Dines (2009, p.98). Para ele, “o jornal o mais legítimo e duradouro veículo impresso depois do livro – condicionou o ser humano contemporâneo a um processo de saber. E ele não vai abrir mão de suas vantagens”.

Para Tavares (2007), com os cenários sociais e culturais de hoje, pode-se dizer que a busca por essas informações aumentou, o que levanta o questionamento: o público se torna especializado por buscar assuntos exclusivos ou o jornalismo direciona o material para o leitor? Os meios comunicacionais periodistas tratam de diversos assuntos diariamente, dentre eles estão a política, esportes,

economia, saúde, cotidiano etc. Enquanto isso, especialistas nessas áreas buscam aprofundar as informações, de maneira a verticalizar a temática até que possa oferecer ao leitor pontos ainda não discutidos nos noticiários. Tavares (2007) evidencia que o jornalismo especializado se aproxima da “Teoria da Tematização”:

Apesar de não referir-se ao jornalismo especializado propriamente dito, tal teoria reflete sobre uma nova ideia de opinião pública (e de público), observando que essa última é resultado não de consensos no interior da sociedade, mas de uma seleção contingente e orientada pelo jornalismo de temas que busquem atender ou solucionar os muitos interesses – diferentes e divergentes – dos vários grupos sociais da sociedade contemporânea. Nessa ótica, os conteúdos apresentados ganham relevância de acordo com a complexidade dos processos que envolvem a vida social. (TAVARES, 2007, p.13).

Portanto, o processo de segmentar o público é uma necessidade da sociedade contemporânea, pois o jornalista especializado busca encontrar uma forma de preencher as lacunas que essas pessoas querem encontrar ou pretendem conhecer. Para Tavares (2007, p.11), “no jornalismo dito especializado e na relação que este assume com a sociedade – o que implica o tipo de produção jornalística aí envolvida – o dispositivo revista possui destaque”, uma vez que esta cria um vínculo entre o leitor e o tema, dado que possui a fala direta e linguagem intimista (chama o leitor de “você”). Desde as primeiras publicações, as revistas buscam fazer algo além dos jornais impressos⁶².

Por outro lado, de acordo com Abiahy (2005, p. 1-2), o jornalismo especializado atende “as estratégicas das empresas de comunicação, mas também democratiza a escolha do público. É então, um jogo que substitui a massificação pela personalização”. Nesse jogo fica o jornalista, que intermedeia a ligação desse leitor individualizado com o assunto específico. É de interesse notar que o profissional sai do campo de generalista para se tornar um perito na área de atuação. O Manual da Folha de S. Paulo (2005, p.30), considera que o repórter deve ter “nítido o seu objeto [...] e tem de refletir sobre a relevância de sua análise para a vida pública e para o interesse do leitor”. De acordo com Scalzo (2011, p.49), as segmentações atendem diversos leitores. Ela classifica o público entre homem e mulher, por idade, geografia e por tema. Portanto, existe um universo imensurável nessa vertente. Com isso, a autora menciona que existe a “segmentação da

⁶² O trabalho não se debruçará sobre esta questão, pois não se trata de um projeto sobre revista especializada.

segmentação”. Partindo dessa informação, um exemplo é uma revista que atende ao público infantil e também contempla os “pais dessas crianças”.

Então, de que forma o discurso do especialista forma a opinião na tematização? Para atingir ao leitor, o texto é concebido de maneira a atraí-lo, com base em seu interesse pela informação que está sendo dada. O texto, portanto, deve ser um diferencial nesse tipo de jornalismo. Sendo assim, “no momento em que se foca um jornalismo propriamente temático e não temas que permeiam as notícias do ‘grande jornalismo’ inaugura-se a busca por uma nova dinâmica de produção de informação e por seus novos sentidos e significados” (TAVARES, 2009, p.13-14).

Sobre o jornalismo diferenciado, na televisão também é incluída nesse contexto. A exemplo disso são os canais de televisão fechados, ou seja, um meio que fideliza o seu público-alvo. Nesse tipo de meio comunicacional, há a disponibilização de vários conteúdos. Os canais restritos têm filmes, documentários, jornalísticos, música etc., com os avanços da tecnologia permitiu a expansão e mais tarde o barateamento ao acesso deste meio. Tais avanços e descobertas da ciência e tecnologias permitiram o surgimento de um tipo de jornalismo, o jornalismo científico, que teve seu desenvolvimento através da própria pesquisa científica, uma das ferramentas de sua atividade. De acordo Oliveira (2010, p.18), a Inglaterra foi o berço da divulgação da ciência e do jornalismo científico, tornando-se mais tarde uma revolução científica, a partir de meados do século XVII. No Brasil, segundo Oliveira (2010, p.33), a ciência teve um salto significativo na década de 1940.

O jornalismo e a ciência partilham de características semelhantes. Ambos estudam, investigam, descobrem e desenvolvem. Por sua vez, Oliveira (2010, p.7) diz que o jornalismo científico faz parte de um desenvolvimento intelectual, mesmo que os profissionais da área não reconheçam contribuição. Ainda segundo a autora, os jornalistas, através de sua formação e de seus interesses pessoais, começaram a escrever sobre ciência no início dos anos de 1980. (OLIVEIRA, 2010, p.7). Oliveira (2010, p.7) destaca que tal passo do jornalismo ao explorar a ciência, despertou um novo universo, ajudando assim “a abrir espaço novo, quase um contraponto ao esgotamento do modelo de jornalismo econômico tal como praticado na década anterior”. Essa relação jornalismo-ciência levanta dois questionamentos, segundo Oliveira: por que jornalismo científico e por que divulgar a ciência? Para ela, a ciência e a tecnologia são imprescindíveis para o

desenvolvimento de um país, abrangendo principalmente a educação e a informação, produtos essenciais. Sobre isso, Oliveira (2010, p.11) afirma:

O que nos importa aqui é tratar da necessidade de as pessoas, o maior número possível delas dentro de uma sociedade, terem acesso a informações científicas. Em particular as que lhe afetam diretamente a vida, que têm efeitos políticos, econômicos e sociais imperceptíveis às pessoas não informadas.

Existem dois lados sobre tais atividades, a ciência e o jornalismo científico, mas deve-se levar em conta o benefício que a fusão de ambas tende a proporcionar. Tal benefício entre ciência e jornalismo é apontado por Oliveira (2010, p.44), que afirma:

O casamento maior da ciência e do jornalismo se realiza quando a primeira, que busca conhecer a realidade por meio do entendimento da natureza das coisas, encontra no segundo fiel tradutor, isto é, o jornalismo que usa a informação científica para interpretar o conhecimento da realidade. É claro que o jornalismo científico requer, no mínimo, além do bom conhecimento de técnicas de redação, considerável familiaridade com os procedimentos de pesquisa científica, conhecimentos de história da ciência, de política científica, atualização constante sobre avanços da ciência e contato permanente com as fontes, a chamada comunidade científica.

Diante do exposto, fica claro que em qualquer atividade jornalística, seja ela ciência, política, econômica e social, é preciso manter constante a atualização de informações, sendo esse o papel fiel do jornalista - informar a sociedade em geral - em contato permanente com as fontes, bem como, se atualizando constantemente do que acontece na realidade em que vive. O jornalismo científico não se limita à cobertura de assuntos específicos, podendo a ciência estar presente em qualquer editorial ou assunto, pois é a partir de seu auxílio que é possível entender os fenômenos sociais. Sobre isso, Oliveira (2010, p.47) ressalta que “a ciência ajuda a entender os fenômenos sociais e a interpretar as causas e consequências dos fatos de interesse jornalísticos.”

Na presente pesquisa, tais instrumentos serão utilizados para compreensão e interpretação do tema proposto. Desta forma, pretende-se conseguir esclarecer melhor os fatos, causas e consequências que o tombamento e destombamento da Catedral São Sebastião trouxeram para os envolvidos direta e indiretamente, tanto membro da igreja quanto a comunidade em geral. Tal atividade também irá auxiliar nas pesquisas em profundidade, uma vez que o jornalismo utiliza

da informação científica para explanar sobre a realidade. Desde o século XIX, até os dias atuais, o esclarecimento da ciência está constantemente em transformação, assim como a área de história não tem uma compreensão exata. “Por isso não é possível oferecer uma definição fechada para esse conceito” (SILVA, 2009, p.182). Porém, a autora afirma que a ciência pode ser compreendida como um processo de investigação para adquirir conhecimento. “[...] com base na observação empírica do meio natural e social, que tem como finalidade fornecer fundamentos que permitam à humanidade de viver mais e melhor no mundo que a cerca” (SILVA, 2009, pg.55). Nesse contexto, vale lembrar que o jornalismo científico estará associado ao fato e acontecimento jornalístico e, nesta pesquisa, pretende, por meio da atividade jornalística, contar a história do tombamento e destombamento, tentando entender o porquê dos fatos.

Entendido o campo do jornalismo especializado e científico, precisa-se compreender as regras e técnicas que norteiam o trabalho do jornalista, a fim de que se alcance seu fim principal: a notícia.

5.2 Técnicas jornalísticas

Para desenvolvimento do trabalho, foi necessário buscar respaldo nas técnicas jornalísticas, para embasamento dos conhecimentos.

5.2.1 Investigação e fonte

O início de um trabalho em qualquer área do jornalismo, seja ele teórico ou prático, tem como processo primordial a pesquisa. Seja em documentos, que são geradores de informações ou até as próprias fontes, é o embasamento que dá credibilidade às histórias, notícias e nas reportagens veiculadas na imprensa. Para Melo (apud ALCÂNTARA, CHAPARRO e GARCIA, 2005, p.11), “durante muito tempo a pesquisa sobre os fenômenos jornalísticos teve caráter eminentemente histórico, [...] ou seja, documentando e interpretando fatos ocorridos no passado, com finalidade de iluminar o presente”. A fim de trazer o passado para o presente, o processo da pesquisa junto às fontes serve para coletar dados, confrontar e fazer o cruzamento das informações para assim ter a certeza da imparcialidade junto ao seu

público. Portanto, Lage (2001, p.133) afirma que o jornalista é um persistente pesquisador, tendo em vista que vive em confronto direto com assessores de imprensa e entrevistados.

Diante do que é posto por Melo (2005) e Lage (2001), o jornalista deve começar a investigar e pesquisar quais as fontes mais adequadas para desenvolver a história que será contada. Para isso, Alcântara, Chaparro e Garcia (2005, p.20), afirmam que:

Fontes são aqueles que têm algo que dizer e informar, os produtores das ações sociais – dos atos e falas noticiáveis. [...] São não só os que querem, mas os que necessitam manifestar... empresas, escolas, igrejas, sindicatos, partidos políticos, grupos culturais, associações de todos os tipos, entidades e pessoas com aptidão; logo, com potencialidade maior ou menor de desorganizar, reorganizar ou explicar o mundo presente das pessoas.

O jornalista é considerado um generalista, por entender que seu papel na sociedade é compreender os fatos presentes e passados para contar uma história. Para isso, a pesquisa demanda, na grande maioria das vezes, esforço de como interpretar o que está a sua frente. Para Lage (2001, p.134), “complicada ou não, a pesquisa é a base do melhor jornalismo”, de modo que além de encontrar dados em documentos, e em muitos casos por exemplo, por não ser um contabilista, na maioria das vezes irá decifrar em planilhas numéricas dados secretos que poderá contribuir na história.

O ato de investigar faz parte do ofício dentro do jornalismo. Geralmente a investigação parte de um palpite, pistas, fatos que originaram inquietações etc. Os aspectos da investigação geralmente estão ligados a assuntos que rendem boas histórias. Contudo, Lage (2001, p.139) entrelaça a este tipo específico, “fatos que merecem esforço e horas de averiguação”, tendo em vista que assuntos como miséria, injustiças, crimes civis e políticos, os seus produtores jamais querem que sejam lançados aos olhos da sociedade. Dessa forma, o conteúdo que será a fonte primordial da história verdadeira, demandará então boa parte do tempo. As informações obtidas através da investigação jornalística jamais caberão numa página de jornal. Um exemplo disso é o livro *Rota 66*, do autor Caco Barcelos (1992), que apurou documentos oficiais por cinco anos, tornou público e denunciou ações irregulares por meio de livro contando a história da polícia militar que matava pessoas inocentes. Assim, Lage (2001, p.139) considera que “o resultado do

trabalho é a produção de textos extensos que não cabem em veículos jornalísticos convencionais”. As histórias contadas através de reportagens têm a seguinte definição pelo Manual da Folha de São Paulo (2013, p.24):

Reportagens têm por objetivo transmitir ao leitor, de maneira ágil, informações novas, objetivas (que possam ser constatadas por terceiros) e precisas sobre fatos, personagens, ideias e produtos irrelevantes. Para tanto, elas se valem de ganchos oriundos da realidade, acrescidos de uma hipótese de trabalho e de investigação jornalística.

Sendo primordial a investigação, uma das peças mais importantes na apuração é o contato com a fonte. Segundo Lage (2001), as fontes fornecem informações do fato, descrevem, contam casos, enfim, é quem liga o jornalista à informação. O jornalismo noticia todos os dias acontecimentos sobre a vida social do homem. A vida cotidiana em sociedade é carregada de assuntos como política, saúde, educação, economia, casos factuais etc., e essas temáticas são carregadas de interesse público. As pessoas sentem a necessidade de saber o que permeia ao redor si, entretanto, não ficam distantes dos acontecimentos, pois são originadores de informação.

A partir dos assuntos de interesse público que permeiam a sociedade, pode-se notar que há uma conexão entre quem fornece informação e quem a recebe. A fonte é o principal abastecedor de dados para o jornalista. Nesse sentido, os veículos de comunicação atribuem algumas definições sobre o assunto “fonte”. Alcântara, Chaparro e Garcia (2005, p.22) expõe as definições do *Manual da Folha de S. Paulo*, em 1987. O manual estabelece que “a fonte é quem fornece informações ao jornal por iniciativa própria ou por solicitação de um jornalista”. Portanto, é a partir das fontes é que os veículos midiáticos mantêm o leitor atualizado sobre o cotidiano do meio onde vive. O jornalista Lage (2001, p.50) interpreta que as fontes são “instituições ou personagens que testemunham ou participam de eventos de interesse público”.

Vale a pena ressaltar, que o mesmo manual citado, faz algumas avaliações sobre os elementos originadores da notícia, as fontes. Essas preocupações dizem respeito ao jornalista tornar-se “submisso” ou “desfrutar de sua intimidade” (ALCANTARA, CHAPARRO, GARCIA, 2005, p.22), ou seja, colocar em risco as questões éticas e morais. A evidência apresentada quer dizer que o jornalista tem o dever de tomar todos os cuidados, de entender os proveitos que as

fontes terão sobre a reportagem. Nesse sentido, Lage (2001, p.59) salienta a pretensão de cada pessoa envolvida com o assunto.

Vendedores, pregadores e militantes políticos são treinados para estar convencidos daquilo que dizem e, portanto, para se mostrarem convincentes. Advogados e gestores de organizações desenvolvem complicados raciocínios, muitas vezes falaciosos, para mostrar que estão certos; funcionários repetem esses discursos, que ouviram de seus superiores ou leram em documentos internos, não se sentindo obrigados a avaliar a veracidade. Ao relatar um fato policial, testemunhas provavelmente destacarão os detalhes que estão de acordo com a sua crença sobre as razões do acontecimento e omitirão os que contrariam essa crença; pedestres tendem a exagerar quando falam da velocidade de automóveis envolvidos em acidentes, porque a alta velocidade é pressuposto comum dos delitos de trânsito; pessoas espancadas podem sinceramente seus agressores mais altos e fortes do que eram na realidade.

Partindo dessas reflexões, os produtores de matéria-prima para os jornalistas, em determinado momento, dependendo da sua posição, podem usufruir da proximidade para ter proveito das situações que sejam favoráveis à sua causa. Deste ponto de vista, é relevante salientar que o *Manual da Folha de S. Paulo* de 2001, gradua a fonte por relevância dentro de uma notícia. O Manual hierarquiza o verbete “classificação das fontes” da seguinte forma:

Fonte tipo zero – [...] enciclopédias renomadas, documentos emitidos por instituições com credibilidade, videoteipes. Em geral, a fonte de tipo zero prescinde de cruzamento. [...] Fonte tipo um – É a mais confiável nos casos em que a fonte é uma pessoa. A fonte de tipo um tem histórico de confiabilidade [...] Embora o cruzamento de informações seja sempre recomendável, a Folha admite que informações vindas de uma fonte tipo um sejam publicadas sem checagem com outra fonte. Fonte tipo dois – tem todos os atributos da fonte tipo um, menos o histórico de confiabilidade. Toda informação de fonte dois deve ser cruzada com pelo menos mais uma fonte (do tipo um ou dois) antes de publicada. Fonte tipo três – A de menor confiabilidade. É bem informada, mas tem interesses (políticos, econômicos etc.) que tornam suas informações nitidamente menos confiáveis. [...].

As fontes tipo zero foram de grande importância, uma vez que o trabalho se caracteriza como pesquisa. Através da Prefeitura Municipal de Presidente Prudente, da Catedral São Sebastião, do Museu e Arquivo Histórico Prefeito Antônio Sandoval Netto e do livro feito em homenagem ao Jubileu de Ouro da igreja, o grupo conseguiu documentos como: o decreto de tombamento e destombamento da Catedral São Sebastião, o jornal que acompanhava o caso na época estudada (*O Imparcial*), informações do livro Jubileu de Ouro da Diocese de

Presidente Prudente, no qual são relatados fatos do tombamento e destombamento da igreja. Depois de averiguado esses documentos, foi necessário cruzar o material levantado com as leituras feitas sobre o fato estudado.

As fontes tipo um foram as pessoas chaves do trabalho, que estiveram diretamente ligadas ao tema estudado, como os religiosos envolvidos diretamente com a Cúria Diocesana e os membros do Condephaat no período do tombamento do centro religioso. Essas fontes foram fundamentais para relatar as histórias que cercavam a igreja e o Poder Público, com também explicar decisões tomadas na época. Já as fontes do tipo dois são a comunidade em geral, que relataram fatos particulares e suas convicções sobre o acontecimento do tombamento e destombamento da igreja. Como foram ouvidos os dois lados da história, o grupo encontrou muitas contradições nas informações, cabendo às matérias da época confrontar e sanar as dúvidas sobre os fatos relatados. Por fim, as fontes do tipo três foram seriam dois possíveis entrevistados, Agripino de Oliveira Filho e Dom Agostinho Marochi, responsáveis pelo destombamento, segundo o Poder Público – o Memorial descritivo trata com detalhes da realização dessas entrevistas.

Ainda há de se tratar sobre o anonimato de quem fornece matéria prima ao jornalismo. É importante ressaltar que nessa relação de fonte e jornalista, determinadas reportagens necessitam de sigilo. Essa privacidade atribui fidelidade entre um e outro. Na Constituição do Brasil de 1988 em seu art. 5º, inciso XIV, assegura o direito ao “acesso à informação” e concede o “sigilo da fonte” quando refere-se ao “exercício profissional”. Em geral, o sigilo é usado em casos que irão comprometer a vida desse indivíduo. Reportagens de grande repercussão, independente do interesse público, asseguram o anonimato da fonte. Cabe então ao jornalista saber quando deve fazer uso desse mecanismo. Isso garante então uma lealdade entre eles. Este tipo de fonte não se aplica ao trabalho em questão.

5.2.3 Pauta

Dentro da atividade jornalística, a pauta é considerada a base, a sustentação que irá nortear os profissionais da área no desenvolvimento de seu trabalho. Segundo Jorge (2008, p.39), a pauta é o roteiro de uma reportagem ou edição, a qual surge para clarear os ambientes jornalísticos. Sobre a pauta, o autor afirma que “[...] surgiu do processo de transformação dos jornais em empresas. Nas

redações, a pauta é instrumento de organização interna, que veio colocar ordem no caos que eram os jornais do século XIX”.

De acordo Jorge (2008, p.39), a existência da pauta no Brasil aperfeiçoou assuntos relacionados à área do jornalismo, organizando e esquematizando um roteiro a ser seguido. Desta forma, a pauta serve para direcionar o repórter a seguir um planejamento estruturado, estabelecendo padrões na produção de conteúdo e do funcionamento das empresas. Jorge (2008, p.41), define a pauta como “documento” que orienta os repórteres, tamanha a sua importância, trazendo uma “seleção de assuntos e agenda”, que irá dar um norte na hora de executá-la. Segundo Lage (2001), a pauta surgiu bem estruturada e completa nos diários brasileiros no início da década de 1960, especificamente no *Jornal do Brasil*, sendo publicada como um serviço ao leitor durante algumas semanas. A publicação foi interrompida logo, devida a sua importância e contribuição que trouxe aos trabalhos jornalísticos. Lage (2001, p.32) afirma que a publicação cessou por dois motivos “[...] um oficial e outro verdadeiro: (a) ajudava o trabalho dos jornais concorrentes e (b) ao expressar o ponto de vista da chefia de reportagem, continha comentários irreverentes”. Sobre a modernização do jornalismo brasileiro que se generalizou ao longo de dez anos, Lage (2001, p.32) afirma que “a partir de São Paulo, na década de 1970, a pauta foi introduzida por toda parte, junto com técnicas de redação, a programação gráfica das páginas e os procedimentos gerenciais que caracterizam a imprensa industrial moderna”.

Lage (2001, p.34) ainda ressalta que a importância da pauta se dá de duas maneiras distintas:

- a) Ao planejamento de uma edição ou parte da edição (nas redações estruturadas por editoriais – de cidade, política, economia etc.), com a listagem dos fatos a serem cobertos no noticiário e dos assuntos a serem abordados em reportagens, além de eventuais indicações logísticas e técnicas; ângulo de interesse, dimensão pretendida da matéria, recursos disponíveis para o trabalho, sugestões de fontes etc.
- b) A cada um dos itens desse planejamento, quando atribuído a um repórter. Ele dirá “a minha pauta”, quer a tenha recebido como tarefa, quer a tenha proposto (o que é comum, particularmente com *free lancers*).

Para que tenha êxito, a pauta depende exclusivamente de quem a executa, ou seja, o repórter. De acordo com Lage (2001, p.35), o trabalho do repórter não se limita ao cumprimento da pauta e elaboração do texto, mas também do uso da criatividade e de um lampejo de ideias “[...] a partir dos dados e

indicações contidos na pauta, a busca pelo ângulo (às vezes apenas sugerido ou nem isso) que permita revelar uma realidade, a descoberta de aspectos das coisas que poderiam passar despercebidos”.

Jorge (2008, p.42) enfatiza que o trabalho do repórter está em juntar dados para escrever textos informativos, as chamadas matérias. Para isso, “ele vai a campo, ou seja, agenda e faz entrevistas/ acompanha eventos e realiza trabalhos de observação e pesquisa”. Partindo desse pressuposto, entende-se que todo trabalho jornalístico é norteado por uma pauta, que vai além de seguir apenas o que está no papel, mas sim estar envolvido direta e indiretamente com o objeto de estudo, indo a campo, familiarizando-se com tal objeto. Dentre as definições de pautas apresentadas, Lage (2001, p.37), enfatiza que uma boa pauta prevê volume de informação suficiente. Desta forma, evita “quedas de pauta” (quando a pauta não é executada por falta de informação ou problemas de agendamento) e ainda matérias que poderão ser aproveitadas posteriormente. A pauta permite não apenas “[...] acompanhar o desdobramento (ou fazer a suíte) de um evento, mas [...] explorar suas implicações, levantar antecedentes – em suma, investigar e interpretar” (LAGE, 2001, p.39). Dentre as qualidades de uma pauta, ela também exige uma estruturação, que, segundo Lage (2001, p.40), deve conter:

- a) O evento;
- b) Hora e local;
- c) Exigências para cobertura (credenciais, traje, etc.) e contatos para confirmação ou detalhamento da tarefa;
- d) Indicações de recursos e equipamentos (se com fotografia ou sem; condições para captação de imagens etc.);
- e) O que se espera em termos de aproveitamento editorial (tamanho, direção, previsão de destaque ou urgência) e, no caso dos meios de comunicação rádio e televisão, a possibilidade de emissão local, regional ou nacional: a localização dos eventos e até a identificação de algumas pessoas é feita diferentemente se a matéria é dirigida ao público de uma cidade ou se destina a um estado inteiro ou a todo o país.

Diante do que foi exposto, percebe-se que a organização e estrutura de uma pauta são fundamentais, pois isso diminui as chances de erros quando colocada em prática, otimizando o tempo, assuntos, fontes e tudo que estiver pré-listado nela. A pauta é de suma importância na hora de se organizar os roteiros, dando respaldo ao repórter, uma vez que a quantidade de entrevistados é em número elevado. A pauta como observado, proporciona resultados positivos, principalmente no que diz respeito a apurar informações, a buscar um ângulo das

informações que permita revelar a realidade ou até mesmo descobrir fatos que talvez pudessem passar despercebidos. As pautas elaboradas para a execução deste trabalho estão presentes no Apêndice A.

5.2.4 Entrevista

Outra técnica jornalística é a entrevista, principal recurso para se tirar informações e realizar interações sociais. Segundo Medina (2008, p.8), entrevista “é uma técnica social, de interpenetração informativa, quebrando assim isolamentos grupais, individuais, sociais pode também servir à pluralização de vozes e à distribuição democrática de informação”. Já para Jorge (2008, p.113), a entrevista visa conquistar informações que serão utilizadas em produto comercial, no caso, um veículo noticioso “[...] onde entram a credibilidade, fidedignidade das fontes”. Ainda de acordo com Jorge (2008, p.114), a entrevista é uma técnica de diálogo com regras, na qual um dos lados faz uma pergunta e o outro apenas tem o direito de respondê-las. Dentro do conceito de entrevista, Jorge (2008, p.114-115, grifo do autor) cita quatro tipos:

Entrevista rito: frases respondidas pelos jogadores de futebol e de outros esportes, pelas misses, pelos atores-ganhadores de Oscar, etc. Em geral, para as perguntas de sempre há uma resposta padrão.

Entrevista anedótica: típica dos *Talks Shows*- as entrevistas de Tv-, faz piada com as respostas dos entrevistados. Tem um tom jocoso e o entrevistador/*showman* busca sempre a anedota picante. Jô Soares, com seu programa na televisão, é um exemplo típico de quem procura valorizar os aspectos engraçados ou pitorescos dos convidados.

Entrevista diálogo: é a entrevista verdadeira, com contribuições de ambas as partes. Diversas vezes, é preciso *tricotar* um pouco com o entrevistado, para fazê-lo relaxar; de outras, um elogio surte efeito e você consegue deixá-lo à vontade. Ou você fala de si e ele resolve se abrir. Ele pode começar, por exemplo, contando a própria trajetória.

Confissões: é o depoimento ou entrevista testemunhal, no qual o entrevistador se apaga para deixar falar o outro, muitas vezes num desabafo emocionado. Todo o depoimento vem entre aspas, com uma breve abertura para introduzir o assunto.

Para o presente trabalho, as 19 entrevistas foram conduzidas no formato diálogo e confissões, pois seus conceitos contribuem para auxiliar na prática das entrevistas quando realizadas.

Por sua vez, Lage (2001, p.73) afirma que a entrevista é o procedimento de apuração de informação jornalística, sendo “[...] uma expansão da consulta às fontes, objetivando, geralmente, a coleta de interpretações e reconstituição dos fatos”. Do ponto de vista do autor (LAGE, 2001, p.74), as entrevistas se dividem em ritual, temática, testemunhal e em profundidade. A primeira, geralmente, é breve. Para o autor, na entrevista ritual “o ponto de interesse está mais centrado na exposição (da voz, da figura) do entrevistado do que no que ele tem a dizer. [...] As declarações ou são irrelevantes, ou esperadas, ou ainda mera formalidade a que, por algum motivo, se atribui dimensão simbólica”. A temática aborda um assunto no qual o entrevistado tenha condições e autoridade tenha condições de discorrer. “Geralmente consiste na exposição de versões ou interpretações de acontecimentos”. Já a testemunhal trata do relato sobre algo de que ele participou ou a que assistiu, partindo do ponto de vista particular do entrevistado que pode acrescentar. Por fim, a entrevista na entrevista em profundidade:

o objetivo da entrevista, aí, não é um tema particular ou um acontecimento específico, mas a figura do entrevistado, a representação de mundo que ele constrói, uma atividade que desenvolve ou viés de sua maneira de ser geralmente relacionada com outros aspectos de sua vida. Procura-se construir uma novela ou um ensaio sobre o personagem, a partir de seus próprios depoimentos ou impressões. (LAGE, 2001, p.74)

A presente pesquisa aborda a entrevista em profundidade, pois o caminho a ser percorrido engloba todo o contexto citado, uma vez que parte dos entrevistados, no passado e no presente, tornaram-se figuras importantes tanto para a comunidade quanto para o objeto de estudo.

Medina (2008) destaca que a entrevista jornalística, em primeira instância, é uma técnica de obtenção de informações, pois:

[...] recorre ao particular; por isso se vale, na maioria das circunstâncias, da fonte individualizada e lhe dá crédito, sem preocupações científicas. Por uma distorção do poder nas sociedades, muitas vezes se atribui esse crédito apenas as fontes oficiais, vale dizer, fontes do poder, seja ele político, econômico, científico ou cultural (MEDINA, 2008, p.18).

Oyama (2008, p.24) define a entrevista como um bate-papo, uma conversa, que para começar exige um mínimo de cordialidade e simpatia. Desta maneira, facilita o contato com o entrevistado, respeita os espaços e limites:

O bom entrevistador é aquele que, antes de tudo, sabe ouvir. E saber ouvir implica, antes de tudo, ser curioso. Quando um repórter tem genuína curiosidade sobre o entrevistado ou sobre o assunto do qual ele trata, isso fica evidente na maneira como ele se comporta, reage, fala – e isso estimula o entrevistado a expor-se cada vez mais (OYAMA, 2008, p. 28).

As entrevistas realizadas nesta pesquisa estão apinchadas no Anexo B. A par das principais características e técnicas jornalísticas que norteiam a produção do suplemento piloto proposto neste trabalho sobre o tombamento e destombamento da Catedral São Sebastião, de Presidente Prudente, resta discutir o seu projeto editorial.

6 O PRODUTO

6.1 Projeto editorial do “Velho Oeste Prudentino”

Como complemento do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da Facopp, é necessária a realização de uma peça prática com a intenção de fazer com que os alunos apliquem os conhecimentos adquiridos durante os quatro anos de curso em algum produto jornalístico. Assim posto, com a intenção de criar um produto que aplicasse as técnicas jornalísticas e atingisse a um público específico de maneira mais acessível possível, apresentou-se um suplemento piloto, proveniente da mídia impressa, cujo nome é “Velho Oeste Prudentino”. Nessa edição piloto, será contada uma parte da história da Catedral São Sebastião. O projeto deixa em aberto à possibilidade de outras edições. Assim, as futuras pesquisas poderão, dentro da linha editorial proposta, abordar outros temas referentes à cidade e seu centenário de Presidente Prudente.

O nome “Velho Oeste Prudentino” se deu por conta do suplemento tratar assuntos ligados à história de Presidente Prudente e por fazer uma referência que pudesse aproximar o jornal da população e região. Isto se dá por conta da cidade ser conhecida pela população local como esta denominação, bem como por ser assim chamada por alguns comunicadores de rádios da cidade durante o seu trabalho, como o radialista como Fernando Barros, da 98 FM.

Nesse sentido, o termo “velho” se refere às histórias do passado da região e busca trazer ao presente temas ligados às raízes prudentinas. Quando a palavra “velho” se associa com “oeste prudentino”, torna a expressão mais relevante, uma vez que destaca a localização geográfica a qual o primeiro termo se refere. Além disso, “velho oeste” retoma os filmes de faroeste estadunidense e faz alusão às cenas de desbravamento, de lutas pela conquista de terras, de disputas familiares, da chegada da civilização e a construção de alguma cidade. Geralmente o local onde se passam essas histórias fílmicas são cidades do interior, afastadas dos grandes centros, como Prudente. Neste sentido, a ideia da publicação é desbravar a história desta região por meio do jornalismo. Há ainda a relação da sensação térmica da cidade de Presidente Prudente referente à localização dos filmes, pois ambos sempre são quentes.

6.2 Linha editorial e público-alvo

O suplemento “Velho Oeste Prudentino” é o jornal criado para contar a história de Presidente Prudente, em comemoração ao seu centenário, que se dará no dia 14 de setembro de 2017. Elaborado no ano de 2016, a linha editorial é fundamentada em assuntos de interesse da comunidade prudentina, podendo atingir também a região. Nesse sentido, o jornal se restringirá a contar as histórias relacionadas à construção da cidade.

A publicação busca por temáticas e acontecimentos passados, mas que ainda sejam importantes por responderem questionamentos presentes, além do conhecimento passado de uma geração para outra, entendendo as suas raízes de cada uma. Assim, o suplemento estimaria por sua publicação até o mês de comemoração do centenário de Presidente Prudente, em setembro, tendo doze edições. Contudo, vale ressaltar que este projeto de destina apenas ao projeto piloto do suplemento.

A produção do periódico, em tese, seria mensal e a primeira edição – no caso, este piloto – trata sobre a história do tombamento e destombamento da Catedral São Sebastião, que ocorreu no período de 1983 a 1993. A escolha de tal tema se dá pelo fato da igreja ser o marco inicial do município.

As reportagens produzidas por esse suplemento dizem respeito ao seu público-alvo, ou seja, a comunidade prudentina e a região, tendo em vista que ela oferece comércio, emprego a pessoas de outros municípios, recebendo o título de capital do Oeste Paulista. Com isso, pretende-se que a publicação com a sociedade seja um fio condutor para propor discussões e também de formação cultural no que se refere à história da cidade.

As pautas propostas devem obedecer alguns quesitos correspondentes à linha editorial do suplemento piloto. Essas exigências são: (1) trazer histórias com atualidade; (2) atender a edição do suplemento; (3) a linha editorial adotada; (4) o tema/abordagem; e, por fim, (5) ser executada em tempo hábil para a produção da próxima edição.

O “Velho Oeste Prudentino”, por ter característica temática, irá trabalhar com duas seções: “Recordação em foco” e “Gente do Oeste”. O primeiro item será utilizado para cobrir matérias ou fatos que exigem maior cobertura fotográfica, valorizando a criatividade de transformar esta seção em um espaço visual de

destaque. O conjunto de fotografias deve ser acompanhado de texto explicativo, pois ajuda a compreender as imagens. No caso de galeria com fotografias antigas, é substancial a explicação por meio de legenda. Em ambos os casos as imagens devem ser creditadas. Na seção “Gente do Oeste”, apresenta-se reportagens de pessoas da comunidade que tenham importância junto aos assuntos discutidos dentro de cada edição do suplemento. Este elemento possibilita trazer histórias vivenciadas pelas pessoas entrevistadas com proximidade com a temática do periódico, valorizando o elemento humano dentro do jornalismo.

6.3 Política editorial

O suplemento “Velho Oeste Prudentino” tem 12 páginas, em formato tabloide, com todas as páginas coloridas (4x4). O suplemento tem periodicidade mensal e tiragem de 1000 exemplares. A política editorial tem por finalidade estabelecer a ética e credibilidade das reportagens publicadas no suplemento sobre a história da cidade. O intuito da publicação é propor assuntos que tenham interesse público, ser independente e desvinculado de qualquer partido político por meio de um jornalismo crítico, apartidário e pluralista. Por fim, algumas orientações gerais e éticas são:

1. Respeitar a linha editorial proposta pelo “Velho Oeste Prudentino”;
2. Cumprir as orientações de redação presentes no breve manual;
3. Não deverá ser publicada propaganda política de qualquer natureza;
4. Deve-se evitar a publicação de imagens que não tenha identificação com a proposta da pauta;
5. É proibido aceitar “mimos” de qualquer natureza oferecidos pelas fontes, ou seja, para não haver a violação da conduta ética da equipe;
6. Os repórteres do “Velho Oeste Prudentino” devem sempre buscar temáticas que são relacionadas com o centenário de Presidente Prudente.

6.4 Breve manual de redação “Velho Oeste Prudentino”

Faz-se também necessário, para garantir melhor eficácia da equipe que produzirá a edição do jornal, o estabelecimento de regras que compõem o estilo

de redação deste suplemento. Nos textos, é imprescindível respeitar as seguintes regras:

Assinatura do repórter: Deve ser colocada logo abaixo do título para identificar o autor da matéria. Quando houver a colaboração de mais de um jornalista, deve-se colocar o nome e sobrenome de todos que participaram. Sempre divididos com vírgulas entre eles.

Cidades e Estados: O nome da cidade de destino de determinada informação deve ser escrito por extenso e sem abreviações. Quando colocada no título, há a possibilidade de abreviar. Já o Estado de procedência, quando for necessário ser citado, deve aparecer no formato de sigla e entre parêntese após a cidade. Exemplo: Bauru (SP). Vale ressaltar que, por se tratar de um periódico regional, no caso de referência a Presidente Prudente não é necessário citar o seu Estado.

Créditos: O crédito da imagem é colocado na sua lateral direita. O repórter deve pôr o crédito e legenda no mesmo documento Word do texto da matéria referida. Quando a fotografia/ilustração for cedida e de autor desconhecido, o crédito deve ser: Cedida por Nome do Cedente. Quando for retirada da internet, se houver autor, credite o nome do autor e o nome do site. Exemplo: SteveMcCurry/photography.nationalgeographic.com. Se não houver autor, apenas o nome do site: photography.nationalgeographic.com.

Datas: Em títulos, olhos e linhas finas, abreviar, usando apenas números referente ao dia, separado por vírgula. Ex.: , 20,. No corpo de texto, deve-se usar números para dias e forma em extenso para meses. Ex.: 20 de setembro. Usar números cardinais, exceto os primeiros dias de cada mês (1°).

Endereço: Tudo, sempre, em letra minúscula. Ex: rua, avenida, logradouro, servidão.

Estrangeirismos e nomes estrangeiros: São aceitas palavras que já estão consagradas ou não têm equivalente em português, como blitz, online, outdoor, pop, rock, show, software, internet. O suplemento “Velho Oeste Prudentino” utiliza o itálico para palavras de outro idioma. Deve-se evitar quando houver palavra correspondente em português. Ex.: entrega, e não delivery, mídia e não media. Nomes próprios e topônimos (nomes de lugares) devem ser mantidos na grafia original, exceto quando mundialmente conhecidos e traduzidos para o português.

Ex.: Papa Bento XVI, Nova York, Londres. Se houver necessidade de usá-los, grafar em itálico.

Fotografia: Para cada reportagem do “Velho Oeste Prudentino”, deve ser produzida pelo menos uma fotografia. O diagramador tem liberdade de trabalhar a fotografia principal da capa. A imagem que abre o suplemento pode “estourar” as margens, de modo que tenha uma harmonia com o contexto. Jamais deve-se alinhar a fotografia no centro da página. Ela poderá ser alinhada à esquerda ou à direita, permitindo que o texto percorra a imagem.

Gerúndio: Não é recomendável o uso de gerúndios principalmente no início das frases, já que essa forma verbal normalmente assume a função de advérbio ou adjetivo.

Horário: Quando houver a necessidade de inserir horário no texto, o redator deve se preocupar em representar as horas e minutos por meio dos números, acompanhados de “h” apenas os algarismos que significam horas. Exemplo: 14h30. No caso de hora redonda, se padroniza manter os números referente às horas, como por exemplo: 13h.

Legendas: Este elemento é inserido logo abaixo da imagem e deve ser informativa e não descritivas, de modo que não fiquem redundantes ao que já está sendo transmitido pela fotografia e pelo título. As legendas informativas devem ser no máximo de duas linhas, com exceção da seção “Recordação em foco”.

Linha fina: Usa-se letras maiúsculas para nomes de instituições e órgãos, topônimos, acidentes geográficos e corpos celestes, períodos geológicos e históricos (Pré-Cambriano, Idade Moderna), prêmios e distinções (Nobel, Pulitzer), pontos cardeais (quando designam regiões geográficas), datas comemorativas (Natal, Reveillon). Já as letras minúsculas deverão ser usadas para cargos, profissões, títulos (mestre, doutor), formas de tratamento (senhor, senhora), ciências (medicina, sociologia, direito), disciplinas (deontologia, epistemologia), movimentos artísticos (surrealismo, impressionismo), gentílicos (brasileiro, catarinense, florianopolitano), pontos cardeais (com sentido de posição geográfica) meses e dias da semana.

Rimas: As rimas não soam bem no texto jornalístico. Mesmo que a informação esteja correta, não se escreve. No caso de rima, deve-se mudar palavra, encontrando-a um sinônimo.

Siglas: Caso haja alguma sigla, o nome de alguma entidade ou instituição que pode ser abreviado, ela deve ser explicada entre parêntese logo na primeira vez em que for citada, para que a pessoa possa identificá-la sem dificuldades nos outros pontos em que aparecer no texto. Ex.: Fundo Monetário Internacional (FMI). Siglas com mais de três letras e que formem sílabas são escritas em letras minúsculas (exceto a primeira). Ex.: Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama).

Tipo de Texto: O texto do suplemento “Velho Oeste Prudentino” tem característica dos textos típicos de revista por se tratar de um suplemento. Tal texto permite maior aproximação com o leitor. Outro aspecto importante é a questão “e daí?”. No decorrer da matéria deve ser respondida para colocar o assunto dentro de um contexto e fazer com que o leitor se identifique e leve a informação para seu cotidiano.

Título: As matérias devem ser desenvolvidas exclusivamente para o suplemento. O título é o principal item responsável por captar a atenção e atrair a atenção do leitor até o texto. Por isso, ele deve conter as palavras-chave, que são os termos mais importantes do fato. São essas expressões que definem o aspecto do conteúdo do texto e que funcionam como identificadoras do tema, auxiliando o usuário na hora de escolher a leitura que deseja. No caso de matéria sobre uma pessoa conhecida, use no título o nome pelo qual ela é conhecida e não o cargo. Números também devem ser privilegiados no título. Sempre que houver, trabalhe-os, pois são significativos. O título de uma notícia precisa ter um verbo de ação no presente, ter um sentido e explicar-se por si próprio. O espaçamento também é simples. O número máximo de toques é de 60 para não ocorrerem degraus, ou seja, quando os títulos ultrapassam o limite da linha da página.

6.5 Projeto gráfico: apontamentos

No início da criação da peça prática, o grupo se baseou em algo visualmente atrativo, que abordasse assuntos que tivessem relevância de trazer à tona, com foco no centenário que a cidade completará em 14 de setembro de 2017. O suplemento deveria ter um nome que contextualizasse a cidade, a comunidade e características climáticas. Uma vez pensado nesses detalhes, surgiu o nome “Velho Oeste Prudentino” devido ao histórico de desbravamento, de cidade interiorana e

relação com o ambiente. Para a elaboração da peça prática, foi necessário reunir ideias que o grupo já havia pensado como também as inovações que o “Velho Oeste Prudentino” poderia apresentar. No caso, seções que apresentariam assuntos e fotografias específicos do objeto de estudo.

Os responsáveis pela diagramação e edição gráfica do suplemento “Velho Oeste Prudentino” foram os alunos de Design Gráfico da Unoeste, Guilherme Nicodemo Baccarin e Kamila Bueno de Oliveira Machado. Ambos absorveram as ideias propostas pelo grupo e, a partir daí, começaram a surgir os primeiros modelos do “Velho Oeste Prudentino”. Nas primeiras opções, o visual da página apresentou uma forma rústica, remetendo um cenário do cinema *western*, o de faroeste americano. O que agradou ao grupo, mas quando apresentado para a banca de qualificação, foi levantado a questionamentos que fizeram os integrantes repensar.

Outro layout foi montado, tendo o foco de não poluir as páginas com muitos detalhes e explorar melhor as fotografias, já que a maioria delas era inédita, devido à época em que foram tomadas. A ideia começou a ganhar a vida e ser exposta nas páginas. No segundo modelo exposto, o grupo optou por um modelo mais *clean*, uma vez que a proposta apresentada seria trazer páginas jornalísticas mais limpas, sem exagerar nos detalhes, aplicando apenas alguns elementos gráficos, facilitando a leitura e a divisão dos assuntos. Desta maneira, as páginas do “Velho Oeste Prudentino” se tornariam atrativas visualmente, tanto pelo conteúdo como pelas imagens.

A opção de quatro colunas para o texto foi utilizada para favorecer a leitura, uma vez que as matérias apresentavam textos maiores do que o convencional no jornalismo impresso diário. Tal divisão serve para que a leitura não fique cansativa e que haja uma distribuição assimétrica, desta forma havendo uma interação melhor entre a imagem e o texto. As fotografias foram um dos eixos centrais do “Velho Oeste Prudentino”, pois elas enriqueceram visualmente a página, deixando-a mais atrativa e contextualizada.

7 MEMORIAL DESCRITIVO

7.1 O início das escolhas

Este capítulo tem como objetivo mostrar os caminhos percorridos pelos integrantes do grupo até chegar à realização e conclusão deste TCC. Os detalhes aqui postos pretendem fazer com que o leitor tenha conhecimento do que ocorreu, desde a escolha do grupo e do tema, das fases da pesquisa até o processo de produção do suplemento piloto. Para dar início aos trabalhos do TCC, foi primordial formar um grupo que, além da afinidade, estivesse junto desde o primeiro ano da faculdade. Feito esse parêntese, surge o grupo formado pelos alunos Fábio Santos, Tacyelle Miranda, Talita Cruz e Thaís Agante.

O segundo passo foi encontrar um tema relevante para a área e que agradasse a todos do grupo. Nesse momento, começaram a aparecer as dificuldades. O grupo começou a perder os prazos de entrega dos trabalhos, na disciplina da professora Maria Luisa Hoffmann, de devido aos temas levantados não terem a abrangência requerida pelos pesquisadores. Até que no mês de agosto de 2015, os integrantes encontraram um tema que poderia ser pesquisado, com aderência à área do jornalismo. No caso, o gancho foi o centenário que a cidade de Presidente Prudente completará em 14 de setembro de 2017. Para a escolha, o grupo se recordou do telejornal produzido no sexto termo, na disciplina de Telejornalismo II, ministrada pela professora Thaisa Bacco, a qual tinha alertado os alunos sobre o centenário da cidade, o que uniu com o tema e foco do trabalho. Com base nisso, abriu-se um leque de abordagens para a pesquisa.

Foi necessário ter uma conversa com o historiador Ronaldo Macedo, que mostrou outra vertente de estudo e fez um alerta para Catedral da cidade. Depois de muito estudo e reuniões, o grupo encontrou argumentos sólidos para se iniciar a pesquisa e, o principal, todos os integrantes se entusiasmaram com o tema. Nesse momento, as ideias começaram a fluir e a equipe mirou em um foco: a Catedral São Sebastião.

Para o início da pesquisa, foi primordial entender o surgimento da capital do Oeste Paulista, a motivação das famílias pioneiras no local, a evolução da cidade, bem como a sua economia, para que os alunos pudessem se familiarizar com o objeto de estudo.

Após reconhecer a Catedral como peça fundamental da cidade, foi necessário atribuir-lhe um período para ser estudado, sendo escolhido o tombamento e destombamento do centro religioso, que ocorreu entre 1983 a 1993. Tal acontecimento abalou não só líderes religiosos, como também toda a comunidade que frequentava a Catedral, gerando enorme repercussão na época. Com a reestruturação do Comudephaat, antigo Condephaat, e o boato de que a Catedral seria novamente tombada, o grupo viu aí a oportunidade de resgatar o passado, com base em um acontecimento recente. O intuito, então, era alinhar Jornalismo e História, a fim de entender como o jornalismo pode funcionar como uma ferramenta capaz de contar histórias, uma vez que a função do jornalista é contar e informar. Como peça prática, foi escolhido um suplemento piloto.

7.2 Da distribuição e execução de atividades

Com o tema e peça prática escolhidos e as etapas do projeto cumpridas, foi então necessário dividir as tarefas e funções. A cada orientação surgiam novas tarefas e correções. Para a leitura e fichamento dos livros, foi necessária certa agilidade, devido ao pouco tempo para execução do trabalho. Ficou estipulado que a aluna Thaís escreveria o TCC, devido a sua habilidade na escrita, enquanto Fábio, Tacyelle e Talita fichariam o material bibliográfico, que serviu como apoio para embasar os assuntos. As dificuldades surgiam a cada momento, pois algumas leituras não eram suficientes para dar corpo ao material que seria produzido, então foi necessária uma força tarefa para que os materiais produzidos tivessem desenvolvimento e argumentos suficientes para sustentar o trabalho e, mesmo com dificuldades, o grupo seguiu em frente.

Os fichamentos estavam adiantados em relação à escrita do TCC, o que foi problemático para acertar os pontos, o compasso do trabalho e fazer com que os assuntos se amarrassem. Nesse momento, a orientadora foi essencial, pois deu um norte para grupo, lendo todo o material e sugerindo melhorias e estabelecendo um elo entre os assuntos.

Além dos fichamentos, foram designados aos integrantes do grupo que fizessem a pesquisa documental. Neste caso, as alunas Tacyelle e Talita ficaram responsáveis por isso, o que consistiu durante três meses em idas ao Museu e Arquivo Histórico Prefeito Antonio Sandoval Netto, da cidade de Presidente

Prudente, do dia 26 de fevereiro ao dia 03 de maio de 2016, em dias alternados. O horário era das 8h30 ao 12h00 e, no período da tarde, das 13h00 às 16h00, que era quando os horários das pesquisas se encerravam. Foram analisadas, em média, três caixas durante o período manhã, que consistia nos meses de janeiro a junho, e na parte da tarde, quatro caixas, de julho a dezembro, totalizando sete caixas por dia, de terça a sexta-feira. Foram pesquisados jornais de 1983, ano do tombamento do centro religioso, até 1995, dois anos após o seu destombamento. Cada caixa tem em média de 30 a 40 jornais, assim, neste período de três meses e 12 anos analisados, foram averiguados aproximadamente 3,4 mil exemplares de *O Imparcial*, um dos veículos que cobriram o tema escolhido para a execução do TCC.

A fim de analisar os jornais da época e materiais referentes ao período estudado, foi necessário destacar somente as matérias que abordavam o foco do trabalho. Dentre os exemplares averiguados, foram extraídas 62 matérias jornalísticas referentes ao assunto do tombamento e o destombamento da igreja. O Museu e Arquivo Histórico Prefeito Antônio Sandoval Netto cedeu para os pesquisadores 51 fotografias antigas e atuais da Catedral. Porém, foram utilizadas cinco fotografias, devido à qualidade técnica e de reprodução que apresentavam e o contexto que estavam inseridas. Cabe ressaltar, contudo, que ambos os materiais tiveram grande importância para dar veracidade aos fatos abordados no trabalho.

A partir desse momento, foram levantados os nomes dos possíveis entrevistados, como pessoas que estavam diretamente ligadas ao tombamento e destombamento, para entender os fatos que envolviam a igreja naquele período. Logo após este levantamento e da pesquisa documental, as pautas foram montadas e começaram a ser executadas, enquanto a peça teórica continuava a escrita.

7.3 Das entrevistas

Em um primeiro momento, foram entrevistadas pessoas chaves para o trabalho, como o líder religioso da época, Padre Jerônimo Gasques, os promotores de Justiça André Luis Felício e José Roberto Castilho, para falar do tombamento, membros do Condephaat da época como Hélio Hirao e Ruth Künzli e as especialistas em arquitetura Fabrícia Dias Borges e Cristiana Alexandre Pasquine. Os nomes envolviam a hierarquia da igreja, como bispo, monsenhor e padres, bem como personalidades políticas, em um total de 19 depoimentos colhidos.

No entanto, para dar início as entrevistas, foi preciso obter o consentimento do bispo Dom Benedito Gonçalves dos Santos, bispo Diocesano de Presidente Prudente desde 17 de agosto de 2008, e também do Monsenhor José Antônio de Lima, que atualmente está à frente da administração da Catedral São Sebastião. O grupo então elaborou um ofício junto com a orientadora Fabiana e foi marcada uma reunião na Cúria Diocesana, no dia 1º de abril de 2016, às 16h. No encontro foi passado o objetivo do trabalho e o que se esperava com o seu término. Solicitou-se ainda a autorização para analisar os documentos que a Cúria ainda possuía sobre o assunto, como registros de batizados, casamentos e crismas. No dia da reunião, estavam presentes dois dos quatro integrantes do grupo: Talita e Thaís. Os outros dois, Fábio e Tacyelle, não puderam estar presentes devido às outras tarefas do TCC. Tudo deu certo na reunião e o bispo autorizou o contato com os religiosos, assim como o acesso aos documentos diocesanos.

Outro ponto primordial para o início das entrevistas foi a aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), da Unoeste. Sob o protocolo 3118, o projeto “Jornalismo contando histórias: o tombamento e destombamento de um centro religioso prudentino”, submetido em 25/01, teve a sua aprovação em 25/04, depois de muitas idas e vindas atrás de documentos para o cadastramento no Programa Especial de Iniciação Científica (PEIC).

Às 8h30 da segunda-feira, dia 04 de abril de 2016, as alunas Tacyelle e Talita foram novamente à Cúria Diocesana para se apresentar ao senhor Nelson Klebis, que é responsável pelos documentos do local. No encontro, novamente foi apresentada a proposta do trabalho, a pedido do bispo, e estipulados os horários para análise dos documentos. Durante a conversa com o senhor Nelson, sugeriram fontes complementares para trabalho. Uma dessas fontes foi Jackeline Ribas, que é secretária da Cúria, e Luciana Xavier, que cuida da parte de imóveis. Luciana forneceu uma planta original da Catedral para ser digitalizada, a qual apresentava uma proposta bem diferente do que foi construído. Na semana seguinte, o aluno Fábio foi até a Cúria e registrou essas imagens. Talita manteve contato através do celular com o restante dos integrantes enquanto pesquisava os documentos. Todos estavam dando sugestões e acompanhando em tempo real o que acontecia. Foi anotado tudo o que poderia render alguma matéria curiosa.

Posteriormente, fez-se contato com os membros da comunidade. Aí residia mais uma dificuldade, pois a maioria dos procurados não conseguiam se

lembrar do período estudado pelos pesquisadores, uma vez que possuem idade já avançada. Em busca de personagens, os alunos se reuniram para ir à missa de domingo, na manhã do dia 10 de abril de 2016. Anteriormente, o aluno Fábio já tinha ido em busca de personagens que conheçam a história do tombamento e destombamento. Ao final da missa, ele pediu informações a um rapaz que recolhia os jornais da missa. Conseguiu o nome de dona Irene Ponçano Teles e do casal Walter e Uilma Crepaldi. O aluno neste dia só conversou com as pessoas para conhecer um pouco da comunidade. Dona Irene, uma senhora de 84 anos que atualmente participa do grupo de canto da Catedral, não se lembra de muita coisa. Por conta da idade, os fatos sobre o tombamento e destombamento se foram com o tempo. Na conversa com o casal Walter e Uilma, o aluno Fábio conseguiu algumas informações. Dona Uilma, mais jovem que o esposo, pôde falar da trajetória deles na comunidade e sobre a construção da Catedral. Como não havia agendado a entrevista anteriormente, foi marcada uma nova entrevista para o dia 13 de abril de 2016.

Na missa de domingo do dia 24 de abril de 2016, os alunos Fábio, Tacyelle e Thaís finalmente encontraram três pessoas para entrevistar. Nesse momento, até pessoas que não participavam do trabalho ajudaram, um agradecimento especial aos parentes e amigos que cooperaram com os pesquisadores. Dentre as pessoas encontradas na missa, estavam Margarida Menegasso Vieira e Maria Aparecida Menegasso, que trouxeram à tona lembranças vivas em entrevista realizada pela aluna Talita no dia 28 e 29 de abril 2016, sobre a época do tombamento da igreja. No dia 29 de abril, o aluno Fábio entrevistou Zoraide Favaretto e Bolívar Machado, que se encontravam na missa de domingo, ambos também vivenciaram a época turbulenta que a igreja passou.

Para as matérias da peça prática, o suplemento, cada aluno entrevistou os personagens necessários para a composição de suas matérias jornalísticas. Os personagens encontrados posteriormente foram entrevistados pelos alunos Fábio, Tacyelle e Talita, uma vez que Thaís encontrava-se redigindo o TCC. Uma viagem foi feita, no dia 29 de abril de 2016, até a cidade de Emilianópolis, para um encontro com o padre Expedito Pereira Cavalcante. O religioso acolheu tanto ao grupo quanto a ideia do trabalho com entusiasmo, sendo convidado pelos integrantes a escrever uma crônica para o “Velho Oeste Prudentino”. Muito solícito, aceitou. Foram duas idas até a cidade do padre, que contribuiu singularmente para a peça prática.

Algumas entrevistas foram dificultosas, como a do Promotor de Justiça André Luís Felício, realizada pela aluna Talita, que se dirigiu ao Ministério Público no dia 15 de abril de 2016, vindo a ser concretizada somente no dia 19 de abril de 2016, uma vez que foi desmarcada. Já outra dificuldade, foi a entrevista com o Monsenhor José Antônio de Lima, atual dirigente da Catedral. Segundo a secretária Mariana Bosso, ele estava com a agenda lotada e não tinha tempo para falar com o grupo. O jeito, então, foi fazer plantão na igreja em dois horários: na parte da manhã, Talita foi e não obteve sucesso; já na parte da tarde, foi a vez de Thaís, que por sinal foi sortuda e conseguiu realizar a entrevista com sucesso, recheada de depoimentos ricos e argumentos sólidos sobre o fato estudado.

Outra dificuldade foi a entrevista de Dom Agostinho Marochi, bispo da época do tombamento e destombamento. Segundo o médico responsável, Douglas Guazzi, ele se encontrava debilitado por questões de saúde e por já ter uma idade avançada, 90 anos, por isso, dificilmente teria condições de conceder uma entrevista ao grupo. Após muita insistência, o aluno Fábio finalmente conseguiu marcar a entrevista para o dia 23 de maio de 2016, na residência do religioso. A entrevista não ocorreu, devido à situação complicada de saúde em que Dom Agostinho se encontrava. O médico foi atencioso, mas alertou que atualmente ele vive recolhido em sua residência, pois o remédio do Alzheimer, que ele toma há dez anos, faz com que se recorde menos ainda dos fatos. Mas no intuito de ajudar o Fábio, tentou retransmitir as perguntas, mas sem êxito.

O grupo também necessitou de um posicionamento da Prefeitura de Presidente Prudente, devido aos questionamentos levantados pela banca de qualificação, no dia 16 de maio, uma vez que foram ouvidos promotores, procuradores e órgãos culturais que estão ligados à prefeitura. O contato foi feito no dia 17 de maio de 2016, pela aluna Tacyelle, que em conversa com a secretária do Departamento de Comunicação da Prefeitura Municipal de Presidente Prudente, informou que seria necessário formalizar o pedido via e-mail para o secretário de Comunicação, Marcos Tadeu. O e-mail foi enviado no mesmo dia pela manhã, mas sem resposta. No dia seguinte 18 de maio de 2016, Tacyelle entrou em contato com a secretaria novamente e foi informada de que Marcos Tadeu não se encontrava. No dia 23 de maio de 2016, segunda-feira, Tacyelle foi até a prefeitura fazer plantão para falar com o secretário. Essa insistência foi positiva, pois a aluna foi atendida

com sucesso e conseguiu a nota da entidade, referente ao tombamento e destombamento da Catedral.

Na banca de qualificação, também foi solicitado ao grupo que tivessem os posicionamentos dos prefeitos envolvidos. Na época do tombamento, era Virgílio Tiezzi Junior, e do destombamento, Agripino de Oliveira Lima Filho.

No caso de Virgílio Tiezzi Junior, o grupo tentou inúmeras vezes contatar o ex-prefeito, sem êxito. Ora o endereço não conciliava com o que o grupo pesquisou, ora os contatos telefônicos cedidos pela Prefeitura não eram dele. Os pesquisadores ficaram sabendo pelo Dr. Ênio Perrone, atual presidente da Câmara, e pelo secretário de Comunicação, Marcos Tadeu, que Virgílio não se encontrava mais na cidade, tendo se mudado para São Paulo. Foi aconselhado então entrar em contato com seu primo, Dr. Roberto Tiezzi. O grupo fez o contato com Roberto, mas também sem êxito, pois o mesmo informou que devido ao fato dele não residir em Prudente, ele acabou perdendo vínculo com Virgílio, mas sugeriu falar com o irmão dele, Dr. Celso Tiezzi, que presta atendimento todos os dias no período da manhã, no INSS de Presidente Prudente. O aluno Fábio tentou encontrá-lo e solicitar um possível contato de Virgílio, mas sem sucesso, pois o médico não se encontrava no local ou não podia atendê-lo.

Contudo, o grupo conseguiu falar com o senhor Agripino Lima, considerado por muitos entrevistados como o responsável pelo destombamento da Catedral. Foram inúmeras as tentativas, porém com o prazo se esgotando, a aluna Talita foi até o Campus I, na reitoria da Unoeste, no dia 23 de maio 2016, uma segunda-feira, tentar uma possível entrevista por meio de seu assessor Ismael Silva. Com êxito, Talita conseguiu a entrevista. No dia marcado, o aluno Fábio também estava para fotografar o entrevistado. A entrevista, entretanto, foi complicada. Devido à idade avançada e a falha na memória, causada pelo Alzheimer, Agripino disse que não se lembrava do ocorrido, mas foi muito solícito com Talita, que por diversas vezes tentava dar um norte para ele, relembando os fatos, mas a resposta não vinha

7.4 Da produção e edição

Além das imagens cedidas pelo Museu e Arquivo Histórico Prefeito Antonio Sandoval Netto, as fotografias usadas no suplemento “Velho Oeste

Prudentino” são de autoria do aluno Fábio, que já tinha familiaridade com o assunto. Ele utilizou seu equipamento pessoal, uma Câmera Canon, modelo EOS 7D; tipo profissional, com resolução 18.0 megapixels; resolução máxima: 5184 x 3456 pixels; tamanho da tela 3.0 polegadas.

Por fim, com certo atraso, há duas semanas e meia de entregar o trabalho finalizado com a peça prática, os alunos fizeram contato com os responsáveis pelo projeto gráfico, paginação e diagramação do suplemento, Guilherme Nicodemo e Kamila Machado, estudantes do curso de Design Gráfico da Unoeste. A dupla, por sinal, foi o grande alívio do grupo, uma vez que os integrantes não precisariam pagar um profissional para executar o projeto gráfico, que no mínimo iria cobrar um valor com o qual os integrantes não teriam condições de arcar. O contato foi tardio, pois o grupo não encontrava alunos disponíveis para trabalhar no suplemento. A solução então veio após uma conversa com o professor e coordenador do curso de Design Gráfico, Marcelo Mota, que indicou o Guilherme e a Kamila, que se responsabilizaram pela diagramação do “Velho Oeste Prudentino”.

Foram feitas duas reuniões com os responsáveis, os quais foram solícitos e abraçaram o projeto com garra e determinação, já que os pesquisadores estavam contra o tempo para que o suplemento tivesse uma forma jornalística apresentável e bonita. Um *briefing* foi realizado a fim de conseguir coletar informações que seriam necessários à produção do projeto gráfico do suplemento. Em um primeiro momento, ele foi realizado com a editora chefe Talita, que passou informações sobre o conceito do suplemento, público-alvo, formato e tiragem. O *layout* inicial foi realizado e enviado para a supervisora do projeto gráfico, Tacyelle, que nesse momento, enviou referências e sugestões sobre o contexto que grupo esperava alcançar. Em cima dos materiais reunidos pelos integrantes, os diagramadores montaram um *layout*, que foi aprovado de imediato pelo grupo. A supervisora, juntamente com a editora chefe, conferiu detalhadamente toda a página e pontuou as alterações, que depois de aprovado pelo grupo, foi iniciado o processo de edição e diagramação. O projeto gráfico foi inspirado pelo estilo *western*, dos filmes estadunidenses, conhecido como uma caracterização do gênero faroeste, rústico. Para complementar a proposta sugerida pelo grupo, foram inseridos elementos ao longo das páginas que se identificavam com o padrão citado e com nome escolhido para o periódico.

Mais uma vez os problemas surgiram, pois os tamanhos das matérias e a galeria não casavam com o boneco inicial, que eram de 12 páginas. Portanto, no total, o suplemento rendeu 16 páginas, sendo impresso e entregue na banca de qualificação. As professoras Maria Luisa Hoffmann e Thaísa Bacco avaliaram o suplemento e recomendaram mudanças, devido às matérias estarem longas e repetitivas, a identidade visual das páginas poluída e as fotografias pouco exploradas. No dia seguinte, em reunião com a orientadora Fabiana, o suplemento foi reformulado, as ideias sugeridas pelas professoras avaliadoras foram acatadas, além de moldadas pela orientadora. Ambas as sugestões foram de grande importância.

Com as pautas prontas desde antes do início das entrevistas – apesar de terem sido alteradas no decorrer da apuração –, os textos começaram a ser escritos no início de abril. Contudo, devido à dificuldade em conseguir algumas entrevistas, eles demoraram a ser finalizados. Desta forma, passaram apenas por uma revisão antes da entrega para a banca de qualificação. Assim, para a entrega final, os textos foram reescritos de acordo com as coordenadas apresentadas pelas docentes. Neste sentido, algumas fotografias também foram refeitas pelo Fábio e reorganizadas nas páginas do suplemento. Os textos foram editados por Talita, editora chefe, que depois de ajustados os detalhes finais.

Tacyelle, Talita e Fábio fizeram outra reunião, no dia 19 de maio de 2016, com os diagramadores do suplemento, na qual foram passadas todas as alterações necessárias, deixando o planejamento gráfico do suplemento bastante *clean*, a fim de se aproximar mais de uma produção jornalística e se afastar da ideia de *western* que não estaria adequada à peça. O grupo nesse momento lutou contra o tempo, que mesmo não estando a favor, foi um estímulo para que tudo ficasse pronto antes do prazo final.

A distribuição das matérias do “Velho Oeste Prudentino” foi decidida entre o grupo e a orientadora, retomando a ordenação inicial das matérias e a quantidade de 12 páginas. O material foi montado com a ideia era de que, quando o leitor abrisse o suplemento, ele entendesse o que é um patrimônio histórico, uma vez que esta é uma premissa para entender o significado de tombamento. Além disso, acredita-se que poucas pessoas saibam efetivamente do que o termo trata, tornando um tema importante a ser retomado pelo grupo na peça prática. Entendido isso, as próximas páginas abordam a história do tombamento da Catedral e as

contradições presentes no acontecimento. Na sequência, a galeria de imagens, presente na seção “Recordação em foco”, exibe uma linha do tempo com as transformações da Catedral São Sebastião. Neste sentido, além de atuais de traçar um rápido histórico da igreja, mostra-se visualmente as mudanças sofridas pelo templo, pois as imagens antigas são acompanhadas pelas atuais. A par das incertezas acerca do tombamento da Catedral e da descaracterização sofrida pelo templo, apresenta-se a história em torno do seu destombamento, considerado uma “aberração jurídica”. Já que neste caso os trâmites legais para o processo preservação de um bem patrimonial não foram seguidos fielmente, optou-se por tratar no final do suplemento dos procedimentos necessários para a realização do tombamento a fim de que o leitor conheça o passo-a-passo do processo. Por fim, a contracapa apresenta uma seção específica intitulada “Gente do Oeste”, que trouxe uma matéria mais humanizada da comunidade referente ao foco do trabalho.

Do dia 21 ao dia 23 de maio de 2016, a aluna Tacyelle, supervisora do projeto gráfico, juntamente com a Talita, editora chefe do “Velho Oeste Prudentino”, estiveram em constante contato com os diagramadores, que conforme alteravam o suplemento, encaminhavam para as alunas avaliarem. Depois de ter diagramado todas as páginas, com as devidas correções, o suplemento foi enviado para a orientadora Fabiana dar parecer final. A resposta foi de imediato e, na sequência, as alterações foram feitas.

Na semana final da entrega do trabalho, foram revisadas as bibliografias que não estavam com a referência correta, concretizadas o restante das entrevistas, finalizadas as pautas e decupagens, as matérias foram reescritas, o TCC foi completamente revisado e também foram organizados os elementos pré-textuais, apêndices e anexos e demais faltas. No dia 25 de maio de 2016, as alunas Tacyelle, Talita e Thaís se reuniram com o professor Rogério do Amaral, para fazer as correções necessárias segundo as normas da ABNT.

Sobre os recursos financeiros, o presente trabalho exigiu investimentos na peça teórica: R\$ 54,90, e peça prática R\$ 840,00, sendo necessária uma verba total de R\$ 894,90 que foi paga pelos pesquisadores.

Destaque-se que os equipamentos utilizados no presente trabalho (dois notebooks da marca Dell, dois computadores Samsung e um Asus, além de celulares da Samsung e Motorola para gravar as entrevistas) são de propriedade pessoal dos integrantes do grupo. Assim, a respeito dos recursos pessoais, o

trabalho foi realizado pelos integrantes do grupo: Fábio Ricardo Santos, Tacyelle Mayara Miranda, Talita de Oliveira Cruz e Thaís Agante Fernandes, sob orientação da professora Mestre Fabiana Aline Alves. Na peça prática e idealização do projeto gráfico, houve participação dos alunos do curso de Design Gráfico, da Unoeste, Guilherme Nicodemo Baccarin e Kamila Bueno de Oliveira Machado, por meio de um projeto de extensão coordenado pelo professor Marcelo Mota. A crônica do suplemento contou com a participação especial do Pe. Expedito Pereira Cavalcante, pároco da Igreja Nossa Senhora Aparecida de Emilianópolis.

Por fim, vale destacar que foram quatro meses de trabalho muito complicado. A tensão sempre pairou por sobre esse grupo que, apesar da afinidade, constantemente se desentendia, pois um não concordava às vezes com as ideias do outro, o que é normal, pois são pessoas diferentes. Porém, em prol do mesmo objetivo, as desavenças foram deixadas de lado para se realizar um bom trabalho e se formar na faculdade. Todas essas pequenas coisas contribuíram e muito para que o andamento do trabalho fosse lento, mas, ao longo dos dias e meses, o amadurecimento ganhou espaço e o trabalho ganhou vida e longas páginas. Durante todo o processo de pesquisa, os alunos puderam colocar em prática o conteúdo aprendido em sala de aula e sentiram na pele o que é ser um jornalista. Apuração das fontes, elaboração de pautas, contato com os personagens, entrevistas, decupagem, produção de matérias jornalísticas, edição, entre outros. Todos esses pontos enriqueceram o conhecimento dos integrantes, que vislumbraram o exercício da profissão. O trajeto foi sofrido, porém os esforços e as obrigações foram válidos para o crescimento da pesquisa. As dificuldades foram muitas, mas as lições tiradas foram ainda maiores e essenciais, pois as experiências vivenciadas pelo grupo ficarão marcadas positivamente na vida de todos os integrantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A religião é um dos princípios de uma sociedade, tornando-se por vezes em um fator que une as pessoas. Geralmente, o que se encontra nos municípios desde a sua fundação são as igrejas, algumas majestosas outras não. As catedrais se localizam no centro e são considerados corações das cidades. Em Presidente Prudente, não poderia ser diferente. Prestes a completar seu centenário, a cidade encontra em sua catedral o templo mais antigo, que acompanhou todo o seu crescimento. Hoje, a Catedral São Sebastião é conhecida por ser um símbolo tanto turístico quanto religioso. Tal edificação remete aos tempos dos colonizadores que povoaram a cidade, representando a raiz prudentina.

Durante a metade da década de 1980, a Diocese de Presidente Prudente sofreu com o tombamento de seu bem, o que gerou revolta em parte da comunidade e líderes religiosos da época. O tombamento foi uma decisão tomada pelo Poder Público e Condephaat (atual Comudephaat) para impedir que o bispo Dom Agostinho Marochi, responsável pela igreja, fizesse uma reforma que acabaria por descaracterizá-la. Ele pretendia construir um alojamento para padres e ocupar os espaços que faltavam na Praça Monsenhor Sarrion. O tombamento foi oficializado em 12 de abril de 1985, pelo prefeito Virgílio Tiezzi Junior. Durante os anos 1985 e 1986, muito foi discutido sobre quem seria responsável pelas reformas necessárias na estrutura da igreja, pois ela se encontrava com goteiras e rachaduras. Os desentendimentos entre a Mitra Diocesana e a Prefeitura Municipal finalmente acabaram quando, em 18 de outubro de 1993, o então prefeito Agripino de Oliveira Lima Filho destombou a Catedral. A ação permitiu que reforma do centro religioso, feita pelo Monsenhor José Antônio de Lima, responsável atualmente pela administração do local.

Durante a pesquisa realizada pelo grupo, foram aprofundados os conhecimentos na história da Catedral São Sebastião e o período turbulento pelo qual ela passou. As entrevistas realizadas com os membros da comunidade, autoridades judiciais e líderes religiosos, e a pesquisa documental, na qual foram analisados recortes do jornal *O Imparcial* da época, evidenciaram que a situação enfrentada pela igreja foi fruto da falta de conhecimento dos líderes quanto ao instrumento tombamento. A falta de esclarecimento por parte do Poder Público gerou uma guerra política entre Prefeitura e Mitra Diocesana, por conta da suposta

impossibilidade de se realizar a reforma requerida pelo bispo Dom Agostinho Marochi.

Na pesquisa bibliográfica, necessária para o embasamento teórico, o foco principal foi o Jornalismo e a História, em especial, a maneira como os estudos dos meios comunicacionais e processos de comunicação devem se atentar não somente ao presente, mas também ao passado. Segundo Barbosa (2012, p. 153), “pensar historicamente é colocar em destaque a visão processual do mundo e as práticas e processos comunicacionais como próprios de um momento e lugar”. De acordo com a autora, pensar que o passado é algo que compete exclusivamente à história enquanto disciplina é negar a ligação entre processo comunicacional e relação temporal (BARBOSA, 2012).

Neste sentido, o objetivo geral deste trabalho era de refletir como o jornalismo pode atuar como uma ferramenta de recuperação história e, tal objetivo foi alcançado, uma vez que o intuito não foi historicizar o tombamento e o destombamento e sim contar a história do fato. Assim, foi possível fazer do jornalismo uma ferramenta, por meio das suas técnicas que resultaram no suplemento como peça prática, que retoma ações do passado e os traz à tona, não se prendendo somente a atualidade defendida pela área. O jornalismo conta histórias por si só, mas o trabalho buscou narrativas do passado, deixando as questões contemporâneas, em tese obrigatórias, de lado. Contudo, não se pode negar a presença do presente na peça, já que sua temática surgiu de um gancho atual, o possível novo tombamento da Catedral São Sebastião. Assim, averiguou-se que, com base nas técnicas jornalísticas para as histórias atuais, foi possível contar também histórias do passado.

Os objetivos específicos do trabalho também foram concluídos, uma vez que as técnicas jornalísticas usadas como embasamento da pesquisa bibliográfica colaboraram para a recuperação da narrativa proposta. Ao longo das pesquisas, foi possível entender os motivos que levaram a catedral a ser tombada e destombada e o “cabo de guerra” vivido pela Diocese e Prefeitura prudentina. Por ser um trabalho cujo objeto não possuía um embasamento teórico amplo, as percepções sobre o caso vieram dos recortes de jornais e depoimentos daqueles que presenciaram o fato direta ou indiretamente.

A peça prática escolhida, um suplemento de jornal, foi realizada com êxito. O grupo acredita que o “Velho Oeste Prudentino” alcançou seu objetivo de ser

um jornal temático, em comemoração ao centenário de Presidente Prudente, e rico em conteúdo, desenvolvendo todos os possíveis desdobramentos que o tombamento e destombamento tiveram. A visão da comunidade, das autoridades e líderes religiosos foi importante para estabelecer o confronto de informação e de opiniões. Nesse quesito, o jornal se mostrou isento, dando voz àqueles diretamente relacionados ao fato, permitindo que se expressassem. A escolha da peça prática também se deu baseada no público que visava atingir, pois se espera que haja distribuição dos exemplares para a comunidade, a fim de trazer o produto essencial do jornalismo: a informação.

Os pesquisadores aferiram que o trabalho trouxe contribuições tanto para o conhecimento específico na área como para o crescimento profissional. A possibilidade de colocar em prática toda a teoria apreendida durante os quatro anos de curso permitiu o contato com as áreas de técnicas jornalísticas, produção, reportagem, edição de texto, diagramação e paginação. A experiência possibilitou uma boa qualificação dos alunos para o mercado de trabalho.

O trabalho ainda permite a continuidade nos estudos relacionados ao Jornalismo e à História produzidos na Facopp, pois ressalta o funcionamento do jornalismo por meio da “lógica narrativa, a ideia de sucessão de tempos válidos, lineares, em que fatos se sobrepõe a outros, construindo de maneira precisa uma história”, como pontuado por Barbosa (2012, p.147).

REFERÊNCIAS

ABIAHY, Ana Carolina de Araújo. **O jornalismo especializado na sociedade da informação**. Universidade Federal da Paraíba. 2005. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/abiahya-ana-jornalismo-especializado.pdf>>. Acesso em: 27 mar. 2016.

ABREU, Dióres Santos. **Formação histórica de uma cidade pioneira paulista: Presidente Prudente-SP**: Unesp, 1972.

ALCANTARA, Norma S.; CHAPARRO, Manoel Carlos; WILSON, Garcia. **Imprensa na berlinda: a fonte pergunta**. 1. ed. São Paulo: Celebris, 2005.

AZEVEDO, Carlos Eduardo Franco, et al. **A Estratégia de Triangulação: Objetivos, Possibilidades, Limitações e Proximidades com o Pragmatismo**. In. IV ENCONTRO DE ENSINO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO E CONTABILIDADE. Brasília: 2013. Disponível em: <http://www.anpad.org.br/diversos/trabalhos/EnEPQ/enepq_2013/2013_EnEPQ5.pdf>. Acesso em: 30 mar. 2016.

BARBOSA, Marialva. **Meios de comunicação e história: um universo de possíveis**. In: GOULART, Ana Paula (org.) *Mídia e Memória: a produção de sentidos nos meios de comunicação*. Rio de Janeiro, Mauad, 2007.

BARBOSA, Marialva. História do jornalismo (e da mídia) no Brasil, percurso de uma década. In. Anais do XXXIII CONGRESSO BRASILEIRO DE CÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO. v.19. n.2, p. 458-480. Porto Alegre: FAMECOS, 2010. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/doc/296108495/Historia-e-Jornalismo-No-Sec-XX-Marialva-Barbosa>>. Acesso em: 16 fev. 2016.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado Federal, 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm>. Acessado em: 20 mar. 2016.

BURKE, Peter. **A escrita da história: novas perspectivas**; Peter Burke (org.); tradução de Magda Lopes; São Paulo: Editora da Universidade Paulista, 1992. Disponível em: <<https://drive.google.com/file/d/0B-uKlH1YmxZGY1JITzJoaXBpY0U/view>>. Acesso em: 27 fev. 2016.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. **Imprensa e História do Brasil**. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1988.

CAVALCANTE, Expedito Pereira; SILVA, Carlos Amaral; SOUZA, Venicius Alves. **Jubileu de Ouro da Diocese de Presidente Prudente**. Presidente Prudente: Poliantaia Diocesana, 2010.

- CHOAY, Françoise. **A Alegoria do patrimônio**. 3. ed. São Paulo: Edusp, 2001. Disponível em: <<http://docslide.com.br/documents/choay-a-alegoria-do-patrimonio-introducao.html>>. Acesso em: 27 abr. 2016
- DINES, Alberto. **O papel do jornal e a profissão de jornalista**. 9. ed. São Paulo: Summus, 2009.
- DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio; NOVELLI (org). **Métodos e técnicas de Pesquisa em comunicação**. 2. ed. São Paulo: Editora Atlas, 2009.
- ERBOLATO, Mário. **Técnicas de Codificação em Jornalismo, redação, captação e edição no jornal diário**. 5. ed. São Paulo: Editora Ática, 2008.
- FOLHA DE S. PAULO. **Manual da Redação**: Folha de S. Paulo. 18. ed. São Paulo: Publifolha, 2013.
- FORTES, Leandro. **Os segredos das Redações**. São Paulo: Contexto, 2008.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2012.
- GOULARTE, Bruna Santana Pimentel. **Reportagens para o dia da mulher**: Um estudo sobre a cobertura especial feita por portais noticiosos. Disponível em: <<http://repositorio.uniceub.br/bitstream/235/6972/1/21238984.pdf>>. Acesso em: 05 mar. 2016.
- HOOLEY, Graham; PIERCY, Nigel F.; NICOULAUD, Brigitte. **Estratégia de Marketing e posicionamento competitivo**. Tradução Luciane Pauleti e Sonia Midori. 4. ed. São Paulo: Pearson, 2001.
- JORGE, Thais de Mendonça. **Manual do Foca**: guia de sobrevivência para jornalistas. São Paulo: Contexto, 2008.
- KAUARK, Fabiana da Silva; MANHÃES, Fernanda Castro; MEDEIROS, Carlos Henrique. **Metodologia da pesquisa**: um guia prático. Itabuna: Via Letterarum, 2010.
- KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. **Os elementos do jornalismo**. São Paulo: Geração Editorial, 2003.
- KUNCZIK, Michael. **Conceitos em Jornalismo**. Norte e Sul: Manual de Comunicação. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002.
- LAGE, Nilson. **A reportagem**: teoria e técnica de Entrevista e Pesquisa Jornalística. Rio de Janeiro: Record, 2001. Disponível em: <https://issuu.com/emanuellimeira/docs/a_reportagem_teorica_e_tecnica_de_entrevista_e_pesq>. Acesso em: 22 fev. 2016.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Maria de Andrade. Fundamentos de metodologia científica. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1991.

LUCA, Tânia Regina. **A história dos, nos e por meio dos periódicos**. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). Fontes Históricas. São Paulo: Contexto, 2008.

MEDINA, Cremilda de Araújo. **Entrevista: o diálogo possível**. 5. ed. São Paulo: Ática, 2008.

MEDITSCH, Eduardo. **O jornalismo é uma forma de conhecimento?** Santa Catarina, 1997. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/meditsch-eduardo-jornalismo-conhecimento.pdf>>. Acesso em: 22 mar. 2016.

MELO, José Marques de. **Teoria do jornalismo**. São Paulo: Paulus, 2006.

MENESES, José Newton Coelho. **História e Turismo Cultural**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

MINAYO; ASSIS; SOUZA. **Avaliação por triangulação de métodos**. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora: Fiocruz, 2005.

MORETZSOHN, Sylvia. **Jornalismo em “tempo real”**: o fetiche da velocidade. Rio de Janeiro: Revan, 2002.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **A Análise Pragmática da Narrativa Jornalística**. In: Cd-room XXVIII CONGRSSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DE COMUNICAÇÃO. Rio de Janeiro, 2015.

NOBLAT, Ricardo. **A arte de fazer um jornal diário**. 8. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

OLIVEIRA, Fabíola de. **Jornalismo Científico**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

OYAMA, Thaís. **A arte de entrevistar bem**. São Paulo: Contexto, 2008.

RESENDE, Benjami. **Raizes Prudentinas 2**. 1. ed. São Paulo, 2006.

RODRIGUES, Airton. **Pesquisa Mercadológica**. São Paulo: Pearson, 2015.

ROMANCINI, Richard. **História e Jornalismo**: reflexões sobre campos de pesquisa. In. XXVIII CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO. Rio de Janeiro, 2005. Disponível em: <http://www.fbnovas.edu.br/fbnovas/wp-content/themes/kingdom-theme/images/ebooks/jornalismo/historia_e_jornalismo_reflexao_sobre_campos_de_pesquisa.pdf>. Acesso em: 05 mar. 2016.

ROSSI, Clovis. **O que é jornalismo**. São Paulo: Brasiliense, 2005.

RUBLECKI, Anelise. **Jornalismo e marketing**: estratégias mercadológicas para sobrevivência dos jornais impressos. In. Revista Esfera. Ano 2 Vol. 1 nº 3 Jan-Jun/2009. Disponível em: < <http://docplayer.com.br/1285479-Jornalismo-e>

marketing-estrategias-mercadologicas-para-sobrevivencia-dos-jornais-
impressos.html>. Acesso em: 20 mar. 2016.

SCALZO, Marília. **Jornalismo de revista**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de Conceitos Históricos**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2009. Disponível em: <<https://efabiopablo.files.wordpress.com/2013/04/dicionc3a1rio-de-conceitos-hisc3b3ricos.pdf>>. Acesso em: 17 fev. 2015.

TAVARES, Frederico de Mello Brandão. **Percursos entre o Jornalismo e o Jornalismo Especializado**. In. VIII CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO DA REGIÃO SUL. Passo Fundo, 2009. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2007/resumos/R0648-1.pdf>>. Acesso em: 25 mar. 2016.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**. A tribo Jornalística – Uma comunidade interpretativa transnacional. Florianópolis: Insular, 2005.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**. Porque as notícias são como são. Florianópolis: Insular, 2008.

YIN, K. Robert. **Estudo de Caso**. Planejamento e métodos. 4. ed. São Paulo: Editora Bookman, 2010.

APÊNDICE

APÊNDICE A
PAUTAS

PAUTA

RETRANCA: COMUNIDADE/CATEDRAL

PROPOSTA: REALIZAR ENTREVISTAS COM PESSOAS QUE CONHECEM A HISTÓRIA DE ALGUNS BENS PATRIMONIAIS DE PRESIDENTE PRUDENTE E A COMUNIDADE RELIGIOSA QUE VIVERAM NO PERÍODO DO TOMBAMENTO E DESTOMBAMENTO DA CATEDRAL.

ENCAMINHAMENTO: ATRAVÉS DE ENTREVISTAS MARCADAS NA CASA DAS FONTES, OS REPÓRTERES BUSCARÃO SABER AS EXPERIÊNCIAS PESSOAIS DE CADA UM A RESPEITO DO QUE VIVERAM REFERENTE À CATEDRAL. NO CASO DAS PESSOAS QUE CONHECEM A HISTÓRIA DOS BENS PATRIMONIAIS, AS OPINIÕES SOBRE UM POSSÍVEL ABANDONO, SE SABEM O QUE É PATRIMÔNIO HISTÓRICO, ETC. JÁ NO CASO DAS PESSOAS QUE ESTIVERAM LIGADAS A CATEDRAL NO PERÍODO DO TOMBAMENTO E DESTOMBAMENTO, O GRUPO BUSCA SABER O QUE MAIS OS MARCOU NAQUELA ÉPOCA, HISTÓRIAS, CURIOSIDADES, FOTOS, ETC.

DADOS: SALATIEL FIRMINO FONSECA TEM 71 ANOS E MORA EM PRESIDENTE PRUDENTE. É CASADO COM ALCINA APARECIDA FONSECA CERCARIOLI, DE 68 ANOS. CASOU-SE NA CATEDRAL NO ANO DE 1966, NO PRIMEIRO HORÁRIO DE VERÃO DA CIDADE. A CATEDRAL ALÉM DE SER UM SÍMBOLO RELIGIOSO PARA O CASAL É TAMBÉM FRUTO DO CASAMENTO E DE BODAS DE OURO. SALATIEL FREQUENTAVA A CATEDRAL NA ÉPOCA EM QUE A MESMA ERA UMA SIMPLES CAPELINHA DE MADEIRA, CONSTRUÍDA POR PARTE DA COMUNIDADE. ELE RELEMBRA QUE PARTE DE SUA INFÂNCIA FOI VIVIDA NA PRAÇA QUE A RODEIA. SUA CRISMA E BATIZADO TAMBÉM FORAM REALIZADOS LÁ, O QUE REPRESENTA NA VIDA DO CASAL UM ATO IMPORTANTÍSSIMO. ATUALMENTE, SALATIEL É ATIVO NA IGREJA E NOS PROJETOS QUE A ENVOLVEM. TRABALHA COMO VIGIA DE UM LABORATÓRIO EM FRENTE A IGREJA, O QUE FAZ COM QUE QUASE TODOS OS DIAS ELE VÁ ATÉ LÁ AGRADECER, RELEMBRANDO A IMPORTÂNCIA QUE ELA REPRESENTA EM SUA VIDA.

JÚLIO ÂNGELO XAVIER, DE 65 ANOS, É PRUDENTINO E ATIVO NA CATEDRAL SÃO SEBASTIÃO. DIRIGE O CURSO DE CASAIS DA IGREJA DESDE 1984, O ECC- ENCONTRO DE CASAIS COM CRISTO. É MINISTRO DE EUCARISTIA HÁ 20 ANOS E TAMBÉM REGENTE DO GRUPO DE CANTO DA IGREJA HÁ 15. JÚLIO, DESDE A SUA INFÂNCIA, FREQUENTA A CATEDRAL, ONDE TAMBÉM CONSOLIDOU A SUA FAMÍLIA. SEGUNDO ELE, A ÉPOCA DO TOMBAMENTO FOI MUITO CONTURBADA, POIS OCORRERAM MUDANÇAS INTERNAS NA IGREJA, O QUE REFLETIU EM SUA ROTINA RELIGIOSA. SE TORNOU INFLUENTE NA IGREJA, GRAÇAS AOS EVENTOS QUE SEMPRE PARTICIPAVA. ATUALMENTE, CONTINUA COMO MINISTRO DE EUCARISTIA E GERENCIA CURSOS RELIGIOSOS. FORA DA CATEDRAL, É DOCENTE NA ESCOLA TÉCNICA DO SENAI, ALÉM DE EXERCER SUA PROFISSÃO DE ASSESSORIA ELETRÔNICA EM DIVERSAS EMPRESAS.

DONA MARGARIDA NASCEU EM 1948, FEZ CATEQUESE E SE CASOU NA CATEDRAL. TRABALHOU NAS QUERMESSES ORGANIZADAS PELA IGREJA E HOJE TRABALHA NA PASTORAL DA SOLIDARIEDADE DE SÃO SEBASTIÃO. DONA MARIA APARECIDA É IRMÃ MAIS VELHA DE DONA MARGARIDA. FOI ALUNA DE PRIMEIRA COMUNHÃO DO MONSENHOR SARRION. FREQUENTA A CATEDRAL ATÉ OS DIAS ATUAIS E TRABALHA TAMBÉM NA PASTORAL DA SOLIDARIEDADE.

ROTEIRO 1:

DATA: 23/04/2016

HORÁRIO: 14H00

ENTREVISTADO: SALATIEL FIRMINO FONSECA

LOCAL: RUA MARIA LAPA DE MATOS, 168 – VALE VERDE I – PRESIDENTE PRUDENTE

SUGESTÕES DE PERGUNTAS:

- 1.QUAL O NOME COMPLETO DO SENHOR, IDADE E O NOME DA ESPOSA?
- 2.QUAL A IMPORTÂNCIA QUE A CATEDRAL REPRESENTA NA VIDA DO SENHOR?
- 3.QUAL O FATO MAIS MARCANTE QUE A CATEDRAL REPRESENTA NA VIDA DO SENHOR?
- 4.POR QUE O SENHOR ESCOLHEU A CATEDRAL PARA COMEMORAR AS SUAS BODAS DE OURO DE CASAMENTO?
- 5.HÁ QUANTO ANOS O SENHOR RESIDE NA CIDADE DE PRUDENTE?
- 6.COMO FOI A SUA INFÂNCIA QUANDO O SENHOR FREQUENTAVA A CATEDRAL?
- 7.O SENHOR LEMBRA A ÉPOCA EM A IGREJA FOI TOMBADA?
- 8.O SENHOR É FAVOR OU CONTRA O TOMBAMENTO?
- 9.HOJE O SENHOR ACHA QUE AS PESSOAS DEVERIAM VALORIZAR MAIS A CATEDRAL DEVIDO A HISTÓRIA QUE ELA ÂNCORA?

SUGESTÕES DE IMAGENS

- 1.PORTRAIT DO ENTREVISTADO SOZINHO EM LUGAR QUE CONTEXTUALIZE A HISTÓRIA QUE FOI CONTADA
- 2.FAZER UM FOTO DO CASAL SEGURANDO AS FOTOGRAFIAS DO CASAMENTO E DAS BODAS DE OURO, PARA ENFATIZAR O QUE ELE CONTOU NA ENTREVISTA.
- 3.ELABORA UM FOTO DETALHE QUE PEGUE A EXPRESSÃO DO OLHAR NO MOMENTO EM QUE ELE ESTIVER FALANDO SOBRE A HISTÓRIA DA IGREJA
- 4.FAZER UMA FOTO DO CASAL EM FRENTE DA IGREJA, SEGURANDO AS FOTOGRAFIAS ANTIGAS.

ROTEIRO 2:

DATA: 28/04/2016

HORA: 10H00

ENTREVISTADO: JÚLIO ÂNGELO XAVIER

LOCAL: RODOVIA RAPOSO TAVARES, KM 572 – LIMOEIRO, PRESIDENTE PRUDENTE.

SUGESTÃO DE PERGUNTAS:

- 1.QUAL É O NOME DO SENHOR COMPLETO E A IDADE?
- 2.QUAL A IMPORTÂNCIA QUE A CATEDRAL REPRESENTA NA SUA VIDA?
- 3.QUANTOS ANOS VOCÊ JÁ FREQUENTA A CATEDRAL?
- 4.VOCÊ EXERCE ALGUMA FUNÇÃO NA IGREJA? QUAL FUNÇÃO, E HÁ QUANTO TEMPO?
- 5.QUAL O FATO MAIS MARCANTE QUE A CATEDRAL REPRESENTOU NA VIDA DO SENHOR?
- 6.O SENHOR LEMBRA A ÉPOCA EM A IGREJA FOI TOMBADA?
- 7.COMO FOI PARA VOCÊ E SUA FAMÍLIA ESSA ÉPOCA? HOUVE ALGUMA MUDANÇA NA ROTINA DOS FIÉIS QUE FREQUENTAVA A IGREJA?
- 8.O SENHOR TEVE MUDAR A SUA ROTINA RELIGIOSA? QUAL?
- 9.O SENHOR É FAVOR OU CONTRA O TOMBAMENTO?
- 10.HOJE O SENHOR ACHA QUE AS PESSOAS DEVERIAM VALORIZAR MAIS A CATEDRAL, DEVIDO À HISTÓRIA QUE ELA REPRESENTA PARA A CIDADE E A COMUNIDADE?

SUGESTÃO DE IMAGENS

- 1.PORTRAIT DO ENTREVISTADO SOZINHO EM LUGAR QUE CONTEXTUALIZE A HISTÓRIA QUE FOI CONTADA
- 2.ELABORAR UM FOTO DETALHE QUE PEGUE A EXPRESSÃO DO OLHAR NO MOMENTO EM QUE ELE ESTIVER FALANDO SOBRE A HISTÓRIA DA IGREJA
- 3.FAZER UMA FOTO DETALHE DA IGREJA, OU DE ARQUIVOS PESSOAIS DO ENTREVISTADO PARA DAR MAIS VERACIDADE A HISTORIA CONTADA.

ROTEIRO 3:

DATA: 28/04/2016

HORA: 14H00

ENTREVISTADO: MARGARIDA MENEGASSO VIEIRA

LOCAL: RUA DR. GURGEL, 226 – ED. BARILE APTO 401 – PRESIDENTE PRUDENTE.

SUGESTÃO DE PERGUNTAS:

- 1.COMO FOI A TRAJETÓRIA DA SENHORA NA CATEDRAL DE SÃO SEBASTIÃO?
- 2.A SENHORA FOI CONTRA OU A FAVOR DO TOMBAMENTO? POR QUÊ?
- 3.O QUE A SENHORA MAIS SENTE FALTA NA IGREJA ANTIGAMENTE?
- 4.A SENHORA MUDARIA ALGUMA COISA HOJE EM DIA?
- 5.QUAIS SÃO OS PONTOS POSITIVOS QUE A SENHORA VÊ EM RELAÇÃO A CATEDRAL HOJE?
- 6.QUAL A SUA RELAÇÃO COM A CATEDRAL HOJE EM DIA?

SUGESTÃO DE IMAGENS:

- 1.PORTRAIT DO ENTREVISTADO SOZINHO EM LUGAR QUE CONTEXTUALIZE A HISTÓRIA QUE FOI CONTADA

ROTEIRO 4:

DATA: 28/04/2016

HORA: 14H40

ENTREVISTADO: MARIA APARECIDA MENEGASSO

LOCAL: RUA DR. GURGEL, 226 – ED. BARILE APTO 401 – PRESIDENTE PRUDENTE.

SUGESTÃO DE PERGUNTAS:

- 1.COMO FOI A TRAJETÓRIA DA SENHORA NA CATEDRAL DE SÃO SEBASTIÃO?
- 2.A SENHORA FOI CONTRA OU A FAVOR DO TOMBAMENTO? POR QUE?
- 3.O QUE A SENHORA MAIS SENTE FALTA NA IGREJA ANTIGAMENTE?
- 4.A SENHORA MUDARIA ALGUMA COISA HOJE EM DIA?
- 5.QUAIS SÃO OS PONTOS POSITIVOS QUE A SENHORA VÊ EM RELAÇÃO A CATEDRAL HOJE?
- 6.QUAL A SUA RELAÇÃO COM A CATEDRAL HOJE EM DIA?

SUGESTÃO DE IMAGENS

- 1.PORTRAIT DO ENTREVISTADO SOZINHO EM LUGAR QUE CONTEXTUALIZE A HISTÓRIA QUE FOI CONTADA

PAUTA

TOMBAMENTO HISTÓRIA

PROPOSTA: O PRESENTE TRABALHO TEM COMO OBJETIVO DE PEÇA PRÁTICA UM SUPLEMENTO SOBRE A HISTÓRIA DA CATEDRAL DE SÃO SEBASTIÃO, DO PERÍODO DE 1985 A 1995. PARA ISSO, SERÁ PRODUZIDO UM SUPLEMENTO PILOTO COMO PEÇA PRÁTICA, A FIM DE CONTAR PARTE DA HISTÓRIA DESSE BEM QUE FOI TOMBADO E DEPOIS, DESTOMBADO. NESSE MOMENTO, A PAUTA DESENVOLVIDA TEM COMO OBJETIVO FALAR SOBRE O PROCESSO DE TOMBAMENTO DA CATEDRAL DA VISÃO DE MEMBROS DO CONDENPHAAT, QUE ERAM A FAVOR DE TAL ATO. PRETENDE-SE ENTENDER COMO

ENCAMINHAMENTO: A MATÉRIA TEM COMO OBJETIVO FALAR SOBRE O PROCESSO DE TOMBAMENTO DA CATEDRAL DE SÃO SEBASTIÃO. O QUE FOI REALIZADO NA ÉPOCA, O QUE ACONTECEU NO CONDENPHAAT, ÓRGÃO RESPONSÁVEL PELA AVALIAÇÃO DOS PATRIMÔNIOS DA CIDADE, E ETC. PARA ISSO, ENTREVISTAREMOS O PROFESSOR DOUTOR EM GEOGRAFIA URBANA, HÉLIO HIRAO, E TAMBÉM A PROFESSORA DOUTORA EM ANTROPOLOGIA, RUTH KÜNZLI, AMBOS DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

DADOS: A CIDADE DE PRESIDENTE PRUDENTE POSSUI, ATUALMENTE, TRÊS BENS PATRIMONIAIS TOMBADOS POR DECRETO: O CENTRO CULTURAL MATARAZZO – ANTIGO BARRAÇÃO DA IRF MATARAZZO (TOMBADO PELO DECRETO 6.128/87, DO DIA 30/04); O BEBEDOURO DE ANIMAIS EM FRENTE À ANTIGA ESTAÇÃO FERROVIÁRIA (DECRETO 5.213/85, DO DIA 12/04); E O MUSEU E ARQUIVO HISTÓRICO PREFEITO ANTÔNIO SANDOVLA NETTO, ANTIGO MATADOURO (DECRETO 7.643/91, DE 03/07). EM 2009, ATRAVÉS DO REQUERIMENTO DE NÚMERO 00264-2009 DE 25/02/2009, PEDIU-SE PARA A PREFEITURA TOMBAR COMO PATRIMÔNIO HISTÓRICO A FIGUEIRA LOCALIZADA NO PARQUE DE USO MÚLTIPLO.

NO DIA 12 DE ABRIL DE 1985A CATEDRAL DE SÃO SEBASTIÃO, QUE FOI TOMBADA PELO DECRETO 5.512, DE 12 DE ABRIL DE 1985, ASSINADO PELO ENTÃO PREFEITO VIRGÍLIO TIEZZI JÚNIOR, FOI DESTOMBADA EM 18 DE OUTUBRO DE 1993, PELA LEI 3.378, SANCIONADA PELO ENTÃO PREFEITO AGRIPINO DE OLIVEIRA LIMA FILHO. NA ÉPOCA, O CONSELHO ESTAVA DESATIVADO E ESSE PROCESSO OCORREU SEM A ANÁLISE DO ÓRGÃO.

OUTROS LOCAIS SEGUEM EM PROCESSO JUDICIAL DE TOMBAMENTO, COMO A ANTIGA CHAMINÉ TERMOELÉTRICA DA SANBRA (SOCIEDADE ALGODOEIRA DO NORDESTE BRASILEIRO) E O PRÉDIO ONDE FUNCIONAVA O IBC (INSTITUTO BRASILEIRO DO CAFÉ). DE ACORDO COM O SECRETÁRIO DE CULTURA, TAMBÉM ESTÃO EM PROCESSO DE TOMBAMENTO A ESTAÇÃO FERROVIÁRIA E A PRAÇA NOVE DE JULHO.

EM 2009, PELO REQUERIMENTO APROVADO DE NÚMERO 00264-2009 DE 25-02-2009, PEDIU-SE PARA A PREFEITURA TOMBAR COMO PATRIMÔNIO HISTÓRICO A FIGUEIRA LOCALIZADA NO PARQUE DE USO MÚLTIPLO.

HÉLIO HIRAO É PROFESSOR DOUTOR EM GEOGRAFIA HUMANA, DANDO AULA NO CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO A UNESP DE PRESIDENTE

PRUDENTE. NA ÉPOCA DO TOMBAMENTO, HÉLIO TRABALHAVA NA PREFEITURA E ERA TAMBÉM MEMBRO DO EXTINTO CONDENPHAAT. DURANTE OS TRABALHOS DE TOMBAMENTO, ESCREVEU DIVERSOS ARTIGOS PARA O JORNAL O IMPARCIAL, ALÉM DE REALIZAR DIVERSOS ESTUDOS SOBRE A IMPORTÂNCIA DE SE TOMBAR UM PATRIMÔNIO PARA PRESERVAR-SE A HISTÓRIA DA CIDADE. NO PERÍODO DO DESTOMBAMENTO, HÉLIO FOI TESTEMUNHA DA CIDADANIA, NÃO CONCORDANDO COM A DECISÃO DO ENTÃO PREFEITO AGRIPINO LIMA.

RUTH KÜNZLI É PROFESSORA DE ANTROPOLOGIA NA UNESP DE PRESIDENTE PRUDENTE, SENDO TAMBÉM EX MEMBRO DO CONDENPHAAT NO PERÍODO DO DESTOMBAMENTO. SEGUNDO RUTH, AO LONGO DOS ANOS, MESMO ANTES DE 1985, A CATEDRAL SOFREU DIVERSAS MUDANÇAS QUE CULMINARAM EM SUA DESCARACTERIZAÇÃO. ANTIGAMENTE, EM VOLTA DA IGREJA HAVIA OS ALTARES DE ADORAÇÃO DOS SANTOS DAS FAMÍLIAS QUE AJUDARAM NA CONSTRUÇÃO DA CATEDRAL, OS QUAIS FORAM DEMOLIDOS, POIS O ENTÃO BISPO NA ÉPOCA ACREDITAVA QUE AS PESSOAS NÃO ESTAVAM DANDO ATENÇÃO O SUFICIENTE PARA O ALTAR CENTRAL.

O TOMBAMENTO E DESTOMBAMENTO DA CATEDRAL NADA MAIS FOI DO QUE UM JOGO DE INTERESSES ENVOLVENDO RELIGIÃO E POLÍTICA. POR PARTE DA POLÍTICA, ACREDITAVA-SE QUE HAVIA NECESSIDADE DE SE TOMBAR A CATEDRAL A FIM DE PERPETUAR PARTE DA HISTÓRIA DA CIDADE; POR PARTE DA DIOCESE, PROCURAVA-SE PRESERVAR O PRÉDIO QUE ERA SUA PROPRIEDADE. PORÉM, A CATEDRAL NECESSITAVA DE MANUTENÇÃO, POIS HAVIA ALGUMAS RACHADURAS NO PRÉDIO, MANUTENÇÃO ESSA QUE A PREFEITURA NÃO PODERIA ARCAR. O PROCESSO DE TOMBAMENTO FOI INICIADO POR CONTA DE UM ESTUDO REALIZADO PELO BISPO DON AGOSTINHO MAROCCHI, QUE DESEJAVA APROVEITAR TODO O TERRITÓRIO DA CATEDRAL, CONSTRUINDO ASSIM ALOJAMENTOS PARA PADRES VISITANTES, DENTRE OUTRAS COISAS. COM O TOMBAMENTO, DON MAROCCHI MOBILIZOU A COMUNIDADE DA CATEDRAL PARA QUE FIZESSEM UM ABAIXO-ASSINADO CONTRA O TOMBAMENTO, ALEGANDO QUE COM ISSO A PREFEITURA QUERIA DE FATO DERRUBAR A CATEDRAL. COLETOU-SE NA ÉPOCA CERCA DE 7 MIL ASSINATURAS.

ESTUDIOSOS DA CIDADE AFIRMAM QUE TODAS AS MUDANÇAS OCORRIDAS DESDE O DESTOMBAMENTO ATÉ ENTÃO ACABARAM POR DESCARACTERIZAR COMPLETAMENTE A CATEDRAL, SENDO ALGUMAS DELAS: A PINTURA INTERNA, REALIZADA PELO PROFESSOR BOTOSSO; A PINTURA EXTERNA; A CONSTRUÇÃO DE UM ESTACIONAMENTO EM VOLTA DA CATEDRAL; ETC.

ROTEIRO:

DATA: 08/04/2016

HORA: 15H30

ENTREVISTADO: HÉLIO HIRAO – PROFESSOR DOUTOR EM GEOGRAFIA HUMANA.

LOCAL: RUA ROBERTO SIMONSEN, 305 – PRESIDENTE PRUDENTE
CÂMPUS DE ARQUITETURA DA UNESP – DEPARTAMENTO DE PLANEJAMENTO

SUGESTÃO DE PERGUNTA:

- 1.O SENHOR PODE FALAR O QUE SE LEMBRA DO PERÍODO DO TOMBAMENTO DA CATEDRAL SÃO SEBASTIÃO?
- 2.E O PESSOAL DO CONDEPHAAT RESOLVEU ENTRAR COM ESSE TOMBAMENTO PORQUE ELE IA DESCARACTERIZAR?
- 3.O QUE O SENHOR LEMBRA DA ÉPOCA DO TOMBAMENTO, REFENTE À REPERCUSSÃO?
- 4.E DEPOIS DO DESTOMBAMENTO, TEVE ALGUMA ALTERAÇÃO QUE FOI FEITA NA CATEDRAL QUE O SENHOR JULGA ERRADA?

SUGESTÃO DE IMAGEM:

- 1.PORTRAIT DO ENTREVISTADO EM SUA MESA NA UNIVERSIDADE.

DATA: 08/04/2016

HORA: 16H40

LOCAL: MESMO ROTEIRO

ENTREVISTADA: RUTH KÜNZLI – PROFESSORA DOUTORA DE ANTROPOLOGIA.

SUGESTÃO DE PERGUNTA:

- 1.QUANDO HOUE O TOMBAMENTO, O QUE A SENHORA LEMBRA?
- 2.A SENHORA ACHA QUE AS ALTERAÇÕES QUE FORAM FEITAS DEPOIS DO DESTOMBAMENTO ATÉ ENTÃO, DESCARACTERIZARAM UM POUCO A CATEDRAL, DIGO, NÃO SÓ O ESTACIONAMENTO, MAS QUALQUER OUTRA COISA QUE TENHAM FEITO?
- 3.E ESSA MUDANÇA, A SENHORA ACHA QUE O DESTOMBAMENTO TROUXE O ESQUECIMENTO DESTA PARTE?

SUGESTÃO DE IMAGEM:

1. PORTRAIT DO ENTREVISTADO EM SUA MESA NA UNIVERSIDADE.

PAUTA**RETRANCA: CATEDRAL DESTOMBAMENTO**

PROPOSTA: A CATEDRAL SÃO SEBASTIÃO FOI TOMBADA PELO PODER PÚBLICO EM OUTUBRO 1985. EM 1993, ACONTECE UM NOVO PROCESSO PARA DESTOMBÁ-LA, POIS O ÓRGÃO QUE HAVIA MOVIDO O TOMBAMENTO JUNTO COM A PREFEITURA NÃO CUSTEAVA A PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO. NESSE PERÍODO, ESTAVA NO COMANDO DA IGREJA O BISPO DOM AGOSTINHO MAROCHI. ELE HAVIA FEITO UM PROJETO PARA A RESTAURAÇÃO E AMPLIAÇÃO DA IGREJA, PORÉM VIU SEUS PLANOS NÃO SE CONCRETIZAREM COM O TOMBAMENTO DO IMÓVEL. PARA QUE A REFORMA PUDESSE OCORRER, O PREFEITO AGRIPINO LIMA DECRETOU UMA LEI QUE CANCELAVA O TOMBAMENTO DE 1985. NESSE SENTIDO, HOVE UMA BRIGA POLÍTICA ENTRE A IGREJA E O ÓRGÃO RESPONSÁVEL EM MANTER O PATRIMÔNIO TOMBADO.

ENCAMINHAMENTO: A INTENÇÃO DA MATÉRIA É SABER DE ENVOLVIDOS NA ÉPOCA O QUE ACONTECEU, QUANDO DECRETADO O DESTOMBAMENTO DA CATEDRAL. A POPULAÇÃO ERA A FAVOR DO DESTOMBAMENTO, JUNTO COM OS LÍDERES RELIGIOSOS. O PODER PÚBLICO ACEITOU DESTOMBAR DEVIDO A AMIZADE ENTRE BISPO E PREFEITO, E O INTERESSE DO PREFEITO DE NÃO TER COMO RESPONSABILIDADE A RESTAURAÇÃO E DEMAIS OBRAS QUE NECESSITAVAM A IGREJA.

DADOS: DONA UILMA NASCEU E CRESCEU EM PRESIDENTE PRUDENTE. NESSE TEMPO TODO VIU A CIDADE CRESCER, E JUNTO COM ELA A CATEDRAL SÃO SEBASTIÃO. SEU PAI AJUDOU NA CONSTRUÇÃO DA IGREJA JUNTO COM OUTRAS PESSOAS DA COMUNIDADE. NA CATEDRAL, ELA SE CASOU E BATIZOU OS FILHOS. NA COMUNIDADE, ELA PARTICIPOU DE VÁRIAS PASTORAIS COMO CATEQUISTA, PASTORAL DA FAMÍLIA, CURSO DE NOIVOS, VICENTINOS, ETC. NO DESTOMBAMENTO, ELA FREQUENTAVA A CATEDRAL, POIS OS PROBLEMAS NÃO ATRAPALHARAM SUA VIDA EM CRISTO.

A VEREADORA ALBA LUCENA GANDIA ERA REPRESENTANTE DO PODER LEGISLATIVO E TESTEMUNHA SOBRE AS CONTENDAS ENTRE A IGREJA E O PODER PÚBLICO. A POSIÇÃO DA VEREADORA SOBRE O ASSUNTO É A FAVOR DO CANCELAMENTO DO TOMBAMENTO. SEU VOTO AO DESTOMBAMENTO ERA PORQUE A IGREJA TINHA DEIXADO DE FAZER O PAPEL SOCIAL E POR CONTA DA MÁ CONSERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO PELO PODER PÚBLICO.

O PROCURADOR DO ESTADO JOSÉ ROBERTO FERNANDES CASTILHO, NA ÉPOCA PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO DE DEFESA DOS DIREITOS DO CIDADÃO, ERA CONTRA O DESTOMBAMENTO DA IGREJA PARA MANTER A HISTÓRIA DA CIDADE

O AGRIPINO DE OLIVEIRA LIMA FILHO, EX- PREFEITO NA ÉPOCA DO DESTOMBAMENTO, QUE TAMBÉM FOI RESPONSÁVEL POR CRIAR UMA LEI UMA LEI QUE CANCELASSE O TOMBAMENTO DE 1985 ATRAVÉS DE UM DECRETO. E HOVE UMA BRIGA POLÍTICA.

ROTEIRO 1:**DATA:** 13/04/2016**HORÁRIO:**19H00**ENTREVISTADO:** UILMA CREPALDI GANANCIO**LOCAL:** CATEDRAL DE SÃO SEBASTIÃO

CÂMARA MUNICIPAL, PRÓXIMO À PRAÇA NOVE DE JULHO, TEATRO MUNICIPAL

CONTATO: (18) 3222 2055**SUGESTÃO DE PERGUNTAS:**

- 1.A QUANTO TEMPO A SENHORA PARTICIPA AQUI NA CATEDRAL? COMO É SERVIR NA COMUNIDADE, PARTICIPAR DAS MISSAS?
- 2.QUANTAS PASTORAIS A SENHORA JÁ PARTICIPOU E QUAL FOI A QUE MAIS MARCOU?
- 3.QUAL É SENTIMENTO DE PODER AJUDAR ESPIRITUALMENTE E MATERIALMENTE AS PESSOAS VEM BUSCAR AMPARO NA IGREJA?
- 4.COMO É CRESCER NA CIDADE E VER CATEDRAL SE TRANSFORMAR NESTA BELA CONSTRUÇÃO? O QUE ISSO REPRESENTA SUA VIDA?
- 5.O PROCESSO DE DESTOMBAMENTO ATRAPALHOU A VIDA DAS PESSOAS AQUI NA IGREJA? OU ESSES TRAMITES NÃO ATRAPALHOU A COMUNIDADE?
- 6.ESSOS PROCESSOS DO HOMEM INTERFEREM NA FÉ? DE QUE MANEIRA ISSO PODE ATRAPALHAR A VIDA DA COMUNIDADE?

SUGESTÃO DE FOTOGRAFIA:

PARA ESTA PAUTA O FOTÓGRAFO DEVE FAZER UM PORTRAIT DO PERSONAGEM ENTREVISTADO PARA COMPOR A MATÉRIA. A FOTOGRAFIA PODE SER NO LOCAL EM QUE SERÁ FEITO A ENTREVISTA E CASO O LOCAL PERMITA, UTILIZE ALGUM ELEMENTO QUE POSSA COMPOR O ENFOQUE DA REPORTAGEM.

ROTEIRO 2:**DATA:** 14/04/2016**HORÁRIO:**15H00**ENTREVISTADO:** JOSÉ ROBERTO FERNANDES CASTILHO**LOCAL:** AV. CEL JOSÉ SOARES MARCONDES, 1394

CÂMARA MUNICIPAL, PRÓXIMO À PRAÇA NOVE DE JULHO, TEATRO MUNICIPAL

CONTATO: (18) 3229 5680 RAMAL 207**SUGESTÃO DE PERGUNTAS**

- 1.QUAL ERA A IMPORTÂNCIA PARA A ASSOCIAÇÃO DE DEFESA DOS DIRETOS DO CIDADÃO EM MANTER O TOMBAMENTO? E QUAL ERA A RESPONSABILIDADE DA ASSOCIAÇÃO NA ÉPOCA?
- 2.NA ÉPOCA A ASSOCIAÇÃO SE COLOCOU À DISPOSIÇÃO DA POPULAÇÃO NO SENTIDO DE AJUDAR A MANTER O TOMBAMENTO. VOCÊS TIVERAM O APOIO DOS PRUDENTINOS EM MANTER A CATEDRAL TOMBADA?
- 3.SEGUNDO INFORMAÇÕES, O DECRETO Nº3.778/13 DE 18 DE OUTUBRO DE 1993, DO DESTOMBAMENTO, NÃO RESPEITOU ALGUMAS REGRAS. NAQUELE ANO O CONDEPHAT ESTAVA INATIVO E POR ISSO APROVEITARAM A OPORTUNIDADE PARA SER APROVADO O DESTOMBAMENTO?

4.O SENHOR ACHA QUE HOUE ERRO DO PODER PÚBLICO DE NÃO INDEFERIR O DECRETO DO DESTOMBAMENTO APROVADO PELO PREFEITO AGRIPINO LIMA?

5.SE A IGREJA ESTIVESSE TOMBADA, DE QUE MODO ESTARIA A IGREJA ATUALMENTE? RICA EM PRESERVAÇÃO DA HISTÓRIA OU DEPRECIADA?

6.AINDA PODE HAVER ALGUMA PAUTA SOBRE O ASSUNTO PELAS PARTES INTERESSADAS NA PRESERVAÇÃO DA HISTÓRIA DA CATEDRAL. NESSE SENTIDO, SERÁ QUE HAVERIA UM NOVO TOMBAMENTO JÁ QUE A CIDADE ESTÁ PRESTES A COMPLETAR SEU CENTENÁRIO?

SUGESTÃO DE FOTOGRAFIA

PARA ESTA PAUTA O FOTOGRAFO DEVE FAZER UM PORTRAIT DO PERSONAGEM ENTREVISTADO PARA COMPOR A MATÉRIA. A FOTOGRAFIA PODE SER NO LOCAL EM QUE SERÁ FEITO A ENTREVISTA E CASO O LOCAL PERMITA, UTILIZE ALGUM ELEMENTO QUE POSSA COMPOR O ENFOQUE DA REPORTAGEM.

ROTEIRO 3:

DATA: 23/05/2016

HORÁRIO:09H00

ENTREVISTADO: AGRIPINO DE OLIVEIRA LIMA FILHO

LOCAL: RUA JOSÉ BONGIOVANI, 700 - CIDADE UNIVERSITÁRIA, PRESIDENTE PRUDENTE - SP, 19050-920

SUGESTÃO DE PERGUNTAS

1COMO FOI A ÉPOCA EM QUE O SENHOR ERA PREFEITO DA CIDADE E INTERVIU NO ASSUNTO DE DESTOMBAR A IGREJA?

2 COMO ERA A SUA RELAÇÃO COM O BISPO NA ÉPOCA, DOM AGOSTINHO MAROCHI?

3 QUAIS FORAM AS ATITUDES TOMADAS NA ÉPOCA DO DESTOMBAMENTO DA IGREJA?

4COMO SURTIU A IDEIA DO DECRETO ELABORADO PELO SENHOR?

5 QUAIS FORAM AS ATITUDES TOMADAS PELO SENHOR NA ÉPOCA EM QUE A IGREJA FOI TOMBADA?

SUGESTÃO DE FOTOGRAFIA

PARA ESTA PAUTA O FOTOGRAFO DEVE FAZER UM PORTRAIT DO PERSONAGEM ENTREVISTADO PARA COMPOR A MATÉRIA. A FOTOGRAFIA PODE SER NO LOCAL EM QUE SERÁ FEITO A ENTREVISTA E CASO O LOCAL PERMITA, UTILIZE ALGUM ELEMENTO QUE POSSA COMPOR O ENFOQUE DA REPORTAGEM.

PAUTA

RETRANCA: PATRIMÔNIO / PRESERVAÇÃO

PROPOSTA GERAL: ENTREVISTAR ESPECIALISTAS DA ÁREA DE ARQUITETURA E URBANISMO, PARA FALAREM COM PRIORIDADE DA DEFINIÇÃO DO QUE É PATRIMÔNIO, ALÉM DE EXPLICAR OS ELEMENTOS QUE CONTRIBUEM PARA A SUA PRESERVAÇÃO.

ENCAMINHAMENTO: A ENTREVISTA SERÁ FEITA DE MANEIRA DINÂMICA. O EIXO CENTRAL NA MATÉRIA É ENTENDER O QUE É UM PATRIMÔNIO HISTÓRICO E QUAIS ELEMENTOS CONTRIBUEM PARA A SUA PRESERVAÇÃO. DESTA FORMA, FAZER OS LEITORES COMPREENDER COM CLAREZA A IMPORTÂNCIA DE SE TER UM PATRIMÔNIO NA CIDADE. TAMBÉM DEVE TRAZER COM QUAIS INICIATIVAS A POPULAÇÃO PODE CONTRIBUIR PARA ESSA PRESERVAÇÃO. DURANTE A ENTREVISTA TAMBÉM SERÁ FALADO SOBRE A EDUCAÇÃO PATRIMONIAL NAS ESCOLAS E A IMPORTÂNCIA E O INTERESSE DOS JOVENS SOBRE O TEMA PROPOSTO. PARA FINALIZAR, TAMBÉM SERÁ FALADO DA ARQUITETURA ENQUANTO PROJETO, QUAIS OS BENEFÍCIOS DE SE TER UMA ARQUITETURA DIFERENTE E DESTA FORMA SE TORNAR UMA ALVO DE POSSÍVEL PRESERVAÇÃO.

DADOS: CRISTIANA ALEXANDRE PASQUINI É GRADUADA E PÓS-GRADUADA EM ARQUITETURA E URBANISMO PELA UEL-- UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA, A QUAL CONCLUIU NO ANO DE 1996. É MESTRE EM ARQUITETURA E URBANISMO PELA FAUUSP – FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, EM 2011, SENDO TAMBÉM DOCENTE NA UNOESTE - UNIVERSIDADE DO OESTE PAULISTA, HÁ 15 ANOS. ATUALMENTE, TAMBÉM É A PRESIDENTE DA GESTÃO ATUAL DO NÚCLEO IAB, DE PRESIDENTE PRUDENTE - INSTITUTO DE ARQUITETOS DO BRASIL, QUE É UMA ORGANIZAÇÃO DE CLASSE, SEM FINS LUCRATIVOS, QUE SE DEDICA A TEMAS ESSENCIAIS AO ARQUITETO, À CULTURA ARQUITETÔNICA E À SOCIEDADE. É A MAIS ANTIGA DAS ENTIDADES BRASILEIRAS DEDICADAS AOS TEMAS LIGADOS À ARQUITETURA, À CIDADE BRASILEIRA E AO EXERCÍCIO DA PROFISSÃO. O IAB, NÃO TEM O PAPEL DO CONSELHO, QUE É UM FISCALIZADOR E REGULAMENTADOR, ELE TEM UM PAPEL NA VERDADE, DE MOSTRAR E CONSTRUIR DEFINIÇÕES DE ARQUITETURA TANTO PARA OS PROFISSIONAIS DA ÁREA COMO, PARA A SOCIEDADE. A ESPECIALISTA ATUA NA ÁREA DE ARQUITETURA HÁ 20 ANOS, TENDO SEU ESCRITÓRIO PRÓPRIO HÁ 15. TAMBÉM MINISTRA PALESTRAS CUJO FOCO É A IMPORTÂNCIA DA ARQUITETURA ENQUANTO PROJETO E CONSTRUÇÃO DE HISTÓRIA.

RONALDO MACEDO TEM 66 ANOS E É FORMADO EM HISTÓRIA PELA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO - USP, ONDE CONCLUIU A GRADUAÇÃO NO ANO DE 1974. ATUA NA ÁREA HÁ 42 ANOS. NASCEU NA CIDADE DE SÃO PAULO, E HOJE RESIDE EM ÁLVARES MACHADO.

RONALDO ESTÁ ENVOLVIDO EM VÁRIOS PROJETOS CULTURAIS LIGADOS A CIDADE DE PRESIDENTE PRUDENTE, SENDO UM DELES UMA AMOSTRA DE FILMES QUE ESTÁ SENDO PRODUZIDA PARA O CENTENÁRIO DA CIDADE. O HISTORIADOR TAMBÉM JÁ OCUPOU CARGOS IMPORTANTES COMO DIRETOR DA BIBLIOTECA MUNICIPAL, DIRETORIA DO MUSEU (2012) E PROGRAMADOR CULTURAL. ATUALMENTE, ESTÁ INICIANDO NO DIA 09 DE ABRIL UM CURSO SOBRE A HISTÓRIA DA CIDADE DE PRESIDENTE PRUDENTE, NO QUAL ABORDARÁ DESDE O SURGIMENTO DA CIDADE, FALANDO SOBRE OS FUNDADORES DE PRUDENTE, AS FAMÍLIAS PIONEIRAS E A ECONOMIA QUE CONTRIBUIU PARA O SURGIMENTO E O DESENVOLVIMENTO DA CIDADE PRUDENTINA. TAL ESCOLHA VEM AO ENCONTRO DE NOSSA PROPOSTA DE TRABALHO.

FABRÍCIA DIAS FORMOU-SE NA UNIVERSIDADE DO OESTE PAULISTA – UNOESTE EM 2011, NO CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO. MESTRE EM ARQUITETURA, TRABALHA NA ÁREA HÁ 5 ANOS, SENDO ATUALMENTE DOCENTE DA UNOESTE. A ARQUITETA MINISTRA UMA DISCIPLINA INTITULADA PATRIMÔNIO, RESTAURAÇÃO E TÉCNICAS RETROSPECTIVAS. TAL MATÉRIA EXPLICA O QUE SERIA UM PATRIMÔNIO CULTURAL, EM UM ENTENDIMENTO MAIS VERTICALIZADO, ABORDANDO ASPECTOS COMO BENS MATERIAIS E IMATERIAIS, DESPERTANDO NOS DISCENTES A CONSCIÊNCIA DO TEMA PATRIMÔNIO E SUAS PARTICULARIDADES. FABRÍCIA, CONSTANTEMENTE ESTÁ ENVOLVIDA EM CONGRESSOS CUJO FOCO ESTÁ RELACIONADO A PATRIMÔNIO. A ESPECIALISTA TAMBÉM FAZ PARTE DO CONSELHO DA CIDADE DE PRESIDENTE PRUDENTE, O COMUDEPHAAT, ONDE TEM IMPLANTADO PROJETOS DE EXTENSÃO RELACIONADOS A PATRIMÔNIO. TAMBÉM ESTÁ TENTANDO VINCULAR A PRÓPRIA FACULDADE COM O CONSELHO, PARA QUE ASSIM OS ALUNOS POSSAM SE ENVOLVER E COLOCAR EM PRÁTICA TODA A TEORIA MINISTRADA POR ELA. E DESTA FORMA, CONTRIBUINDO COM ATITUDES ÍMPARES DENTRO DO CONSELHO E DA CIDADE.

ROTEIRO 1:**DATA:** 09/04/2016**HORÁRIO:** 11H30**ENTREVISTADO:** CRISTIANA ALEXANDRE PASQUINI**LOCAL:** UNOESTE, CAMPUS 2- RODOVIA RAPOSO TAVARES, KM 572 - LIMOEIRO, PRES. PRUDENTE**SUGESTÕES DE PERGUNTAS:**

- 1.QUAL A IMPORTÂNCIA DA ARQUITETURA EM UM PROJETO?
- 2.DEPENDENDO DO TIPO ARQUITETÔNICO, ELE PODE VIR A CONTRIBUIR PARA UMA POSSÍVEL PRESERVAÇÃO DEVIDO O TRAÇADO, O DELINEAMENTO SER DIFERENCIADO?
- 3.A ARQUITETURA PODE-SE DIZER QUE É UMA DAS ETAPAS MAIS IMPORTANTES DE UMA REFORMA OU CONSTRUÇÃO?
- 4.A INTERVENÇÃO ARQUITÔNICA PODE VIR A CONTRIBUIR COM OS VALORES CULTURAIS DE ONDE ESTÁ SENDO IMPLANTADA?

5. QUAIS OS ASPECTOS DEVEM SER OBSERVADOS NA HORA DE EXECUTAR UMA CONSTRUÇÃO? ENTENDER O CONTEXTO A HISTÓRIA DA OBRA, O LOCAL? QUAIS SERIAM?
6. O PAPEL DO ARQUITETO SE TORNA IMPORTANTE EM RELAÇÃO À VALORIZAÇÃO DAS OBRAS?
7. UM PROJETO ARQUITETÔNICO RARO, COM O TEMPO PODE-SE DIZER QUE ELE SE TORNARÁ UM ALVO DE PRESERVAÇÃO?
8. FAZER UMA INTERVENÇÃO EM ALGUMA OBRA, COMO UMA REFORMA, EXIGE CAUTELA POR CONTA DE CAUSAR DANOS CULTURAIS A OBRA JÁ CONSTRUÍDA?
9. QUAL SERIA ESSE TIPO DE CAUTELA NA HORA DE REFORMAR UM PROJETO QUE CARREGA UMA HISTÓRIA, VALORES?
10. O RESTAURO E A PRESERVAÇÃO DE UM PROJETO, SEJA ELE ARQUITETÔNICO URBANÍSTICO OU AMBIENTAL, DEPENDE DO QUE?

SUGESTÕES DE IMAGENS

1. PORTRAIT DA PRÓPRIA CRISTIANA, PARA QUE OS LEITORES SAIBAM QUEM É ELA.
2. FOTOS RELACIONADAS À ARQUITETURA, PROJETO ESTRUTURAL, DA PRÓPRIA CATEDRAL.
3. FOTO PORTRAIT NO SEU ESCRITÓRIO E QUE PEGUE ALGUM ELEMENTO VISUALMENTE ATRATIVO E RELACIONADO À ÁREA DE ARQUITETURA NO FUNDO.
4. FAZER UMA FOTO DETALHE QUE SEJA A PRINCIPAL DA EDITORIA. NESTE CASO SUGIRO UM ELEMENTO BEM ATRATIVO VISUALMENTE DE DENTRO OU FORA DA IGREJA.

ROTEIRO 2:

DATA: 09/04/2016

HORÁRIO: 10h30

ENTREVISTADO: RONALDO MACEDO, HISTORIADOR

LOCAL: MUSEU DE ARQUIVO HISTÓRICO, R. DR. JOÃO GONÇALVES FOZ, 2179 - JARDIM DAS ROSAS, PRES. PRUDENTE - SP,

SUGESTÕES DE PERGUNTAS:

1. O QUE É UM PATRIMÔNIO HISTÓRICO?
2. O QUE LEVA UM ELEMENTO DA CIDADE A SER TOMBADO?
3. O TOMBAMENTO SE APLICA A BENS MATERIAIS, COMO EDIFICAÇÕES E OBJETOS? EXPLIQUE.
4. QUAL A MAGNITUDE DE UMA CIDADE POSSUIR UM PATRIMÔNIO HISTÓRICO?
5. COMO A SOCIEDADE E A POPULAÇÃO PODEM CONTRIBUIR COM A PRESERVAÇÃO DE UM PATRIMÔNIO? COMO E POR QUE PRESERVAR?
6. QUAL O SIGNIFICADO DA PRESERVAÇÃO?
7. O MINISTÉRIO PÚBLICO PODE PRESERVAR?
8. QUANDO SE TEM UM PATRIMÔNIO É NECESSÁRIO TOMBAR?
9. QUANDO O TOMBAMENTO DE BENS HISTÓRICOS COMEÇOU NO BRASIL?
10. EXISTE ALGUM ÓRGÃO OU CONSELHO QUE REGI O PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL?
11. QUAL A FUNÇÃO DESSE ÓRGÃO / CONSELHO?

13.QUEM FAZ PARTE DESSE CONSELHO?

14.POR QUE É IMPORTANTE TER UM CONSELHO DE DEFESA DO PATRIMÔNIO MUNICIPAL?

15.O CONSELHO DE DEFESA DO PATRIMÔNIO É LIGADO A QUAL SECRETARIA?

16.NAS ESCOLAS, VOCÊ ACHA QUE DEVERIA TER UMA EDUCAÇÃO PATRIMONIAL?

17.QUAL A RELEVÂNCIA DE UMA CRIANÇA JÁ SABER NÃO SÓ DA HISTÓRIA DA CIDADE, MAS TAMBÉM ENTENDER A MAGNITUDE DE UM BEM CULTURAL?

SUGESTÕES DE IMAGENS

1.FAZER UM PORTRAIT DENTRO DE UM CONTEXTO QUE ENFATIZA O TEMA, NO CASO, SUGIRO FAZER A FOTO COM O MUSEU NO FUNDO.

2.FOTO DETALHE DE DENTRO DO MUSEU QUE REMETE A ANTIGUIDADE E BENS CULTURAIS

3.FOTO PORTRAIT DO RONALDO EM CONTEXTO DE PATRIMÔNIO COM FUNDO DESFOCADO

4.FAZER FOTO DETALHE, DA IGREJA PARA COMPOR O VISUAL DA EDITORIA COMO UM TODO.

ROTEIRO 3:

DATA: 14/04/2016

HORÁRIO:15H15

ENTREVISTADO: FABRÍCIA DIAS DA CUNHA DE MORAES FERNANDES BORGES

LOCAL: UNOESTE CAMPUS 2, RODOVIA RAPOSO TAVARES, KM 572 – LIMOEIRO – PRESIDENTE PRUDENTE

SUGESTÕES DE PERGUNTAS:

1.PORQUE DA INICIATIVA DE APROFUNDAR OS ESTUDOS RELACIONADOS A PATRIMÔNIO HISTÓRICO?

2.TEVE ALGUMA INSPIRAÇÃO PARA INICIAR OS ESTUDOS? QUAL FOI?

3.COMO FUNCIONA A SUA DISCIPLINA, RELACIONADA A PATRIMÔNIO?

4.VOCÊ CONSEGUE PERCEBER UM INTERESSE NOS DISCENTES?

5.NA ÁREA DE ARQUITETURA, É IMPORTANTE ENTENDER O QUE É UM BEM CULTURAL/ PATRIMÔNIO?

6.QUAL A IMPORTÂNCIA DE UM PATRIMÔNIO HISTÓRICO?

7.VOCÊ ACHA QUE DEVERIA EXISTIR UMA EDUCAÇÃO VOLTADA PARA ENTENDER O QUE É UM PATRIMÔNIO?

8.QUAIS SÃO OS ELEMENTOS FORMADORES DO PATRIMÔNIO?

9.COMO O PODER PÚBLICO MUNICIPAL PODE AUXILIAR NA RESTAURAÇÃO DE BENS TOMBADOS?

10.VOCÊ ACHA QUE AS PESSOAS NÃO DÃO O VALOR NECESSÁRIO AOS BENS CULTURAIS QUE A NOSSA CIDADE OFERECE?

SUGESTÕES DE IMAGENS

1.FAZER UM PROTRAIT DENTRO DE UM CONTEXTO ACADÊMICO, UMA VEZ QUE A ENTREVISTADA JÁ FOI ALUNA E É DOCENTE NA UNIVERSIDADE.

2.FOTOGRAFAR UM PROJETO IMPLANTADO POR ELA, QUE ENFATIZA A PALAVRA PATRIMÔNIO (LETRAS).

3.FAZER FOTO DETALHE, DA IGREJA PARA COMPOR O VISUAL DA EDITORIA COMO UM TODO.

PAUTA**RETRANÇA: PROCEDIMENTOS TOMBAMENTO/DESTOMBAMENTO E RELATOS DA COMUNIDADE**

PROPOSTA: EXPLICAR QUAL O PROCESSO PARA A REALIZAÇÃO DE UM TOMBAMENTO E DESTOMBAMENTO, INCLUINDO OS TRAMITES A RESPEITO DAS LIMINARES PROVISÓRIAS. E TAMBÉM CONVERSAR COM A COMUNIDADE PARA SABER SUA OPINIÃO A RESPEITO DE BENS HISTÓRICOS.

ENCAMINHAMENTO: ENTREVISTAREI O PRESIDENTE DO CONDEPHAAT A RESPEITO DO QUE É NECESSÁRIO PARA QUE UM BEM SEJA RECONHECIDO COMO PATRIMÔNIO HISTÓRICO. QUAIS AS CARACTERÍSTICAS, QUAL O PROCESSO DE LEVANTAMENTO DE DADOS, QUAL O TRAMITE PARA QUE TOMBAMENTO POSSA SER RECONHECIDO. TAMBÉM ENTREVISTAREI O PROMOTOR DE JUSTIÇA QUE IRÁ EXPLICAR O PROCESSO A RESPEITO DA TUTELA PROVISÓRIA E QUAIS OS POSSÍVEIS LOCAIS DE PRESIDENTE PRUDENTE QUE ESTÃO A ESPERA DA DECISÃO JUDICIAL PARA QUE SEJA REALIZADO O TOMBAMENTO.

DADOS: PROFESSOR E PRESIDENTE DO COMUDEPHATT, JOSUÉ FOI ELEITO HÁ 3 ANOS PRESIDENTE DO CONSELHO ATRAVÉS DE UMA VOTAÇÃO. FOI INDICADO PELA FACULDADE E REALIZA REUNIÕES DE 15 EM 15 DIAS COM OS OUTROS MEMBROS DO ÓRGÃO PARA DEBATEREM QUAL O BEM DE PRESIDENTE PRUDENTE POSSUI CARACTERÍSTICAS PARA A REALIZAÇÃO DO PROCESSO DE TOMBAMENTO. O LOCAL DA ENTREVISTA SERÁ NO CAMPUS I NA SALA DA BRINQUEDOTECA.

A ENTREVISTA SERÁ FEITA NA SALA DO PROMOTOR, LOCALIZADA NO MINISTÉRIO PÚBLICO DE PRESIDENTE PRUDENTE. ELE FOI INDICADO PELO PRESIDENTE DO COMUDEPHATT E POR PEDRO ANDERSON DA SILVA (PROCURADOR MUNICIPAL).

ROTEIRO 1:

DATA:14/04/2016

HORÁRIO: 14H30

ENTREVISTADO: JOSUÉ PANTALEÃO DA SILVA – PRESIDENTE DO CONDEPHAAT

LOCAL: RUA JOSÉ BONGIOVANI, 700 - CIDADE UNIVERSITÁRIA, PRESIDENTE PRUDENTE - SP, 19050-920

SUGESTÃO DE PERGUNTAS

1-COMO FUNCIONA O CONDEPHAAT?

2-O QUE O CONDEPHAAT FAZ?

3-COMO FUNCIONA A POLÍTICA DE PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO?

4-O QUE É PRECISO PARA UM EDIFÍCIO SER CONSIDERADO UM PATRIMÔNIO HISTÓRICO?

5-QUAIS AS PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS O BEM PRECISA TER PARA SER FEITO O PROCESSO DE TOMBAMENTO?

ROTEIRO 2:**DATA:**14/04/2016**HORÁRIO:** 14H00**ENTREVISTADO:** DR. ANDRÉ LUIS FELÍCIO – PROMOTOR DE JUSTIÇA**LOCAL:** RUA RIBEIRO DE BARROS – 630 – JARDIM AVIAÇÃO**SUGESTÃO DE PERGUNTAS**

1-COMO FUNCIONA O PROCESSO DE TOMBAMENTO E DESTOMBAMENTO?

2-COMO FUNCIONA A TUTELA ANTECIPADA?

LISTA DE LUGARES QUE ESTÃO COM A TUTELA ANTECIPADA?

SUGESTÃO DE IMAGEM:

PORTRAIT DO PROMOTOR SENTADO EM SUA MESA.

ANEXOS

**ANEXO A
DOCUMENTOS**

PREF. MUNICIPAL DE PRES. PRUDENTE

SECRETARIA DE ADMINISTRAÇÃO

LEI Nº 3.778/93

Revoga o Decreto nº 5.512/85 e altera o artigo 1º da Lei nº 3.190/91, que dispõe sobre o tombamento da Catedral de São Sebastião.

A CÂMARA MUNICIPAL APROVOU, E EU, AGRIPINO DE OLIVEIRA LIMA FILHO, PREFEITO DO MUNICÍPIO DE PRESIDENTE PRUDENTE, SP., no exercício de minhas atribuições sanciono e promulgo a seguinte lei:

Art. 1º Fica revogado o decreto nº 5.512, de 12 de abril de 1985.

Art. 2º O artigo 1º da Lei nº 3.190, de 11 de outubro de 1991, passa a vigorar com a seguinte redação:

"Artigo 1º - Ficam ratificados por esta lei os decretos números 5.513/85, de 12 de abril de 1985, 6.128/87, de 30 de abril de 1987 e 7.643/91, de 26 de junho de 1991 e que dispõe, respectivamente, sobre o tombamento da Catedral de São Sebastião, "Bebedouro de Animais", das instalações da I.R.F. Matarazzo S/A e do prédio do Museu Histórico e Arquivo Municipal de Presidente Prudente".

Art. 3º Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Presidente Prudente, Paço Municipal "Florivaldo Leal", 18 de outubro de 1993.

AGRIPINO DE OLIVEIRA LIMA FILHO
Prefeito Municipal

SECRETARIA MUNICIPAL DE PRESIDENTE PRUDENTE

Publicado em 20/10/93
Jornal: Folha da Região
Nade
SECAD/DSG.

Decreto de destombamento da Catedral São Sebastião



PREFEITURA MUNICIPAL DE PRESIDENTE PRUDENTE

DECRETO Nº5.512/85

VIRGILIO TIEZZI JUNIOR, Prefeito Municipal de Presidente Prudente, Estado de São Paulo, usando de suas atribuições legais, e

CONSIDERANDO a necessidade urgente de ser assegurada proteção especial ao acervo arquitetônico existente neste Município e em especial a preservação da Catedral de São Sebastião;

CONSIDERANDO que essa salvaguarda atende as mais caras lembranças do início da história prudentina, especialmente a memória do saudoso Monsenhor José Maria Martínez Sarrion, primeiro pároco desta cidade e que foi o idealizador, orientador e administrador na construção desse templo;

CONSIDERANDO que o Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Artístico e Turístico do Município - CONDEPHAT, após estudos realizados desde o ano passado sobre bens históricos existentes nesta cidade, conclui pelo tombamento da Catedral de São Sebastião e de todo seu acervo;

CONSIDERANDO que para chegar a essa conclusão a CONDEPHAT recebeu inúmeras moções favoráveis ao tombamento da Catedral, de Entidades de Classes, Sindicatos, Municípios, Vereadores, bem como manifestações da Imprensa Falada e Escrita;

CONSIDERANDO que o tombamento não retira a coisa tombada do uso e administração de seu proprietário, nem o isenta de realizar as despesas normais de conservação;

CONSIDERANDO que o "tombamento, em princípio, não obriga a indenização alguma, salvo se as condições de conservação da coisa acarretarem despesas extraordinárias para o proprietário, caso em que deverão ser suportadas pelo Poder Público",

Virgílio Tiezzi Junior





PREFEITURA MUNICIPAL DE PRESIDENTE PRUDENTE

D E C R E T A:

Art. 1º - Fica tombada a Catedral de São Sebastião, pertencente a Mitra Diocesana de Presidente Prudente, localizada à Praça Monsenhor Sarrion, nesta cidade, bem assim todos os móveis, objeto de culto e livros de registro que dela fazem parte e que deverão ser inscritos nos Livros de Tombo da CONDEPHAT.

Art. 2º - À área onde se situa a Catedral de São Sebastião, ou seja, a Praça Monsenhor Sarrion, aplica-se o regime de proteção, nos termos do tombamento determinado no art. 1º deste decreto.

Art. 3º - Ao CONDEPHAT caberá opinar sobre a adoção do plano urbano adequado à preservação da Catedral de São Sebastião e da Praça Monsenhor Sarrion.

Art. 4º - A Mitra Diocesana de Presidente Prudente, como proprietária da Catedral de São Sebastião, continuará a utilizá-la nessa condição, estando, todavia, proibida a promover qualquer modificação ou alteração do prédio, sem autorização do CONDEPHAT.

Art. 5º - No caso de ocorrerem despesas extraordinárias e insuperáveis pela proprietária do bem tombado, a Secretaria de Finanças tomará as providências relativas à abertura do crédito especial destinado a cobrir o custeio pelo Poder Público.

Art. 6º - Este decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Presidente Prudente, Paço Municipal "Florivaldo Leal",
aos 12 de abril de 1.985.


 VIRGILIO TIEZZI JUNIOR,
 Prefeito Municipal


 ADC/mf



Impresso - Prefeitura Municipal

Decreto de tombamento da Catedral São Sebastião

ANEXO B
DECUPAGENS DAS ENTREVISTAS

AGRIPINO DE OLIVEIRA LIMA FILHO
PREFEITO NA ÉPOCA DO DESTOMBAMENTO DA CATEDRAL SÃO
SEBASTIÃO
DATA: 23/05/2016
MEIO: VERBAL

Enquanto prefeito, Agripino assinou o decreto que possibilitou o destombamento da Catedral no dia 25 de outubro de 1993. A entrevista foi concedida a Talita Cruz no dia 23 de maio de 2016.

O senhor foi prefeito na época do destombamento da Catedral em 1993. Como foi esse período e qual a sua relação com o destombamento?

Eu esqueci. Nem me lembro. Aconteceu tanta coisa que não consigo responder.

É dito nos jornais que o Senhor assinou o decreto para que a Catedral fosse destombada. O senhor se lembra desse dia?

Eu não me lembro disso. Eu destombei a Catedral?

O senhor não se lembra da época do destombamento, em que assinou o decreto para que a Catedral fosse destombada?

Eu assinei por quê? Eu sou muito religioso. O que eu tenho com a igreja? Eu sou só religioso.

Então, senhor Agripino, nós temos informações de que naquela época a Catedral precisava de algumas reformas de manutenção devido a rachaduras e goteiras. Quando o senhor assumiu a prefeitura, assinou o decreto que destombou, no dia 25 de outubro de 1993. O senhor se lembra do bispo Dom Agostinho Marochi?

Eu sou amigo dele. Amigão. Sempre estou lá na casa dele.

Qual a idade do senhor?

Eu tenho 20 anos (risos). Não, eu tenho 84 anos.

O senhor conversou com ele na época do destombamento?

Não, eu estou sempre lá na casa dele, mas sobre destombamento, não falo.

Foi eu que destombei? Naturalmente assinei a pedido né. Alguém deve ter me pedido.

O senhor sabe se foi pedido da Câmara Municipal ou do bispo?

Não me lembro de alguém ter pedido, mas deve ter sido isso.

O senhor frequenta a Catedral?

Eu sou religioso, frequento, tenho passagens boas. Eu estive com Jesus pessoalmente. Eu estava numa estrada e Jesus apareceu pra mim. Eu já estive com Jesus. Acho que foi dia 5 de outubro do ano 2000 às duas horas da madrugada. Aquela escuridão... "Agripino, o senhor por aqui?", "Eu estou aqui sim, o senhor me conhece?".

E o senhor estava passando por um momento difícil nessa época?

Não, não.

O senhor já frequentou a Catedral?

Lógico, eu sou religioso.

O senhor gosta da decoração de lá?

Eu não fico reparando nisso. Eu tenho esse crucifixo há 40 anos e esse homem aqui apareceu pra mim. “Aripino, você por aqui? Você gostaria de descansar num lugar bom?”, Ele perguntou. Eu disse que sim e ele me levou até a casa de um amigo que me recebeu muito bem.

O senhor é um homem de fé?

Muita fé. Primeiro lugar é amar a Deus, o resto é resto.

Eu sou muito religioso. Já construí muita igreja. Acho que umas 10.

O senhor se lembra do nome de alguma delas?

Não lembro. Você conhece lá onde eu moro? Então, eu construí uma lá.

Eu trabalho muito, mas não fico me bajulando por ter feito as coisas. Comigo não tem isso, faço e sigo.

O senhor sentiu muita dificuldade quando assumiu a prefeitura de Prudente?

Não, não senti. Pra mim tudo foi fácil. Eu acho que esse homem (Jesus) está 24 horas comigo. Eu acho que as coisas me acontecem muito fácil. Eu construí esse império, e o hospital ali.

Retomando o destombamento, o senhor não se recorda o que te levou a destombar?

A catedral era tombada? O que acontecia?

Quando ela estava tombada não era possível realizar reformas.

Não podia fazer?

Não podia.

E o destombamento foi eu que fiz?

Sim, foi o senhor.

Naturalmente algum padre pediu pra eu assinar que era meu amigo na época.

Acho que foi o Dom Agostinho mesmo, que eu sou muito amigo dele, mas não lembro.

DR. ANDRÉ LUIS FELÍCIO
PROMOTOR DE JUSTIÇA
DATA: 19/04/2016
MEIO: VERBAL

André possui conhecimento sobre os procedimentos necessários para a realização de um tombamento e destombamento. Foi também o responsável pelo processo de tutela provisória da Chaminé da Sambra. A entrevista foi concedida à Talita Cruz no dia 19 de abril de 2016.

Como funciona o processo de tombamento?

O processo de tombamento, ao contrario do que muita gente pensa, não é um processo jurídico, mas um ato administrativo. Cabe ao Poder Público tomar os bens. Ou seja, é um ato administrativo através do qual o Poder Público vem proteger características básicas daquele bem, ou que tenha uma característica histórica, patrimonial e arquitetônica, além de ser importante para as gerações futuras conhecerem como foi nosso passado. Basicamente, o tombamento é um ato administrativo. Muita gente acha que cabe ao promotor, e isso é uma ideia errada, pois qualquer um pode fazer uma petição pra tomar um bem, desde que essa pessoa apresente as justificativas, através de fotos antigas, explicando que conhece a história daquele bem. A partir desse pedido, que pode ser feito por qualquer um, por meio de abaixo assinado ou por uma ONG, a prefeitura ou o Poder Público nomeará uma comissão para levantar o estudo. No caso Estadual, é a Secretaria Estadual da Cultura que faz isso. Pode ser tombado tanto um bem imóvel quanto um bem móvel, como um vagão de trem, por exemplo. Outra coisa que pouca gente sabe é que o processo de tombamento pode ser tanto de bens públicos quanto de bens particulares também. O particular não perde o bem, ele continua sendo proprietário, só que com as obrigações da lei, de preservar aquele bem. Quando eu falo preservar, não é deixar intocável, é deixa-lo com as características que ele tinha. Se for preciso alguma intervenção pra fazer a manutenção dele, pode até ser feita, o que não pode é descaracterizar o bem.

E quanto ao processo de tombamento?

É uma aberração jurídica. Aliás, eu tenho 25 anos de Ministério Público e só vi isso em Prudente. A Catedral São Sebastião foi tombada e através de um ato arbitrário do então prefeito, foi destombada, pra satisfazer interesses pessoais dele e do então bispo. Isso é um absurdo. Ao ser tombado, teve todo um processo. Nesse processo foi reconhecida a característica e a necessidade de se preservar um patrimônio histórico, paisagístico, cultural e arquitetônico daquele bem imóvel. Então por que desfazer tudo isso, se não por algum motivo que não se justifica por si só? O destombamento também pode acontecer por outra característica, como: por um efeito da natureza, aquele bem venha a ser descaracterizado, por exemplo, um raio cai e destrói o prédio. O proprietário volta a construir, mas se perde as características antigas. Em caso de incêndio também. Mesmo assim, tem que se buscar a reconstrução de seus interiores. Basicamente, o destombamento é uma figura política pouco usada.

Quando entra o promotor na história?

Quando, por exemplo, a administração pública ou Poder Público não quer tomar um bem, porque acha que vai ter gasto ou que não é necessário. Nesse caso sim, o Ministério Público pode entrar com uma ação, uma medida judicial. Ele irá judicializar

a necessidade de se preservar aquele bem. Mas isso também não se justifica porque se tiver um bem particular e ele tiver todas as características que devem ser preservadas, cabe ao poder público tomar, mas a preservação vai ficar por conta do proprietário. Quando existe alguma resistência, ou do proprietário, ou da administração pública, aí sim que o promotor tem que entrar e judicializar a questão.

Como funciona a tutela antecipada?

Por exemplo: aqui em Prudente nós tínhamos uma indústria muito pujante que foi responsável por uma grande parcela do desenvolvimento da nossa região, na época que o café e o algodão eram a base da economia regional. E dessa indústria que deveria ser preservada, só sobrou um prédio de uma casa de máquinas e a chaminé, que é a chaminé da Sambra. Essa chaminé é vista de vários lugares da cidade, ou seja, ela é um ícone. Todo mundo que olha para ela sabe do valor histórico que existe por trás daquela chaminé. Naquela região houve um empreendimento imobiliário onde um senhor que comprou o terreno dentro do qual estava essa chaminé, ele queria derrubar a chaminé tão somente para satisfazer seus interesses econômicos, ou seja, construir mais e mais prédios para alugar ou vender. Ou seja, um bem que tem uma característica histórica, cultural e até arquitetônica, porque é um modelo antigo de chaminé, seria destruído em prol da ganância econômica. Nesse caso, nós ingressamos com uma ação. Só que como sabemos, toda a ação jurídica demora um tempo, porque o juiz tem que ter a cautela de produzir provas de todos os jeitos. Se fossemos esperar esse processo acabar, corríamos o risco de, sem uma determinação judicial, o proprietário destruir a chaminé. Então, como nós entramos com esse pedido judicial e ele demora, a única solução seria antecipar o resultado final para proteger a chaminé. Isso é o que chamamos de medida liminar, que hoje a gente chama de tutela provisória de urgência. A gente só pede para o juiz para ele antecipar o resultado final, porque sem isso, os danos causados à chaminé seriam irreversíveis. E foi isso que o Ministério Público fez, no caso da chaminé aqui em Prudente. Hoje ela tem uma tutela judicial, ou seja, o juiz concedeu essa tutela provisória, e se acontecer alguma coisa com ela, o proprietário da área onde ela se encontra tem que pagar uma multa de 10 milhões de reais. É de interesse dele, preservar aquela chaminé. Até se discutir o mérito da ação total. Foi o caso concreto que a promotoria de prudente se envolveu.

O Comudephaat é o órgão responsável por escolher e levantar informações para um possível tombamento?

O Comudephaat é o órgão que o Poder Público vai nomear pra fazer esse levantamento. O Ministério Público também atua na fiscalização dos bens tombados. Por exemplo, aqui em Prudente nós temos o Matarazzo. O Ministério Público cuida pra que o detentor dele não descaracterize nada. Lá tem um restaurante, e antigamente, fizeram uma cobertura que não tinha nada a ver com a origem do prédio. Então, nós instauramos um procedimento para que a administração daquele local tirasse aquilo, de forma a recuperar, a restaurar, a característica daquela fachada. Nada pode descaracterizar o bem tombado. A única coisa, por exemplo, é alguma intervenção que sirva para preservá-lo. Ainda assim, essa intervenção tem de ser algo totalmente diferente do bem tombado. É preciso mostrar que a intervenção não era da época. É preciso fazer uma intervenção totalmente diferente do que era na época. No caso da Catedral, como não entram em acordo, nós vamos ingressar uma ação judicial para ver o tombamento, porque todo o processo de

tombamento, tanto administrativo, quanto judicial, vai permitir que o dono do bem se manifeste. E pra ele se manifestar, ele vai ter que comprovar que não existe nenhum interesse histórico naquele bem.

RONALDO MACEDO
HISTORIADOR
DATA: 09/04/2016
MEIO: VERBAL

Ronaldo Macedo é historiador e vivenciou fatos que envolveram a igreja no período do tombamento. É também responsável por ministrar um curso sobre a história da cidade de Presidente Prudente. A entrevista foi concedida à Tacyelle Miranda no dia 09 de abril de 2016.

Qual o seu nome completo e seu currículo?

Meu nome é Ronaldo Antônio Barbosa Macedo, sou formado em História pela Universidade de São Paulo há quase 40 anos. Atuo na área há 10 anos, e atualmente sou aposentado. Em São Paulo, eu não trabalhei diretamente na área, mas trabalhei na editora Abril por 10 anos. Quando vim para a região de Presidente Prudente, em 1984 eu fui trabalhar na prefeitura, no final do ano de 1986, já como programador cultural. No geral, trabalhei muito com eventos, todos que a secretaria fazia como carnaval, festival de teatro, de música, eventos educativos para criança na biblioteca, na qual eu fui diretor também. Nós fazíamos projetos para incentivar a leitura e tirar dúvidas. Em 2002, fui trabalhar no museu como diretor, durante 10 anos, fazendo uma série de trabalhos de recuperação de memória da cidade, resgate de documentação, acervo, exposições que informassem à população, e o principal, colocar o museu na mídia, para ele ser conhecido como uma instituição importante que preserva a memória da cidade.

O que é patrimônio histórico?

Patrimônio é tudo aquilo que nos dá uma informação e tem um valor realmente para compor um contexto histórico. É uma coisa que foi de alguém, teve importância para aquela comunidade, família ou cidade, e que depois de certo tempo adquirir uma área de documento. Então, patrimônio é documento, seja ele, edificado, um papel, um mapa, ou objeto. Isso é o patrimônio, porque ele faz parte de uma comunidade. Patrimônio já diz tudo: ele é dessa comunidade, ele é uma peça importante para conhecimento da evolução dessa comunidade, não só evolução histórica, costumes, mentalidades, mas tudo. Ele vai te passar uma série de informações, não só visual, como também histórica, atrelada a ele. Uma máquina de escrever, por exemplo, tem por trás dela alguém que a usava. Então, quem era essa pessoa, ela traz com ele um contexto todo, ela é um símbolo.

O que leva um elemento da cidade a ser tombado?

Aí depende do tombamento. Em geral, é um conjunto de ações alicerçadas pelo Poder Público, algo que tem que ser resguardado. Significa preservar, registrar para que aquilo não se perca e não seja adulterado. Quando se pensa em tombamento, logo pensamos em edificações, porque é uma coisa visual, algo que fez parte do urbanismo de uma cidade, de quem veio para aquele momento. Isso tudo é avaliado: quem construiu, para que ele serviu, que importância esse elemento teve na economia ou na vida dessa cidade? Nesse caso, também se procura por testemunhas que sustentem esses argumentos, para optar por tomar ou não. Se necessário tomar, entra as questões de processos legais para serem encaminhados até a prefeitura. Quem bate o martelo é o prefeito, que fará um decreto referente ao tombamento. Como por exemplo, o que aconteceu com o

Matarazzo e o Museu, que são importantes para história da cidade, fomenta a cultura, e são peças fundamentais até hoje. Então, internamente você pode fazer adaptações, mas o visual tem que permanecer para que assim a comunidade saiba como ele é. Vamos dizer que na fotografia seria um instantâneo do momento. Se ele for um elemento público, ele não pode mexer em fachadas, não pode ser alterado, ele pode modificar, mas deve permanecer como era ancorando a função do que foi no passado, e, no presente, o que ele representa. E outro detalhe, não adiantar tombar se não estiver uso. Ele tem que ter uma vida própria, se não ele se torna um peso morto, um elefante branco no meio da cidade.

O tombamento se aplica a bens materiais, como edificações e objetos? Explique.

Em geral, se pensa em edificação, por ser algo visual e evidente, mas você pode tombar papéis, cartas, obras de arte, até livros. Qualquer objeto é passível de se tornar um alvo de preservação. O tombamento significa registrar para que aquilo não se perca e não seja adulterado.

Qual a magnitude de uma cidade possuir um patrimônio histórico?

Eu acho que é essencial toda cidade possuir um patrimônio histórico, por mais nova que ela seja, isso faz parte do registro de como aquela cidade surgiu, qual importância dela num contexto maior, seja ela em Estado ou país. Um exemplo pode ser o turista, quando vem visitar a cidade, Estado ou país, ele quer conhecer a história, o contexto que ele está no momento. É aí que entra a magnitude do patrimônio, a essência que ele âncora numa cidade.

Como a sociedade e a população podem contribuir com a preservação de um patrimônio? Como e por que preservar?

A sociedade pode sugerir iniciativas de preservação. É através dela que podem ser mobilizadas atitudes do bem. Como em um caso aqui de Prudente, em que a família veio oferecer a casa para ser tombada. Quer dizer, é uma coisa raríssima, porque uma vez tombada, a pessoa pensa que não poderá vender. Pelo contrário, ela poderá vender, mas quem arrematar a venda não poderá descaracterizar aquele elemento. Então, o medo do tombamento também é esse, você não ser dono que é seu. Mas acho que a comunidade deveria ser a fonte primária a ser orientada da importância de preservação, até por sugerir elementos que possam vir a ser preservados. Mas, vale ressaltar que, não podemos cair no erro de querer tombar a cidade inteira. Nem tudo é patrimônio, pois alguns elementos não têm tanta importância. E também, não só a antiguidade que deve ser levada em consideração, a história é o principal argumento.

Nas escolas, você acha que deveria haver uma disciplina de educação patrimonial?

Com certeza. De início, não só na faculdade, que seria, no caso, o fechamento do ciclo de informação, mas desde o ensino fundamental. Desde criança, ensinar que aquilo não pode ser quebrado, jogado pedra e pichado. Uma educação voltada ao respeito com o que a cidade possui, que na verdade não é só dela, é de todos. Não é porque é público que tem que ser destruído.

Qual o significado da preservação?

Preservação é você guardar. Preservar quer dizer que você está guardando alguma coisa para o futuro, você permite que aquele elemento sobreviva, apesar de todas as alterações em torno, isso no caso de um edifício. Para as futuras gerações e comunidade, ver como que a cidade era, ou o que aquele elemento representou num determinado momento. Você preservando, você vai ter ideia de quem estava naquele momento, que objetivos tinha, entender o motivo daquela casa comercial estar daquele jeito. Desse modo, as gerações vão entender qual era a ideia que se tinha e o que se pensava. Eles irão partilhar de histórias que não viveram, mas que é fundamental conhecer. A preservação é isso, é guardar um laudo que carrega inúmeras informações.

O Ministério Público pode preservar?

Pode. Quando não se tinha conselho, quem atuava era o Ministério do Meio Ambiente e do Patrimônio. A rigor, a cidade deve possuir um Conselho, que é o primeiro passo. Esse Conselho vai fazer todo o levantamento e aconselhar o Poder Público a preservar um patrimônio que ele acha que é importante para a cidade.

Existe algum órgão ou conselho que rege o Patrimônio Histórico e Cultural? Qual a função desse órgão ou Conselho e quem faz parte dele?

Existe o IPHAN - Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, que está ligado ao Ministério da Cultura. Ele responde pela preservação do Patrimônio Cultural Brasileiro, protege e promove os bens culturais do país, assegurando sua permanência e usufruto para as gerações presentes e futuras. Em Prudente tem o Comudephaat - Conselho Municipal de Defesa do Patrimônio Histórico Arqueológico, Artístico e Turístico. É um Conselho multidisciplinar, pois as pessoas que o compõe atuam em várias áreas relacionadas à cultura, comércio, universidades, especialistas e a própria comunidade, fazendo um processo no sentido de que aquilo é importante e deve ser tombado. Depois passa para quem realizará o tombamento, que é Poder Público.

Por que é importante ter um Conselho de Defesa do Patrimônio Municipal?

Porque ele vai ter condições necessárias para avaliar o que a cidade possui, e o que é importante ela manter, desde que ele se proponha a fazer um trabalho sério, não só em termos de patrimônio edificado, mas os outros tipos de patrimônio. O principal é o edificado, porque corre mais risco de ser demolido.

O Conselho de Defesa do Patrimônio é ligado a qual secretaria?

Está ligado à Secretaria da Cultura, por ser a área que atua diretamente com o público e com a comunidade. Quem participa são as universidades, os especialistas e também a Secretaria de Planejamento, que são os técnicos darão um respaldo maior.

Quando se tem um patrimônio é necessário tomar?

Não, pois nem sempre ele é preservado depois de tombado. A própria catedral é um exemplo. Depois de tombado, o próprio bispo disse que quem iria manter era o Poder Público. Muitas vezes ela estava suja, porque na verdade ele queria que ela fosse destombada, e foi o que ele fez. Ao longo do tempo, foi construído um estacionamento, o que eu acho um absurdo, pois a praça é pública. A igreja foi um pouco descaracterizada devido à pintura carregada, se comparada com a pintura de

antigamente, na qual se tinha a sensação de amplitude do ambiente, devido à pintura ser clara. É uma poluição desnecessária. No caso da catedral, deveria ter sido mantida. No caso da parte interna, como ela foi construída, foi com muita luta, foi como uma “colcha de retalhos”, na qual todos tiveram sua contribuição.

Quando o tombamento de bens históricos começou no Brasil?

O tombamento no Brasil começou no século XIX, que foi quando começou a se pensar em termos de preservar algo. As ideias sobre as leis de tombamento foram na época de Getúlio Vargas, mas na década de 30 surgem as legislações institucionalistas, tanto que até hoje se baseiam nela. A preservação é tão importante, que quase nem houve alterações na legislação. O patrimônio é a algo que ancora a essência de tudo.

SALATIEL FIRMINO FONSECA**VIGIA****DATA: 23/04/2016****MEIO: VERBAL**

Salatiel faz parte da comunidade religiosa de Prudente. Sempre foi ativo na igreja, desde sua infância. Vivenciou a época do tombamento da catedral. A entrevista foi concedida à Tacyelle Miranda no dia 23 de abril de 2016.

Qual o nome completo do senhor, idade e o nome da esposa?

Meu nome é Salatiel Firmino Fonseca, tenho 71 anos e sou casado com Alcina Aparecida Cercariolli Fonseca, de 68 anos.

Qual a importância que a catedral representa na vida do senhor?

A catedral para mim é tudo, pois desde criança eu sempre frequentei ela. Da idade de 6 e 7 anos, já fiz a primeira comunhão. Frequentava as missas, eu e meus pais, irmãs. Desde pequeno eu sou ativo na igreja. Dos 7 aos 28 anos, eu frequentei a catedral. Mas a igreja representa muito para mim, pois foi lá que eu me casei também, no dia 15 de janeiro de 1966, e agora no dia 15 de janeiro de 2016, eu fiz 50 anos de casado, lá também. É uma igreja que faz parte da minha vida tanto religiosa, quanto pessoal.

Qual o fato mais marcante que a catedral representa na vida do senhor?

Além de eu ter vivido toda a minha infância lá, eu fui batizado, crismado, me casei e completei minhas bodas de cinquenta anos de casado lá. Mas quando começou a discussão do tombamento, foi um fato marcante, pois a comunidade ficou muito abalada e não entendia o porquê. Nesse momento, meus pais resolveram frequentar as paróquias que foram surgindo, como a São José, pois as missas não eram celebradas mais nos dias que estávamos acostumados a ir. Nós frequentávamos a catedral por ser a primeira igreja da cidade, e por ser próxima da minha casa.

Por que o senhor escolheu a catedral para comemorar as suas bodas de ouro de casamento?

Olha, eu escolhi lá por ela ter feito parte da minha vida, eu vivi e cresci naquela praça, e também frequentei muitos e muitos anos lá. Então a escolha não foi à toa. Quando avisei meus netos, noras, a família no geral, todos gostaram, pois, a catedral além de ser uma igreja muito bonita, foi lá que celebrei meu casamento, então todos da família estiveram presentes, foi uma alegria que só.

Há quanto anos o senhor reside na cidade de Prudente?

Eu moro em presidente prudente há 71 anos, eu nasci e me criei na cidade.

Como foi a sua infância quando o senhor frequentava a catedral?

Na minha infância quando íamos às missas, ficávamos na igreja para ver o padre, e depois juntava a molecada, os amigos para ficar ali na praça que rodeava a igreja brincando de biroca. De fato, ali ainda tem três árvores, que são do meu tempo de criança. Duas ficam para o lado esquerdo da igreja, e a outra para o lado direito. Ali foi uma época muito boa, pois você saía da missa e também podia ir à feira, que ficava encostada na igreja, então era um lugar bom.

O senhor lembra a época em que a igreja foi tombada?

Sobre o tombamento, eu não me lembro de muitos detalhes, mas lembro que envolveu uma briga política, entre o prefeito que não me lembro o nome agora, e os padres, que na verdade queriam mexer na igreja. A comunidade ficou um pouco ressabiada, sem entender, pois, na verdade não deveria ter modificado a igreja. Se você notar as fotos do meu casamento, o altar era de mármore, era diferente. Hoje, já é tudo de madeira. Ali na frente do altar tinha um cercadinho de madeira, pois quando você ia tomar comunhão, era ali que você tinha que ficar ajoelhado, não é igual hoje que você fica em pé.

O senhor é favor ou contra o tombamento?

Eu mesmo sou a favor do tombamento da igreja, para que ela se torna um patrimônio histórico. Você chega em qualquer lugar e fala da catedral de Prudente, todo mundo sabe, é um ponto de referência da cidade. Atualmente, eu frequento a igreja São Francisco, mas quando completei as minhas Bodas de Ouro do casamento, eu escolhi a catedral novamente, pois pude reunir as gerações também, meus netos e netas, nora, filho.

Hoje o senhor acha que as pessoas deveriam valorizar mais a catedral, devido a história que ela âncora?

As pessoas na verdade, deveriam valorizar mais a catedral. Eu mesmo participo de todas as procissões, Corpus Christi, lá, mesmo sendo de outra paróquia. Inclusive eu conheço também um dos filhos dos fundadores de Prudente, o senhor Júlio Goulart, que também já tinha se candidatado a vereador, então a gente conhece toda história da cidade né. A catedral é símbolo da cidade, pois até os que moram fora, quando chega à cidade tem curiosidade em conhecer a igreja. Eu trabalho no laboratório Marlene Spiers, que é na frente, sou vigia lá. E quando as pessoas ficam ali fora, eu mesmo falo, para elas irem conhecer a igreja, e quando voltam me agradecem por ter indicado um lugar tão bonito na cidade. Os meus netos e familiares quando consegue alguma benção, eu vou lá agradecer na sacristia, é lá que faço minhas orações e agradeço.

HÉLIO HIRAO

MEMBRO DO CONDENPHAAT E TESTEMUNHA DA CIDADANIA NO CASO DO DESTOMBAMENTO.

DATA: 08/04/2016

MEIO: VERBAL

O senhor pode falar o que se lembra do período do tombamento da Catedral de São Sebastião?

Foi uma coisa muito estranha, na verdade, porque o bispo anterior era o Dom Augustinho Marochi, e ele tinha um plano para alterar muito a catedral. Inclusive, acho que tinha uma ideia de colocar uma habitação no espaço. Alterava demais o espaço físico da Igreja, descaracterizando-o totalmente. A catedral é um espaço privado, mas é público. É de uso público, mas é da Diocese. Houve esse processo de tombamento, porque se questiona muito o valor arquitetônico da catedral, mas o conceito de patrimônio vem se transformando ao longo do tempo, não é apenas aquela obra de arquitetura exemplar. Eu acho que é mais um patrimônio cultural, em que a população, em todo um processo aí de construção e vivência desse lugar, é algo significativo para a cultura da cidade. E ela virou um referencial da cidade também. Eu me lembro de ter feito alguns artigos para o jornal sobre. Acho que a catedral é a principal referência da cidade e não poderia ser destruída nem descaracterizada, causaria muitos problemas. O estranho é que fizemos uma série de audiências públicas na época do tombamento. Mas depois saiu um parecer do destombamento que nós nem ficamos sabendo. Eu acho que tem o Ministério Público que tem um papel fundamental nisso aí, que ele emite um parecer, a tutela antecipada. E ainda bem que a mudança que o bispo queria fazer não foi para frente, porque em termos urbanos, o patrimônio urbano e arquitetônico está vinculado ao planejamento urbano também. Imagina se você cria algum elemento lá que trará uma movimentação muito maior, porque aquela região central já está caótica em questão de infraestrutura. Tem o ônibus, carro. Isso chamaria um monte de gente. Eu acho que não tinha como criar, pois aquela infraestrutura não aguentaria, desde energia, água, transportes, seria um problema muito sério isso.

E o pessoal do Condephaat resolveu entrar com esse tombamento porque ele ia descaracterizar?

Não, o processo de tombamento já era anterior. Resolveram tomar porque a cidade tem que decidir o que é importante para a sociedade. O grande problema do CONDENPHAAT é que ele é vinculado diretamente ao prefeito. Então, ele atende aos interesses do grupo que apoia diretamente o prefeito. E a especulação imobiliária nesse sentido é complicado. Geralmente, a especulação imobiliária no jogo de forças acaba vencendo, e aí fica difícil a manutenção. Por você tinha me falado do instrumento tombamento. O tombamento é um problema muito sério porque ele cria algumas medidas que querendo ou não, prejudicam o dono. Mas a contrapartida, você tem uma identidade, uma história da cidade embutida, significado que você pode perder. Teria de haver compensações aí. Existem vários tipos de tombamento. Pode haver uma troca, construir em outro local. Mas no geral eu acho que o tombamento não é um instrumento muito legal. Acho que a comunidade tem que se mobilizar para proteger seus bens interessantes, e arrumar formas de manter isso. E também, tombamento não quer dizer congelamento, você tem que adequar o bem à vida contemporânea. Eu acho que a ideia de tombamento contemporâneo é mais manter a ambiência desse caráter, desse patrimônio. Eu

posso mexer, eu tenho aí vários exemplos muito legais em que mexem, mas mantêm a essência do bem. Mas o projeto do bispo Augustinho Marocchi ia alterar demais aquele espaço. Ia fechá-lo, derrubar árvores, aquele espaço coberto. Ia detonar tudo ali.

O que o senhor lembra da época do tombamento de repercussão?

Foi muito grande. Escrevi alguns artigos para O Imparcial sobre o tombamento. Houve vários problemas com a Praça 9 de julho e a Praça Monsenhor Sarrion. Não é só o monumento, tem toda uma ambiência. Temos a Igreja, as praças, a escola Arruda Melo, a Prefeitura, que é um patrimônio modernista, mas é interessante, tem o antigo fórum, tem a praça. Tem todo esse conjunto que é a identidade de uma certa época. Temos de 1940 (igreja) e 1960 (prefeitura). E todo um conjunto de casario Art-Deco que se tem ali. Inclusive o CinePrudente, CineFélix, tem várias edificações Art-Deco e Modernistas. A catedral é um pouco Art-Deco mas é mais simplificado. Não é moderna, mas também não é clássica, há uma simplificação no interior.

E depois do destombamento, teve alguma alteração que foi feita na catedral que o senhor julga errada?

Transformar em estacionamento foi um absurdo, não pode. Um lugar que é para pedestre ser invadido por carros é um absurdo. E o próprio cercado, depois tivemos várias brigas sobre isso, com o Ministério Público sobre o cercado da catedral. Acho que não é cercando o tombamento que você garante a segurança do local. Inclusive, eu lembro de uma vez que o Ministério Público pediu um parecer, e a gente constatou que o cara que assaltou a igreja pulou justamente onde estava cercado. Acho que não é a cerca que vai fazer a segurança daquilo. Talvez uma iluminação mais adequada. Acho que a vivência do lugar protege mais do que cercar. E também há um processo educacional, a igreja também tem que acolher os drogados e excluídos, tem que haver um processo educativo e não de confronto.

O que o senhor tem de memória de quando houve o destombamento?

Houve um esvaziamento do Condephaat, porque ele era muito ligado ao prefeito. Depois voltou, mas mesmo assim não durou muito tempo, pois houve um conflito de interesses entre a prefeitura, o mercado imobiliário e presidente do Condephaat. Na minha época era a Célia Bandeira. Acho que ela não mora mais aqui, acho que mora em Londrina. Acho que o problema houve quando o ex-procurador aqui assumiu, ele é advogado. Foi procurador do Ministério Público e depois aposentou. Houve um certo confronto, ele pediu demissão, houve uma série de trocas. Hoje fizeram um Condephaat meio estranho, convidaram muita gente para formar esse conselho. Muitas instituições, há um certo esvaziamento. Chamaram um monte de religião da cidade para compor isso. E também acho que a cidade tem um problema muito sério, o ideal modernista está muito presente. Inclusive um ex-prefeito aí disse que a cidade é muito nova para se ter patrimônio. Isso é um absurdo. A gente tem teóricos da área que diz que basta duas gerações para se ter uma história envolvida. E além disso, a história a gente faz no dia a dia. É uma pena que essa cidade realmente tem uma tendência que eu não sei até quando vai durar.

O senhor acha que Prudente, num futuro, pode não ter patrimônio?

Bem, nós temos casos aí. O CinePresidente foi demolido quando se pensou no tombamento. Eu escrevi um artigo sobre o Cine, e no dia seguinte ele desabou de

maneira estranha. O Hotel Municipal também. Também temos um patrimônio ali na Washington Luiz que está semidemolido, o Ministério Público chegou, mas parte dele já foi derrubado. É uma casa modernista na esquina da Washington Luiz com a José Foz, quase em frente ao restaurante italiano. Aquela casa está embargada. Talvez seja a primeira casa modernista da cidade. O Ministério Público deve ter entrado com a tutela, mas não tenho certeza.

Parece que também querem tombar o a escola Arruda Melo...

Eu acho que ele está protegido, porque ali está funcionando a Etec. Acho que aquilo é característico da arquitetura escolar paulistana da década de quarenta. Por isso que eu falo que aquele conjunto central é muito interessante e deveria permanecer. Prudente tem um histórico de descaso com o patrimônio público, e isso é geral, na verdade. O interesse econômico sempre acaba falando mais alto. Você vai na Europa, também tem esses problemas, mas é bem menor. Temos muitos alunos aqui de fora, do Chile, Espanha, nós vemos que eles têm uma perspectiva diferente na questão de conservação do bem. É um processo também cultural, é cultural.

O senhor acha que se desde pequeno tivesse uma noção melhor de arte e educação ambiental, seria melhor?

O ensino da arte no Brasil é uma catástrofe. A arte é tão 1800, não tem arte contemporânea, não tem visão contemporânea das coisas. Mas acho que uma educação patrimonial e da cidade seria importante. Mas não sei, estão se formando geógrafos aí com um outro olhar, isso está sendo importante. Deveriam trazer essas coisas para discussão nas escolas, e pensar a cidade e valorizar a cidade e seus espaços públicos. Porque está todo mundo se fecha em muros. As áreas de lazer público estão cada vez menores. E com a internet isso tem se acentuado ainda mais. As pessoas não conversam, não socializam. Não sei o que pode dar.

JÚLIO ÂNGELO XAVIER
MINISTRO DA EUCARISTIA E DOCENTE
DATA: 28/04/2016
MEIO: VERBAL

Júlio é ministro de eucaristia na catedral há 20 anos, rege o grupo de louvor na igreja e vivenciou a época do tombamento. A entrevista foi concedida à Tacyelle Miranda no dia 28 de abril de 2016.

Qual é o nome do senhor completo e a idade?

Meu nome é Júlio Ângelo Xavier, tenho 55 anos.

Qual a importância que a catedral representa na sua vida?

Ela representa, como patrimônio, não só para mim, mas para Presidente Prudente, em um grau muito elevado. É um ponto de referência dos fiéis tanto católicos como não católicos, representando o cristianismo. E se nós verificarmos pelo contexto espiritual, é ali que eu consegui e contive bastantes forças para poder levar a diante a minha vida religiosa, a educação dos meus filhos. A minha vida pessoal em si necessitou muito dessa parte espiritual. É ali que a gente se encontra para poder reestabelecer as forças, como vocês viram, nos fins de semana nós estamos na igreja cantando, animando a missa, pois na realidade a gente vive aquele momento.

Quantos anos você já frequenta a Catedral?

Olha, eu comecei a frequentar a catedral, na realidade, quando eu tinha uns 7 anos de idade, quando minha mãe levava a gente nas missas. Nós saíamos do nosso bairro e caminhávamos quatro, cinco quilômetros a pé. Naquela época, se frequentava as missas todos os dias, naquele tempo que ia com a minha mãe, a catedral não era como hoje, tinha-se o altar, uma cerquinha. O padre não rezava a missa de frente para os fiéis. O padre, na época, em 1967, não retornava à igreja depois das missas. Nós não tínhamos acesso à comunhão como o padre vem hoje até a assembleia, o padre ficava numa escada e distribuía a comunhão, recebíamos na boca. Então muita coisa mudou.

Você exerce alguma função na igreja? Há quanto tempo?

Na catedral eu sou encontrista do ECC – Encontro de Casais com Cristo, que proporciona uma formação, um preparo para o casamento, desde 1984. Sou ministro da eucaristia há 20 anos. Temos uma, que no caso seria uma pastoral referente à música, um grupo de cântico, no qual sou regente há 15 anos, nas missas aos domingos às 17 h.

Qual o fato mais marcante que a catedral representou na vida do senhor?

Geralmente quando se fala em fatos marcantes, se pensa em casamentos, festividades, mas eu mesmo me casei na igreja São José, por ser próximo da onde eu morava. O marcante para mim é que eu consegui, durante o meu casamento, frequentar ativamente a catedral, eu e minha esposa, e foi ali que nós estivemos nossos filhos. Levávamos nossos filhos desde criança para a igreja e hoje eles são ativos na catedral. O marcante é eu ter conseguido solidificar a minha família dentro da igreja.

O senhor lembra a época em que a igreja foi tombada?

Eu me lembro. Para falar em datas específicas eu sou falho, mas na época que foi tombada, a gente teve várias divergências, tanto em pensamentos como atitudes dos fiéis, pois alguns queriam o tombamento outros não. E eu, como líder de alguns grupos, não podia ficar em cima do muro, tive que tomar partido. Então, como a catedral chegou num limite que não tinha mais condições de se participar de uma missa, na época de uma chuva, que inclusive inundava tudo na igreja e o teto já não suportava mais, o padre e o bispo queriam mexer na igreja e os órgãos públicos não deixavam, dizendo que qualquer movimento que fizessem, a alteração descaracterizaria a igreja. Pois a igreja foi construída, na realidade, em forma de uma cruz, os dois braços dela eram para serem duas capelas. As missas noturnas ou de poucas pessoas seriam celebradas ali e depois, como o fluxo de pessoas aumentou, esses espaços menores tiveram que ter outra utilidade, como colocar bancos para os fiéis. A igreja foi envolvida por inteiro. Só que nessa época do tombamento, os governantes da cidade, como prefeitos e vereadores, queriam tombar, mas só que eles não tinham condições para manter a catedral. Se tombasse, a prefeitura era responsável por todo o processo de reforma, porém eles queriam tombar, mas não queriam assumir a responsabilidade. Então, a comunidade tinha que assumir a responsabilidade. Nós ficamos num grande impasse, pois ficou nesse tomba e destomba. Aconteceu que, chegou certa época o Condephaat, que administrava toda essa parte, não tomou partido. Eu acredito que nós não tínhamos acesso a parte política, porém tínhamos acesso à parte religiosa e administrativa dentro da igreja. Tivemos esses impasses e, por fim, ficou para o bispo assumir as condições de reparo porque a prefeitura acabou não assumindo essa parte. E até hoje ficou nisso. Nós temos o livro do jubileu, que abrangeu os 50 anos da Diocese e esse livro narra fatos do tombamento e destombamento da igreja. Contudo, ficou nisso e o assunto parou. Nós temos um índice muito grande de pessoas que participam das escolas, que ficam nas redondezas da igreja, que frequentam à noite a praça em volta da igreja e fazem até atos de vandalismo, tornando a própria igreja muito perigosa. E nós já pedimos às autoridades que tomam conta dali para fazerem uma ronda policial mais ativa, pois nessa situação, não podemos mexer em nada para reforçar a segurança. Como a igreja é um patrimônio histórico da cidade e também um centro de referência, deveria ter mais preservação. Essas coisas acabam afastando um pouco os fiéis de lá. Então, nós temos vários problemas ainda que precisam ser resolvidos e não foram até hoje. Aí entra a atitude do padre, de colocar banco e depois ter que tirá-los, colocou a cerca nas entradas principais da igreja, para ver se melhora a segurança, mas isso acaba afastando a comunidade de certa forma. E nós da igreja temos a missão de abraçar os fiéis e não os afastar.

Como foi para você e sua família essa época? Houve alguma mudança na rotina dos fiéis que frequentava a igreja?

Como eu sempre trabalhei na parte de música da igreja e como ministro de eucaristia, em reuniões sobre tombamento e destombamento, nós tivemos algumas situações de deslocamento. Algumas pessoas foram para outras paróquias porque, no caso, as reuniões passaram a ser no salão paroquial, que por sinal era precário. Então nas reuniões que não tinham condições de ser na catedral, nós íamos para o salão e dividíamos a equipe, ficando um espaço de 2x2 para 30 trintas pessoas. Era bem precário, mas procurávamos fazer as coisas. A nossa atitude de cristão, nós não deixávamos para trás, então as missas eram celebradas no salão paroquial, e fazíamos o possível. Tinha dia que você chegava lá e ele estava em reforma, então

tinha muita poeira, pedra, areia, mas nós entrávamos daquele jeito e fazíamos nossas reuniões.

O senhor teve que mudar a sua rotina religiosa? Qual?

Na realidade, a mudança foi de trabalhar nos espaços físicos, pois diminuíram os espaços e com isso houve dificuldades de ir à missa. Mas rotina, nesse caso, eu interpreto que mesmo com essas mudanças, eu procuro ir buscar o espaço espiritual, nós sabemos que ali é um templo e que a força se encontra em Deus. É claro que um bom alojamento do templo, acolhimento, ajuda na ida até a igreja, mas na época, eu encarei como um desafio que passamos para ver se realmente tínhamos fé e se a gente conseguiria transformar tudo aquilo em forças para continuar frequentando a igreja, continuarmos ativos como hoje. Atualmente o nosso maior problema não é mais o templo, que por sinal hoje abrange todas as celebrações e catequese, além de ser muito bonito. Temos problemas pequenos como gotejamentos dentro da igreja e esperamos uma revitalização segura da praça.

O senhor é favor ou contra o tombamento?

Eu sou a favor de um tombamento em que as autoridades assumam realmente a necessidade da comunidade, pois sabemos que as necessidades físicas importam e muito. Ainda mais hoje, que a gente fala que é um país socialista, mas materialista nós também somos um pouco, quer queira ou não, nós temos um pouco de zelo pelos materiais ou edifícios que estamos inseridos. Eu acredito que seria viável um tombamento, desde que todos os processos que a comunidade precisasse de apoio, fosse dado o respaldo do órgão público. Agora, quando não se tem esse apoio, nós sabemos que eles nunca acabam assumindo totalmente a reponsabilidade, por várias questões, que no caso para mim não importa, pois são questões políticas. Então, no caso, deixassem na responsabilidade da catedral e diocese para o bispo administrar, mas em conjunto com a comunidade, porque todos os encargos dentro da catedral são da comunidade, tudo o que precisava ser feito foi a comunidade ativa que assumiu. Então se fosse para ser uma situação regrada, deixe que a comunidade tome conta.

Hoje o senhor acha que as pessoas deveriam valorizar mais a catedral, devido a história que ela representa para a cidade e a comunidade?

Sim. Eu acho que a valorização vem da pessoa. Inclusive, existem pastorais dentro igreja em prol de conscientizar as pessoas a valorizar a igreja, como por exemplo, nós temos missas todos os dias, isso já é uma forma de valorizar e usufruir desse bem histórico que é catedral. Contamos também com mais um administrador dentro da igreja, celebrando missas 12 horas por dia, então ali o próprio pessoal do centro e comércio estão enxergando a igreja com outros olhos, valorizando a parte cultural, espiritual e o contexto em si. Acho que isso é valorizar e vem de cada um de nós. Todos aqueles que passam pelo centro, tem um acesso livre dentro igreja e à praça, então essa valorização é conservar esse patrimônio, que é a igreja, e é nosso. Esse contexto diz respeito a cada um de nós e não escolhe pessoas ou religião, é de todos.

CRISTIANA PASQUINE
ARQUITETA E DOCENTE
DATA: 09/04/2016
MEIO: VERBAL

Há 20 anos na área, Cristiana é membro do IAB, um instituto que rege as leis e particularidades da arquitetura. A entrevista foi concedida à Tacyelle Miranda no dia 09 de abril de 2016.

Qual o seu nome completo e o seu currículo?

Sou Cristiana Pasquini e atuo na área de Arquitetura, vai para 20 anos agora no meio do ano, e com escritório próprio há 15. Sou Arquiteta e Urbanista, me formei na UEL- Universidade Estadual de Londrina, onde em 1996 fiz minha pós. Sou mestre pela USP em 2011 e docente na Unoeste há 15 anos.

Qual importância da arquitetura em um projeto?

Eu acho que a arquitetura é projeto antes de qualquer coisa, e eu vejo que a defesa do projeto é antever algo. Vamos lançar ao alvo que de tal forma tenhamos a pretensão de atingir ao alvo. No caso da arquitetura, lançar ao alvo a construção da cidade, do ponto de vista da cidade a partir das edificações, da cidade enquanto formação da geografia ou da história. É antever um problema que pode causar ou a alternativa de transformação dessa cidade. O projeto é o elemento mais importante da arquitetura, a arquitetura sem projeto é uma arquitetura que não entende as relações que pode vir a causar, do prédio daquela inserção ou de uma praça referente ao contexto.

Dependendo do tipo arquitetônico, ele pode vir a contribuir para uma possível preservação devido o traçado e o delineamento ser diferenciado?

Vou da o exemplo do Tênis Clube, posso usar aqui? Por exemplo, o projeto do tênis clube é bem conhecido em Presidente Prudente, ele é resultado de um concurso nacional de ideias que foi promovido pelo IAB- Instituto dos Arquitetos do Brasil, em 1966. Então você imagina que foi um concurso de ideias, lançado por um órgão, enquanto nível nacional, que escolheu a melhor das ideias que, representasse naquele momento, um projeto do qual era a necessidade do público que solicitou esse concurso. Então, nós tivemos inúmeros concorrentes, dos quais 3 ganharam uma premiação. O primeiro foi o que foi executado nesse prédio que está aqui hoje na cidade. Foi projetado por 3 arquitetos: Tito Lívio, Villavequia e Ariel Robbistem, que ganharam esse concurso. E o edifício naquele momento, ele representava o símbolo de desenvolvimento do país, ele veio com uma ideia de se assemelhar ao período desenvolvimentista da década de 60, do pós Brasília que trouxe a ideia de um país desenvolvido. Enquanto tecnologia, nós tínhamos o concreto armado, com Niemeyer, Lúcio Costa projetando. Então o Tênis Clube, tem uma linguagem do ponto de vista tecnológico, do traçado, da espacialidade e do modo que nós poderíamos usar aquele espaço de forma coletiva, por que era um clube, que representou um momento do desenvolvimento do país, representou um discurso na verdade, que era um discurso moderno da arquitetura e também da cidade. E tinha o propósito, de fato, de colocar os espaços coletivos e as relações de espacialidade, no âmbito da coletividade como prioridade, muitas vezes até em detrimento ao espaço privado. Pois os quartos das casas modernistas eram bem pequenininhos, eles defendiam que os quartos deveriam ser feitos apenas para dormir e que o

convívio e a casa deveria ser o grande coração. Então, um projeto como esse, ele tem uma relevância enorme, do ponto de vista cultural, porque ele é um projeto que a cidade recebeu como propriedade de si mesma. Ele tem um valor histórico e um valor arquitetônico, tem a representação dessa linguagem, desse discurso, apesar de estar distantes dos grandes centros, onde efetivamente era a relação direta de produção da arquitetura. E já que você falou em patrimônio, a gente tem visto que esses edifícios têm sofrido inúmeras intervenções, inclusive o Tênis. Atualmente ele está passando por algumas reformas, ampliações, descaracterizações. A própria ampliação, se feita sem levar em consideração a linguagem, o contexto, como diz Niemeyer: “O espaço arquitetural é onde o edifício está inserido e o edifício não é um ser isolado”. Então, é equívoco a gente achar que a arquitetura se desassocia de valor cultural ou de valor de memória e modernidade. Logo ela é, na verdade, uma construção que representa a sociedade num determinado momento.

O que é esse órgão IAB?

O IAB é o Instituto de Arquitetos do Brasil. Inclusive, eu sou a presidente da gestão atual do núcleo de Presidente Prudente. Ele é uma organização de classe, uma associação de classe, que não tem o papel do conselho, que é um fiscalizador e regulamentador, mas tem um papel, na verdade, de mostrar para a sociedade, de construir definições de arquitetura para a sociedade e os profissionais. Nós somos, então, um órgão representativo, uma associação de classe. Um exemplo de atuação, no caso do Tênis, nós poderíamos ir até lá e dizer “Olha, nós gostaríamos que tomasse cuidado, porque o edifício tem um valor”. É como se fosse um órgão cuidador e, como cuidador, o nosso maior objetivo hoje, enquanto IAB é a defesa do projeto, porque é nele que a gente entende o que vai acontecer depois. Não é depois que acontece que a gente resolve, a gente precisa defender o projeto, porque ele define, por exemplo, menores índices de corrupção, porque se existe projeto arquitetônico, existe especificação de material e quantidade. Você tem menos margem para roubar, porque se está escrito 10 metros cúbicos de concretos, ele não pode comprar 50 metros. O projeto tem além das questões arquitetônicas, esse cuidado de definir limites para atuação, tanto financeira quanto de materiais, do ponto de vista de quantidade e tempo de obra, pois o tempo também é um custo não só das linguagens enquanto arquitetura, mas de conceitos que extrapolam a definição de arquitetura. Nesse caos, essa é grande defesa do IAB, nós precisamos defender o projeto, defender a arquitetura enquanto projeto, enquanto algo que vai ser pensado e entendido dentro dos contextos dos quais ela vai ser inserida.

A arquitetura pode ser entendida como uma das etapas mais importantes de uma reforma ou construção?

A arquitetura, enquanto projeto, é a etapa mais importante de uma implantação ou reforma. João Batista Vilanova Artigas (Artigas), que é um arquiteto antigo modernista, fala que arquitetura é obra construída e o projeto de arquitetura define essa obra ou essa construção posterior. Então, a obra construída sem o projeto de arquitetura, ela tem mais possibilidades de dar errado. Na arquitetura, a gente estuda todos os elementos componentes, por exemplo, eu sempre falo da iluminação e as cores do McDonald's, a gente não está fazendo merchandising, ou de uma rede de *Fast Food*, não estão ali à toa. A rede de *Fast Food* não quer que você sente e fique conversando no ambiente por 3 horas, que é como a gente fica num restaurante, eles querem que você coma o seu lanche em 20 minutos que faz você ficar satisfeito, e eles querem que você levante. A rede de *Fast Food* funciona

de uma maneira rotativa, então estudamos Gestalt, que é uma escola alemã em psicologia onde vemos a reação do ser humano nos espaços. Então, o que acontece é que existe intenção e essas intenções são colocadas no projeto, pois a gente sabe que se fizermos um espaço todo iluminado com luz fluorescente em cor vermelha, é impossível as pessoas ficarem ali por meia hora. Então essas definições estão no projeto, e os projetos são consequências do que a gente tem de conteúdo teórico, quer dizer, como aplicamos as cores, luz a espacialidade, as relações de proporção, os elementos técnicos, então o trabalho da arquitetura não é arbitrário, pelo menos não deveria ser.

A intervenção arquitetônica pode vir a contribuir com os valores culturais de onde está sendo implantada?

Em primeiro lugar: a arquitetura não é um edifício, ela é a relação que se estabelece entre os diversos fatores que compõe, que é a história, por exemplo. Como é que se formou aquele bairro onde será construído o projeto, quais são as suas vias, falando hierarquicamente, em relação ao acesso ao bairro adjacente, como é aquela praça... Já que você está falando da catedral, qual é o sentido histórico, urbanístico, referente ao que ela representa na organização da malha da cidade. Enfim, o primeiro olhar do arquiteto, não enquanto ordem metodológica processual, porque isso cada um faz de uma maneira, mas é preciso entender a visão do todo. Essa visão do macro, a composição da geografia da cidade, do ponto de vista da formação dela e, só a partir daí a gente pode dar início ao projeto, porque quando você vai até um terreno para elaborar o projeto, quando você olha para ele, ele já está te dizendo algo, pois ele já tem uma história, uma memória, ele já está te informando o que ele é até ali e o que ele quer ser a partir do que vai ser planejado. Isso se constrói nas relações do lugar, então essas relações na arquitetura, particularmente são essenciais.

Quais aspectos devem ser observados na hora de executar uma reforma ou construção? Exige cautela por conta de causar danos culturais? Se sim, quais seriam?

É um olhar cuidadoso sobre a memória do lugar que ele vai intervir. Construindo essa imagem de quem é esse lugar, de como ele foi composto, quais memórias ele carrega e como ele construiu a história de si mesmo, a gente precisa entender, obviamente, o que vamos fazer. Um exemplo de não se atentar a esses detalhes, é a entrada e saída do shopping da cidade, depois que eles reformaram. Me desculpe o profissional que fez, mas desconsideraram complementarmente o fato de que a Manoel Goulart é simplesmente umas das quatro vias que a gente tem de maior fluxo, ou seja, você sempre vai pegar trânsito ali. Em contra partida, a localização do Walmart, que construiu uma setorização extremamente inteligente, do ponto de vista dos acessos, pois além de recuar o estacionamento, você sai da via de uma maneira lenta e depois você adentra ao estacionamento. Então é importante ter o olhar do que vai acontecer depois que for implantado tal projeto, que isso na verdade é projetar, lançar um projétil a tal ponto que eu entenda o efeito que ele vai ter lá na frente, isso é um dos elementos mais importantes, e logicamente associado a isso, começamos a pensar em tecnologias possíveis, qual vai ser a dimensão e as questões do lugar são as mais importantes.

O papel do arquiteto se torna importante em relação à valorização das obras?

Sim. O olhar do arquiteto em entender onde está pisando, pois cada projeto é um novo projeto. Recentemente eu dei uma palestra na UNESP e ai eles falaram quais os desafios da arquitetura em Presidente Prudente. Aí eu falei “Gente, a arquitetura de Presidente Prudente não tem desafio propriamente dito”, claro que tem o âmbito urbano e o da construção, mas, no geral, o primeiro desafio é o resgate da memória, tanto da nossa própria memória quanto a do lugar. O segundo desafio é olhar para a cidade e o terceiro é o desenho, o projeto, o detalhe.

A restauração e a preservação de um projeto, seja ele arquitetônico urbanístico ou ambiental, dependem do que?

Antes do restauro e preservação de um projeto, precisa ser atribuído um valor a esse edifício, um valor de memória cultural ou um valor histórico ou estético, enfim, isso segundo Tiézere Brand, que é um dos autores de restauro moderno. Então, você atribui um valor a esse projeto, construção ou lugar, e esse valor pode estar atribuído em diversas facetas nas quais, atribuídos esses valores, obviamente terá uns trâmites legais. Quer dizer, eu vou atribuir o valor, nós montaremos uma comissão e esse valor será acatado por questões históricas, culturais. É um processo de pesquisa que levanta as características desse lugar e, a partir das construções dessas características, enquanto conhecimento, porque na verdade você está gerando conhecimento nessa pesquisa, você chega à conclusão de que ele é um edifício que precisar ser tombado, que é onde entram as leis dos órgãos IPHAN – que é um órgão gerenciador. A seguir, você entra com um processo de tombamento no IPHAN, informa todas as caracterizações do porquê, e você tem que comprovar cientificamente, pelos valores culturais. O IPHAN que, possui técnicos dessa área, que acatam ou não o seu pedido. Recentemente o prédio do IAB, em São Paulo, ao lado da república foi tombado, porque é uma obra do Rino Leve, que é um brasileiro da primeira geração de arquitetos modernistas. O próprio IAB entrou com um processo, declarando os valores históricos e os valores arquitetônicos. Enfim, a arquitetura é isso, é esse modo de ver global que não se restringe a uma janela.

JÚLIO ÂNGELO XAVIER
MINISTRO DA EUCARISTIA E DOCENTE
DATA: 28/04/2016
MEIO: VERBAL

Júlio é ministro de eucaristia na catedral há 20 anos, rege o grupo de louvor na igreja e vivenciou a época do tombamento. A entrevista foi concedida à Tacyelle Miranda no dia 28 de abril de 2016.

Qual é o nome do senhor completo e a idade?

Meu nome é Júlio Ângelo Xavier, tenho 55 anos.

Qual a importância que a catedral representa na sua vida?

Ela representa, como patrimônio, não só para mim, mas para Presidente Prudente, em um grau muito elevado. É um ponto de referência dos fiéis tanto católicos como não católicos, representando o cristianismo. E se nós verificarmos pelo contexto espiritual, é ali que eu consegui e contive bastantes forças para poder levar a diante a minha vida religiosa, a educação dos meus filhos. A minha vida pessoal em si necessitou muito dessa parte espiritual. É ali que a gente se encontra para poder reestabelecer as forças, como vocês viram, nos fins de semana nós estamos na igreja cantando, animando a missa, pois na realidade a gente vive aquele momento.

Quantos anos você já frequenta a Catedral?

Olha, eu comecei a frequentar a catedral, na realidade, quando eu tinha uns 7 anos de idade, quando minha mãe levava a gente nas missas. Nós saíamos do nosso bairro e caminhávamos quatro, cinco quilômetros a pé. Naquela época, se frequentava as missas todos os dias, naquele tempo que ia com a minha mãe, a catedral não era como hoje, tinha-se o altar, uma cerquinha. O padre não rezava a missa de frente para os fiéis. O padre, na época, em 1967, não retornava à igreja depois das missas. Nós não tínhamos acesso à comunhão como o padre vem hoje até a assembleia, o padre ficava numa escada e distribuía a comunhão, recebíamos na boca. Então muita coisa mudou.

Você exerce alguma função na igreja? Há quanto tempo?

Na catedral eu sou encontrista do ECC – Encontro de Casais com Cristo, que proporciona uma formação, um preparo para o casamento, desde 1984. Sou ministro da eucaristia há 20 anos. Temos uma, que no caso seria uma pastoral referente à música, um grupo de cântico, no qual sou regente há 15 anos, nas missas aos domingos às 17 h.

Qual o fato mais marcante que a catedral representou na vida do senhor?

Geralmente quando se fala em fatos marcantes, se pensa em casamentos, festividades, mas eu mesmo me casei na igreja São José, por ser próximo da onde eu morava. O marcante para mim é que eu consegui, durante o meu casamento, frequentar ativamente a catedral, eu e minha esposa, e foi ali que nós estivemos nossos filhos. Levávamos nossos filhos desde criança para a igreja e hoje eles são ativos na catedral. O marcante é eu ter conseguido solidificar a minha família dentro da igreja.

O senhor lembra a época em que a igreja foi tombada?

Eu me lembro. Para falar em datas específicas eu sou falho, mas na época que foi tombada, a gente teve várias divergências, tanto em pensamentos como atitudes dos fiéis, pois alguns queriam o tombamento outros não. E eu, como líder de alguns grupos, não podia ficar em cima do muro, tive que tomar partido. Então, como a catedral chegou num limite que não tinha mais condições de se participar de uma missa, na época de uma chuva, que inclusive inundava tudo na igreja e o teto já não suportava mais, o padre e o bispo queriam mexer na igreja e os órgãos públicos não deixavam, dizendo que qualquer movimento que fizessem, a alteração descaracterizaria a igreja. Pois a igreja foi construída, na realidade, em forma de uma cruz, os dois braços dela eram para serem duas capelas. As missas noturnas ou de poucas pessoas seriam celebradas ali e depois, como o fluxo de pessoas aumentou, esses espaços menores tiveram que ter outra utilidade, como colocar bancos para os fiéis. A igreja foi envolvida por inteiro. Só que nessa época do tombamento, os governantes da cidade, como prefeitos e vereadores, queriam tombar, mas só que eles não tinham condições para manter a catedral. Se tombasse, a prefeitura era responsável por todo o processo de reforma, porém eles queriam tombar, mas não queriam assumir a responsabilidade. Então, a comunidade tinha que assumir a responsabilidade. Nós ficamos num grande impasse, pois ficou nesse tomba e destomba. Aconteceu que, chegou certa época o Condephaat, que administrava toda essa parte, não tomou partido. Eu acredito que nós não tínhamos acesso a parte política, porém tínhamos acesso à parte religiosa e administrativa dentro da igreja. Tivemos esses impasses e, por fim, ficou para o bispo assumir as condições de reparo porque a prefeitura acabou não assumindo essa parte. E até hoje ficou nisso. Nós temos o livro do jubileu, que abrangeu os 50 anos da Diocese e esse livro narra fatos do tombamento e destombamento da igreja. Contudo, ficou nisso e o assunto parou. Nós temos um índice muito grande de pessoas que participam das escolas, que ficam nas redondezas da igreja, que frequentam à noite a praça em volta da igreja e fazem até atos de vandalismo, tornando a própria igreja muito perigosa. E nós já pedimos às autoridades que tomam conta dali para fazerem uma ronda policial mais ativa, pois nessa situação, não podemos mexer em nada para reforçar a segurança. Como a igreja é um patrimônio histórico da cidade e também um centro de referência, deveria ter mais preservação. Essas coisas acabam afastando um pouco os fiéis de lá. Então, nós temos vários problemas ainda que precisam ser resolvidos e não foram até hoje. Aí entra a atitude do padre, de colocar banco e depois ter que tirá-los, colocou a cerca nas entradas principais da igreja, para ver se melhora a segurança, mas isso acaba afastando a comunidade de certa forma. E nós da igreja temos a missão de abraçar os fiéis e não os afastar.

Como foi para você e sua família essa época? Houve alguma mudança na rotina dos fiéis que frequentava a igreja?

Como eu sempre trabalhei na parte de música da igreja e como ministro de eucaristia, em reuniões sobre tombamento e destombamento, nós tivemos algumas situações de deslocamento. Algumas pessoas foram para outras paróquias porque, no caso, as reuniões passaram a ser no salão paroquial, que por sinal era precário. Então nas reuniões que não tinham condições de ser na catedral, nós íamos para o salão e dividíamos a equipe, ficando um espaço de 2x2 para 30 trintas pessoas. Era bem precário, mas procurávamos fazer as coisas. A nossa atitude de cristão, nós não deixávamos para trás, então as missas eram celebradas no salão paroquial, e fazíamos o possível. Tinha dia que você chegava lá e ele estava em reforma, então

tinha muita poeira, pedra, areia, mas nós entrávamos daquele jeito e fazíamos nossas reuniões.

O senhor teve que mudar a sua rotina religiosa? Qual?

Na realidade, a mudança foi de trabalhar nos espaços físicos, pois diminuíram os espaços e com isso houve dificuldades de ir à missa. Mas rotina, nesse caso, eu interpreto que mesmo com essas mudanças, eu procuro ir buscar o espaço espiritual, nós sabemos que ali é um templo e que a força se encontra em Deus. É claro que um bom alojamento do templo, acolhimento, ajuda na ida até a igreja, mas na época, eu encarei como um desafio que passamos para ver se realmente tínhamos fé e se a gente conseguiria transformar tudo aquilo em forças para continuar frequentando a igreja, continuarmos ativos como hoje. Atualmente o nosso maior problema não é mais o templo, que por sinal hoje abrange todas as celebrações e catequese, além de ser muito bonito. Temos problemas pequenos como gotejamentos dentro da igreja e esperamos uma revitalização segura da praça.

O senhor é favor ou contra o tombamento?

Eu sou a favor de um tombamento em que as autoridades assumam realmente a necessidade da comunidade, pois sabemos que as necessidades físicas importam e muito. Ainda mais hoje, que a gente fala que é um país socialista, mas materialista nós também somos um pouco, quer queira ou não, nós temos um pouco de zelo pelos materiais ou edifícios que estamos inseridos. Eu acredito que seria viável um tombamento, desde que todos os processos que a comunidade precisasse de apoio, fosse dado o respaldo do órgão público. Agora, quando não se tem esse apoio, nós sabemos que eles nunca acabam assumindo totalmente a reponsabilidade, por várias questões, que no caso para mim não importa, pois são questões políticas. Então, no caso, deixassem na responsabilidade da catedral e diocese para o bispo administrar, mas em conjunto com a comunidade, porque todos os encargos dentro da catedral são da comunidade, tudo o que precisava ser feito foi a comunidade ativa que assumiu. Então se fosse para ser uma situação regrada, deixe que a comunidade tome conta.

Hoje o senhor acha que as pessoas deveriam valorizar mais a catedral, devido a história que ela representa para a cidade e a comunidade?

Sim. Eu acho que a valorização vem da pessoa. Inclusive, existem pastorais dentro igreja em prol de conscientizar as pessoas a valorizar a igreja, como por exemplo, nós temos missas todos os dias, isso já é uma forma de valorizar e usufruir desse bem histórico que é catedral. Contamos também com mais um administrador dentro da igreja, celebrando missas 12 horas por dia, então ali o próprio pessoal do centro e comércio estão enxergando a igreja com outros olhos, valorizando a parte cultural, espiritual e o contexto em si. Acho que isso é valorizar e vem de cada um de nós. Todos aqueles que passam pelo centro, tem um acesso livre dentro igreja e à praça, então essa valorização é conservar esse patrimônio, que é a igreja, e é nosso. Esse contexto diz respeito a cada um de nós e não escolhe pessoas ou religião, é de todos.

MARIA APARECIDA MENEGASSO, 74 anos
COMUNIDADE RELIGIOSA DA CATEDRAL
DATA: 29/04/2016
HORA: 14:40

Dona Nenê é irmã mais velha de dona Margarida e foi completamente contra o destombamento. A entrevista foi concedida à Talita Cruz no dia 28/04/2016.

O que a catedral significa para a senhora?

A catedral significa a minha vida, principalmente antes de reformar.

O que a senhora acha que mais mudou?

Eu sinto falta do que era a antiga mesa da comunhão, aqueles altares mais lindos que tinham foram todos tirados. Onde o padre fazia sermão era a coisa mais linda. Se eu pudesse voltar ao que era antes, eu voltaria. Assim o jeito que ela está agora, claro, é uma coisa artística, bonita, mas eu considero uma poluição visual.

Qual é a relação da senhora com a catedral hoje?

Eu faço parte do Centro Social São Sebastião. Tinha gente que não acreditava que eu fiz minha primeira comunhão com o Monsenhor Sarrion.

A senhora se lembra de alguma coisa do Monsenhor Sarrion?

A minha primeira comunhão foi com o padre Sarrion. Eu era muito criança naquele tempo eu tinha uns sete ou oito anos. A história que eu sei dele, foi que quando ele começou a construir a igreja em 1925, a turma chamava ele de louco porque ele queria uma igreja muito grande. Diziam que ele não ia construir uma coisa tão grande, e ele dizia, "Vocês vão ver, eu não estou louco, isso aqui vai progredir". Mesmo assim ela era pequena, porque naquela época só era a catedral, depois é que as outras foram construindo. Nós somos da época que as pessoas assistiam a missa do lado de fora, a minha mãe ficava sentada na escada, na mureta.

Me conte sobre as modificações que foram feitas na igreja?

Eu era totalmente contra. Eu queria a minha catedral antiga, onde era a mesa, onde eu fiz a minha primeira comunhão.

A senhora sabe se a comunidade se juntou para conversar com o Dom Agostinho?

Todo mundo. Teve quebra pau. Pode escrever isso aí.

Foi dito a nós, do grupo, que a comunidade estava mais devota aos santos dos altares do que ao centro da igreja onde estava Jesus Cristo, a senhora também acha?

Não tem nada a ver. Eu daria a minha vida para entrar na Catedral e ver ela como era antigamente. O sacristão acendia as velas, eu e minha irmã nos pendurávamos nas cordas e batíamos o sino. Eu era totalmente contra as mudanças. Ele queria fazer prédio para abrigar tudo, a cúria, os padres quando viessem de fora. Eu falei, "Meu Deus do céu".

A senhora, assim como sua irmã também participou das quermesses?

Quanta quermesse! Todos congregando no carnaval. Juntavam 450 congregados para o retiro no Arruda Melo atrás da Catedral. Eu tenho birra do Dom Agostinho, ele é ótimo para fazer sermão, mas o sermão dele era só para fazer política. Quando meu irmão se formou na faculdade, eles fizeram cartinha para convidar as pessoas e eu que fui levar na casa dele porque meu irmão trabalhava. Eu estava chegando na casa dele e parei o carro na garagem, mas eu precisava entregar isso para ele. Ele quase me atropelou e não me recebeu. Disse para eu deixar lá. Por isso que tenho birra dele.

E quando destombou, houve muita reforma?

Foi daí que começaram as pinturas lá.

Dona Maria Aparecida, ouvimos pessoas que disseram que uma das razões para o destombamento foi que a igreja estava com sérias rachaduras e infiltrações, a senhora se lembra de algo do tipo?

Só chovia e tinha goteira. A igreja era linda sem nenhuma rachadura.

O que a senhora viu de mudança e achou bom para a igreja?

A primeira mudança que eu achei válido foi o padre rezar a missa olhando para o povo. A missa ainda era em Latim, quando o padre virou para a gente, todo mundo ficou maravilhado. Só mudou depois do Concílio Vaticano Segundo.

O jeito que a catedral está hoje agrada a senhora?

Eu considero uma poluição visual. Eu gostava dos meus altares. Ali era Santo Antônio, aqui era São Roque, Nossa Senhora Aparecida. Aquela imagem de Maria que está na catedral, mês de maio inteirinho, nós saímos e levávamos flores naquelas épocas. A gente levava uma florzinha na mão e deixava lá. Isso eu não esqueço. A igreja é minha vida, minha vida de igreja foi muito boa. Cada lembrança, meu Deus.

MARGARIDA MENEGASSO VIEIRA
COMUNIDADE RELIGIOSA DA CATEDRAL
DATA:28/04/2016
MEIO: VERBAL

Dona Margarida frequenta a Catedral desde criança, vivenciou a época do tombamento e destombamento. Atualmente participa da pastoral da solidariedade. A entrevista foi concedida à Talita Cruz no dia 28 de abril de 2016.

Me conta um pouco da sua história na catedral, Dona Margarida.

O meu primeiro trabalho foi com 14 anos. Fui catequista até os 24 anos na catedral, depois me casei. Eu me casei com 24 anos e morei aqui depois de casada durante 7 anos, na vila Maristela. Eu frequento a catedral desde que nasci, meus pais me levavam. Eu participei da coroação de Nossa Senhora de Fátima. Era a coisa mais linda, vestida de anjo.

A senhora se lembra de como era a igreja naquela época?

A igreja nessa época tinha aquele andar bonito, antigo, no fundo. Tinha o Cristo em cima, São Sebastião no centro. Tinham aqueles candelabros que colocavam muitas de velas acesas.

A senhora chegou a perceber alguma infiltração ou rachadura?

De vez em quando aparecia alguma goteira, quando dava temporal. Todo telhado acontece, mas rachadura eu não me lembro que tenha tido, apenas goteiras.

Como eram as missas naquela época?

A igreja é comprida, lá no fundo era o altar. De primeira a sacristia era menor e o altar bem grande. As comunhões eram de joelho, depois do Concílio Vaticano Segundo foi renovada a maneira da celebração da missa. Eu tinha 15 anos nessa época e os padres ainda celebravam as missas de costas para as pessoas. Fui catequista na catedral durante 10 anos. Eu comecei com 14 e casei com 24, trabalhei na comunidade dos 14 aos 24 anos.

O que significou para a senhora casar na catedral?

Foi uma coisa muito linda. O padre me recepcionou muito bem, o padre Jaime. Muito ativo na comunidade, ele ofereceu o salão. O casamento não foi cobrado, foi uma espécie de gratidão por eu ter servido tanto tempo a comunidade. O que a igreja podia fazer por mim, eles fizeram. Casei dia 23 de dezembro de 1972.

A senhora trabalhou na igreja?

Eu sempre participei das quermesses, na volta toda da Igreja tinha quermesse. As quermesses eram feitas de acordo com a época, como festa junina. O meu pai ajudou a construir a catedral, ele trabalhou como pedreiro. O nome dele é Ângelo Menegasso. Ele e minha mãe contam que o padre Sarrion morreu num navio quando voltava de uma viagem.

Qual é a relação que a senhora tem com a catedral hoje?

Eu faço parte da Pastoral da Solidariedade, somos uma equipe, a equipe de cozinha. Nós fazemos 40 marmitas e distribuimos aos moradores de rua todas as quartas-feiras.

O que a catedral significa para a senhora?

Olha, muita coisa. Se não fosse a religião, se não fossem os pais colocarem a gente para participar, deixarem a gente ir. Meu pai me levava e me buscava. Depois eu dei aula de catequese durante 10 anos, depois de casada mais dois anos, e depois mudei de cidade e dei aula mais 10 anos lá também.

Qual a relação que a senhora tem com o Monsenhor José Antônio?

Eu sou apaixonada por ele. Ele é muito bacana, eu não tenho nada para falar contra. Se alguém falar mal dele perto de mim eu dou bronca, apesar de não nos vermos muito.

A senhora mudaria a catedral para o que ela era antigamente?

É lindo o jeito que ela está agora. Quem vê fica extasiado, mas eu preferia antigamente. Aquele altar, eu acho que aquele altar nunca deveria ter saído, poderia ter mantido.

Dona Margarida, ouvimos pessoas que disseram que uma das razões para o destombamento era de que a igreja estava com sérias rachaduras e infiltrações, a senhora se lembra de algo do tipo?

Mentira, isso é mentira. O telhado foi trocado de 10 a 15 anos para cá. O telhado é antigo, o que tinha eram algumas goteiras.

E sobre o bispo Dom Agostinho?

Ele queria aumentar aquela lateralidade que ela tem lá na frente até a rua Nicolau Maffei, e o outro lado até o outro lado para colocar tudo lá. Ele queria porque queria, ele brigou e fez um inferno, saía até na televisão. A comunidade inteira era contra, mas ele queria porque queria à vontade dele. Ia descaracterizar muito mais, o tombamento foi um alívio. Não que ela esteja ruim hoje, fizeram essa pintura e tudo mais, agora ela está legal. Antigamente não tinha desenho, só tinha umas lajotas antigas, depois veio o piso bonito. Ela tinha uns altares no fundo, tinha um em cada parede, cada um com um santo.

O que mais desagradou a senhora naquele tempo?

Depois que os padres começaram a celebrar as missas de frente para o povo, o que foi muito bom, eles passaram também a modificar o altar. Cada padre que passava por lá mudava alguma coisa, isso foi muito triste. Cada um via uma maneira de tirar uma coisa, foram tirando aos poucos.

O que a senhora acha que mudou na comunidade que frequenta a igreja hoje?

Essas intervenções, grupos de jovens, casais, oração, acampamento. Porque antigamente era só o padre, a missa e a gente. A igreja melhorou bastante por conta dessas modificações que incluíram os jovens, adultos, casais, incluíram muita coisa e isso foi muito bom. De primeira só tinha a catequese.

**JOSUÉ PANTALEÃO DA SILVA
PRESIDENTE DO CONDEPHAAT DE PRESIDENTE PRUDENTE -
CONSELHO DE DEFESA DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO, ARQUEOLÓGICO,
ARTÍSTICO E TURÍSTICO.**

DATA: 14/04/2016

MEIO: VERBAL

Como presidente do conselho, Josué promove reuniões e discussões sobre os possíveis bens que podem ser tombados para a apresentação do pedido através de ofício na prefeitura. A entrevista foi concedida à Talita de Oliveira Cruz no dia 14 de abril de 2016.

Como funciona o COMUDEPHAAT?

É um sistema de pessoas que pertencem a esse conselho, junto comigo presidente, vice-presidente e secretário. Nós desenvolvemos reuniões e discutimos o que poderia ser tombado. É através do conselho, que são pessoas que vão fornecer para nós ideias, locais. Nessa reunião é debatido o assunto do que é de suma importância para nossa cidade. Feito isso, nós damos início a uma pesquisa daquilo que foi escolhido.

Quais as características necessárias para a escolha do local?

Qual foi o primeiro tijolo colocado? Comece de lá até os dias atuais. O COMUDEPHAAT tem essa preocupação de pesquisa para levantar esse patrimônio histórico. Porque com base em fotografias, depoimentos, plantas da época, arquitetura, que nós começamos a ter tudo em mãos. Com essas informações e documentos é possível montar todo o processo para o tombamento. A igreja, IBC e a Praça 9 de julho tiveram o levantamento histórico todo feito pelo pessoal da arquitetura da internet. Feito isso, nos reunimos a cada 15 dias, e nessa reunião nós debatemos o que já tem, o que pode ser mudado, para deixar tudo bem ajustado, para que eu faça um ofício muito legal para que possamos estar protocolando na prefeitura e dar entrada no processo. Escolhemos o que será tombado, em uma reunião temos vários pontos, o conselho decide por qual começar. Fechando a pesquisa documental, é feito o ofício solicitando o tombamento à prefeitura, depois câmara municipal.

E quanto à tutela provisória?

Quando a promotoria verifica que um bem corre algum risco, ela tem o poder de embargar, para que ele fique estável até um possível tombamento. Por ordem dela alguns lugares estão parados.

O Comudephaat é quem realiza o tombamento em Presidente Prudente?

O Juiz tem o poder de embargar, mas quem faz o tombamento é o nosso conselho. Até então estava parado o Conselho de Patrimônio Histórico de Presidente Prudente, reativou agora comigo, está indo para 3 anos. Desse tempo para trás, ninguém quis assumir e aí nós fizemos a pesquisa, com indicação da própria secretaria de cultura para ver se há comunidade de faculdade, pessoas de responsabilidade. Eu fui indicado pela Unoeste para fazer parte, e agora virei presidente. É isso que acontece nesse sistema de tombamento. O que está acontecendo hoje, a igreja, IBC, entre outros que já estão documentados, protocolados na prefeitura, já passou pela secretaria de serviços jurídicos da

prefeitura. Então o que acontece, foi meio que embargado, mas nós do conselho não aceitamos isso. Pela leitura que vimos, pelo ofício mandando para o conselho, nós não aceitamos, e por conta disso entramos com a promotoria, com o doutor André. Ele percebeu realmente que é de suma importância para a cidade, hoje mesmo eu estou esperando um parecer dele. Fiz uma cópia da documentação que passei para a prefeitura, fiz uma cópia e passei para o André. Agora o doutor André vai resolver e passar um parecer para nós.

O que o senhor tem a dizer sobre a importância do conselho?

Eu sinto na cidade de Presidente Prudente, de modo geral, muita gente dentro de algum poder, prefeitura, secretaria, vereadores, até chegar no mais simples; eles não sabem o que é um tombamento, muito menos o que é um patrimônio. Dentro desses setores, as pessoas leem a documentação, mas elas mesmas não sabem o que é um tombamento. A educação não chega a tanto para que nosso conselho de uma reunião e explique como funciona, é difícil. Eu estive em São Paulo há pouco tempo, numa reunião com o Condephaat de lá, e eles também sentem essa dificuldade, pela falta de conhecimento das outras partes. As pessoas leigas que não sabem nada, acham que quando vai se mexer no patrimônio de alguém, nunca mais aquela pessoa não vai poder fazer nada. O que não se pode mudar é a caracterização da frente, da essência. O resto ele pode mudar, por exemplo: encanamento, arquiteto, aproveitar uma parte arquitetônica, só não se pode mudar as características e quebrar paredes, mas pode ser feito uma adequação. É questão de conversar. Essa é a nossa maior dificuldade do meu conselho. Precisamos reeducar a população a saber o que é um tombamento, uma preservação cultural para nossa cidade.

O senhor foi escolhido para ser o Presidente do Conselho?

Através de uma eleição. Sobre a catedral, hoje no Brasil, se alguma coisa não for documentada e assinada, não tem valor. Alguém pode amanhã, ou uma outra pessoa que ocupar a igreja e descaracterizá-la completamente. O tombamento vai assegurar que isso não aconteça, não se pode descaracterizá-la. A conservação pode sim ser feita. Se tivermos o poder que outros Condephaat têm, já teríamos tombado metade da cidade.

RUTH KÜNZLI
PROFESSORA DOUTORA EM ANTROPOLOGIA DA UNESP
DATA: 08/04/2016
MEIO: VERBAL

Ruth foi membro do Condephaat no período do tombamento e testemunha da Cidadania no período do destombamento. Foi professora de Antropologia e Patrimônio Cultural, e tem mestrado em Arqueologia. Entrevista realizada por Thaís Agante.

Estamos falando sobre o projeto do Bispo Marochi. Do que a senhora se lembra da época do tombamento?

Primeiro: o projeto de tombamento deu-se exatamente porque o Marochi ia descaracterizar a catedral, no sentido de ficar semelhante à Igreja de Apucarana. Ele ia fechar a parte de trás e fazer apartamentos e alojamentos para os padres visitantes. Ia descaracterizar completamente.

Segundo: por isso tombamos a catedral, porém a igreja estava com algumas rachaduras. Dom Agostinho falou que tudo bem, mas que a prefeitura deveria arcar com os custos dessa reforma naquele momento. Só que eram despesas muito grandes e a prefeitura não tinha dinheiro para pagar as reformas. Então o Dom Agostinho fez um movimento e reuniu umas 7 mil assinaturas, se não me engano, dizendo que as pessoas eram contrárias ao tombamento porque, na realidade, o que a prefeitura queria era derrubar a catedral. Usaram o termo tombar no sentido literal. Tombar: deitar por terra. Como as pessoas não entendiam do assunto, ele deturpou o termo tombamento. Ele entrou com isso na câmara, que lidou com estas duas situações: o bispo que vem com esse argumento e a prefeitura que diz que não tem dinheiro para arcar com as despesas. Acabou destombando a catedral. O tipo da coisa que eu só vi uma vez na vida e foi exatamente em Prudente, que é tombar e destombar um patrimônio. E por esse motivo é que agora se vê a catedral com aquele estacionamento em torno dela, isso a descaracterizou bem, exatamente porque ela foi tombada e depois destombada.

Foi meio irregular esse destombamento, não é? Porque o Condephaat não deu parecer na época.

Sim. O Condephaat, não foi consultado, a câmara e o prefeito resolveram. Eu sempre comentava quando era membro dele. [Condephaat] Ele tem um erro de base em sua constituição, que é: o prefeito dá a última palavra. Então, o Condephaat pode falar o que quiser, o prefeito dá a última palavra. Então, foi isso que aconteceu. Quer dizer, de repente a câmara resolveu, o prefeito sancionou e lá foi. Inclusive isso também facilitou alguns prefeitos a não constituírem Condephaat, porque, por exemplo, saía algum prefeito, mudava o presidente e aí não colocavam outro. Porque o Condephaat tem como prerrogativa que o prefeito deve nomear o presidente. Então ele não designava outro presidente e o Condephaat ficava ao léu, até que alguém resolvesse de novo e conversasse, ou mudasse o prefeito e este tivesse interesse no Condephaat. E ele passou uma temporada, eu tinha sido, acho, que da penúltima gestão, antes de se transformar em Comudephaat e ele parou um tempo. Ficou três, quatro anos parado. Depois, ele foi recriado, então com o nome de Comudephaat. E como é que ele está agora eu não sei, mas de qualquer maneira. Então, essa é uma das falhas fundamentais do nosso Condephaat, que é o prefeito ter que dar a última palavra, que foi exatamente o que aconteceu no

destombamento da catedral. Ele passou por cima do Condephaat, não deu satisfação a ninguém e aí destombou.

O Hélio Hirao disse que foi por conta da pressão da especulação imobiliária e do mercado?

Também, também. Mas, fundamentalmente, o fato era que tinham de ser feitas obras de manutenção da Catedral bastante caras, a prefeitura não quis se encarregar e o bispo questionou como se faria para conservá-la. O bispo veio com este argumento 'bom, se vocês vão tombar a catedral quer dizer que vocês vão consertar. Se vocês não consertarem, cai a Catedral, porque ela está com rachaduras e de repente ela implode. E aí, a culpa é de quem?'. O prefeito também não quis ficar com essa culpa. Ele não tinha dinheiro para pagar os consertos e não queria ser o acusado depois de ter derrubado a catedral.

A senhora acredita que as alterações que foram feitas depois do destombamento descaracterizaram um pouco a catedral, digo, não só o estacionamento, mas qualquer outra coisa que tenham feito?

Não, eu acho que ali duas coisas foram feitas: a primeira foi a pintura interna da catedral, que foi feita pelo professor Botosso. Têm pessoas que criticam aquela pintura ou pessoas que acham que está correto. Mas não é a original.

A segunda foi transformar aquilo ali em estacionamento. Quer dizer, antes ali era aberto, não tinha aquela cerca em volta, era aberto, as pessoas circulavam por ali. Tinha um coreto, nos domingos à noite, a Furiosa, a banda 7 de setembro fazia apresentações com música. Ali perto era o cinema, então a noite o pessoal saía do cinema e depois ia lá no coreto assistir à banda tocar. Algumas coisas mudaram e, com isso, fechou para o público. Ali só entra carro e o estacionamento até que é razoável. Mas em tese é isso.

É parte da história que se perde porque eu tenho 23 anos e nunca soube que tinha um coreto ali. Conheço a catedral como é hoje.

É, ali à esquerda, ao lado da prefeitura, tinha um coreto. E ali, como eu disse, aos domingos tinha música. O pessoal saía da missa e ia lá, ficava sentado, conversando. E mudou um pouco isso. E também teve o fechamento do cinema. Quer dizer, foram as duas coisas que desviaram um pouco o público daquela área. Ali, ao lado da esquina da prefeitura, ao lado do banco tinha um cinema. Geralmente, ali o pessoal frequentava, tinha duas sessões, o pessoal ia na primeira sessão, grande parte das pessoas, no domingo à noite principalmente. E depois iam lá no coreto ouvir a banda. E isso se perdeu, tanto por conta do cinema, que fechou, quanto por conta do coreto que acabou.

E essa mudança, a senhora acha que o destombamento trouxe o esquecimento desta parte?

Sim, pelos mais jovens, com certeza. Porque as pessoas mais antigas conheciam, curtiam. Agora os mais jovens, não. Quer dizer, eles nem sabem que havia. Esse coreto eu não sei onde está agora. Tá em algum lugar aí. Até recentemente eu vi, alguém comentou "É, esse é aquele coreto lá da praça da Igreja da Matriz". Então ele está por aí, em algum lugar e não está sendo usado. Eu acho que o pessoal mais jovem não sabe dessas coisas, não tem noção.

A senhora pensa que deveria ter uma política de educação referente ao patrimônio, à arte, desde pequeno, para que as pessoas, criem essa noção de preservação? Atualmente há um pensamento muito moderno, rápido: pessoal com celular, essas coisas, só querem saber do novo e acaba achando que o antigo não serve, porque pode estragar.

Eu não sei se é só isso, o porquê não sei. Estou pensando agora em outra coisa, que é a seguinte: música clássica, por exemplo. Normalmente se diz que o povo não gosta de música clássica. Eu, pelo menos, já vi duas vezes uma orquestra sinfônica de São Paulo tocar no Parque do Povo, lotado de gente e o pessoal aplaudir e aplaudir, e todo mundo saiu gostando. Quer dizer, as pessoas “não gostam” – entre aspas, porque não conhecem ou não têm acesso. Se você trazer mais, as pessoas vão se habituar e começar a gostar, como era a época do coreto. O pessoal tinha ali aquela música todo domingo e gostava disso. Agora não tem mais. Então, às vezes, exatamente a ausência disso é que provoca que o pessoal vá buscar outras soluções. O que você faz no domingo à noite? Hoje, por exemplo, grande parte das pessoas idosas vão lá na Praça Nove de Julho e ficam jogando, porque fizeram lá toda uma armação para o pessoal poder sentar e jogar e tal. E se não tivesse? Então, eu acho que são os dois caminhos: tem que educar para que se valorize o patrimônio, mas tem de se proporcionar condições adequadas para isso. Como disse a respeito da música clássica, por exemplo. Eu já ouvi esse tipo de comentário “Nem adianta, isso aí é coisa de elite, povo não gosta”. Mas quem é que disse que povo não gosta? Como eu disse, traga a orquestra para cá e veja o que acontece: lota de gente. Então, por exemplo, às vezes, tem-se apresentação de música no conservatório. Realmente, o povo não vai, a não ser os alunos e os pais, porque é um espaço fechado que muitas pessoas têm um certo receio, não se dispõe a entrar num lugar desses. Um exemplo é a Casa do Médico, que vinha oferecendo música clássica no domingo de manhã. Eu conversei com várias pessoas que diziam: “Ah! Mas a Casa do Médico é muito chique”, “Não vou entrar na Casa do Médico”.

Proporcionar acessibilidade.

Exatamente, então não consegui chegar nisso, com essas apresentações porque é em um lugar fechado, definido “Casa do Médico”, então as pessoas acham que todos vão se vestir bem e não sei o que lá. “Ai, não faz o meu gênero” e então acaba não indo. Mas não é porque ele não tem oportunidade, mas é porque ele tem oportunidade, mas restrita. Então, é o que eu disse: traga no Parque do Povo para você ver. É uma maneira de, inclusive, educar as pessoas. Os pais que levarão as crianças nas apresentações das orquestras, essas por sua vez vão aprender a gostar de música clássica. Agora, tem de ter o acesso a ela. Isso com relação a quase todos os patrimônios, e ao senso de comunidade, coletividade e pertença ao bem público. Precisa de estímulos, como você diz, tem de educar criança para isso, estimular criança a isso. Vem sendo feita uma propaganda muito grande para a leitura. E é fundamental que a criança leia. Então é feita uma divulgação muito grande para chegar à criança para que haja mobilização, porque se deixar batido, criança não vai aprender a ler e o adulto também não, não vai ter o gosto pela leitura. Preservar o patrimônio é uma coisa importante? É, mas ela tem de ser, de alguma forma, repassada para a coletividade. No caso, talvez a Prefeitura, porque ela não tinha interesse, não fez o trabalho dela no caso da Catedral, mas fez o papel contrário. Destombar, mas, em tese, a Prefeitura deveria estar ajudando a tombar o patrimônio e a divulgar isso. Até esses dias, estive numa reunião no Matarazzo e estava conversando com um senhor, representante da Secretaria de Turismo.

Comentei com ele que uma coisa muito bonita que eles fizeram, foi colocar aquele trezinho da Cidade da Criança para funcionar aos domingos de manhã. Saía às nove horas de frente da Catedral e fazia um giro pela cidade. Vinha no Museu Municipal, no nosso museu, fora outras coisas que eram colocadas. O pessoal adorava. O pessoal que vinha aqui na faculdade, a gente abria especialmente aos domingos para eles, ficavam encantados, perguntavam se poderiam vir durante a semana também. E várias pessoas vieram depois disso, trazendo filhos ou crianças trazendo os pais. Foi uma oportunidade que foi dada a eles. Uma coisa que na Europa se faz rotineiramente: passeios pela cidade. Então, mesmo na própria cidade, pessoas no domingo vão fazer uma visita. Porque as cidades crescem e, às vezes, as pessoas não acompanham esse crescimento. Fazer um “tour”, de vez em quando e conhecer a cidade é uma forma de acompanhar o crescimento dela. Comentei com a Secretária de Turismo que deveriam voltar a fazer isso, para dar chance às pessoas de verem e valorizarem o que é tombado e mostrar a importância disso, da manutenção, do respeito.

Se for tombado, tem como fazer manutenção, só não pode descaracterizar?
Exatamente.

Porque hoje o pessoal confunde bastante, se tomar não pode mais mexer.

Não, não. Não pode descaracterizar. Por exemplo, em Santa Catarina tem vários. Conheci duas situações em que houve um ajuste de CONDEPHAT com empresa. Na entrada de Blumenau tem uma casa enorme daquelas que foram construídas na época da imigração alemã. O CONDEPHAT fez um acordo com uma empresa que passou a usar aquele espaço, que é uma casa de louças, livros, vende um monte de coisa. Qual é a condição? Não mexer na parte estrutural e na parte de fora, manter. A empresa fica no imóvel, mas mantém o imóvel. Mesma coisa no centro de Blumenau, tem um banco que faz isso, funciona numa casa tombada, bem antiga de Blumenau. Está lá, mas manteve a faixada, manteve tudo, mas funciona como banco. Então existe essa possibilidade. O que não pode é descaracterizar, daí o CONDEPHAT ou IPHAN podem intervir. Existe essa possibilidade de continuar usando, mas preservando.

A senhora acha que seria importante ter a Catedral tombada, mas numa questão de “vamos preservar o que temos de patrimônio histórico da história da cidade”, ou tem algum motivo a mais para tomar a Catedral? Porque falaram que a discussão está voltando e querem tomar o Arruda Mello também.

Pois é. Querem tomar o Arruda Mello também? Na verdade, todos queriam um projeto de tomar aquele entorno: o Arruda Mello, o Fórum, a Praça Nove de Julho e a Praça da Catedral.

É, o Fórum tem medida cautelar para mexer nele?

Pois é. De qualquer forma, a ideia era essa, tanto que a gente tinha começado a fazer um trabalho de pesquisa para justificar e embasar o pedido de tombamento. E aí, acho que o Agripino, cortou, tirou o Presidente do CONDEPHAT e não pôs outro, daí acabou aquele projeto. Depois de alguns anos voltaram a instalar o CONDEPHAT e daí veio um advogado como Presidente. Na primeira reunião ele foi muito simpático e muito aberto. Mas nunca mais se reuniu. Quer dizer, deve ter vindo ordens “oh, não deixe”. Essa questão da Catedral especificamente, acho que

tem de ser tombada porque é uma peça histórica. Ela foi construída pelo Monsenhor Sarrion. Quer dizer, no começo da década de 1940, inclusive, assim, já foi bastante descaracterizada. Por exemplo, essa Catedral tinha nas laterais, vários altares menores, que eram os altares dos santos de devoção dos pioneiros que deram dinheiro para construir a catedral. O padre, em troca do dinheiro, permitiu que eles fizessem esses altares. Com o tempo, disseram que o bispo, ou o padre mesmo, começou a achar que o pessoal dava muito mais importância aos santos de devoção do que ao altar central. O pessoal, ao invés de chegar ao altar central, ia para o altar. E aí tirou os altares de lá. Então, o que aconteceu? Já descaracterizou uma parte.

A senhora sabe quantos altares tinha?

Disso eu não me lembro, eu não sei. Tiraram a pia batismal, colocaram outra. Então quer dizer, já houve descaracterização. E a pia batismal sabe-se que está na casa, no jardim de uma das mansões da cidade, servindo de chafariz. Isso sabe-se, mas não se sabe em qual casa está. Ninguém sabe de quem. Essa história é meio escondida também porque não poderiam ter tirado. Antes que descaracterizem mais ainda. A pintura do Botosso, não sou contra nem a favor, até acho que ele era realmente um bom artista. Mas a pintura dele não é aquela pintura de épocas mais antigas. É muito recente e colorida, talvez colorida demais para uma igreja. Mas tinha de ter preservado o que era anterior. Então, veja... Têm várias coisas que já tinham descaracterizado. Para evitar que se descaracterize mais ainda, ou de repente, como você diz, venha uma pressão imobiliária e qualquer coisa. Esse problema tá ocorrendo com o museu também. Porque o museu é tombado, e teve um movimento aí há um ano e meio, por aí, um movimento muito grande, para destombar o prédio porque o pessoal do entorno queria lotear o terreno. Porque ele está em um local estratégico, o pessoal queria fazer prédios. Começou um “zumzumzum” de querer destombar. De novo, o pessoal do Comudephaat deu uma parada, agora parece que tá voltando de novo. Parece que está funcionando agora. E têm várias coisas antigas na cidade, por exemplo, casas antigas, que, às vezes, mereceriam ser mantidas. Uma que está mantida e também saiu o Comudephaat atrás para manter realmente, é aquela da Botica Magistral, ali em frente ao Colégio Cristo Rei. É uma casa bonita. E a Botica Magistral manteve o estilo da casa porque lá por exemplo, é uma coisa que merecia tombar para que não pudesse mexer. Então tem de preservar, continuar preservando, mesmo que a Botica Magistral saia de lá. É esse tipo de coisa, quer dizer... E por isso que se diz muito que Prudente não tem história. Por conta desse tipo de coisa. E o fator econômico acaba falando mais alto. Então valoriza o terreno, como aqui nesse caso do Museu, está valorizado e retira-se o tombamento. E é um prédio histórico também porque é da década de 20, que foi construído para ser um matadouro.

A senhora falou no começo da entrevista que o primeiro caso de tombamento e destombamento que a senhora viu foi este da Catedral. Realmente a senhora não viu nada parecido de terem tombado e destombado algum imóvel, que tenha acontecido em outro lugar?

Não.

Geralmente a decisão do tombamento prevalece?

Geralmente, ela é acatada, não me lembro de nada. Talvez tenha, mas aqui em Prudente foi a primeira. O que acontecia aqui em Prudente era de tentar tombar uma

coisa e o pessoal derrubar antes. Na Gurgel, esquina com a Joaquim Nabuco, tinha um prédio grande, de dois ou três andares. E ontem eu passei lá, eles estão descaracterizando completamente aquele prédio. Aquele prédio antes foi um hospital, depois passou a ser um hotel, o Hotel Municipal. A Câmara começou a discutir, na época não tinha o Condephaat, a Câmara Municipal começou a discutir porque sabiam que queriam vender e daí para preservar, falou-se em tombar aquele prédio. Os caras foram lá de noite, quebraram todas as paredes por dentro. Inviabilizaram o prédio. Ficou décadas parado, sem paredes internas, quer dizer, virou um estacionamento, inclusive. Estão com pedreiros lá, estão descaracterizando totalmente o prédio que era. Tem também o chamado Bosque. Sabe por que aquele bairro se chama Bosque? Porque lá realmente tinha um bosque muito bonito. Inclusive, no meio do bosque tinha um restaurante onde as famílias de Prudente iam, aos domingos, almoçar. Lindo o parque! Lá também, foi a mesma coisa. A prefeitura discutiu se tombava aquele bosque para preservá-lo. O cara foi lá, na manhã seguinte, não tinha uma árvore de pé. Passou trator, arreventou tudo. Já perdeu bastante coisa dessa maneira. Imagine tanta outra coisa que a gente não ficou sabendo. Aí a gente ouve que Prudente não tem história. E realmente, não tem história. E veja: uma cidade com 200 mil habitantes que tem quatro elementos tombados. Não é nada. Nós temos o Museu Municipal, Matarazzo, Galpão do Expurgo e o bebedouro perto da estação. São os quatro bens que nós temos tombados. Você acredita? Com 200 mil habitantes? Não se preservou a história. Lembro-me muito bem, essa ficou na minha cabeça. Sinto muito, mas vou dar um tranco no seu reitor, o Agripino. Ouve e vi o senhor Agripino falar, ao dar uma entrevista, dizer que Prudente é uma cidade que não tem história. E foi exatamente a proposta discutida do Museu Municipal. Se ia tombar, se não ia tombar, como é que ia acontecer. Mas tem. Tudo que é passado, tudo que foi dos pioneiros, é história. Como vem dizer que não tem história? Quer dizer, não tem história, por exemplo, da época do barroco. Não tivemos mineradoras, foi outro tipo de colonização. Mas tudo que vem do passado é história. Prudente foi fundada. A partir daí começa a construir-se história. Ela vai completar 100 anos, 100 anos de história. Como que não tem história? Não tem porque as pessoas acham que se não tiver pintura de Aleijadinho não é cultura. Poxa, não é isso. Cada cidade tem a sua história. Depende do prefeito e da cultura de cada um manter viva essa história.

A senhora acredita que trazer à tona toda essa história de Prudente, por ser época do centenário, as pessoas vão ter consciência de que sim, temos história, de que é preciso preservar?

Eu acho que é fundamental isso. A Unesp vai completar 60 anos de história, pois, tem história. Muitas pessoas, até conversávamos sobre isso outro dia: todas as pessoas que entram na escola deveriam ler sobre e a história da faculdade, porque acham que a história está começando com eles. E muita gente batalhou para a universidade estar de pé. Como na UNOESTE também, ela tem uma história. A UNOESTE começou funcionando no Cristo Rei, dei aula nas primeiras turmas. Depois que construíram o prédio do Campus I. O primeiro curso que teve foi de Filosofia, porque era um curso barato. Colocava-se um professor e 50, 60 alunos em uma sala. Com isso, eles conseguiram dinheiro pra construir uma faculdade de odontologia que, diziam que tinha os melhores laboratórios da América do Sul, mas não tinha gente para manipular. Tiveram que contratar pessoas para manipularem esses aparelhos. Ela tem a história dela. Vai esquecer por quê? Acho que tem de manter. Cada um tem sua própria história. Esquecer o que passou porque não

interessa, só quer saber do futuro? Não, tem coisa boa para lembrar, tem de se lembrar. Na cidade é a mesma coisa: dizer que Prudente não tem história? Tem sim, cem anos.

FABRÍCIA DIAS DA CUNHA FERNANDES DE MORAES BORGES
ARQUITETA E DOCENTE
DATA: 14/04/2016
MEIO: VERBAL

Fabrícia é membro do Comudephaat da cidade de Presidente Prudente e leciona uma matéria específica, voltada ao patrimônio histórico. A entrevista concedida à Tacyelle Miranda, no dia 14 de abril de 2016.

Qual o seu nome completo e o seu currículo?

Meu nome é Fabrícia Dias da Cunha Fernandes de Moraes Borges, sou formada em Arquitetura e Urbanismo e Mestre em Educação. Leciono na Unoeste desde outubro de 2013, História da Arquitetura Brasileira I e II, Projeto Arquitetônico, e dou aula no curso de Design Gráfico.

Como funciona a sua disciplina relacionada a patrimônio?

É pertinente ao patrimônio arquitetônico e urbanístico, a resolução 51 do CAU- Conselho de Arquitetura e Urbanismo, especifica que só os arquitetos podem trabalhar na área voltada a patrimônio, então, eu tenho incrementado essa disciplina por conta do próprio fomento do CAU. Claro que a visão patrimonial é multidisciplinar, mas a atuação sobre o edifício ou centro tem que ter o papel relevante e importantíssimo do arquiteto. Então, a disciplina desperta esse olhar, esse cuidado sobre o patrimônio arquitetônico e urbanístico, inclusive na cidade de Presidente Prudente e região.

Teve alguma inspiração para iniciar os estudos voltados ao patrimônio? Qual foi?

Eu sempre gostei da área de patrimônio e história. Sempre observei desde nova essa questão presente nos edifícios históricos, essa relação de memória, da historicidade, então isso sempre esteve presente no meu olhar.

Como funciona a sua disciplina, relacionada a patrimônio?

A disciplina trabalha basicamente explorando o que seria um patrimônio cultural, um entendimento mais verticalizado sobre isso, abordando aspectos dentro do patrimônio cultural que é pertinente ao olhar dos arquitetos. O assunto patrimônio cultura aborda vários aspectos, bens materiais e imateriais, então, o arquiteto tem que ter uma noção do que é isso. É trabalhado o olhar integrado desses bens, sendo necessário conhecer para entender o que é o patrimônio.

Você consegue perceber um interesse nos discentes?

Eu percebo muito o interesse dos alunos, pois o assunto além de tocar na questão profissional, envolve diretamente o profissional. E esse é o objetivo da disciplina, é despertar esse olhar, romper paradigmas, criar uma nova perspectiva, uma nova nuance a respeito do patrimônio. Pois até então, parte dos alunos desconhecia o significado da palavra. E é nesse momento que fica claro a ausência da educação patrimonial. Isso deveria ser essencial, pois seria muito mais fácil trabalhar esse assunto na faculdade, uma vez que eles já estivessem familiarizados com o assunto. Essa importância do saber é relevante tanto para área ligada ao patrimônio, quanto pessoal, é um conjunto. O fomento da disciplina é despertar esse olhar e saber como cuidar.

Qual a importância de se ter um patrimônio na cidade?

A importância de se ter um patrimônio na cidade é essencial, pois é mediante isso que gera uma formação de memória, identidade, zelo por esses bens, resultando numa tríade de memória da identidade da cidade e também a materialização da história.

Quais são os elementos formadores do patrimônio?

Os elementos formadores de um patrimônio antigamente eram somente obras excepcionais. Hoje, devido as esferas de proteção do bem patrimonial, que tem como eixo salvar-guardar um bem, essa concepção mudou, pois tudo o que âncora uma história, gera um repertório tanto para a comunidade, quanto para a sociedade em geral, resultando na contribuição da história da cidade.

Quando algum elemento se torna patrimônio, qual o respaldo que ele tem e suas formas de preservação?

Dentre as formas de proteção de um bem, duas são importantes: uma é tomba e a outra é por meio de um inventário que vem dá um suporte de proteção, na elaboração desse inventário tem uma equipe de especialistas, conselhos municipais e a comunidade que é um elo. Mas percebe-se que parte dela é leiga no assunto, devido a uma falta de educação patrimonial, então só há interesse quando se tem um apelo. Uma frase que eu particularmente gosto muito e define essa situação é: “Só se preserva o que se ama, só se ama o que se conhece”. Então, isso já diz tudo: é preciso conhecer, entender para se tornar um alvo de zelo.

Hoje você faz parte de algum conselho ou está ligada em algum projeto voltado ao patrimônio?

Atualmente eu faço parte do COMUDEPHAAT- Conselho Municipal de Defesa do Patrimônio Histórico, Artístico, Arqueológico e Turístico, que é um conselho multidisciplinar. Estou com uma iniciativa de implantar projetos de extensões e vincular a Unoeste ao conselho, para que o assunto patrimônio desperte intenções e iniciativas de estudos. Alguns alunos já estão envolvidos com o conselho, fazendo levantamentos de bens, verificando plantas e isso já é um começo. Dentre os TCC - Trabalho de Conclusão de Curso que eu oriento, sete são voltados a patrimônio histórico, então é possível perceber que a disciplina faz toda a diferença e desperta uma energia para empreender assuntos relacionados ao patrimônio.

MONSENHOR ANTÔNIO DE LIMA
PADRE E ADMINISTRADOR DA CATEDRAL SÃO SEBASTIÃO
DATA: 13/04/2016
MEIO: VERBAL

O Monsenhor Antônio é o padre responsável pela administração da Catedral desde 2008. Partiu dele a iniciativa de reformar a igreja em seu interior, além de restaurar a pintura do lado de fora. Conhecido pelas grandes mudanças que realizou na paróquia, tanto na comunidade quanto na estrutura física da Catedral. A entrevista foi concedida à Thaís Agante no dia 13 de abril de 2016.

Desde que o senhor assumiu até agora, como foi feito o trabalho em relação à comunidade da catedral, houve a reaproximação dos fiéis?

A Catedral tem uma dinâmica própria. Eu dinamizo aqui a questão do acolhimento. Aqui as pessoas sempre têm alguém disponível para poder atendê-las. As pessoas hoje, procuram os padres e a igreja. Dois padres fazem atendimento. Um atende, às vezes, na parte interna e eu na parte externa, na secretaria. São feitas orientações, confissões, sacramentos e se fornece informações às pessoas que precisam. A nossa secretaria funciona das 8h às 18h, o que é raro por aí. O dia todo tem alguém de plantão para atender e informar à comunidade.

Quando cheguei aqui, sentia e percebia que as pessoas apenas passavam e que faltava um acompanhamento melhor. Então dinamizei por meio de eventos religiosos durante a semana. Acontecendo o quê? Novenas, orações, atividades religiosas durante o dia. No último ano, introduzi a celebração de uma missa, ao meio dia, durante o horário de almoço para as pessoas do comércio ou que trabalham durante a semana e não têm tempo.

Então hoje, na Catedral, tem missa ao meio dia, e às 19h30. E isso fez com que tivesse uma participação mais efetiva na vida das pessoas e na rotina da Catedral, porque essas pessoas não são necessariamente, membros da comunidade paroquial da catedral.

A comunidade paroquial da Catedral tem uma dinâmica própria. Normalmente, as pessoas que frequentam às celebrações aos sábados e domingos, são pessoas da comunidade que moram por aqui ou mesmo fora, mas foram batizadas, fizeram a primeira comunhão, fizeram crisma, participaram de movimentos para jovens, casaram-se aqui e possuem vínculos afetivos com a Igreja.

Ou os pais também frequentavam a catedral, criando laços afetivos, não significa que ela seja territorial. A Catedral hoje é uma comunidade afetiva dentro da cidade. Além de acolher as pessoas todas que vêm de toda a região em busca de informações.

O senhor tem algum número ou média de membros fiéis da Catedral?

Não. As missas de sábado e domingo estão sempre lotadas. Agora, aqui, todos os dias passam centenas de pessoas. Entram para fazer suas orações, para visitar a Catedral. Pessoas que vêm de outro estado, de outra região, de outros países também. E vêm para apreciar, verem as obras de pintura, questões de arquitetura e entalhamento de madeira, essas coisas. Então ela se torna também um referencial de, diria, Turismo Religioso.

E em relação aos jovens. Eles têm buscado mais a igreja?

Têm. Há dois grupos de jovens aqui na catedral, além da catequese, e dos adolescentes. Existem mais de 15 jovens que estão fazendo a preparação para o batismo, primeira comunhão e crisma, e que estão na faixa de 15 anos acima. Significa que os jovens estão procurando a igreja.

Mesmo os jovens procurando a Igreja, vocês usaram de alguma estratégia para chamá-los ou eles estão vindo por conta própria?

Só divulgar e acolher. As pessoas procuram e são acolhidas. Nosso diferencial aqui é o acolhimento.

Em qual dia o senhor assumiu a Igreja e quais mudanças ocorreram desde a sua chegada aqui?

Foram inúmeras mudanças. Eu cheguei aqui em fevereiro de 2008, em uma quarta-feira de cinzas. Se não me falha a memória, 4 de fevereiro. Eu dei continuidade aos trabalhos que já existiam, introduzi novas formas de evangelização, eliminei algumas coisas que não achava compatíveis com o estilo da catedral. Por exemplo: festas, promoções, rifas, essas coisas todas foram eliminadas. Foquei na questão do dízimo, e a comunidade assim se mantém.

É uma comunidade geriátrica, idosa, mas agregada com jovens. Para cada horário eu tenho um público diferenciado. Tenho um grupo de idosos, tenho adolescentes, jovens, casais e pessoas de família. Então nós temos, aqui na catedral, cinco celebrações no final de semana. Sábado tem uma e quatro no domingo. No domingo às 8h, às 10h, às 17h e às 19h. A catedral fica lotada em todas essas celebrações.

O senhor teve muita dificuldade em desenvolver esse trabalho e essas mudanças que o senhor fez? Houve alguma resistência?

Não. Porque à medida que se usa de transparência e seriedade no trabalho que faz, as pessoas entendem, compreendem e aceitam com facilidade as propostas novas. Com isso, as propostas que foram feitas e a forma como foram conduzidas fez com que a comunidade amadurecesse e ela tem assumido o seu papel. Esses anos todos concluí um salão de 1.400 m² com três andares; regularizei todas as normas exigidas pelo corpo de bombeiros para liberar o alvará de funcionamento. Coloquei ar condicionado, fiz o revestimento que estava incompleto de madeira, fiz a proteção do templo, porque estava constantemente pichado. Por meio de algumas demandas jurídicas autorizaram a ter segurança e por isso a Catedral, atualmente, é cercada por causa de pichações.

A Catedral faz vários investimentos e ajudas para outras comunidades. Esses investimentos são todos provenientes da colaboração do dízimo, sem festas e sem rifas.

Essa regularização do corpo de bombeiros era o alvará? Não tinha?

É, não tinha, porque essa obra é de 1950, a conclusão dela é de 1950. Ela estava operando sem alvará. Muitas operam. Se você for à prefeitura, talvez, haja outras igrejas que não tenham alvarás.

Também tinha aquela história de que a câmara de vereadores estava operando sem alvará, não é?

É, igual. E também não tinha aquele negócio para deficientes. Aqui foi adequado às normas de acessibilidade. Está tudo adequado às normas.

Referente ao período estudado. Leu-se, em recortes de jornais expostos no museu, matérias que noticiavam uma grande comoção da comunidade da catedral contra a decisão da prefeitura de tombar o imóvel. O bispo Marocchi mobilizou a comunidade que se posicionou contra o tombamento. Como foi esse engajamento da comunidade, como o bispo fez para levar a voz da comunidade para a prefeitura?

O mecanismo de comunicação utilizado foi a coleta de assinaturas. As pessoas se manifestaram por meio de abaixo-assinados. Na época, foram centenas e centenas de abaixo-assinados que eram contra a questão do tombamento. Mas mesmo assim, ela já estava tombada, porque ela foi tombada e depois houve um outro decreto de destombamento.

No período do padre Jerônimo, a Igreja como instituição fez protestos fechando suas portas durante uma semana para que não houvesse missas. O senhor pode falar como foi para a comunidade esse período?

Eles tinham missas no salão paroquial, não no templo. O templo ficou fechado em sinal de protesto.

E como a parte política reagiu a esse protesto da igreja?

Na democracia temos direito de ter opiniões diferentes. Agora, isso é um patrimônio da Igreja, da Diocese. Então, se é um patrimônio, quem administra é a diocese. Podemos fazer parcerias com o Poder Público, acordos, como nós temos acordos de preservação, temos um TAC (termo de ajustamento de conduta) para o uso da praça, pra manter a questão da Igreja, preservar aquilo que é cultura. A Igreja sempre foi uma fonte de cultura muito grande, para toda a história da humanidade. E o desenvolvimento cultural que nós temos hoje, queiram ou não, os contrários ou não, têm de reconhecer que, atualmente, a Igreja preservou tudo isso. Temos aqui o primeiro decreto de criação desta paróquia que foi de 29 de abril de 1925 em um livro em um arquivo. Sou obrigado a ter nos arquivos da paróquia dois livros de arquivos. Um fica aqui, outro fica lá na Diocese. Trabalho com seriedade, não é simplesmente digitalizado, é escrito a mão, em duas cópias. Porque se um pega fogo, tem outra. Vocês tem conhecimento do novo TAC? [chama a secretária para fazer um cópia do TAC] Agora, eu não tenho verbas para fazer isso aqui. É muito fácil a pessoa vir de fora e dar palpite, mas quem tem que bancar é a comunidade. Muita gente dá muito palpite, mas na hora de preservar, tem que sair da comunidade.

Quais malefícios o senhor acredita que o tombamento poderia trazer pra Catedral?

Não poderia mexer em nada, e o Poder Público também não iria ajudar em nada. Esse é o malefício. Eles não iriam fazer a manutenção. Se eles tivessem tombado, não poderia ser feita a reforma que foi feita até agora e o Templo não estaria até agora. Também foi concluída a pintura externa da igreja, o Botosso fez a pintura interna. A externa foi paga com o dinheiro da comunidade e concluída no ano passado. Aqui, somente em Prudente, acho que tem a foto de todos os bispos que passaram por aqui. Nem na cúria não tem, porque isso aqui é de 1925.

O senhor falou que se tivesse tombado vocês não poderiam mexer no prédio e nem a prefeitura iria arcar com as despesas.

Não arca, o poder público não arca, não adianta. E nada disso aqui teria acontecido se não tivesse tomado posições. Diante de uma ação se tem uma reação. Um fato que vou colocar para você de quando cheguei aqui, em 2009, 2010. Aqui tinha uma porção de bancos em volta. Tinha uma escola, Arruda Melo. Isso aqui era uma, desculpe-me a expressão, uma zona. Tanto de dia quanto de noite, droga, tudo. Já tinha tido um termo de acordo de conduta, se fosse ao promotor pedir autorização para poder retirar os bancos, ele não permitiria. De um dia pro outro, numa noite, arranquei todos os bancos da praça. Depois renegocieei, ficou do jeito que queria para atender as necessidades de todo mundo. Porque aqui não é uma praça, aqui é um terminal rodoviário. Um terminal de ônibus, de transporte coletivo. A praça é um terminal de transporte coletivo. Pode olhar a praça inteira que encontrará pontos de ônibus em cada canto. Não tem como jardinar a praça. Os canteiros estão aí mas não têm como fazer ajardinamento. Porque o povo pisa, não cultiva, não dá... Sempre tive vontade de jardinar mas não posso fazer. Preciso fechar em volta por causa do vandalismo e da pichação. Há propostas aqui no TAC mas, infelizmente, fazer ajardinamento não posso. Além do mais, existem aqui os pombos que, não são os pombos grandes, é bom que ressalte, não é o pombo comum. São os pombos que vêm pernoitar na praça. Por isso essa sujeira nos bancos, porque são as pombas que pernoitam aqui. Na madrugada, vão para o campo e depois voltam e pernoitam.

Como seria a catedral dos sonhos do senhor?

Seria tudo ajardinado. Os canteiros seriam todos ajardinados, um lugar agradável, bem iluminada, mas para isso preciso de recursos. Não recebo nada de recursos públicos para poder preservar aquilo que dizem ser patrimônio da comunidade. É patrimônio da comunidade? É sim, não nego isso, mas preservá-lo do jeito que gostaria, não consigo. Isso gera o quê? Frustração por não podermos manter algo que é da comunidade para a comunidade, em função de todas essas circunstâncias descritas.

O senhor acredita então que essa “invasão” do terminal urbano na parte central, na área da igreja, descaracteriza um pouco a catedral?

Descaracteriza como praça. Catedral é o prédio enquanto tal, o terminal de ônibus descaracteriza. Deem uma volta e vejam. Quem quiser defender isso como praça, como lazer, não tem como. Questionam o fato de termos estacionamento. Quando cheguei, já tinha estacionamento e continuará tendo para ajudar a manter. Pago água, taxas de iluminação, de lixo e recolhimento, pagamos as taxas, só não pago IPTU, mas pago taxas. Preciso de uma fonte de renda para pagar as despesas, sem o estacionamento como farei? Explorarei financeiramente a comunidade para o poder público ficar sem a obrigação de ajudar? O poder público não pode repassar verbas para a mim. Se ele tombasse e assumisse tudo bem, mas se tombasse não assumiria a manutenção da Catedral e da praça. Tinha partes caindo na época, ficou por aí. Não foi feita a reforma. O destombamento proporcionou fazer a reforma atual, foi graças a ele. E o Botosso também não teria feito o que fez, o que ficou muito caro na época [segundo relatado pelo padre depois, estima-se que ficou 200 mil dólares]. A pintura foi muito cara. Hoje não se faria.

Eu conversei com o doutor Pedro, da prefeitura, e ele falou que realmente, deixaram de tombar muitas coisas porque a prefeitura não quer arcar com a manutenção.

Não tem como arcar com isso. Agora, se delega, então...

Alguns estudiosos da área de planejamento, urbanismo e arqueologia falaram que o estudo que o bispo Marocchi tinha feito, tanto que tem no livro da Diocese a planta da reforma que ele queria fazer na Catedral, ia acabar por descaracterizar a Catedral, fazendo com que ela perdesse a sua essência e história desse patrimônio. O senhor concordava com as alterações que o Bispo Marocchi queria fazer? Ele queria por um alojamento para padres no meio, queria estender um pouco mais a parte de trás da igreja, fazendo toda uma reforma no prédio, com base naquilo que ele tinha estudado e acreditava que seria de melhoria para a Catedral. O senhor concorda com as reformas que ele queria fazer?

Olha, a propriedade é da Igreja e eu acho que não descaracteriza em uma cidade em que ela não tem nem 100 anos.

Mas duas gerações já é história....

Que seja. Mas naquela época não tinha 80 anos. Então, é diferente. A Catedral é de 1950, a conclusão. Depois disso, ela teve de passar, ela tem de se adequar às novas realidades. Toda arquitetura é assim, tem seu processo de adequação e não seria descaracterizada na sua totalidade. Ela teria ocupado os espaços que sobram, que estão aí abandonados, para um uso mais adequado para a administração da Diocese. E se naquela época tivesse feito isso, não existiria aquele projeto, aquele prédio que você foi. Porque aqui seria a Cúria Diocesana. Aqui seria o centro administrativo da Diocese. E você pode pegar que o modelo dessa Catedral é de Londrina, porque ele veio de Londrina com essa ideia. Ele foi bispo auxiliar de Londrina, em Londrina era isso, esse complexo todo que tem dentro da praça. Em Londrina, na parte de baixo da Catedral é um grande estacionamento.

É que muitos falam que tem como se realizar a manutenção, mas sem apelar para esse ideal modernista, mantendo a essência...

Não, faço outro questionamento: por que vai refazer a história da Vila Marcondes, se aquelas duas alas que foram construídas desconfiguram o projeto inicial de construção da Vila Marcondes. Alguém questionou? Hoje querem preservar do jeito que está, entendeu? Porque aquilo lá foram anexos que foram construídos depois. Ligaram a parte central e fizeram anexos na Vila Marcondes. Tudo bem não aconteceu, tudo bem nós estamos aí, mas mantenho o que posso, não é?

Como que foi o processo do destombamento? O poder público cedeu ao engajamento da comunidade da Catedral para que destombasse, o povo continuou...

Veja: era uma questão política. Uma administração optou pelo tombamento da Catedral, e através de decreto foi tombada a Catedral. O tempo passou, a política mudou, veio um outro administrador, um outro prefeito, que era amigo do Bispo. E ele, simplesmente, fez um decreto revogando o decreto anterior de tombamento. E hoje não há porque pensar em questão de tombamento, porque o próprio aí do CONDENPHAAT, o Pantaleão [Josué Pantaleão] me mandou um questionamento aqui e eu peguei o TAC (termo de ajuste de conduta) e falei 'Está aqui, estão

preservado os direitos da Catedral aqui. Por que tombar? Não tem por que tombar. A prefeitura não vai ajudar, vocês não vão ajudar, ninguém vai ajudar. Vai sobrar para nós? Um monte de restrições que não pode, não pode, não pode, não pode, mas o que eu faço para melhorar? Nada!

Então o senhor na verdade quer preservar? O senhor acredita que com o tombamento acaba mesmo a Catedral?

Porque olha, se isso daqui começa a pipocar do jeito que está pipocando [aponta para a parede da sala cheia de defeitos] o que vai acontecer? Se não puder sequer mexer, retirar essa parede para passar uma vedação, preparar isso, sem a autorização deles, vai cair. O que acontece, às vezes, com as Igrejas tombadas e os patrimônios? Desmoronam, porque o poder público não investe nisso. Não é prioridade. Eu acho que tem outras prioridades também não é? Como saúde, educação está em primeiro lugar, creche, criança, do que o prédio. Claro que é preciso ter... Não não sou nenhum ignorante a ponto de não saber que a Igreja Católica tem sua história e preserva o seu patrimônio da melhor forma possível, para o bem da humanidade. Não não sou dono disso daqui, sou administrador, eu preservo isso daqui. Estou gastando tinta, pintando as grades para não enferrujarem mais ainda, para não criarem mais desgaste, mas ninguém vem perguntar quanto custa. Ninguém pergunta quanto custa. Então, é esse tipo de coisa... E além do mais o Poder Público pegou terreno da catedral, 800 m² para fazer o terminal urbano.

O senhor disse que o bispo era amigo do prefeito e, por conta dessa insistência de querer preservar a catedral, [monsieur interrompe para afirmar que a pressão do povo também], ele acabou cedendo. O mesmo prefeito disse algo parecido com o que o senhor disse de que Prudente não tem história porque é uma cidade muito nova. E também, o senhor não acha que essa amizade acabou passando por cima de alguns caminhos que são burocráticos e deveriam ser respeitados... Deveria ter um parecer do CONDENPHAAT que estava desativado na época, votação na câmara e ele apenas assinou. O senhor não acha que essa amizade passou por cima dos trâmites legais...

Mas o anterior também fez a mesma coisa. O anterior teve a mesma conduta.

Ele não fez nenhuma audiência, nada para...

Um prefeito teve a mesma conduta que o outro, não podemos usar dois pesos e duas medidas. São pessoas amigas minha, tenho amizade com o Tiezzi, participei com eles em algumas administrações, tenho relacionamento com todos eles. Tenho amizade com pessoas que estavam no poder, fiz parte de associações de preservação de patrimônio, de cultura e de um monte de coisa, mas estou falando dos fatos históricos está bem? Não misture as coisas, tenho relacionamento com todos eles, e lutei por isso daqui, eu só fui entender melhor à medida que eu me coloquei aqui dentro. Porque também antes de mim, a praça foi fechada, o bispo fechou a praça, o Dom Agostinho, cercou a praça. E foi a melhor coisa que fez, naquela época, se ele tivesse mantido dessa forma. Não teria tido uma perda de 800 m² que a Catedral perdeu para o poder público. Avançaram para favorecer os ônibus, uma faixa aqui dentro, aqui no fundo, lá na frente a mesma coisa, e nas laterais. Esse quarteirão era todo da Diocese, mas para beneficiar os ônibus, a Igreja perdeu.

Mas a perda desses 800m² não faz parte de algum planejamento urbano por aqui ser a área central da cidade?

Não faz parte de nenhum planejamento urbanístico. Com o prefeito simplesmente entra com as máquinas e adentra a propriedade?_ [mexe em uma pasta só com documentos referentes ao ministério público, mostra um documento da praça anteriormente]_ A comunidade foi lesada pelo poder público. Olha aqui na frente da Igreja: estão adentrando as máquinas. Olha o que eles ampliaram aqui, adentraram no lado da Igreja. Olha aqui, na frente da Igreja. Olha o que ampliaram. Pra quem é proprietário é muito triste. Essa propriedade não é minha, é de uma comunidade. Essa propriedade foi usurpada para beneficiar empresas de ônibus. Tem mais de sete pontos de ônibus hoje aqui.

Então, às vezes, fica só naquele 'ouvi dizer, tititi'. Igual falei antes, se tem um problema tem que ser resolvido. Diante de uma ação existe uma reação. Se eu fosse ao Ministério Público pedir para tirar os bancos, não iriam tirar, simplesmente arranquei todos, aí depois todo mundo se reuniu.

Fez pesquisa, fez isso, fez aquilo, fez Unesp, Unesp, Unesp, é sempre a mesma coisa que eu acho que não é só um aspecto que você tem que ouvir, você tem que ouvir os vários aspectos. Vamos ouvir todos, vamos confrontar as ideias.. As pessoas tem opiniões diferentes e a gente convive com isso. Vou imprimir um documento para provar que a Mitra (Diocesana) é mesmo a proprietária da Catedral.

Alguns estudiosos aqui da cidade falam que Prudente sofre um histórico de descaso com o patrimônio da cidade, o pessoal que não está preocupado. O senhor acha que deve haver política de preservação de patrimônio ou deve haver conscientização das pessoas em relação à preservação do patrimônio? Por exemplo, não precisa o Estado intervir naquele bem, a sociedade já irá =

Não precisa, porque, por exemplo, se tenho a consciência de que tenho que preservar o bem público, por que é que vou destruir o bem público? Sabe qual é a cultura? Se eu passo ali onde tem as grades por causa do estacionamento e o pessoal está sentado em cima daquelas grades e eu digo 'Por favor, não dá pra sentar nisso aqui, vai quebrar'. Eles respondem 'Isso é público'. E daí que é público? Alguém tá pagando, e esse alguém sou eu. Porque quem preserva, quem fecha, é a comunidade quem paga, não é ele que tá sentado lá puxando um fumo ou batendo papo, entendeu?

A catedral foi invadida e não fomos ressarcidos de nada. Eu tenho todo o levantamento e mapeamento. As pessoas tem medo de fazer isso.

Então o senhor acredita que grande parte da descaracterização da Igreja, de 1985 até hoje, foi por parte do Poder Público que invadiu aqui?

Eu não vejo que haja descaracterização do patrimônio. O patrimônio não foi descaracterizado. O que eu diria que há é uma descaracterização da praça e de como as coisas, de como se convive aqui, em função daquilo que já argumentei com você, que isso daqui para mim não é uma praça, é um terminal urbano de ônibus. E essa ideia defendo e continuo a defender. E, quando as diversas pichações e diversas contestações vieram entrou-se na justiça e foi homologado, está aqui [segurando o TAC]. Eu sempre deixo o TAC aqui porque as pessoas vêm aqui pedir sempre para colocar o carrinho pra vender pipoca, fruta, e isso não depende de mim. Tem uma coisa do ministério público. Só tem cinco pipoqueiros lá na frente, eu não posso colocar mais. São os mais antigos que o ministério público escolheu, o caldo de cana permanece. Agora, no novo acordo, não se usará a frente da igreja

para estacionar carros, só as laterais. Agora, não vou abrir mão do estacionamento. Porque como vou fazer pra manter um patrimônio desses sem renda?

Nós vemos o Sarrion como foi sofrido e tudo mais..

Sarrion é pichado na frente. Florisvaldo Leal que é um que tem aí, derrubou a estátua de bronze em frente a polícia!!! Como vai dizer de uma cultura dessa? E depois você vem me falar de preservação da história, isso é de gente que fica dentro do gabinete. Vem no dia a dia enfrentar isso aqui do jeito que eu tenho que enfrentar. O que eu tive de pichação, gente, eu não tenho nada... Eu tenho a cabeça aberta, eu respeito a diversidade, a pluralidade, as opções sexuais e tudo... A escola ali da frente, a cultura... 'O senhor não vai fazer nada com esse bando de meninos e meninas aqui na frente se beijando?' Imagina para uma senhora que é idosa, saindo da igreja, encontrando dois meninos ou duas meninas se beijando. Eu não tenho nada contra isso, é a liberdade das pessoas, mas o lugar não é o apropriado. Você quer fazer, faça, mas não agrida o outro, respeite o outro. Os meninos por aí, eu as vezes subo, vejo que eles estão escondendo os baseados deles, a maconha. Brinco, falo 'e aí o baseado, como vai?', brinco com eles. Agora, procurador vem aí dizer que a minha função é catequizar. Que catequizar, você vai catequizar o quê? Se nem o pai não tem hoje controle sobre o filho. O povo tá saindo agora do IE, imagine que esse povo tem o mínimo de autoridade de família. Vocês são de família de bem, é diferente, mas esse pessoal não tem o mínimo de noção. Há uma desestruturação institucionalizada de valores. A droga corre solta dentro da escola no intervalo... Minha irmã é professora, ela diz que todo dia os alunos vêm de olhos vermelhos. E cá entre nós, não é só os meninos, as meninas são piores. As consequências de qual vai ser o futuro dessa geração se não sabe, em termos de violência, acabou o limite.

**ZORAIDE FAVARETTO
BOLIVAR MACHADO
APOSENTADOS
DATA: 29/04/2016
MEIO: VERBAL**

Dona Zoraide e Sr. Bolívar foram frequentadores da Catedral São Sebastião no período do tombamento, integrando a comunidade. O casal possui uma relação extremamente afetiva com a paróquia, por conta dos anos de convivência. Eles voltaram a morar numa chácara próximo à Pirapozinho, e mesmo assim, continuam a frequentar a Igreja-mãe. A entrevista foi realizada pelo aluno Fábio Prado, no dia 14 de abril de 2016.

Na época do tombamento, a igreja precisava de que tipos de reforma? Por que?

Olha, a reforma, que eu me lembro com muito detalhe e que atrapalhava muito era que o telhado estava com muito problema. Tinha muita goteira na igreja, né. Assim, a ponto de ter que afastar os bancos e colocar baldes na hora da missa por causa da chuva, que “bicava” dentro da igreja, isso em vários pontos. Então, era complicado isso. Você sabe que um lugar com um telhado problemático, quando chove dentro, vai danificando tudo. O som não funcionava porque tinha infiltração, goteira, a pintura estava velha, quer dizer, realmente precisava de uma reforma. E quando foi tombada, você sabe, não sei o processo jurídico, mas eu sei que nesta época quem era o bispo era o Dom Agostinho. Ele foi à prefeitura e pediu para que não ficasse esperando a interrupção do processo de tombamento, porque não dava pra continuar do jeito que estava, né. Na minha visão, isso foi muito bom. Não que eu seja contra o tombamento. Acho que deve se preservar, porque um povo sem história é um povo morto, mas me refiro naquela circunstância era urgente a reforma, e não dava para esperar fazer esses tramites.

A interferência do bispo Dom Agostinho contribuiu para que as reformas fossem realizadas?

Então, quando isso aconteceu, foi bom. Porque aí começaram as reformas, trocaram o telhado. Isso foi acontecendo ao longo do tempo. Ele intercedeu e a comunidade concordou que não dava para esperar. Não sei se foi a comunidade toda, mas grande parte. Agora, depois que começaram essas reformas, os problemas foram se solucionando. Eu não consigo lembrar em que ano estava isso, mas o Botosso, que era professor de desenho no Cristo Rei. Quando o Botosso começou a pintar a igreja e a fazer a restauração dos quadros, a igreja começou a ficar linda, porque é só você olhar e ver que é uma verdadeira obra de arte, aquelas coisas maravilhosas. Foi muito bom.

Quando a Senhora entra na Catedral e vê ela como está hoje, o que ela representa na vida?

É uma maravilha, uma obra de arte. E assim, tendo conhecido o Botosso, tanto como professor quanto como pintor, eu fico assim de ver tudo que ele fez com aquelas obras, e que ficaram tão lindas. Ele deixou isso para as pessoas.

Eu fui catequista também, e quando falamos de Deus, tem uma importância grande, mas quando vemos as coisas, isso vale muito mais do que as palavras que falamos. Então, as vezes até para oração e para o ensinamento catequético, você mostra

uma imagem para a criança, para ela fica muito mais gravado aquilo do que as vezes o que você falou. Tem representatividade e fica muito melhor.

Eu falei para as crianças “Vamos ver tal quadro”, por exemplo, a descida do Espírito Santo. Você fala, mas é uma coisa que às vezes, se você não mostra uma figura, a criança não tem como assimilar aquilo. Então, mostrando o quadro, ajuda muito, né. E você disse como que é isso? Eu acho... Acho não, eu tenho certeza de que não só para a comunidade da catedral, mas para Prudente e até para o povo da região, a catedral é um símbolo mesmo. Então, a catedral é uma verdadeira obra de arte, muito bonita. Melhorou o som, principalmente depois do Monsenhor Antônio, muita coisa foi melhorada.

Como foi essa época do tombamento?

A igreja não queria, mas nós tínhamos o Agripino e Dom Agostinho. O Dom Agostinho era o tipo de bispo que só gostava de rico. Eu não gosto de rico, eu acho que o bispo é a figura principal do rebanho, é a referência, né. A Cúria perdeu terrenos, pra lá do Salão Paroquial. Aquele terreno também era da Diocese e Dom Agostinho fez um negócio com a Imoplam. Quando a Imoplam faliu, a catedral acabou perdendo o terreno, o que gerou um prejuízo danado pra igreja. Os finalmente eu não como que foi. Bom, na verdade, tombaram a igreja e o que era ruim ficou pior. As vezes tínhamos que mudar os bancos de lugar durante a missa, por causa das goteiras. O telhado da igreja estava totalmente deteriorado. Então, entrou a campanha para destombar, até que conseguiram. Demorou para arrumar porque aquilo ali é caro, rapaz. É muito caro porque a igreja é muito grande. Conseguiram fazer tudo e hoje você vê a igreja como está. Depois que Dom Agostinho aposentou, veio o Dom José Maria Libório, que foi um bispo excelente. Ele refez essa comunidade. O dízimo, naquela época, dava R\$11.000,00 reais, hoje dá quase 50 mil, pra você ver como ergueu o “negócio”. M O Monsenhor Antônio é um padre que é construtor e presta conta de centavos. Você foi ver o salão paroquial que tem ali?

Sim, eu conheço ali do lado.

Para você ver, o acabamento é perfeito. A Igreja não cobra um tostão hoje de quem faz encontro de casais, ela banca tudo. Então é uma igreja que tudo para funcionar e ela consegue, mas se for organizado tá.

Bolívar, qual o sentimento que o senhor tem quando entra na Catedral?

Eu me sinto bem, muito, muito bem. Em primeiro lugar é a casa de Deus. A Zoraíde quer trocar de igreja, mas não quero porque já me acostumei ali e tal . Eu sou daquelas pessoas bem saudosistas sabe...

Zoraíde explica o motivo: Na verdade, hoje nós voltamos a morar muito mais próximo do Pirapozinho do que daqui. Nós voltamos a morar no lugar onde eu nasci. Hoje nós moramos numa chácara. Mas a gente não vai no Pirapozinho que é mais perto, e gente vem aqui.

Vocês não mudaram porque o coração de vocês está na Catedral São Sebastião?

Sim, é o coração que está ali. Do tempo que namorávamos, já participávamos lá. Lá casamos, batizamos nossos filhos e nossos netos. Então, é uma vida. Tem uma coisa, se você entra numa igreja estranha que você não participa por exemplo, todo mundo olha para você, parece aquelas pessoas que não frequentam

constantemente. Agora aqui não... Aqui tem um amigo de cá, outro de lá, outro na frente, então não tem problema.

UILMA CREPALDI GANANCIO
COORDENADORA PEDAGÓGICA APOSENTADA
DATA: 13/04/2016
MEIO: VERBAL

Dona Uilma foi frequentadora da Catedral no período do tombamento, integrando a comunidade de São Sebastião. Possui uma relação extremamente afetiva com a paróquia, pois sempre a frequentou, desde pequena. A entrevista foi realizada pelo aluno Fábio Prado no dia 13 de abril de 2016.

Há quanto tempo a senhora participa da Catedral e como é participar das missas?

Como eu sou nascida em Presidente Prudente, eu participo da Catedral desde que eu nasci. Toda a vida eu participei. Aqui me casei, batizei nossos quatro filhos, vi passar muita coisa e vi a criação da Diocese e do Bispado em Prudente, em 1958. Conheci os bispos que atuaram aqui, todos eles. Participar aqui na Catedral faz parte da vida, da minha e do marido, porque é como o ar que respiramos. Estamos bastante habituados. Para nos mudarmos, o primeiro requisito era que fosse de fato perto da Catedral, mudamos para o apartamento e de fato dá cem metros daqui. Participar da comunidade é benéfico, temos grandes amigos na comunidade, começando pelo Monsenhor, Padre Evairson. São grandes amigos, os padres que passaram por aqui, alguns de saudosa memória. Somos frequentadores. Eu dou palestras em curso de batismo, fui catequista por longos anos e ainda sou catequista, mas de uma maneira diferente, porque eu recebo alunos na minha casa. Geralmente são pessoas que passaram do tempo de fazer, são mais idade ou que vem de outra Diocese, outras regiões do país, que tinham outro sistema de preparação de Primeira Eucaristia Crisma. Então, esses alunos são encaminhados para mim e dou aulas particulares em minha casa e, como é próximo da Catedral, fica mais fácil.

De quantas pastorais a senhora já participou e qual foi a que mais marcou?

Eu já mencionei algumas né? Catequese, curso de noivos, curso de batismo, Pastoral Social Vicentinos. Nós somos vicentinos há mais de 50 anos. Eu fui do movimento de Cursilho por trinta anos, depois ele foi extinto na Diocese. Todos eles, de certa forma, marcaram a nossa caminhada, a minha caminhada, tanto os que atuei quanto os que atuo atualmente ainda. Apesar da idade, ainda somos atuantes, cada um tem sua característica. Eu nasci para ser professora, tenho certeza disso. Ser catequista é maravilhoso e não abro mão disso, nós crescemos e é muito bom.

Qual é o sentimento de poder ajudar espiritual e materialmente as pessoas que vêm buscar amparo na igreja?

A igreja, ultimamente, tem estado aberta e cada vez se abrindo mais ao acolhimento. Então, eu sou a igreja, você é a igreja, nós somos a igreja e nós temos o dever de acolher quem chega. Vamos supor uma pessoa de fora, um casal de segunda união que a anos atrás não se pensava. Agora a igreja está aberta porque estamos no ano da misericórdia. O Papa Francisco decretou esse ano extraordinário da misericórdia, um jubileu que nós devemos celebrar sendo misericordiosos como Cristo. O sentimento de alegria por estar obedecendo a ordem de Jesus do "Amai uns aos outros", e por estar obedecendo nosso pastor maior, que é o Papa Francisco, em vivência do batismo. No batismo nós recebemos essa missão. A

tríplice missão de ser sacerdotes que oferecem a sua vida pelos outros, de sermos profetas, porque falamos em nome de Deus e Reis. Não aquele Rei que vem para governar autoritariamente, mas aquele que presta serviço gratuitamente sem esperar receber recompensa.

Como é crescer na cidade e ver a catedral se transformar num centro religioso tão importante?

É motivo de um santo orgulho. Temos orgulho da nossa catedral, que é tão bonita e central. Ela é um marco na cidade de Presidente Prudente. Nós nos casamos há 57 anos, fomos os primeiros noivos que fizeram festa de casamento fora da residência aqui na cidade. Fizemos no salão paroquial, fomos os primeiros, os pioneiros. Eram tantos os convidados que na nossa casa não iria caber. Eu te falei outro dia, o bispo de Assis, Dom José Lázaro Neves, veio celebrar o nosso casamento por causa da amizade que tinha com meu pai. A Catedral é a nossa segunda casa, se não for a primeira.

Na década de 80, mais especificamente no ano de 1985, a igreja passou por momentos de muita comoção da comunidade, por conta da pressão do poder político na questão do tombamento. Houve algum impedimento na realização das pastorais? Isso interferiu na vida de vocês?

Na nossa não interferiu em nada, mas a gente assistia. Nós torcíamos para que não fosse tombado o prédio. Se tombassem, não poderíamos fazer nada, nem trocar um azulejo, um ladrilho ou um reparo sem ordem do órgão fiscalizador. Então, nós não teríamos essa beleza que é hoje. Toda essa madeira esculpida, esse chão moderno, que antes era um ladrilho antigo, antiquado e trabalhoso. Agora ele é mais apresentável, os nossos bancos também são maravilhosos e anatômicos. Embora não seja estofado, nem nada. Mas a catedral é uma beleza.

Quem ajuda a manter toda a igreja é a comunidade, através do dízimo. O dízimo aqui é suficiente para todas as despesas da catedral, para tudo o que é necessário, para manter os funcionários, para pagar os impostos e tudo o que precisa né. Ela é autossuficiente. Aqui tem suor de todos nós.

No destombamento houve algo que atrapalhasse a vida da comunidade?

Na vida comunitária não atrapalhou em nada, a vida comunitária continuou. A fé permaneceu firme. A comunidade se reúne em torno dos sacramentos, é a maneira como nós expressamos e alimentamos a nossa fé. Centrados nos setes sacramentos na eucaristia na celebração das missas. As missas continuaram sendo celebradas, nós continuamos comungando o Corpo de Cristo e continuamos a crescer na fé.

De que modo esse processo do homem interfere na fé católica? De que maneira isso pode atrapalhar a vida da comunidade?

Atrapalha alguns fiéis que são mais fracos, talvez, mais influenciáveis ou que tomam algum partido. A igreja não é do padre nem do prefeito, nem minha, mas, a igreja é nossa. A igreja centrada no Cristo e o Cristo não muda. Nós passamos, o prefeito passa, o bispo passa, como passaram. Mas o Cristo ontem, hoje e sempre, é o mesmo.

Toda a história da senhora aqui na Catedral, do crescimento, vendo a construção, tendo o pai como integrante da construção da igreja, toda essa história, a senhora resumiria em que palavras?

Misericórdia de Deus. Bondade Dele para comigo e com minha família que me acolhe aqui. Onde encontro as portas abertas, faço minhas devoções felizes, as vezes chorando, cantando, como canto, então é isso.

JOSÉ ROBERTO FERNANDES CASTILHO
FUNCIONÁRIO PÚBLICO
DATA: 14/04/2016
MEIO: VERBAL

José Castilho é promotor e professor no curso de Arquitetura e Urbanismo da Unesp de Prudente. Na época do tombamento, foi membro da Associação de Defesa do Direito do Cidadão, a Cidadania, responsável por ir contra a decisão do prefeito de manter tombado o imóvel. A entrevista foi concedida ao aluno Fábio Prado no dia 14 de abril de 2016.

Há quanto tempo você trabalha no funcionalismo público e quais disciplinas leciona como professor?

Estou na profissão jurídica há uns 30 anos. Enquanto professor, leciono Direito Urbanístico, Direito da Informática, Planejamento e diversas outras disciplinas.

Qual era a importância da Associação de Defesa e Direito do Cidadão no ano de 1993?

Houve uma tentativa de preservar a Praça Monsenhor Sarrion porque a víamos que a praça estava sendo destruída. E como foi! Nós tomamos algumas medidas e entramos, inclusive, na justiça para impedir a modificação na praça. Mas eu quero dizer para você que o que aconteceu na Praça Monsenhor Sarrion foi uma destruição programada. Por qual razão? Porque foi claro ali o sentido da prefeitura de destruir aquele espaço público. A prefeitura destruiu aquele espaço público. Não adiantou nenhuma ação judicial. O Ministério Público também entrou com outra ação, mas nada adiantou. E a praça hoje é um espaço absolutamente morto porque isso foi programado para ser destruído, ou seja, foi uma destruição programada. Não foi gratuita.

Então a Prefeitura queria ter a posse do bem e do local, mas tinha a intenção de cuidar daquilo?

Não, não é isso. Veja bem, a prefeitura queria reconhecer a propriedade da Mitra sobre a praça, enquanto na verdade, a praça é pública. Ou seja, a prefeitura nunca defendeu o aspecto público da praça, mas sim seu aspecto privado. Tanto é que o coreto foi demolido e estou aqui para dizer o ano em que ele foi demolido: 1983. Ele foi demolido já pensando na instalação de um estacionamento na praça para obter lucros, gerar dividendos ou para gerar receitas para a Mitra.

Para entendermos melhor o processo do tombamento e mais tarde do destombamento: no passado houve a intenção do Poder Público em tomar a praça, inclusive a Catedral, e logo depois no exercício de outro prefeito, em 1993, foi destombada?

Acontece que a pretensão era a mesma: privatização da praça. Ou seja, o que eu quero dizer é que a prefeitura nunca defendeu a praça. A prefeitura defendia a privatização dela. Na ação da Cidadania que nós entramos nesse período, mas não me lembro de quando foi, o juiz disse que nós não provamos que aquilo era uma praça pública. Ora, a existência de uma praça pública não precisa ser provada, é lugar de logro comum para as pessoas livremente transitarem livremente. O que eu quero dizer para você é o seguinte: a praça foi privatizada pela Mitra e não só isso, a prefeitura fez intervenções absurdas. Primeiro, tirou o coreto em 1983, depois, em

2003, tirou árvores e cortou um pedaço da praça. Ou seja, hoje a praça ficou um lugar inóspito e ninguém fica mais ali.

Uma terceira coisa fundamental de se dizer é que no passado, havia vários pipoqueiros na praça e a prefeitura tirou todos dali. Isso matou a praça. Esses pipoqueiros que ficavam na praça eram uma atração na cidade. A prefeitura lutou bravamente contra a Praça Monsenhor Sarrion, acho que isso é que deve ficar bem claro. A prefeitura nunca defendeu a Praça Monsenhor Sarrion.

Na época, como Presidente da Cidadania, o senhor se colocou à disposição da comunidade para manter o tombamento. Houve participação da comunidade prudentina no sentido de manter o tombamento?

Não, porque o problema foi que aí entrou uma questão religiosa. O bispo da época, Dom Agostinho Machoci... Era ele, inclusive, que queria fazer um hotel para padres no fundo da praça e por isso, foi feito o destombamento. Porque ele queria transformar o fundo da praça em um hotel. Não sei se você sabe, mas Dom Agostinho Marochi vendeu um patrimônio enorme da da Mitra, ou cedeu. Ou seja, o caso aqui do seminário, em Presidente Bernardes. Ele vendeu a praça principal da cidade para a prefeitura, que transformou aquilo em uma rodoviária. Então, quer dizer, o que aconteceu com a Praça Monsenhor Sarrion foi um entre choque de forças, com a intenção de destruí-la, e conseguiram.

Segundo informações, o decreto de Nº 3.778/1993, que versa sobre o destombamento, não respeitou algumas regras. Na época, o Condephat estava inativo. Você acha que foi natural ou aproveitaram a situação para cancelar o tombamento?

Natural não foi, porque isso é um absurdo. O destombamento só existe quando o bem perde as suas características. Essa é uma característica que aparecia aqui na imprensa prudentina. É claro que um bem pode ser destombado, por exemplo, com um terremoto, um edifício desaba e então perde, seu sentido, sua representatividade. O destombamento em si não é algo assim absurdo. Agora, não foi o que aconteceu aqui na praça. O que aconteceu foi que a prefeitura queria fazer intervenções na praça e a Mitra queria se apropriar da praça e, com o tombamento, eles não conseguiram fazer isso. Então, o destombamento foi necessário para a privatização da praça.

Houve algum erro por parte do Poder Público em não indeferir o decreto do destombamento?

A prefeitura de Prudente não defende os espaços públicos, a Praça Monsenhor Sarrion é um típico exemplo disso. O que aconteceu é que a prefeitura atuou no sentido oposto ao que deveria. Ela deveria defender o espaço público. O coreto foi destruído na calada da noite para atender à Mitra, que queria fazer o estacionamento. As árvores foram derrubadas, árvores frondosas e centenárias foram derrubadas para atender às empresas de ônibus. Então vejamos, nós não temos aqui o Poder Público defendendo o interesse público, nós temos o Poder Público defendendo o interesse privado. O que acho importante de tudo isso é que a Praça Monsenhor Sarrion perdeu a sua função. É um espaço morto, ou seja, onde você encontra excrementos de pombos, carros estacionados, as pessoas não conseguem passar por ali, podendo ser até atropelado por um veículo. Os pipoqueiros que existiam saíram de lá, então, a praça não tem nenhum atrativo. A praça se transformou num espaço morto.

Se a igreja estivesse tombada atualmente, como você acha que ela estaria? Rica em preservação história ou depreciada?

Veja bem, existem aí outros aspectos também. A igreja não tinha pinturas, ela era branca. Hoje é toda pintada e, se estivesse tombada, não poderia ter recebido a pintura que recebeu. Era toda branca internamente. Eu acho o seguinte: a memória prudentina foi pro espaço com essas intervenções absurdas que a prefeitura permitiu ou fez na Praça Monsenhor Sarrion. A praça foi simplesmente destruída. O que acho interessante é dizer isso: não foi por acaso isso, isso foi um projeto pensado para ser destruído, um projeto para ser apropriado pela Mitra, como foi. Você vai falar que foi um acaso isso. Não teve acaso aí, teve uma intenção que foi vitoriosa.

Pode haver uma pauta ou assunto das partes interessadas em mover um novo processo da preservação da história da Catedral, já que a cidade está para completar seu centenário?

Houve um acordo o ano passado, num Termo de Ajustamento de Conduta (TAC), que o Ministério Público assinou, mas que não mudou absolutamente nada. Outra coisa, estruturalmente a Catedral precisaria de uma reforma integral, porque ela está numa situação absolutamente periclitante. Ela está se desfazendo, o edifício, digo, mas ninguém tem preocupação com isso. Quero dizer para você que as duas praças da cidade, a Monsenhor Sarrion e a 9 de Julho, sofreram intervenções desastrosas, e essas intervenções afugentaram a população. Então, a população não usa mais esses espaços como espaços públicos que são. Simplesmente, essas duas praças são apenas espaços de trânsito em razão de algumas pessoas que trafegam por ali, porque tem ainda os problemas dos pombos. Veja, a prefeitura poderia ter resolvido o problema dos pombos, porque é um controle biológico. Ou seja, se você tem a pomba, deve dar um jeito de colocar gavião, que é inimigo natural da pomba. É uma nojeira o que acontece nessa praça. As pessoas que esperam ônibus na praça, digamos, estão expostas aos excrementos de pombos, que dão uma doença cujo nome não me recordo. Mas uma doença pulmonar gravíssima, que é extremamente perniciosa à saúde do homem. Então, veja você que, a Praça Monsenhor Sarrion é uma concentração de problemas, e a prefeitura simplesmente foi a principal responsável de fazer chegar aonde chegou, e ela tem o menor interesse em resolver.

Retornando as características originais da Catedral, ela sendo branca e retirando as grades, faria a população prudentina lembrar a época em que ela foi concebida?

Com certeza sim. Havia bancos na praça, mas um padre, o Monsenhor José Antônio, uma pessoa muito digna, entendeu por bem retirar os bancos, porque onde tinha o colégio Arruda Melo, os meninos ficavam sentados nos bancos, então ele resolveu tirar os bancos da praça. Ora, uma praça sem banco não é uma praça. Vou ficar na praça fazendo o que? Ou seja, ele contribuiu mais ainda para acabar com a praça de vez. Havia bancos de pedras que eram patrocinadas por empresas antigas da cidade, algumas subsistem até hoje. A praça sempre foi um lugar de encontro, mas evidente na situação que ela se encontra, as pessoas querem fugir da praça.

Presidente Prudente está prestes a completar seu centenário com inúmeras histórias. O processo de tombamento e destombamento, em especial esse

último, fez com que ela perdesse a sua história, ou seja, só está na memória das pessoas que viveram nessa época?

Sim. A perda da memória urbana, por exemplo, a praça que no passado uma função muito importante, local de encontros da cidade, acabou. Presidente Prudente não preserva sua memória. A memória prudentina fica só na cabeça das pessoas porque concretamente não existe órgão nenhum que promova medidas para a proteção dos monumentos ou dos bens culturais prudentinos. Veja o hotel municipal que está em escombros, a Praça da Bandeira, que foi transformada num camelódromo, e o Ministério Público não fez nada. Eu poderia citar outros para você. Presidente Prudente destruiu e destrói o seu passado permanentemente, sempre para atender interesses privados.

A sociedade contemporânea na qual vivemos da tecnologia, fez com que as pessoas deixassem de se preocupar com a memória não pensando no resgate da cultura e preservação das raízes?

Não, não acho. Inclusive, isso tem uma função muito importante. O que eu acho é que o valor comercial dos bens acaba se sobrepondo ao valor cultural. Então, o que acontece é que as pessoas acabam vendo, por exemplo, uma praça que é um lugar de encontro e de lazer como falei algumas vezes, a pessoa acaba vendo o seguinte: posso fazer disso um estacionamento e eu posso ganhar dinheiro. Você não pode colocar um estacionamento na praça, isso é um absurdo. Mas aí, quem tem na cabeça a lógica mercantil, averigua que aquele era um espaço que poderia fazer render. Ou seja, nós temos que saber conjugar o valor histórico e cultural com o valor mercantil. Para isso, precisaria haver a intervenção do Poder Público para fazer com que o poder econômico não avançasse sobre bens de interesse cultural. Aqui em Presidente Prudente, o Poder Público não controla, ele até incentiva a privatização de tudo.

JERÔNIMO GASQUES

PADRE

DATA:18/04/2016

MEIO: VERBAL

O padre Jerônimo foi o pároco que estava à frente da Igreja no período do tombamento da Catedral São Sebastião. Ele vivenciou junto com os líderes religiosos da época a turbulência do momento. A entrevista foi concedida à Tacyelle Miranda.

Quanto tempo o senhor foi padre na Catedral? E há quanto tempo o senhor é padre?

Fiquei na Catedral durante sete anos. Sou padre há 37 anos.

Como era o seu relacionamento com a comunidade na época que o senhor estava a frente da Catedral?

Meu relacionamento era muito bom porque eu tinha saído de uma situação complicada que a Catedral estava vivendo naquele período, né. E eu cheguei como padre novo, né, e em geral, padres novos são bem aceitos. Embora muitos não acreditassem no meu trabalho por eu ser um padre novo, mas eu acredito que deu tudo certo.

No período do tombamento, quais as medidas que a Diocese tomou pra mostrar o seu descontentamento com a decisão?

Foi um período muito turbulento porque na realidade ninguém queria o tombamento. Porque o tombamento por si, ele é benéfico, né. Mas como se faz o tombamento, a preservação que o cuidado responde ao proprietário, no caso a Mitra, né, a Cúria, era complicado. Porque depois a Catedral não tinha lá um padrão pra ser tombado, evidentemente. O problema é que o bispo queria fazer algumas mudanças radicais na Catedral, e foi isso que levou o Condephaat a tomar uma decisão estranha, né, sem diálogos, apenas com uma proposta, sem comunicar, sem fazer um estudo, sem comunicar a necessidade, se aquela obra que o bispo queria era importante ou não era importante, né. Em todo caso, deu toda aquela turbulência naquele período, né.

As missas ocorriam só no salão paroquial?

É, num período curtinho foi no Salão Paroquial, né, porque tava naquele processo de tombamento e destombamento. E como houve uma turbulência de falta de diálogo entre o bispo e o Condephaat, realmente houve uma espécie de protesto. E como nós não podíamos lidar com a Catedral como uma propriedade nossa, onde pudéssemos fazer o que nós queríamos, quer dizer, na realidade não queríamos fazer uma transformação de derrubar a Catedral. O que queríamos, de fato, era uma reforma que na época se pareceu necessária.

E como foi esse período de protesto na Igreja? Como que a comunidade reagiu com isso?

É, houve várias, talvez dois modos de interpretação: a comunidade católica que ali frequentava foi contra o tombamento. Mas você sabe que uma Igreja Catedral, no histórico que ela tem, acaba havendo várias pessoas com interesses diferenciados. E até em função da falta de conhecimento do bispo e de falta de querer ver bem o

bispo, teve protesto. O bispo tinha fama de ser um bispo construtor, que reformava, que fazia isso, fazia aquilo. Então eu acho que foi um protesto mais em função daquilo que o bispo queria do que de fato a Catedral representar um patrimônio tombado.

O senhor, pessoalmente, tomou alguma medida a fim de engajar o pessoal no destombamento da Catedral?

É, como houve protesto das duas partes, a gente ficou do lado da Igreja, evidentemente. E nessa de ficar do lado da Igreja nós acabamos perdendo, entre aspas, (sic) porque a Igreja ficou como patrimônio da cidade, historicamente. Eu não sei por qual razão, de fato. Mas volto a dizer, acho que em função da tal reforma que o bispo queria fazer. Eu não acho assim que tenha sido um amor patrimonial. Eu acho que esse não foi o caso. Acho que o caso foi uma querência entre o bispo e a sociedade, no caso.

Foi difícil para a Igreja lidar com essa invasão do Poder Público, sendo a Igreja uma propriedade privada?

Eu acho que foi, porque da região, praticamente, foi a primeira vez que a sociedade interferiu no âmbito da Igreja. Porque a questão do tombamento não era o problema, o problema é que tombava-se e o proprietário, no caso a Cúria, não podia fazer o que deveria ser feito, inclusive liturgicamente, e depois toda reforma e despesa ficaria por conta da Catedral. Então nós temos um patrimônio tombado, você não pode lidar com ele, ser o proprietário dele. Por exemplo, o telhado, ou o vitró, precisava ser reformado e não podia fazer nada disso. Então quem iria de fato cuidar do prédio? Então eu acho que esse foi o descontentamento da comunidade naquele período. O que faltou foi um diálogo entre o Condephaat e a Cúria. Esse foi o problema. E depois, como era uma coisa nova para nós daqui da região, criou-se mais polêmica.

O senhor acredita que deve haver alguma política de preservação do patrimônio ou basta apenas a conscientização da população quanto a preservação?

É, eu acho que sim, porque nós temos um prédio que precisa ser preservado, porque a Catedral se tornou um sinônimo da cidade, uma expressão política, turística e religiosa, porque a Catedral em si não é somente uma paróquia, Catedral, um templo religioso. Ela é, também, um símbolo da cidade por ser uma obra mais antiga e velha. A Catedral traz então em si um histórico fundamental de importância para a cidade, para os prudentinos. Porém, hoje nós vivemos um período bastante conturbado porque parece que os prédios mais antigos e a própria memória histórica não existe mais. Esses movimentos aí, Talibã, destruindo monumentos históricos... Porque eu acho que nós vivemos uma crise também dessa pós modernidade, onde as coisas mais antigas não são preservadas, e isso começa não só pelos prédios antigos, mas acho que também pelas famílias, pela pessoa humana. Acho que a questão da valorização das coisas, da coisa pública. Estamos numa situação complicada. A coisa pública não tem um devido respeito. E quando se fala em tombamento acho que a coisa piora, porque nós temos histórias. Por exemplo: Minas. Tem tanto patrimônio antigo tombado e deteriorado, e quem vai cuidar disso? A igreja não tem dinheiro pra cuidar disso porque esses monumentos são caríssimos. Aquelas pinturas e aquela coisa toda. Então exige, além de tudo, uma tecnologia para isso, e para isso exige dinheiro. É claro que a Catedral não chegou a

esse ponto, nesse patamar, mas hoje, se você olha a Catedral, ela está bem diferente do que ela era antes. Essa pintura já descaracterizou tudo, agora não sei se o problema estava na estética externa ou no conjunto da obra. Aqui, que talvez seja o desafio nosso, a praça, por exemplo, está toda descaracterizada. Então existem muitas coisinhas. Nós tínhamos aquele coreto. Quando eu era padrinho novinho, nos primeiros anos, tinha banda marcial ali, depois da missa, e tocava ali no coreto. O povo ficava ali. Era uma coisa saudosista. Acho que ia passar mesmo com o tempo, que acho que a gente, por distante que estejamos dos grandes centros intelectuais, Prudente é a cidade que vai mudando e vai perdendo as características originais. Eu não sei se isso é uma coisa positiva ou negativa. Eu acho que isso é fruto da história somente. A história muda. A não ser aqueles países como Roma e Grécia, que são curiosos. Tem os chamados centros históricos, mas lá não muda. Tem o outro lado, que é periferia. Acho que é questão de cultura. E nós aqui na região não temos cultura para isso. Eu até entendia que o Condephaat tinha essa função de preservar, porque você vai acabando, acabando, chega daqui mais umas décadas ou mais centenas de anos, as coisas... Porque Prudente é muito nova né, não tem cem anos... Vai fazer cem anos, né... Cem anos para a história do mundo ou história do Brasil é pouco demais. São 400 anos atrás que ficaram no mato, né. Então talvez o fato de preservar o patrimônio ou uma Catedral, não só a Catedral, mas também as igrejas evangélicas que tem pela cidade, né. E depois toda a estação ferroviária está bastante descaracterizada. Também acho que é questão de período. Não tem mais aqueles ferros, trens que passam por ali. Aquela estação está fazendo o que agora? O cinema, também.. Eu me lembro quando... Esses dias eu estava pensando lá em Álvares Machado, onde tinha o cinema São José. Inclusive, quando eu era moleque, eu ia no cinema todo domingo. E hoje, onde era o antigo cinema, tem um prédio. Então, quem é mais novo, tem seus 40 anos, nem se lembra. Nem viu, nem sabe, não soube que ali tinha. Mas era um centro ali onde tinha o cinema, tinha a praça. Era o centro, as pessoas saíam do cinema e iam na praça comer pipoca. A vida era assim, mas a vida mudou, evidentemente. Hoje você vai na Catedral da Sé, em São Paulo, você não tem mais aquela efervescência que tinha na época de 1920, 1930. Então é isso, né. Então acho que nós somos motivados pela história, né. E a história vai passando e é claro que preservar a memória histórica... Eu acho que mais que preservar um patrimônio físico, é preservar uma história. Eu acho que a história não deveria passar, mas as coisas sim. Eu estava vendo no Facebook algumas fotos da década de 1920, 1930, até 1950 em Prudente. A diferença é coisa de louco, né. Por exemplo, uma coisa curiosa: eu, quando era moleque, ia na cidade, morava em Machado, para ver o... Hoje nós temos semáforo na avenida, antes era um soldado que ficava ali indicando quem passava ou não. Ali era a base de soldado, que ficava com o bastãozinho pra lá e volta. É claro que nós também vamos ficar pensando em hoje, 2016, do mesmo jeito né. Então, eu acho também que toda a efervescência do tombamento da Catedral foi também do período, do tempo histórico. Foi um período tumultuado, mas cheio de opções, de brigas, confrontos, discussões muito grandes. O Ministério Público, o pessoal do Condephaat, a Igreja. Teve também as questões políticas que envolvia tudo isso, porque o tombamento ele não é somente uma questão geográfica ou física. Ele supõe também um monte de outros fatores, por exemplo o fator político que não foi muito bem explorado, mas existia.

O que o senhor gostaria de deixar, uma dica ou uma palavra para a comunidade, na questão de preservar um bem, um elemento da cidade que

ancora uma história, que possa passar de geração em geração e ensinar que não pode quebrar, destruir o que não é dele. Que não é porque é público que nós não vamos dar a devida atenção. O que o senhor falaria?

Eu acho que falta muita educação patrimonial e lembrança de história. A valorização da história física supõe também uma história intelectual, que eu acho que para a nossa região aqui é muito carente demais. A gente não tem uma lembrança histórica da própria cidade de Presidente Prudente. Por exemplo, quando a gente vê a cidade cheia hoje de sinais de trânsito para multar as pessoas, isso significa o quê? A cidade não mudou muita coisa porque, na realidade, as avenidas são as mesmas, as ruas são as mesmas, as ruas que temos hoje são as que se passavam carroças há 30 anos. A cidade a noite, hoje, é muito feia. Hoje, por exemplo, há muitas propagandas nos prédios, e temos prédios bonitos. Passamos ali pela avenida Brasil, a avenida mais antiga, e as casinhas ali são bonitas, mas estão todas rebocadas com propaganda. Aquilo lá fica muito feio. Então parece que a cidade ficou invadida pelas propagandas, parece que tem uma necessidade de se ter propagandas. E você esconde a cidade que está atrás desses tablados. Esconde a história. A história está ali atrás, naqueles prédios, todos feitos de tijolinho e argamassa. As vezes a noite, não muito, mas eu vejo. Durante o dia é aquela correria de trânsito. A gente passa e não vê, mas durante a noite, com mais calma, você começa a observar a cidade escondida. Eu acho que Prudente é uma cidade escondida. Precisa ser descoberta. E quem tem que fazer isso é a escola, faculdades, a educação na cidade; os conselhos, os municípios, Centro Histórico da cidade, que deveria ser sobrevalorizado, e as famílias também. Tudo isso. Há uns anos você ia na praça da Catedral passar algumas horas. Hoje você não pode mais, porque além de todos os problemas, tem o problema dos passarinhos e tal. Infelizmente a gente pode pensar no tombamento, mas existem outras coisas que já estão tombadas há muito tempo e que nós não temos percebido. Mas eu fico muito triste de ver a cidade coberta. Não sei se foi Santos, que o prefeito decretou lá que ia tirar todas as propagandas da cidade para mostrar, de fato, cidade. Então é isso aí, eu acho.